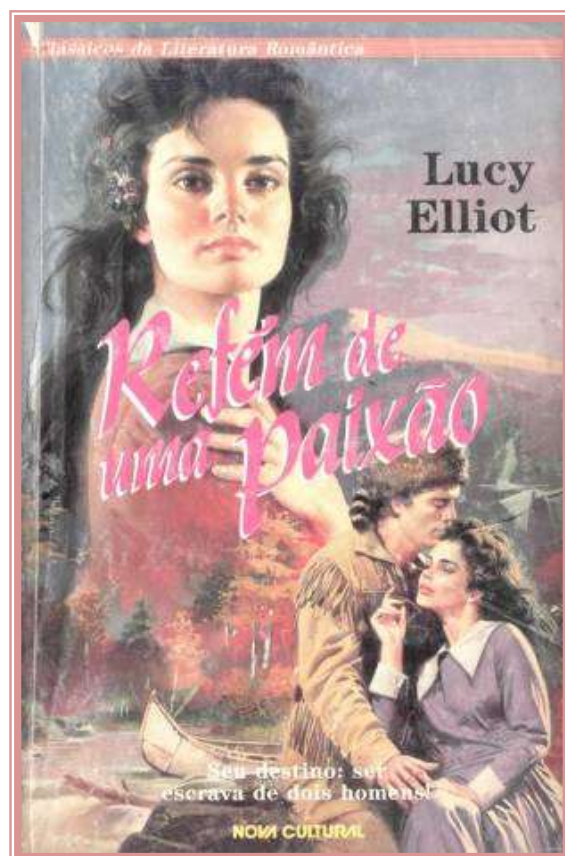


Refém da Paixão

(Summers Promise)

Lucy Elliot



Quando chegou aos Estados Unidos na época da colonização, Caroline sonhava esquecer a desilusão de um amor fracassado e jamais voltar a se envolver com quem quer que fosse. Os homens eram todos iguais! Mas não conseguiu escapar de uma nova e terrível experiência: apaixonar-se por um caçador francês que vivia nas florestas. E mais terrível ainda, cair prisioneira de índios ferozes e ser disputada por um deles que a queria como esposa. Quando Daniel Ledet apareceu na aldeia para libertá-la, um novo choque: em vez de amoroso como antes, ele lhe dispensava um tratamento cruel, reclamando sua posse dizendo que ela era sua escrava!

Doação: Néia
Digitalização: Simone R.
Revisão: Cynthia





Copyright © 1990 by Nancy A. Greenman

Originalmente publicado em 1990 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de
reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada de acordo com a Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra, salvo os históricos
são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: Summers Promise

Tradução: Cristina Sangiuliano

Copyright para a língua portuguesa: 1991

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 - 3º andar
Cep.: 01452 - São Paulo - SP - Brasil.

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda
Impressão e acabamento no Círculo do Livro S.A.

CAPÍTULO I

Northfield, Massachusetts Abril de 1745

As duas carroças, acompanhadas por um cavaleiro, seguiam vagarosamente pela rua principal da cidade, passando por lojas e casas bem construídas, com jardins floridos e muito bem cuidados. A leste, as montanhas estendiam-se até Boston; a oeste, corria o grande rio margeado por campos recém-cultivados. Ao norte encontrava-se a imensa região deserta e selvagem que separava as colônias inglesas daquelas, governadas pelo franceses. Northfield era, portanto, o último baluarte inglês antes daquela terra de ninguém.

Os animais domésticos, soltos na rua, correram para os quintais, e os cães latiram seguindo as carroças, despertando a curiosidade dos moradores. Alguns homens reuniram-se diante da loja do ferreiro, enquanto suas esposas abandonavam as panelas no fogo e corriam aos jardins, para observar melhor o cortejo. Contaram três homens, duas mulheres e três crianças.

Fizeram um rápido inventário do que havia nas carroças: barris e caixas, uma roda de fiar, uma batedeira de manteiga, um arado de ferro, um rastelo, sacos de cereais e farinha, e uma peça grande, protegida por travesseiros, que parecia ser um relógio. Daí concluíram que se tratava de migrantes.

— Devem ter vindo do sul. Para onde será que estão indo?

— Será que pretendem estabelecer-se aqui? — uma das mulheres perguntou.

— É possível, mas já teríamos ouvido falar deles — respondeu a vizinha.

Para se estabelecer em Northfield, qualquer pessoa devia seguir um procedimento rígido: em primeiro lugar, era preciso solicitar uma assembléia junto aos moradores, e, então, submeter-se a uma investigação minuciosa de seu caráter e objetivos.

— Se não pretendem ficar aqui, para onde podem estar indo?

— Para o norte, quem sabe? As mulheres trocaram olhares incrédulos, lembrando-se das famílias que haviam seguido para o norte, guiadas pela promessa da terra virgem e pela paz que lá reinava há duas décadas; lembraram também que, no último ano, essas promessas se desvaneceram quando, na Europa, a França e a Inglaterra entraram em guerra mais uma vez, estendendo as hostilidades às suas colônias.

A luta já começara na costa leste, e provavelmente logo se propagaria pelo interior. Talvez, em Quebec, o governo francês já estivesse reunindo os aliados indígenas, disseminando o ódio pelos ingleses, o que os levaria a marchar para o sul com um único objetivo em mente: aterrorizar os colonos ingleses ao longo da fronteira.

— Eu não arriscaria ir para o norte, nos dias de hoje — disse a primeira mulher.

— Nem eu — concordou a vizinha. — Principalmente sabendo como os selvagens são violentos. Há problemas demais nesta vida; não é preciso procurá-los.

Em frente da ferraria, um homem ruivo apontou para o cavaleiro que acompanhava

as carroças.

— Ei! Aquele homem não é o MacKenzie, que esteve aqui no ano passado? Se não me engano ele é de New Haven, em Connecticut. Lembram-se de que ele fez um contrato para cortar madeira na floresta, ao norte?

— Sim — disse um outro. — Recebeu uma concessão de terras também, onde construiu uma casa durante o verão.

Quando foi para o sul, no início do inverno, disse que voltaria na primavera, mas achei que desistiria, por causa da guerra;

— É um sujeito atrevido. Imagine, trazer toda a família!

— Atrevido e ambicioso — comentou o ruivo. — Se me lembro bem de MacKenzie, posso afirmar que nada, nem mesmo a guerra, o faria abrir mão de um bom pedaço de terra... Como não poderá viajar durante a noite, imagino que pretende hospedar-se na pousada de Glória Willis. Pobre Glória!

O grupo todo concordou, rindo.

Alheio aos comentários, Thomas MacKenzie passou pela ferraria, montado em uma égua alazã que chegava a parecer frágil sob aquele brutamontes. Cavalgou sem olhar para os lados, até chegar à pousada, onde esperou pelas duas carroças.

Na primeira, viajava Jonas Watson, um tipo magricela, com cara de rato, antigo empregado de Thomas. Na outra, vinha William, um homem robusto, cuja força seria indispensável no corte das árvores.

Ao se aproximarem de Thomas, William pulou da carroça para ajudar as duas mulheres que o acompanhavam. Uma delas era loira, pequena e delicada; tinha o rosto cansado, e seus olhos moviam-se de um lado para outro, dando-lhe o aspecto de um pássaro assustado. Trazia um bebê nos braços e outras duas crianças sentadas a seu lado. Quando ela se ergueu, o bebê assustou-se com o movimento brusco e começou a chorar.

Ouvindo o choro, a outra mulher levantou-se. Um pesado xale envolvia-lhe a cabeça, escondendo seu rosto. Os observadores curiosos só podiam ver que era bem mais alta que a outra. Espreguiçou-se, como se estivesse acordando de um sono profundo, e deixou o xale cair nos ombros.

Os homens perderam o fôlego diante de sua beleza; até as mulheres ficaram surpresas.

A pele lisa e alva contrastava com os cabelos negros, e os olhos escuros e amendoados davam um toque exótico a seu rosto. O estilo severo das duas longas tranças presas em torno da cabeça apenas realçava-lhe os traços perfeitos. E o fato de aparentar quase trinta anos de idade tornava sua beleza ainda mais admirável, especialmente para os moradores da região, habituados ao trabalho duro, que os envelhecia mais cedo.

Caroline Fielding olhou em volta, sem se dar conta da atenção que despertara, sentindo todo o corpo dolorido pela viagem, e a mente entorpecida pelo esforço das últimas semanas: desde sua partida de New Haven, fechara-se mais e mais na couraça que a protegera ao longo daqueles oito anos, isolando-a do passado e até mesmo do presente. O futuro não importava, uma vez que não tinha qualquer expectativa em relação à própria vida; preocupava-se apenas com o futuro da irmã, Hannah, e dos sobrinhos.

Quando, finalmente, percebeu que todos a observavam, sentiu-se embaraçada e

apressou-se em tomar nos braços o bebê que chorava.

Hannah sorriu, cansada, dizendo-lhe que não se preocupasse, pois a criança se assustara e logo se acalmaria. De repente, seu sorriso foi substituído por um olhar apreensivo, dirigido ao marido.

Caroline seguiu o olhar de Hannah, encarando Thomas de maneira tão desdenhosa, que até os homens reunidos diante da ferraria perceberam-lhe a natureza dos sentimentos. A raiva estampou-se no rosto de Thomas, fazendo Hannah estremecer. Mas Caroline ergueu o queixo em desafio. — Não, Caroline, por favor! — Hannah implorou, apertando o bebê contra o peito, na tentativa de abafar os gritos da criança.

Caroline sentiu o ímpeto de enfrentar o cunhado, mas um confronto agora só serviria para deixar Hannah mais aflita do que já estava.

— Está bem — ela respondeu, forçando um sorriso. — Afinal, se estou aqui para aliviar seus fardos, qual o sentido de fazer justamente o contrário? — Virando-se para os sobrinhos, disse: — Venha, Tom, Elizabeth. William já vem nos ajudar.

— Olá — saudou Glória Willis, a dona da pousada. — Então, está de volta, e com toda a família, Sr. MacKenzie! É muito corajoso... numa época como esta.

A resposta de Thomas foi um olhar furioso, que parecia dizer-lhe que a vida dele não era de sua conta, e também avisá-la para não fazer a tolice de alarmar Hannah sobre as condições atuais da vida no norte.

Glória não tinha a menor simpatia por Thomas MacKenzie. No último outono, quando se hospedara ali, ele discutira na hora de pagar a conta, e seu empregado, aquele sujeito mal-encarado, roubara um saco de cereais antes de partir. Por esta razão, sentiu-se tentada a não lhe permitir a entrada. Porém, ao deparar com a mulher frágil e cansada, seu coração amoleceu; já devia sofrer demais só por ser esposa de MacKenzie. Comoveu-se por Hannah, mas sobressaltou-se ao ver Caroline, pensando que uma beleza como aquela representava um pecado diante dos olhos de Deus.

— Há apenas o quarto do andar superior — disse Glória. — As mulheres podem ficar lá com as crianças, e os homens no celeiro, a menos que o senhor prefira acomodações extras na despensa.

— Ora, pode ficar com sua despensa!

Caroline sorriu com desprezo diante da resposta do cunhado, sabendo que não lhe faltava dinheiro para pagar por acomodações melhores. Thomas saíra-se muito bem em todos os seus negócios, lícitos ou não, mas odiava a idéia de gastar um centavo do que ganhava. Por isso não permitira que trouxessem nenhuma das empregadas, que ficaram na casa em New Haven, servindo os novos inquilinos. Ele achava desnecessário gastar dinheiro com serviçais, uma vez que poderia utilizar a própria família para o mesmo trabalho. Aliás, fora esta condição que impusera para que Caroline pudesse acompanhá-los. Ela detestava submeter-se a Thomas, mas jamais lhe permitiria que arrastasse Hannah, sozinha, para uma vida desconfortável e perigosa. Além do mais, sentia-se responsável pelo casamento da irmã.

— Para o jantar — Glória continuou, ignorando a grosseria de Thomas —, teremos carne de porco e carneiro, e pão fresco. Vou mandar a empregada mostrar-lhes o quarto e trocar os lençóis.

— Vocês são de Connecticut? — perguntou a empregada, tirando os lençóis do baú que, somado à cama e à mesa, constituía toda a mobília do quarto.

Caroline olhou em volta desanimada. Mesmo depois de oito anos na Nova Inglaterra,

Clássicos da Literatura Romântica

não se habituara ao modo de vida austero de seus habitantes. Se estivessem em Surrey, haveria cortinas, um tapete, um quadro na parede. — Sim, somos de New Haven. — Hannah estava menos interessada na mobília do que em suas filhas: Elizabeth, de seis anos, distraía a caçula, Sheila, de dez meses, com um cordão. O pequeno Tom, de sete, como sempre desaparecera de vista; devia estar no celeiro, com os homens. — Antes de vir para New Haven, vivíamos em Surrey, na Inglaterra. Meu pai administrava Harrow Hall, a propriedade do Sr. Edmund Bredon.

Hannah olhou preocupada para a irmã, que detestava ouvir o nome de Edmund. Caroline, porém, pareceu não ouvir. Estava parada na porta, olhando a mobília com a distraída indiferença que já se incorporara a seu modo de ser. Às vezes, Hannah não reconhecia nesta mulher de olhar vazio e distante, a irmã vibrante e cheia de vida, que fora o ídolo de sua infância. Caroline, a filha mais velha, tão arrojada e descuidada.

— Nunca ouvi falar em Surrey — disse a empregada, estendendo o lençol. — Mas meu bisavô veio de New Haven quando Northfield foi fundada, em 1672. Ficou aqui apenas três anos.

— Por que ele partiu? — perguntou Hannah.

— Ora, os índios vieram e capturaram todos os pobres coitados que não conseguiram fugir a tempo. Cortaram suas línguas e os queimaram vivos! Meu bisavô teve sorte, conseguiu escapar. Aquele foi o fim da cidade de Northfield, pelo menos por algum tempo... Em Deerfield, o ataque foi ainda pior: mataram todos os bebês diante de suas mães.

— Meu Deus! — Hannah falou com voz trêmula, olhando amedrontada para as filhas.

A exclamação despertou Caroline de seu devaneio.

— O que foi? — perguntou assustada.

— Essa moça estava me contando as coisas terríveis que aconteceram bem aqui, em Northfield, quando os índios atacaram a cidade!

— O que disse? — Caroline perguntou em tom acusador à empregada.

— Apenas a verdade! — a moça respondeu na defensiva. Diante da expressão atormentada de Hannah, compadeceu-se: — É claro que tudo isso aconteceu há muito tempo, e os índios nunca mais criaram problemas. Mas acho que não devemos confiar neles: principalmente agora, com a guerra.

— A guerra não chegou aqui e, se tivermos sorte, nunca chegará. Mesmo que isso aconteça, há os fortes que o governo construiu ao longo de toda a fronteira. O forte Dummer fica a menos de dez quilômetros de nossa fazenda. E ao primeiro sinal de perigo, iremos até lá, onde estaremos protegidos por altos muros e soldados — Caroline argumentou com firmeza.

— Se conseguirem alcançar o forte — retorquiu a moça. — Esses índios movimentam-se sorratamente durante a noite e, de repente, estão todos ali, antes que se perceba o que está acontecendo! — Então, conteve-se e sorriu envergonhada. — Mas, como a senhora diz, isso não acontecerá desta vez. Quem sabe a guerra nem chegue até aqui e vocês possam cultivar suas terras em paz, até a velhice!

Hannah arregalou os olhos.

— Não pretendemos ficar por tanto tempo! Apenas dois ou três anos. Meu marido não é fazendeiro; veio ao norte para cortar madeira para a Marinha Real Inglesa, e ficaremos até o cumprimento do contrato. Então, voltaremos para o sul, onde

Thomas possui uma fábrica de cordas, que ficou aos cuidados de meu pai.

— Na região para onde estão se dirigindo, há muitas árvores para serem cortadas! Bem, cada um deve seguir o seu destino... É melhor eu descer e ajudar a Sra. Glória com o jantar. Virei chamá-las quando estiver pronto. — Fazendo uma rápida medida, a empregada retirou-se do quarto.

— Mamãe — Elizabeth chamou, a testa franzida. — Os índios virão mesmo pegar a gente de noite?

— Claro que não! Não haverá nenhum índio, não é, Caroline?

— Claro! — ela concordou, forçando um ar alegre.

Hannah esperava ser assegurada de que Thomas não seria capaz de expor a esposa e os filhos ao perigo, mas, por mais que desejasse fazer a irmã feliz, Caroline não podia afirmar tal coisa. Na verdade, não sabia ao certo o que passava na cabeça do cunhado. Nem ela nem seus pais ficaram surpresos quando Thomas anunciou que ganhara a concorrência pelo contrato de madeira; o que surpreendeu foi a decisão de levar a mulher e os filhos. Diante dos protestos veementes dos sogros e da cunhada, alegara que um homem tinha o direito de decidir o destino de sua própria família. Caroline concluía que, mesmo na fronteira, Thomas queria o conforto que só uma esposa poderia dar.

Será que Thomas conhecia os riscos em que estava colocando a família? Ou estaria completamente cego pela perspectiva de lucros? Ou ainda, quem sabe, considerasse apenas exagero o medo que as pessoas tinham? Por mais que pensasse na questão, Caroline não era capaz de imaginar as intenções do cunhado e, em consideração a Hannah, tratou de disfarçar a preocupação com um sorriso.

— Lembre-se que, neste exato momento, nossos navios estão se dirigindo para Louisbourg, na costa canadense, para atacar os franceses. Ouvi dizer que, se vencermos essa batalha, a guerra pode terminar.

— Ah, sim, também ouvi isso! — Hannah pareceu recuperar um fio de esperança. — Vamos acabar com essa conversa sobre índios e ataques noturnos! — Sorrindo tristemente, sacudiu a cabeça. — Estamos tão longe de Surrey. Você às vezes pensa em nossa terra natal?

— Nunca! — A negativa foi tão brusca, que Hannah ficou perplexa. Caroline, constrangida pelo próprio descontrole, acrescentou depressa: — Quer dizer, há tanto no que pensar, como vai ser esta nova vida no norte... Por que não descansa até a hora do jantar? Cuidarei de suas coisas.

Sem esperar resposta, foi até o baú onde estavam as trouxas de roupas, desembulhou-as com mãos trêmulas, chocada pelo poder que as lembranças ainda exerciam sobre ela.

Se alguma vez pensava em Surrey! E quando deixara de pensar? Nenhum dia se passara sem que se lembrasse de Edmund, sorridente e arrogante, e de si mesma, sonhadora e ingênua; e sem arrepender-se por ter permitido um envolvimento íntimo entre eles. Teria realmente acreditado que se casariam, o senhor das terras com a filha do administrador? Teria sido tão presunçosa? Se havia sido, recebera a punição merecida, e continuava a ser castigada por seu erro.

— Tia Caroline? — o grito assustado de Elizabeth interrompeu seus pensamentos para mostrar-lhe Hannah cambaleando.

Apressou-se a tirar a bebê dos braços da irmã e ampará-la.

Clássicos da Literatura Romântica

— Hannah! Você está doente! O que foi? — Acomodou-a na cama e ajoelhou-se a seu lado.

— Calma, não é nada. Estou bem. São apenas os sintomas normais... — Hannah parou, lançando um olhar rápido para Elizabeth.

Caroline compreendeu o significado desse olhar e enfureceu-se.

— Oh, não! Outra vez! O que seu marido pretende? Formar um batalhão através de você?

— Caroline! — censurou Hannah corando. — Thomas quer ter outro menino. Você sabe como são os homens!

— Homens! Já não é demais fazer esta viagem, para enfrentar sabe-se lá o quê? E ainda mais esta! Ele sabe?

— Eu contei, mas só depois de termos planejado tudo. De qualquer forma — Hannah acrescentou com certo orgulho —, ele não partiria sem mim.

— Não, claro que não! Thomas faz questão de ter tudo o que lhe pertence bem à mão. Como você se arranjará se eu não tivesse insistido em acompanhá-la? Falando nisso, então ele já sabia de sua condição quando tentou, de todas as maneiras, impedir que eu viesse! — Ao perceber a ansiedade no rosto da irmã, Caroline arrependeu-se por expressar seus sentimentos. Afagando os cabelos de Hannah, murmurou: — Desculpe. Você precisa descansar. Vou até a cozinha pedir que preparem uma sopa. William pode ficar com as crianças enquanto cuido de você. O pequeno Tom deve ter passado todo esse tempo com ele, seguindo seus passos e enchendo-o de perguntas!

— Caroline, querida! O que eu faria se não tivesse você comigo?

Caroline pensou que seria difícil responder a essa pergunta. Ao mesmo tempo, lembrou-se de que, não fosse por sua causa, Hannah estaria na Inglaterra, certamente casada com um homem bom, vivendo num agradável chalé nas terras de Edmund.

Lutando contra a mágoa trazida por esse pensamento, sorriu e levou as crianças para fora do quarto.

Nuvens coloridas pelo pôr-do-sol dirigiam-se lentamente para o sul. Nas margens do rio, os salgueiros mergulhavam seus ramos na correnteza calma. Os passos de Caroline eram abafados pela grama da campina que separava a cidade do rio.

Hannah descansava confortavelmente, depois de ter tomado um bom prato de sopa de carne, e William cuidava das crianças. Portanto, Caroline dispunha de algum tempo para si mesma, pela primeira vez desde o dia em que haviam deixado New Haven. Pensara em dar um passeio pela rua principal mas, logo ao sair da pousada, percebera que vários olhos curiosos a observavam. Decidiu, então, caminhar pela margem do rio, onde poderia ficar só e em paz.

Sentiu-se confortada pela paisagem, muito semelhante à de Surrey: o rio, as cores do poente, as grandes árvores, e até o canto dos pássaros. Fechou os olhos e viu-se parada junto ao portão da casa paterna, olhando a carruagem que parava em frente.

O Sr. Edmund voltava para casa, após dois anos em Londres, cuidando dos negócios do pai falecido. Nesse período, Caroline se transformara numa jovem muito bonita. O Sr. Edmund amadurecera também: estava mais alto, atraente, e sua postura arrogante parecia anunciar ao mundo que ele viera para assumir o lugar de senhor das terras. Ao avistar Caroline, observou-a com interesse e um largo sorriso, que ela retribuiu; e as conseqüências daquele sorriso mudaram toda a sua vida.

Clássicos da Literatura Romântica

— E lindo o entardecer, não acha? — As palavras, pronunciadas com suavidade, encontraram Caroline ainda perdida no passado.

— Sim, é lindo — ela murmurou, acreditando por um instante que era Edmund quem falava. Virou-se com o olhar melancólico e, ao mesmo tempo, repleto de desejo.

Os últimos raios de sol iluminavam o horizonte, bem como o homem parado a seu lado. Seus longos cabelos, presos por uma tira de couro, eram muito claros sob os reflexos do poente: uma tonalidade indefinida, entre prateado e dourado. Caroline não estava em Surrey, mas na América; e aquele homem não era Edmund, mas um estranho.

Sem encontrar palavras, ficou ali parada, olhando-o fixamente. A postura do estranho levou-a a pensar em um gato: ágil e sempre alerta. Pensou nele tomando-a nos braços, como Edmund fizera há tanto tempo, e quase pôde sentir seu calor.

Ele voltou a falar com sua voz baixa e suave.

— Sim, é muito bonito, embora perigoso.

— Perigoso?

Ele assentiu, com um sorriso nos lábios.

— Estamos em meio a uma guerra. Você não sabia?

O estranho usava roupas bastante incomuns. Em vez de calça e paletó, vestia uma túnica de pele de gamo que lhe alcançava os joelhos, adornada de franjas de couro, e um cinto de contas coloridas; usava, também, perneiras de couro e mocassins. Tinha uma faca presa à cintura e um rifle de caça pendurado ao ombro. Completando o traje peculiar, o chapéu mais parecia um pequeno e peludo animal encolhido sobre sua cabeça, com o rabo caindo logo atrás da orelha direita. Caroline riu da figura bizarra, sem se dar conta.

Ele lhe devolveu o sorriso, erguendo as sobrancelhas.

— *Mademoiselle* acha a guerra divertida? As palavras "guerra" e "perigo" soaram como um alarme na mente de Caroline, que recuou amedrontada.

— É claro que sei sobre a guerra, mas as batalhas são travadas no leste, e os fortes impedirão que os índios cheguem aqui.

— E *mademoiselle* acredita que se os índios decidirem lutar, atacam os fortes? Lamento informá-la que não é esta a lei da selva. Você não é daqui.

Caroline ia responder quando se deu conta de que não se tratava de uma pergunta. *Mademoiselle...* era francês, e franceses vinham do Canadá, o inimigo na guerra. Apavorada, tentou imaginar o que um francês estaria fazendo ali. Certamente, não era bem-intencionado; do contrário, não estaria rondando a cidade em meio às sombras. Mencionara perigo e índios... Estaria tentando preveni-la? Ou divertir-se com um jogo de gato e rato, pronto a dar o sinal para que os selvagens saíssem de seus esconderijos e a fizessem prisioneira?

Estremeceu, lembrando-se das histórias contadas pela empregada da pousada. Já escurecera por completo, e a distância até as primeiras casas da cidade era longa. Se corresse, ele a alcançaria. E estava armado. Decidiu-se pela única alternativa restante; enfrentá-lo.

— O que você quer?

Ele mostrou-se surpreso.

— Por que eu deveria querer alguma coisa?

Clássicos da Literatura Romântica

— Você se aproximou de mim!

— Para apreciar o pôr-do-sol e satisfazer minha curiosidade: por que uma mulher iria aventurar-se sozinha neste lugar, a esta hora?

Antes que Caroline abrisse a boca, ele já caminhava em direção à cidade, deixando-a na dúvida em acompanhá-lo ou não. Nesse momento, o pio de uma coruja ecoou na escuridão, levando-a à rápida decisão de segui-lo.

Teve de apressar o passo para alcançá-lo. Ele andava depressa, embora seus passos não produzissem qualquer ruído. Caroline pensou novamente no gato.

Sem motivo aparente, ele parou debaixo de um enorme castanheiro, junto à cerca do jardim da primeira casa. À sombra da árvore suas feições tornavam-se indistintas. Caroline pôde apenas sentir o odor que emanava: uma agradável mistura de fumaça, couro e eucalipto.

— Por que parou? — ela perguntou.

— *Mademoiselle* gostaria que a acompanhasse até sua porta?

— Não, claro que não. Obrigada por acompanhar-me até aqui.

— Foi um prazer. Boa noite.

— Boa noite. — Tendo dado apenas alguns passos, Caroline virou-se. — Não sei o seu nome — disse, sem compreender o motivo da própria pergunta.

— Daniel Ledet — respondeu ele, já desaparecendo na escuridão.

Confusa, Caroline dirigiu-se para a pousada, onde Hannah estaria, sem dúvida, à sua espera.

Daniel, cujos olhos estavam habituados à escuridão, observou Caroline afastar-se. Quem seria ela? Em quem pensava quando se aproximara? Lembrou-se da expressão confusa: ao olhar para ele, vira outra pessoa. Só um homem de muita sorte poderia possuir jóia tão rara.

Intrigado, imaginou onde estaria esse homem agora. Tinha certeza de que aquela mulher não morava em North-field; conhecia todos os habitantes da cidade, ao menos de vista, e uma beleza tão exótica não lhe passaria despercebida. Por outro lado, ela poderia ter se estabelecido ali depois de sua última visita à cidade, o que lhe despertava dúvidas, pois os moradores de Northfield eram cautelosos por natureza, e todos a teriam advertido contra caminhadas pelo rio ao entardecer.

Então concluiu que ela estava de passagem, vindo de Boston, ou dirigindo-se para lá. Mas Daniel conhecia as poucas mulheres que viviam no norte e que poderiam se encaminhar para o sul. E era pouco provável que ela fosse do norte. O que uma pessoa, em seu juízo perfeito, iria fazer no norte agora? Imaginou se ela iria encontrar o amante, estabelecido lá, ou se o deixara para trás. Pela tristeza do seu olhar, a segunda alternativa tornava-se mais provável. Sentiu certa excitação ao visualizá-la em seus braços, e sorriu ao pensar no motivo de sua parada em Northfield: tinha alguns negócios a tratar num posto comercial e, tendo passado muito tempo sozinho, decidira visitar uma certa viúva residente na cidade. Há meses não dormia numa cama quente ao lado de uma mulher, e estava apenas esperando a noite chegar, para não ser notado pelos vizinhos. Agora, observando a silhueta que se afastava no escuro, descobriu que mudara de idéia: passaria também aquela noite sozinho, na floresta.

A mulher que encontrara no rio continuou a ocupar os devaneios de Daniel. Estaria tecendo fantasias como acontecia com ele? Ou seus pensamentos ocupavam-se do

amante que deixara para trás? Sem resposta, caminhou silenciosamente para os limites da cidade.

CAPÍTULO II

— Aqui não há nada — disse Hannah, olhando em volta, com ar desolado. — Nada! É como se, depois de Northfield, a vida simplesmente houvesse deixado de existir.

— O que você queria, mamãe? — Tom zombou. — Há vida por todos os lados: as árvores, os animais, os pássaros e o rio.

O garoto admirou a paisagem com ar satisfeito, depois de passar duas semanas aborrecido, viajando na carroça desconfortável e passando por cidades que não se pareciam em nada com New Haven, onde deixara todos os seus amigos.

Agora, na floresta, sentia-se mais animado diante da possibilidade de aventura. Torcia para que aparecessem índios, que ele ajudaria a capturar ou matar, desde que aprendesse a atirar — seu maior desejo era que William concordasse em ensinar-lhe isso em segredo, uma vez que sua mãe não podia sequer ouvir falar no assunto.

Voltou a olhar para Hannah, que ainda observava os arredores com a mesma expressão de medo e desolação.

— Não há casas, cidades ou pessoas — continuou Hannah. — Nem um campo cultivado. Apenas uma floresta sem fim. Não imaginei que fosse desse jeito.

— É verdade — disse Caroline. — Desde que deixamos Northfield, passamos por umas poucas fazendas, um pomar e depois mais nada. Até a estrada terminou há muitos quilômetros, transformando-se numa pequena trilha.

William aproximou-se, montando a égua de Thomas que, nesse dia, viajava com Jonas na outra carroça.

— Devia estar satisfeita por nos restar a trilha; do contrário, nossa viagem seria ainda mais lenta! Suponho que esta região tenha tantas atrações quanto qualquer outra. Ouvi dizer que quando os cardumes de salmão sobem o rio, a água chega a ficar prateada; os pombos voam em bandos enormes, e os índios os derrubam a pauladas.

— Eu queria ver isso! — exclamou Tom, e William sorriu.

Hannah, assim como Caroline, ficara contente quando William concordara em acompanhá-las ao norte, especialmente depois que Thomas decidira levar Jonas — que, em New Haven, cuidava de todo o trabalho sujo do patrão, como espionar os outros comerciantes. Thomas alegara que Jonas seria de grande utilidade no norte, mas Caroline simplesmente suspeitava que o empregado sabia demais para ser deixado sozinho na cidade; franzino, ele pouco ajudaria no corte da madeira ou no cultivo dos campos.

William, por sua vez, merecia total confiança. Alto, de cabelos claros e sorriso franco, possuía força e habilidade para qualquer trabalho — seria, útil no corte das

Clássicos da Literatura Romântica

árvores e na manufatura de qualquer utensílio ou ferramenta. As crianças o adoravam por sua paciência e atenção. Pela honestidade e integridade que faziam parte de seu caráter, Caroline achava difícil tratá-lo como serviçal, e imaginava como seria bom se Hannah estivesse casada com ele.

Elizabeth, que despertara com a conversa, perguntou à queima-roupa:

— William, por que os índios odeiam a gente?

— Por causa dos franceses — Tom apressou-se em responder. — Os franceses odeiam os ingleses, e vice-versa.

— Por quê? — a menina insistiu. Por um momento ninguém falou. Não havia uma resposta simples para aquela pergunta. Tratava-se de uma trama complexa, que vinha se desenrolando há séculos, durante os quais os reis da Inglaterra e da França haviam cobiçado as terras um do outro. A grande extensão do continente americano, bem como as riquezas naturais do solo, tornou o conflito ainda mais intenso. — Acho que os franceses não gostam que os ingleses dominem esta região. Preferem que os índios habitem estas terras e façam comércio com eles — William respondeu.

— E de quem são as terras?

— Os franceses ora dizem que são deles, ora dizem que são dos índios. Na verdade, os ingleses chegaram aqui há muito, muito tempo. O terreno que o governo concedeu a seu pai já foi dos índios.

Tom ficou excitado só de ouvir falar em índios.

— William, você acha que os índios atacarão nossa fazenda?

— Tom! — Hannah exclamou horrorizada. — Que pergunta! É claro que não haverá índios em nossas terras! Se fosse realmente perigoso, não teríamos vindo.

— Se houver algum índio — Tom continuou, ignorando os protestos da mãe —, aposto que estará carregando uma machadinha, como todos eles fazem. Ouvi dizer que se um homem for bastante rápido, pode pegar a machadinha no ar e arremessá-la de volta. Você seria capaz disso, William?

— Se praticar... Mas, com certeza, teremos muito com que nos preocuparmos: o cultivo dos campos, o corte da madeira. Não gostaria de cavalgar um pouco, Tom?

— Com você? — As feições do menino iluminaram-se com a perspectiva do passeio. Os índios foram imediatamente esquecidos.

— Se sua mãe permitir... — William lançou um olhar inquisitivo para Hannah, que sacudiu a cabeça afirmativamente. — Depois será a vez de Elizabeth — continuou, piscando para a garotinha que já ameaçava chorar, com inveja do irmão. Então ajudou Tom a sair da carroça e a montar na garupa da égua.

— Ele é tão bom para as crianças! — Hannah suspirou satisfeita.

— Sim, é — concordou Caroline, embora ainda refletisse sobre a frase de Tom: "Os franceses odeiam os ingleses".

Lembrou-se do desconhecido de cabelos loiros e voz grave.

Mademoiselle, ele a havia chamado com suavidade, fazendo-a estremecer de prazer. Adormecera pensando em Daniel Ledet e, pela manhã, ao deixarem a cidade, desapontara-se por não tê-lo visto.

Na primeira carroça, Thomas e Jonas conversavam animados, rindo e gesticulando.

Clássicos da Literatura Romântica

— Thomas parece estar de excelente humor — Caroline comentou. Era raro encontrar o cunhado naquele estado de espírito.

— Ah, claro! Ele conheceu um homem em Northfield que vai transportar as toras para o sul, até o navio que as levará para a Inglaterra — Hannah explicou.

— Mas quantas árvores há para cortar? William é forte, mas é um só; e Jonas não será de grande ajuda.

— Thomas planeja recrutar homens para o trabalho; os soldados da guarnição do forte Dummer levam uma vida monótona durante o inverno, sem a companhia de pessoas diferentes, nem índios para lutar. Não passam de garotos da milícia, convocados quando chegou a notícia da guerra. Thomas diz que ficarão satisfeitos com a nova distração e o salário extra. Ele pensa em tudo!

— Tenho certeza que sim. — Caroline calculou que Thomas já havia feito seu plano: empregaria os pobres soldados no trabalho pesado, pagando-lhes o mínimo possível. O lucro estava acima de tudo.

Seguindo a trilha tortuosa, chegaram a uma vasta campina que margeava o rio. O sol estava quente e refletia-se nas águas calmas. Caroline lembrou o comentário de William sobre as atrações da região deserta e tranqüila. Sentiu-se reconfortada com o canto dos pássaros que enchia o ar. E, principalmente, livre da pressão dos olhares curiosos. Ao passarem por fazendas e cidades ela se mantivera coberta pelo xale e, nas poucas vezes em que o tirara, despertara as mesmas reações nas pessoas: admiração ou desdém. Nas cidades grandes a beleza era apreciada e considerada uma dádiva; e, para seu espanto, no campo, onde imperavam o puritanismo e a austeridade, significava pecado.

O que ela própria achava sobre o assunto? No passado considerara-se agraciada com uma bênção. No entanto, depois da experiência com Edmund, encarava a própria beleza como uma maldição. O que o atraía, senão seu belo rosto? Deslumbrada pela atenção lisonjeira de Edmund, acreditara em seu amor, e aprendera, da maneira mais dolorosa, a não confiar nas aparências. Habitara-se a fugir de admiradores, rejeitando pretendentes, cética quanto aos verdadeiros motivos que os levavam a cortejá-la. Mesmo depois de tantos anos, ainda não superara a dor provocada pela traição de Edmund.

Mas aqui, Caroline pensou enquanto admirava o rio e a floresta, não precisaria esconder-se sob o xale: não haveria tentações nem homens lisonjeiros, nada além da companhia familiar de Hannah, e bastante trabalho para mantê-la ocupada o dia todo, e cansada à noite. Decidira fazer essa viagem pelo bem da irmã, embora a mudança apresentasse a possibilidade de viver em um lugar seguro e em paz.

Perdida em seus pensamentos, Caroline não percebeu que Hannah a fitava com olhos repletos de carinho.

— Caroline, querida, como eu gostaria que não estivesse sozinha! — murmurou Hannah.

Despertada pelas palavras da irmã, Caroline balançou a cabeça.

— Por que diz isso, quando tenho a sua companhia e a das crianças?

— Eu me referia a um homem. Aqui você não terá o tipo de companhia que tinha em New Haven.

— Em New Haven, eu ficava em casa, com papai e mamãe; eles me faziam companhia, exceto quanto você nos visitava.

Era verdade, e Hannah lembrava-se bem dos muitos pretendentes que

Caroline rejeitara, mostrando-se totalmente desinteressada.

— Talvez — Hannah arriscou —, se encontrasse o homem certo...

— Não existe o homem certo; pelo menos, não para mim.

— Mesmo assim...

— Hannah, por favor! Não se preocupe, eu ficarei bem. Vamos nos instalar com conforto e aconchego em nosso novo lar. Veja, o bebê acordou.

Hannah virou-se para pegar a pequena Sheila, que chorava, enquanto Elizabeth reclamava sua vez de cavalgar com William.

Observando a movimentação que se seguiu, Caroline pensou no que acabara de dizer à irmã, sobre não existir o homem certo. Ao mesmo tempo, reviu mentalmente o rosto expressivo de Daniel Ledet. Por que se lembrava dele? Por que insistia em imaginá-lo diferente dos demais? Por que todo o seu corpo vibrava à lembrança daquele estranho? Caroline sacudiu a cabeça, na tentativa de esquecer o assunto.

Ao final da tarde, chegaram a uma fazenda, cuja visão era desconcertante, depois de tanto tempo sem qualquer sinal de gente.

Um homem e dois meninos faziam alguns reparos em uma das cercas, quando viram as carroças. Imediatamente, o homem apanhou o rifle. Ao avistar Thomas, abaixou a arma e adiantou-se.

— Sr. MacKenzie! Não o havia reconhecido! Então, manteve a decisão de estabelecer-se aqui. — Virou-se para as mulheres. — As senhoras são bem-vindas, e estão convidadas a passar a noite em nossa casa. Minha esposa ficará contente. Ela não costuma ter a companhia de outras mulheres. Edward as acompanhará, enquanto Gideon ajudará os homens com os cavalos. — Dirigindo-se novamente a Thomas, continuou: — Sr. MacKenzie, se pretende inspecionar as árvores, é melhor nos apressarmos; logo vai anoitecer.

A casa da fazenda mais parecia uma paliçada, construída de toras e tábuas, tendo apenas uma porta e nenhuma janela no andar inferior. A parte de cima era recortada por três vigias.

Caroline estudava a estranha construção, quando Tom aproximou-se.

— Com janelas desse tipo é fácil atirar nos índios. Se tentarem colocar escadas, joga-se água fervendo neles.

— Como você sabe? — perguntou Caroline, surpresa com a esperteza do sobrinho.

— A empregada da pousada nos contou — respondeu Elizabeth. — Disse que o bisavô dela morava numa casa como essa quando os índios atacaram a cidade. Ela disse...

— Chega, Elizabeth — Hannah interrompeu.

A porta da casa se abriu e um garotinho saiu, seguido por uma mulher de cabelos grisalhos e desgrehados, enxugando as mãos no avental de linho grosseiro para cumprimentar as visitantes. Seu olhar era, ao mesmo tempo, desconfiado e ansioso, como se desejasse e temesse a companhia das desconhecidas.

— Por favor, entrem. Venham descansar um pouco e tomar um chá quente — convidou.

Hannah pediu a Caroline que segurasse Sheila enquanto procurava Tom e

Elizabeth, que já haviam desaparecido com William.

Ao entrarem na casa, precisaram de alguns minutos até habituarem os olhos à semi-escuridão. Exceto por umas poucas fendas estreitas nas paredes, a única fonte de luz era o fogo da lareira. Uma grande cozinha conjugada a um hall ocupava quase todo o andar térreo, onde havia apenas mais um aposento. Uma estreita escada levava ao piso superior.

— Sentem-se — disse a mulher, enquanto pegava as xícaras.

Caroline observou a mobília escassa, talhada a mão. Não havia armários ou guardarroupas: os utensílios e vestimentas encontravam-se pendurados em vários pinos presos às paredes.

— Quando o Sr. MacKenzie esteve aqui no ano passado, disse que voltaria com a família na primavera. Com o início da guerra, pensei que mudaria de idéia — comentou a mulher, ainda ocupada com o preparo do chá.

— De maneira nenhuma — disse Hannah. — Meu marido achou que não havia motivo para alterar seus planos; acredita que as batalhas serão travadas no leste, e que os índios serão combatidos nos fortes. Ele diz que os índios só lutam quando estão em maioria. O que seu marido pensa disso?

— Mais ou menos a mesma coisa. Diz que não teria cabimento abandonarmos tudo o que construímos com tanto esforço, sem que houvesse um motivo real. Uma coisa é certa: os índios logo destruiriam uma casa desabitada.

— Acha que há índios por perto? — Hannah perguntou, á voz tensa.

A mulher deu de ombros.

— Provavelmente. Vivem rondando por aqui, caçando, comerciando, fazendo biscates por um prato de comida ou com corte de lã. Não os tenho visto há algum tempo; devem ter se embrenhado na floresta, ou migrado para o Canadá.

— Então, eram aliados dos franceses?

— Não, acho que não tomavam partido, embora os franceses pudessem atraí-los facilmente, vendendo-lhes armas. Meu marido explicou que esse é o verdadeiro motivo pelo qual os índios passam para o lado deles: os franceses os convencem que os ingleses lhes tomaram as terras e, então, fornecem-lhes armas e os mandam para o sul, à caça de escalpos ingleses. — Vendo Hannah estremecer de medo, acrescentou: — Eu não diria que os índios que andam por aqui sejam violentos; certamente, preferem esconder-se na mata até que passe o perigo. Enquanto isso, praticam pequenos roubos sem importância, para sobreviverem.

Quando a água ferveu, a mulher trouxe a chaleira até a mesa e abriu a lata de chá, explicando, sem jeito:

— Por aqui não se encontra chá de verdade, usamos folhas secas de amoreira. A gente se acostuma com o sabor.

Hannah levantou-se de pronto.

— Temos um pouco de chá na carroça. Vou buscar.

— Agradeço a gentileza, mas é melhor que guarde seu chá. Não se sabe quando poderá conseguir mais. Há muitas outras coisas necessárias, que não temos.

Hannah corou.

— Eu não estava pensando em vender-lhe. Pretendia dá-lo como um presente. E,

caso fiquemos sem chá, usaremos folhas de amoreira, como você!

— É muita bondade dela — murmurou a mulher quando Hannah saiu em direção à carroça. — Na verdade, não acredito que lhes faltem coisas como chá. Seu cunhado foi muito esperto, fazendo esse contrato.

— Ele é muito esperto — disse Caroline, lançando-lhe um olhar que dizia muito mais que as palavras.

— Pelo menos, você e sua irmã terão a companhia uma da outra, pois você não vai encontrar muita diversão por aqui. Com exceção dos soldados, que são apenas garotos de fazenda, não há homens solteiros nesta região.

— Não estou interessada em homens.

— Então, acredito que não vai se importar.

Tomaram o chá em xícaras de madeira, adoçado com açúcar de seiva de bordo, um tipo de árvore muito comum na região.

— Há quanto tempo vive aqui? — perguntou Hannah.

— Cinco anos. Meu marido veio dois anos antes, para construir a casa e preparar a plantação. Ele diz que é um bom negócio ter terras por aqui, porque logo haverá muita gente ansiosa por adquiri-las, como aconteceu no sul. Isto é, se a guerra não se espalhar.

A mulher fitou a pequena Sheila, que dormia tranqüila, aninhada nos braços de Caroline, e ficou com os olhos marejados de lágrimas.

— É tão bonita! A minha segunda filha era um pouco mais velha quando morreu, há dois anos.

— Sinto muito — disse Hannah, com um nó na garganta. Pareceu que a mulher ia chorar, mas continuou contando:

— Perdi minha filha mais velha, também. Tinha acabado de completar seis anos. As duas pegaram a febre; o bebê morreu logo; a mais velha ficou entre a vida e a morte durante muitos dias... A terra estava congelada e só pudemos enterrá-la na primavera. — Suspirou tristemente. — Sinto tanta falta da mais velha! Hoje, seria uma boa companhia.

Hannah tomou-lhe a mão entre as suas, tentando confortá-la, e logo a mulher se recompôs.

— Bem, o que está feito está feito, não adianta chorar pelo que passou. Não fui a primeira, nem serei a última mulher a passar por esse sofrimento... Há uma cama no outro quarto, onde poderá acomodar o seu bebê. Tínhamos um berço, mas meu marido levou-o embora para que eu não ficasse me lembrando do que aconteceu. Como se uma mãe precisasse ser lembrada dos filhos que perdeu... Venha, vou lhe mostrar a cama. — Fez menção de levantar-se, porém Hannah interrompeu-a com um gesto.

— Não se incomode. Eu mesma arrumarei a cama — disse, tomando Sheila dos braços de Caroline e dirigindo-se ao quarto.

Caroline estava distraída com os ruídos no cômodo ao lado, quando a mulher aproximou-se e cochichou:

— Eu não quis preocupar sua irmã, que parece muito frágil. Além do mais, talvez o tempo mostre que os homens estão com a razão. De qualquer modo, é melhor tomar algumas precauções contra os índios. Seu cunhado deverá passar a maior parte do tempo fora, cortando árvores, e vocês estarão desprotegidas em caso de um ataque. Mantenha a porta fechada, e as crianças por perto, pois são as primeiras a sofrerem nas

mãos deles.

— Sim, senhora. — Caroline lembrou-se das histórias ouvidas na pousada e estremeceu. — Tomaremos cuidado. Obrigada por me avisar.

— A vida aqui é muito dura. Desejo boa sorte às duas.

No final da tarde seguinte acamparam na floresta, uma vez que não havia qualquer fazenda onde pudessem hospedar-se. As crianças estavam excitadíssimas com a aventura e, apesar do desconforto, Caroline sentia um grande alívio. A escura casa da fazenda, bem como a amargura da anfitriã, a deprimira. Depois de passar horas naquele lugar lúgubre e abafado, era agradável jantar ao ar livre. Hannah parecia não se incomodar com o desconforto, e o bom humor de Thomas resistia pelo segundo dia. Provavelmente, pensou Caroline, passara o tempo calculando os lucros que obteria com o acordo feito na noite anterior — o fazendeiro que os hospedaria cortaria trinta árvores e as transportaria ao rio, onde ficaram armazenadas até o inverno; dali seriam arrastadas por pares de bois até o sul. Thomas lucraria, com segurança, dez guinéus por árvore. Isso explicava por que saboreava o sanduíche de carne com tanto prazer.

Terminado o jantar, Hannah acomodou as crianças para dormir, enquanto Caroline lavava os pratos no rio. A água estava gelada, mas límpida e repleta de peixes. Não havia pôr-do-sol a ser admirado, como nos dias anteriores. A tarde nublada e úmida lembrou-a da infância na Inglaterra, e a paisagem transportou seus pensamentos para uma outra tarde, mais quente e agradável que aquela, num gramado salpicado de flores coloridas...

Caroline estava sentada numa clareira, no bosque de Harrow Hall, com o coração disparado. Fazia seis semanas que o Sr. Edmund retornara, e durante esse período haviam-se encontrado com frequência. Algumas vezes por acaso, outras nem tanto. Naturalmente, ele não a cortejava abertamente, para não atrair as atenções e evitar os comentários maldosos, inclusive da mãe dele, que jamais aprovaria essa aproximação.

Ainda assim, ele demonstrara com clareza o interesse que nutria por Caroline, embora não houvesse se declarado até àquela tarde. Assim que ficaram a sós, ele disse:

— Desde que voltei de Londres, acho que não estivemos sozinhos nem por cinco minutos. Você notou isso?

— Sim — respondeu Caroline, abaixando a cabeça.

— Conhece o salgueiro no topo da colina, perto do rio? É um excelente lugar para se assistir ao pôr-do-sol. Poderíamos nos encontrar lá, às sete horas?

— Talvez... — ela murmurou, escondendo a alegria que enchia seu coração.

No horário combinado, Caroline encontrava-se lá, sentada sob o velho salgueiro, observando o sol se esconder no horizonte. Por um momento foi tomada por um sentimento de dúvida e apreensão. E se ele não aparecesse? Se tivesse mudado de idéia? Foi então que ouviu um barulho em meio à vegetação, de onde Edmund surgiu de repente.

— Sr. Edmund! — disse ela, levantando-se.

— Que bom, você veio! Desculpe-me pela demora; tivemos visita de última hora. Saí de casa correndo. Venha, preciso descansar um pouco. — Pegando Caroline pela mão, convidou-a a sentar-se a seu lado. Ao vê-la resistir, ele arqueou as sobrancelhas. — Qual é o problema? Não confia em mim?

— Não é isso, senhor...

— Edmund! — ele corrigiu.

Clássicos da Literatura Romântica

— Não, Edmund; quer dizer, sim, confio em você.

— Se confia em mim, deve saber que eu não seria capaz de lhe fazer qualquer mal. Caroline, apaixonei-me por você no dia em que cheguei de Londres e a vi no portão de sua casa. Acreditaria se dissesse que quero me casar com você?

— Oh, Edmund! — Caroline sentiu os olhos se encherem de lágrimas, diante da confirmação de seus sonhos mais íntimos. — Sua mãe jamais aprovaria! Ela não dará consentimento.

— Não? Vou me casar assim mesmo. O que ela pode fazer? Não tem o controle da propriedade. Eu sou o Sr. Edmund Bredon, e posso fazer o que bem entender. Espere. — Apanhou uma pequena flor do gramado e amarrôu a ponta da haste, formando um círculo. Tomando a mão esquerda de Caroline, declarou solenemente: — Caroline, com este anel, faço-a minha noiva. — Beijou-lhe a mão por um longo momento, e então deslizou os lábios sobre a pele macia do seu braço.

— Edmund, não faça isso — ela murmurou, tentando afastar-se.

— Não confia em mim? — Ele a puxou contra si.

Com o coração acelerado, mais pelo pânico que pelo desejo, Caroline teve medo de ofendê-lo, caso o rejeitasse. Por outro lado, se ele a amava, nada que fizessem estaria errado. Afinal, iam se casar...

— Casar! Oh, meu Deus! — O triste murmúrio de Caroline ecoou no vazio do bosque, trazendo-a de volta à América. — Como fui tola!

Imaginou se algum dia conseguiria livrar-se dessas lembranças, e encontrar paz de espírito.

Pegou a bacia cheia de pratos limpos e começou a caminhar em direção ao acampamento. Foi então que ouviu vozes vindas de um agrupamento de árvores a poucos metros dali. Pensando imediatamente em índios, teve o ímpeto de correr, mas nesse instante sentiu o aroma do cachimbo de Thomas. Com quem ele estaria falando? Certamente, expunha a Jonas um novo plano mesquinho.

Caroline ia retomar seu caminho, mas a curiosidade a levou a colocar a bacia no chão, com todo cuidado, e se esgueirar por entre os arbustos, para ouvir o que os dois tramavam às escondidas.

As vozes eram indistintas. Mesmo apurando os ouvidos, Caroline apenas captava palavras soltas, como "peles", "munição" e algo parecido com "Albany". Aproximou-se mais, para melhor ouvir a conversa, porém os homens já estavam se afastando rumo ao acampamento. Permaneceu onde estava, dando-lhes tempo para chegarem às carroças. Se a vissem, desconfiaram que estivera bisbilhotando. Concentrou-se nos passos que se afastavam; esperaria mais um minuto e, então...

Um homem segurou seu braço e tapou-lhe a boca, sussurrando em seu ouvido:

— Eu a soltarei, *mademoiselle*, se me der sua palavra de que não vai gritar.

Como não houvesse escolha, Caroline assentiu. Assim que recuperasse o fôlego, trairia o acordo. Uma vez livre, encheu os pulmões, pronta para gritar, mas deu-se conta de que fora chamada de *mademoiselle*, e que o cheiro daquele corpo lhe era familiar. Virou-se para encarar Daniel Ledet.

— *Mademoiselle*. — Ele sorriu. — Então, nos encontramos de novo.

— O que está fazendo aqui?

Clássicos da Literatura Romântica

— Tratando de negócios com seu cunhado, como você, sem dúvida, pôde ouvir.

— Como sabe que Thomas é meu cunhado?

— Informação é uma das mercadorias com as quais negocio.

— Você é um espião?

— Sou um *coureur de bois*. Traduzindo literalmente: aquele que corre pela floresta. Tornei-me caçador de peles pela prática, e agora sou comerciante por força das circunstâncias. Levo mercadorias do homem branco para os índios, em troca das peles que eles têm.

— Mercadorias francesas? — Caroline perguntou com sarcasmo.

— Os índios preferem produtos ingleses, uma vez que os franceses parecem incapazes de produzir utensílios de cobre tão resistentes ou tecidos tão claros.

— Mas o comércio entre franceses e ingleses é ilegal. Portanto, o que você faz é contrabando. Você pode ser apanhado.

— Quem me apanharia? Os franceses? Eles vivem ansiosos por mercadorias britânicas, até mais que os índios. E os ingleses desejam as peles para seus casacos e chapéus. Enquanto corro de um lado para outro, todos ficam satisfeitos!

— Que tipo de negócio pretende fazer com Thomas?

— Trata-se do contrário, *mademoiselle*. Ele é que precisa dos meus préstimos.

— Não entendi. Por acaso Thomas contratou você para o corte das árvores?

Caroline não podia imaginá-lo nesse tipo de trabalho. Não duvidava de sua capacidade, mas era fácil perceber que Daniel Ledet era um homem orgulhoso e amante da liberdade. Jamais seria um empregado, por melhor que fosse o pagamento.

— Nem pense uma coisa dessas! — Ele soltou uma risada. — Se pretendesse ser camponês, teria ficado em Montreal. Não, *mademoiselle*, não tenho qualquer ligação com as famosas árvores do Sr. MacKenzie. Seu cunhado é um homem de interesses diversificados, e quer aproveitar qualquer oportunidade que surja. Está pensando em abrir um posto comercial aqui no norte; eu lhe forneceria as peles e ele me pagaria com mercadorias britânicas. Quando a guerra terminar, e a região estiver colonizada, ele já terá formado uma boa freguesia. Enquanto isso, atenderá aos soldados do forte.

Caroline ouviu tudo, perplexa com a franqueza com que ele explicou a situação, e pelo conteúdo do relato. Agora compreendia por que Thomas insistira tanto em trazer Hannah: ele pretendia estabelecer-se ali por mais do que uns poucos anos.

De repente, um vento forte agitou a vegetação, carregando folhas secas e gravetos. Um deles prendeu-se no xale que cobria os ombros de Caroline. Daniel estendeu a mão para tirá-lo, tocando-a de leve. Ela estremeceu ao contato. Retomando o controle, perguntou pensativa:

— Como veio até aqui? Como sabia que estávamos aqui?

— Seu cunhado soube a meu respeito quando estive aqui no último outono, e deixou recados em Northfield. Como estava de passagem, resolvi procurá-lo para uma conversa. — Olhando em volta, acrescentou: — A idéia de nos escondermos entre os arbustos foi dele; parece que aprecia o sigilo.

Caroline sorriu ao constatar que Daniel adivinhara com exatidão o caráter de Thomas.

Clássicos da Literatura Romântica

— Vai negociar com ele?

— Talvez sim, talvez não. Depende do que o futuro nos reserva. O Sr. MacKenzie me considera útil, porém, ameaçador. No momento, posso fazer negócios bastante satisfatórios com os soldados, sem qualquer intermediário,

— Mesmo com a guerra?

— A guerra não me diz respeito. Sou um comerciante, e o comércio continua existindo, a despeito da guerra. O mesmo acontece na Inglaterra. Você não viu isso lá?

— Como sabe que vim da Inglaterra?

Daniel se aproximou, como se quisesse avaliar a reação dela. Caroline permaneceu onde estava, embora experimentasse um incompreensível arrepio pelo corpo.

— A empregada da pousada em Northfield estava ávida para espalhar as novidades. Contou-me tudo o que ouviu.

Caroline forçou um sorriso. No íntimo sentia uma pontada de ciúme ao imaginá-lo conversando com aquela garota. Teria sorrido para ela como sorria agora? Teria chegado tão perto?

— Quero você — Daniel disse de repente, tão baixinho que Caroline não soube se ouvira ou imaginara as palavras. Mas a suave carícia em seus cabelos provava que não estava sonhando. Sem pensar no que fazia, ela virou o rosto, roçando os lábios na mão dele.

Nesse instante, a voz de Hannah chamando-a soou como um alarme. Caroline ficou imóvel, relutando em quebrar o encanto daquele momento.

Foi Daniel quem se afastou. Habitado à vida selvagem, cheia de imprevistos, recompôs-se rapidamente.

— Estão sentindo sua falta — sussurrou. — Deve ir, *mademoiselle*.

— Sim... — Ainda enternecida, Caroline deu um passo na direção do acampamento. Então, voltou-se para Daniel — E você, para onde vai? O que vai fazer?

Ele riu.

— Isso depende... do que você tem em mente.

Sua intenção fora apenas fazer uma brincadeira. Por isso, ao ver Caroline franzir as sobrancelhas e estreitar os olhos, percebeu que tinha sido mal interpretado. A magia que existira entre eles se evaporara com por encanto.

— Vocês são todos iguais — ela disse entre dentes. — Odeio-os todos! — Virou-se e partiu.

Daniel não se moveu. Esperou que a brisa fria contribuísse para acalmar seu desejo e a surpresa produzida pelas últimas palavras de Caroline. Será que se enganara ao pensar que ela também o desejava? Certamente não, a julgar pela maneira como haviam se olhado no primeiro encontro, em Northfield, ou pela forma com que ela quase beijara sua mão há apenas alguns instantes. O que se passaria pela cabeça de uma mulher tão contraditória? Isso ele ia descobrir.

Lembrou-se então que Caroline era inglesa, o que não fazia a menor diferença para ele. Na verdade, preferia os ingleses aos franceses; admirava sua independência e vitalidade.

O rei da França enviara colonos ao Canadá visando apenas lucro, e a política do

governador consistia em escravizar o povo para enriquecer cada vez mais a nobreza.

Nas colônias britânicas a vida era bem diferente. Por mais que o rei desejasse manter a servidão de seu povo, a autoconfiança dos ingleses criara uma liberdade que os canadenses desconheciam. As cidades e vilas prosperavam, os campos floresciam, graças à vitalidade de seus colonizadores. Um jovem americano podia progredir muito mais que o próprio pai, enquanto em Quebec, o único meio de conquistar a liberdade era fugir para a floresta.

Daniel seguira esse caminho: desde os dezoito anos, tornara-se comerciante, e era tolerado pelo governador por ser útil aos propósitos da coroa. Convivera com os índios por um longo período, e aprendera a viver com eles.

Alguns homens, como MacKenzie, buscavam apenas riqueza no comércio de peles — Daniel buscava a satisfação da vida livre dos bosques. Há muito que não necessitava da companhia de outras pessoas. Vivia assim há tanto tempo, tendo apenas um rifle, os próprios sentidos e um cobertor para proteger-se, que já não suportava fechar-se entre quatro paredes.

Escolhera uma vida dura, porém interessante também; vira e aprendera coisas que jamais chegaria a conhecer se permanecesse em Montreal: montanhas cuja majestade superava a maior das catedrais, o modo de vida dos animais selvagens, imensos lagos congelados, sobre os quais caminhara usando mocassins feitos a mão.

Os momentos em que se sentia solitário eram escassos, e Daniel sabia como afastá-los. Descobrira os prazeres que uma índia sabia proporcionar e, além da viúva em Northfield, havia uma outra em Nova York, que apreciava muito as suas visitas.

Mas Caroline era diferente; não poderia esquecê-la tão cedo. Era o tipo de mulher que permanecia na lembrança depois de se afastar e suscitava um forte desejo de rever. Na primeira oportunidade, Daniel iria procurá-la.

CAPÍTULO III

Embora a manhã tivesse sido fria, o sol do meio-dia era forte e aquecia os ombros de Caroline. Ela sentia a terra fofa e morna sob os pés descalços ao curvar-se para contar as sementes: três de milho e duas de abóbora. Despejou-as na pequena cavidade em forma de concha, no topo do montículo de terra, e observou-as desaparecerem sob a terra jogada por Tom.

Em volta deles, em todas as direções, estendia-se o campo recém-preparado para o plantio. William tivera de ará-lo três vezes. Enquanto isso, Thomas se contorcera de impaciência para começar o corte das árvores, que se iniciou assim que o campo foi arado. Desde então, os homens se ausentavam por dias inteiros, enquanto as mulheres e as crianças cuidavam da fazenda.

— William disse que esse é o solo mais fértil que eleja viu! — comentou Tom. — Ele disse que é sorte nossa sermos donos de uma terra tão rica.

Clássicos da Literatura Romântica

Caroline concordou, sorrindo. William tornara-se o ídolo de Tom desde a partida de New Haven. O garoto seguia-o por todos os lugares, sempre fazendo uma infinidade de perguntas.

— Disse, também, que a colheita será ótima — Tom continuou. — E que, quando isso acontecer, teremos de ficar de olho nos animais, que tentarão fazer suas refeições em nosso campo. — Olhou para o rifle apoiado no canto da cerca. Fora presente de um dos soldados do forte Dummer, onde Mackenzie e os familiares haviam passado a última noite da viagem.

Na ocasião, Caroline constatara que Thomas acertara em cheio em suas especulações acerca do estado de espírito dos soldados. Os cinquenta componentes da guarnição do forte os receberam de braços abertos, ansiosos por uma mudança na rotina tediosa. Na manhã seguinte, Thomas contratara doze deles para cortar madeira nas horas de folga de suas tarefas.

Muitos visitavam a fazenda sempre que podiam. A princípio, tentaram cortejar Caroline. Como não fossem correspondidos, dirigiram seu interesse para os outros membros da família. A maioria deles tinha suas próprias fazendas no sul, e faziam biscoitos para Hannah e brincavam com as crianças durante horas. Um desses dera o rifle de presente a Tom.

Hannah protestara, considerando a arma perigosa, mas Thomas a silenciara com o olhar duro.

— Não estamos na cidade. Afinal, onde você foi criada, os rapazes não sabem atirar?

— Thomas, ele é apenas uma criança.

— Já é um rapaz!

Thomas pegara o rifle e saíra com o filho para ensiná-lo a atirar. Como era impaciente, acabara passando a tarefa a William, que a aceitara com prazer. Em pouco tempo Tom se transformou num bom atirador, capaz de acertar seis tiros em dez. Nos primeiros dias, carregava a arma para onde fosse, o que o tornava desajeitado; agora, enquanto trabalhava, deixava-a por perto, sempre à mão.

— William prometeu me levar para caçar um cervo — disse Tom, ainda olhando para o rifle. Com um suspiro, acrescentou: — Se tiver tempo. Tia Caroline, por que o rei George precisa de tanta madeira?

— Ora, para construir navios.

— Eu gostaria que a Marinha não existisse! Assim, William teria tempo para outras coisas além de cortar árvores!

— Se não existisse a Marinha, nossos soldados não poderiam navegar pela costa para atacar Louisbourg.

No ano anterior os franceses haviam atacado uma colônia inglesa situada perto de Louisbourg, e agora tropas da Nova Inglaterra buscavam vingança. Os navios haviam deixado Boston no início da primavera, e todos aguardavam ansiosos as notícias de seu desembarque no Canadá.

— Dizem que, se ganharmos a batalha em Louisbourg, a guerra estará terminada. — Tom parecia desapontado.

— E essa idéia desanima você? Até parece que deseja ver lutas, aqui mesmo, em nossa fazenda!

Clássicos da Literatura Romântica

— Bem — o menino admitiu acanhado —, eu não estava pensando em nada sério, mas qual a vantagem de estar no norte, se nem sequer avistamos um índio? O que vou dizer aos meus amigos quando voltar a New Haven?

— Diga que teve sorte. — Caroline riu, sacudindo a cabeça. — Espero que seja sensato para não deixar que esses pensamentos cheguem aos ouvidos de sua mãe.

Ao se endireitar, olhou para a casa, ouvindo a voz de Hannah, que cantarolava enquanto preparava o almoço com a ajuda de Elizabeth. Nos últimos dias, Hannah cantava o tempo inteiro, provavelmente porque Thomas estava fora.

Observando as rachaduras nas paredes da casa, Caroline recordou sua reação ao vê-la pela primeira vez. Esperava que fosse diferente da fazenda onde haviam se hospedado na primeira noite depois de deixar Northfield. Sentira o coração quase parar diante da feia paliçada que seria seu lar a partir de então. Era como entrar em uma prisão.

Como as pessoas eram maleáveis, pensou Caroline, que no primeiro dia já começara a se adaptar ao novo estilo de vida. O quarto que dividia com Elizabeth possuía duas janelas. Quando não chovia, ficava o dia todo fora de casa, cuidando do campo e de outras tarefas. Assim, os dias passavam tranquilamente.

Três sementes de milho e duas de abóbora. Estavam trabalhando desde o amanhecer e ainda não haviam semeado nem metade do campo. Quando terminassem com o milho e a abóbora, retomariam o trabalho semeando feijão nos pequenos vales formados entre os montículos de terra já plantados. Era dessa forma que os índios cultivavam suas plantações. Quando Tom protestou, William explicou-lhe que era preciso ser sábio para aproveitar os conhecimentos do inimigo.

— William acha que esta terra vale mais que ouro — Tom continuou. — Diz que só este campo nos dará umas trinta sacas de milho.

Olhou a extensão do campo, tentando comparar a glória de uma colheita abundante com a vitória em uma batalha. William considerava a colheita importante, mas os amigos de Tom não se impressionariam com histórias sobre plantações de milho. Por outro lado, meia dúzia de índios o transformariam em celebridade.

— Você não se importa, tia Caroline?

— Com o quê?

— Com este tipo de trabalho. Não acha aborrecido?

— De jeito nenhum. — Ela sorriu.

Caroline encontrava no trabalho um calmante para os nervos, embora sentisse os músculos doloridos no final do dia. Ali, conquistara a paz que buscava há anos.

— Quando eu era menina, em Surrey, vivíamos em uma vila cercada por campos, onde se plantava trigo, cevada, aveia e centeio. Em agosto, a época da colheita, o povo da vila ajudava os fazendeiros. Era um trabalho duro, mas nem pensávamos nisso. O que importava era a festa que viria assim que terminássemos. Cantávamos e dançávamos até de madrugada.

Limpando o suor da testa com as costas das mãos, Caroline lembrou a alegria, os flertes, as brincadeiras daquelas noites. Dançara com Edmund no último festival, a cabeça cheia de sonhos para o futuro, a despeito da apreensão que crescia em seu peito.

— Quando vamos nos casar? — perguntara a ele ao ficarem a sós. — Quando vai falar com meu pai?

— Em breve, querida, muito em breve. Vou procurá-lo amanhã. E então, vai me

beijar agora?

De fato, no dia seguinte, Edmund chamara o pai de Caroline à mansão. Conversaram durante um longo tempo, ou assim pareceu a ela, que esperava no portão. Finalmente o velho saiu e, Caroline correu ao seu encontro.

— Papai! O que o Sr. Edmund lhe disse?

— Bem, conversamos sobre casamento. Ele me apresentou a um amigo...

— Um amigo?

— Sim. Um londrino que se mudou para a América. Seu nome é MacKenzie. Está muito bem estabelecido: tem uma fábrica e alguns negócios com a coroa.

— O que isso tem a ver comigo?

— Thomas MacKenzie quer se casar com você.

— Casar!?

— Sim. Isso significa que você deve emigrar para Connecticut. Muitos já foram e se adaptaram bem. O clima é bastante parecido com o nosso, e dizem que é fácil fazer fortuna por lá. Nossa vida aqui não é ruim, mas acredito que em New Haven...

Caroline não esperou a conclusão da frase. Correu em direção à mansão, até alcançar o terraço. Ia contornar a casa quando ouviu a voz de Edmund por uma janela entreaberta. Aproximou-se para escutar.

— ...como vê, o pai não fará objeção. A filha é geniosa, mas pode ser domada. Quanto à beleza, você já viu com os próprios olhos.

— Sem dúvida! — disse um homem de voz rude. — Mas, se estou lembrado, você disse que a transação valeria a pena...

— Claro, claro. Duzentos, como prometi, e mais duzentos se tirá-la do país ainda este mês.

— Está com pressa, hein?

— Vou ficar noivo, e quero poupar minha futura esposa de qualquer desgosto que essa moça possa lhe causar. Mas isso não é de sua conta. Quatrocentos é um preço justo por um bom casamento.

— Quinhentos e está fechado. Trezentos pelo casamento e duzentos pela urgência.

— Está bem, está bem, quinhentos. Você não vai se arrepender de ter voltado à Inglaterra para arranjar uma esposa. Eu pensava que havia mulheres bonitas nas colônias.

— Bonitas e puritanas!

— Bem, dou-lhe minha palavra de que Caroline não tem nada de puritana.

Nauseada pelo que ouvira, Caroline cambaleou até a balaustrada do terraço. Ficou apoiada ali até ouvir alguém assobiar. Levantou a cabeça e viu que Edmund se aproximava, depois de acompanhar o amigo até a carruagem. Ao avistá-la, parou sobressaltado.

— Caroline!

— Edmund! O que significa tudo isso? Você me deu sua palavra de que se casaria comigo!

— Eu... — Por um momento ele hesitou, e uma sombra de culpa passou-lhe pelo

rosto, mas rapidamente recobrou o autocontrole. — Caroline, entenda...

— Você está querendo me vender a esse MacKenzie! Eu ouvi tudo!

— Caroline, por favor, compreenda. Existem pessoas que dependem de mim. Tenho um nome a zelar.

Caroline poderia protestar, lembrando-lhe cada promessa que ele fizera, mas teria sido inútil. A palavra de Edmund era lei em suas terras, e ninguém seria capaz de ajudá-la. O que lhe restava, portanto, era agir com dignidade.

— Muito bem, você pode quebrar qualquer promessa, mas não vai me obrigar a casar contra a vontade. Não vai me despachar para a América para aliviar sua culpa. Viverei para sempre com a vergonha do que fizemos, mas não vou livrá-lo da lembrança.

No final, porém, Edmund vencera, utilizando recursos que ela não poderia prever. Dera mais dinheiro a MacKenzie para que se casasse com Hannah e levasse toda a família para New Haven.

Seduzido pela perspectiva de uma vida rica na América, o Sr. Fielding dera seu consentimento com prazer. Hannah, sempre dócil e obediente, não fizera objeções. Chocada pela rejeição de Edmund, Caroline demorou a perceber o plano e, quando compreendeu, era tarde demais: sua passagem fora comprada. Dias depois, debruçada na amurada do navio, despedia-se da Inglaterra com amargura.

No momento em que depositava um punhado de sementes na terra, Caroline percebeu a aproximação de alguém. Como estivesse abaixada, viu apenas o par de mocassins do recém-chegado. Imediatamente, seus pensamentos abandonaram o passado, fixando-se em Daniel Ledet. Desde o encontro na floresta, esforçara-se por esquecê-lo, mas a decisão de manter-se afastada dos homens durante os últimos anos não produzira qualquer efeito sobre seus sentimentos pelo francês.

Ergueu-se rapidamente, já com um sorriso nos lábios, mas ficou petrificada ao deparar com um índio enorme que a encarava impassível.

Percebendo que Tom se movia na direção da cerca, em busca do rifle, gritou:

— Tom, não! — Virou-se para o sobrinho. O garoto olhava assustado para Daniel, que se apoiava na cerca.

Desconcertada com a súbita presença dos dois homens, Caroline não sabia o que pensar, não conseguia agir.

O que estaria Daniel Ledet fazendo ali, segurando seu rifle e o de Tom com tanta displicência? Tentou compreender a situação. Daniel não lhe fizera nenhum mal antes, mas a presença do índio representava uma ameaça. Com o coração aos saltos, observou-o aproximar-se.

Ao ver o desconhecido encaminhar-se para a tia, Tom atirou-se sobre ele, tentando recuperar a arma.

— Deixe-a em paz! Matarei você se encostar um dedo nela!

Embora levasse vantagem sobre o garoto, em tamanho e experiência, Daniel estava desprevenido e com as duas mãos ocupadas pelos rifles. Foi o índio quem imobilizou Tom, segurando-o contra o peito.

— Solte-me, seu vermelho desgraçado! — o menino esbravejou, desferindo chutes no captor.

— Tom! — Caroline censurou-o. Era a primeira vez que ouvia o sobrinho praguejar.

Clássicos da Literatura Romântica

Enquanto Tom se contorcia, chutava e gritava palavrões, ignorando a tia, Daniel riu.

— Será que um homem não pode praguejar quando teme pela própria vida? — Sacudiu a cabeça e dirigiu-se a Tom: — Promete ficar quieto se Turawah soltar você?

A resposta de Tom foi outro chute no índio, que gemeu, mas manteve a frieza da expressão.

— Ele acha que vocês vão nos machucar — Caroline explicou, deixando claro que sentia a mesma dúvida.

— Pensei que me conhecesse melhor.

— Não sei absolutamente nada a seu respeito — disse ela, disfarçando a emoção que as palavras dele despertaram. — O índio é seu amigo?

— Sim. É da tribo iroquesa, que mantém uma relação pacífica com os britânicos, embora compre armas dos franceses. Um erro dos britânicos, que se recusam a fazer esse tipo de comércio. É uma pena, uma vez que, para os índios, a maior prova de amizade e confiança que um homem pode lhes dar é vender-lhes uma arma.

— Eles não são aliados dos franceses na guerra?

— Os franceses querem lhes tomar a terra, e protegem os algonquianos, que são inimigos dos iroqueses.

— Se é assim, por que esse índio está em sua companhia?

— Sou uma exceção à regra, embora essa condição possa mudar com o próximo chute. Quer, por favor, dizer a seu sobrinho que fique quieto?

— Tom, pare!

Tom continuou a encarar Daniel com expressão desconfiada, mas ficou imóvel quando o índio o soltou. Ignorando seu olhar revoltado, Daniel estendeu-lhe o rifle.

— Acho que isto lhe pertence.

Tom apressou-se em agarrar a arma, porém Daniel ergueu o braço, colocando-a fora de alcance.

— Uma arma só tem utilidade se estiver a seu lado; transforma-se em ameaça nas mãos do inimigo. Se eu quisesse fazer-lhes algum mal, a esta hora você e sua tia estariam mortos, ou seriam meus prisioneiros. Espero que aprenda a lição e nunca a esqueça.

— Sim, senhor — Tom murmurou abaixando os olhos.

— Ótimo. Mudando de assunto, você acha que sua mãe gostaria de uma cesta de ovos de codorna?

— O quê? — Tom levantou a cabeça confuso.

— Uma cesta de ovos de codorna, para cozinhar e comer.

— Claro, ela adoraria! — A idéia o reanimou.

As galinhas trazidas de New Haven haviam se agitado com a viagem e parado, temporariamente, de botar.

— Turawah mostrará a você onde pode consegui-los. — Daniel fez um sinal para o índio e voltou-se para Caroline, que já ia protestar. — É um homem de confiança. Eu lhe entregaria meu próprio filho. — Trocou algumas palavras com Turawah, numa língua incompreensível, e ambos sorriram. — Ele diz que o garoto será um grande guerreiro um

dia.

— É mesmo? — As feições de Tom iluminaram-se, enquanto ele aguardava o consentimento de Caroline.

— Está bem, Tom, pode ir — Caroline concordou, mas o garoto hesitou, olhando para Daniel.

— E meu rifle, senhor?

— Ficarei com ele enquanto você vai buscar os ovos Tom e Turawah afastaram-se em direção ao bosque. Observando Caroline, Daniel constatou que ela mudara desde a última vez em que a vira. Perdera a aparência de mocinha da cidade, tinha o rosto mais cheio e corado. Trabalhava no plantio com o desembaraço de quem conhecia a tarefa e amava a terra. A mudança deixou-o satisfeito.

— Vejo que estão fazendo progressos por aqui — disse ele, referindo-se à plantação.

— Demoramos um pouco na preparação da terra, mas não foi difícil, se levarmos em conta que nunca havia sido cultivada antes.

— Não é bem assim. Os índios plantavam nestes campos antes da chegada do homem branco. Eles pensaram que os colonizadores queriam a terra para uso temporário, e quando se deram conta da intenção dos brancos, já era tarde.

— Pensei que os índios haviam vendido a terra ao general Court.

— É verdade, mas eles achavam que o pagamento era pelo uso, pois não têm a noção de propriedade da terra. Só agora estão começando a compreender. São rápidos no aprendizado de coisas como atirar e fazer comércio, mas têm dificuldade em acompanhar o raciocínio dos brancos. — Entregando-lhe o rifle de Tom, Daniel perguntou: — Você sabe atirar?

— Sei onde colocar a bala e a pólvora.

— Já é alguma coisa. Vamos ver se é capaz de aprender como os índios. — Daniel começou a atravessar o campo.

— Aonde você vai? — perguntou Caroline.

— Vou ensiná-la a atirar. Você vem?

Caroline teve dificuldade para acompanhá-lo através do terreno irregular. Segurava a saia com uma das mãos, e o rifle com a outra. Acabou tropeçando em uma pedra e só não caiu porque Daniel a amparou em tempo. Ao sentir as mãos dele de encontro à sua pele, ela se arrepiou por inteiro.

— Onde estão seu cunhado e os outros? — perguntou Daniel, embora soubesse a resposta.

— Estão todos na floresta cortando árvores. Thomas contratou alguns soldados para agilizar o trabalho.

— O Sr. MacKenzie tem espírito empreendedor, mas é temerário deixar a família protegida apenas por um garoto.

— Acredito que ele tomaria precauções se houvesse algum sinal de perigo; só que ninguém por aqui tem sequer ouvido falar nos índios.

— Se os índios aparecerem, vocês não terão tempo de tomar qualquer precaução. Por que deixam a porta aberta?

Clássicos da Literatura Romântica

— Para arejar a casa. Os soldados...

— Estão cortando árvores. Se eu quisesse, teria entrado em sua casa e assassinado ou raptado todos vocês.

— Portanto, está me ensinando a mesma lição que ensinou a meu sobrinho. — Caroline encarou-o irritada. — Talvez tenha razão; temos sido um pouco descuidados, mas isso não lhe dá o direito...

— Não estou reclamando direito algum — Daniel interrompeu-a. — Como amigo, dei uma sugestão que você pode aceitar ou não. — Virou-se e retomou seu caminho, seguido por Caroline.

Ao alcançarem a cerca, Daniel escalou-a rapidamente. Em seguida, pegou Caroline pela cintura, passando-a para o outro lado.

— O primeiro passo para acertar o alvo é manter o braço firme. Você consegue isso apoiando o cotovelo numa cerca como esta ou no parapeito de uma janela. Já usou uma alça de mira?

— Não. — Caroline tinha dificuldade para concentrar-se, enquanto Daniel parecia totalmente absorvido pela tarefa.

— É fácil. Basta alinhar o ponto e o furo e mantê-los assim até localizar o alvo. — Ele entregou-lhe a arma. Caroline procurou seguir a orientação, porém logo atrapalhou-se, ao sentir Daniel passar o braço ao redor de seu corpo, para ajudá-la com o rifle. — Tente fixar a mira naquele tronco de árvore, na altura do primeiro galho.

Caroline não podia concentrar-se. Estavam muito próximos, como num terno abraço. Aparentemente distraído pela aula de tiro, Daniel afastou-se para ensiná-la a carregar e engatilhar a arma. Seguindo as instruções, uma a uma, ela completou corretamente a operação.

— Está ótimo — Daniel a encorajou. — Agora, voltemos à mira.

Novamente, Caroline se viu nos braços de Daniel, mas manteve a atenção na arma, uma vez que seu instrutor parecia levar a lição muito a sério. Alinhou o ponto e o furo da alça de mira com a base do primeiro galho da árvore.

— Acho que consegui — disse.

— Muito bem. Espere até que a mira esteja firme, e então puxe o gatilho suavemente. Não se esqueça de manter os olhos abertos.

Era mais difícil do que ela imaginara. O peso do rifle fazia com que perdesse o alvo de mira a cada instante.

— Sinto muito. Não consigo manter o foco no alvo.

— Não há pressa.

Daniel aparentava uma tranquilidade que estava longe de sentir. O calor do corpo de Caroline perturbava sua concentração, exigindo-lhe um esforço enorme para manter firme o próprio braço.

Desde o dia em que se haviam encontrado na floresta, Daniel não conseguia afastar Caroline de seus pensamentos. Nunca uma mulher o impressionara tanto. Assim, para evitar um envolvimento ainda maior, decidira não voltar a vê-la. Tentara convencer-se de que o tempo e a distância haviam contribuído para que idealizasse a imagem que guardara dela; certamente se decepcionaria ao revê-la, constatando que a beleza excepcional fora, em sua maior parte, criada pela fantasia.

Clássicos da Literatura Romântica

Com isso em mente, resolvera procurá-la mais uma vez, para comprovar que exagerara seus encantos. Mas, observando-a semear a terra, percebera que a memória fora fiel à percepção: jamais conhecera mulher tão bela. E agora, sentindo-a de encontro a seu peito, tinha vontade de tomá-la nos braços, de beijá-la...

Quando conseguiu alinhar o alvo na mira, Caroline esqueceu as instruções, fechou os olhos e puxou o gatilho. Sentiu uma explosão bem perto do rosto, e algo parecido com um forte soco no peito, que a jogou para trás, de encontro a Daniel.

O impacto do coice da arma deixou-a sem fôlego. Daniel fez com que se sentasse, recostada na cerca.

— Você está bem? — ele perguntou ansioso.

— Acho que sim... e parece que errei.

— Errou. — Daniel riu. — Para uma primeira tentativa está bom. Da próxima vez, lembre-se de não fechar os olhos e de segurar a arma com firmeza.

— Vou tentar.

— Você está engraçada com toda essa pólvora no rosto.

— Caroline! — Pálida, Hannah cruzava o campo às pressas, em direção à irmã.

— Oh, querida, está tudo bem. Devia tê-la avisado... — Caroline tentou acalmar Hannah, que teve outro sobressalto ao ver Tom sair da floresta acompanhado por um índio.

— Mamãe! Tia Caroline! O que aconteceu?

— Nada, nada. Eu só estava aprendendo a atirar. Está tudo bem. — Caroline tomou a mão trêmula de Hannah, que olhava fixamente para o índio. — Calma, querida. Esse homem é um iroquês; estava mostrando a Tom onde se pode encontrar ovos de codorna.

— Sim, mamãe, veja. — Tom entregou-lhe uma cesta cheia de ovos e virou-se para Caroline. — Seu rosto está sujo!

— É, não atirei como devia. O Sr. Ledet estava me ensinando. Hannah, este é Daniel Ledet, um conhecido de Thomas.

— Muito prazer — Hannah murmurou.

— Sinto muito se a assustamos — disse Daniel.

— O importante é que ninguém se feriu. — Hannah esboçou um sorriso. — Vocês ficam para o jantar? — perguntou vacilante, olhando de Caroline para o índio.

— Obrigado, mas não podemos nos demorar mais — respondeu Daniel. — Foi um prazer conhecê-la.

— Igualmente. Com licença, preciso voltar para casa. Venha, Tom — Hannah respondeu automaticamente, ainda trêmula.

— Sim, mamãe. — Virando-se para Daniel, Tom perguntou: — E meu rifle, senhor?

— Não se esqueça do que eu lhe disse.

Daniel entregou a arma ao garoto, que assentiu solenemente, antes de acompanhar a mãe.

— Devo ir com eles — disse Caroline.

— Claro. Há alguém, além de MacKenzie, que possa ensiná-la a atirar?

Clássicos da Literatura Romântica

— Posso pedir a William.

— Quem é William?

— Um dos empregados de Thomas. É um homem muito amável.

— Então, peça que lhe ajude — sugeriu, disfarçando o ciúme que o assaltou de imediato.

— Devo dizer a Thomas que você esteve aqui?

— Eu mesmo direi.

— Ele está na floresta e...

— Neste caso, terei de me guiar pelo som dos machados. — Daniel sorriu. Ao perceber que Hannah havia parado no meio do caminho para olhar para trás, continuou: — Sua irmã está intrigada pela sua intimidade com o inimigo.

— Sim, é melhor que eu vá agora. Quando passará por aqui novamente?

— É um convite?

— Só curiosidade.

— Sendo assim, não posso afirmar com certeza. Trocaram um sorriso de cumplicidade.

.— Obrigada pela aula.

— Vejamos se na próxima você se lembra de segurar o rifle!

— E de abrir os olhos!

Rindo, Caroline virou-se e partiu em direção à casa. E foi desta imagem que Daniel lembrou-se durante as semanas seguintes: Caroline rindo, descalça, em meio ao campo recém-arado.

CAPÍTULO IV

Quando chegou o verão, quente e ensolarado, os pés de milho já estavam da altura dos joelhos de Caroline, e as folhas largas das abobreiras cobriam a terra. O feijão poderia ser colhido em uma ou duas semanas. A pequena horta estava repleta de verduras, e a muda de roseira trazida de New Haven mostrava brotos novos. Elizabeth fascinava-se com o processo de nascimento e crescimento das plantas, e as verificava uma a uma todos os dias, à procura de novas alterações.

Caroline e Hannah sentaram-se lado a lado, no banco rústico talhado por William, ao lado do celeiro. Havia passado a manhã inteira ocupadas em fazer sabão, derretendo gordura e misturando-a com cinzas, no enorme caldeirão colocado sobre a fogueira improvisada no quintal. Era um trabalho cansativo para um dia de verão, e quando terminaram, colocando o sabão pronto em panelas para esfriar, sentiram-se merecedoras de um bom descanso.

Clássicos da Literatura Romântica

Recostadas no banco, as duas assistiam preguiçosamente à brincadeira de pega-pega das crianças. Como Sheila, a caçula, não conseguisse correr, Tom e Elizabeth se revezavam para que a pequena pudesse pegá-los. Cada vez que isso acontecia, Sheila soltava gargalhadas.

— Lembra-se de quando éramos meninas e papai levou os filhotes de lebre para casa? — perguntou Caroline.

— Claro que me lembro. — Hannah suspirou com nostalgia.

— E os carneirinhos? Eram adoráveis. Lembra-se daquele pequenino e preto que quase morreu? Você cuidou do bichinho como se fosse um bebê, e ele acabou sobrevivendo.

— Eu o levava para dormir conosco quando mamãe não estava vendo!

— Sim, e quando ele começava a berrar, você puxava as cobertas para que não o ouvissem! Qual foi mesmo o nome que deu a ele?

— Botão-de-Rosa.

— Botão-de-Rosa. Agora me lembro. — Caroline fechou os olhos com um suspiro de contentamento.

Hannah observou a expressão da irmã, surpresa diante do fato de ser aquela a primeira vez que Caroline mencionava Surrey, desde que deixaram Harrow Hall. Olhando-a mais atentamente, constatou que uma profunda mudança ocorrera: Caroline estava radiante, o semblante sereno, a pele viçosa, e nos olhos havia o mesmo brilho do passado, antes que o Sr. Edmund se aproveitasse de sua ingenuidade, causando-lhe tanto sofrimento.

Quem sabe sua vida não estaria se tornando, finalmente, mais alegre? Ela merecia sentir o mesmo prazer de viver que Hannah sentia. Por mais que Caroline pensasse que sua irmã era merecedora de piedade por ter Thomas como marido, ele dera filhos a Hannah, o que constituía o verdadeiro sentimento de sua vida. Passando a mão sobre a barriga protuberante, Hannah sorriu satisfeita.

Pobre Caroline, pensou Hannah, ela atravessa a vida desconhecendo o prazer de acalantar um filho nos braços. Será que não haveria ainda uma chance de reverter essa situação? Talvez um dos soldados acabasse despertando seu coração adormecido. Seria maravilhoso se isso acontecesse, e já não parecia impossível como alguns meses antes.

Caroline sorriu, pensando na expressão do rosto de Daniel Ledet ao recostá-la na cerca para retomar o fôlego após o coice do rifle. Sabia que seu próprio rosto devia ter parecido duas vezes mais engraçado, com pólvora no nariz, a boca aberta, na tentativa aflita de respirar. Lembrou-se do momento em que se despediram, da promessa silenciosa de encontrarem-se novamente, da maneira como ele segurou-a quando ela tentava fixar a mira. Passou as mãos pelos próprios braços, resgatando a sensação do contato com Daniel.

Nos últimos dias pensara nele com freqüência. Depois de tantos anos de sofrimento, chegava a espantar-se por ter um homem em quem pensar sem amargura. E era bom sentir-se leve, com uma perspectiva de futuro, em vez da sensação de que a vida ficara para trás. Agora, cada vez que olhava as estrelas pela janela do quarto, já não precisava lutar contra a dor. Podia relaxar e saborear prazerosamente as imagens de seus devaneios.

As recordações a faziam sorrir, experimentar uma excitação que imaginara nunca mais ser capaz de sentir. Lembrava-se do primeiro encontro, em Northfield, e depois na

floresta, perto do rio, quando ele lhe afagara o rosto e beijara-lhe a mão.

Após o último encontro, na fazenda, Caroline sentira medo de cometer o mesmo erro do passado. A experiência com Edmund mostrara-lhe suas fraquezas. Outras mulheres eram capazes de vencer as tentações, mas ela sucumbira uma vez, e poderia falhar novamente. Ao mesmo tempo que dizia a si mesma que fora iludida, sabia que jamais poderia usar essa desculpa outra vez. Uma garota que se entregasse a um homem poderia ser chamada de tola, mas havia um nome muito pior para uma mulher que se entregasse a dois.

Caroline evitara os homens durante os últimos oito anos, em parte pela amargura que Edmund deixara em seu coração, mas também porque temia descobrir-se uma mulher sem virtudes. Será que Daniel a cortejaria com a mesma insistência de Edmund, se ela tivesse a força de vontade para resistir à atração que sentia por ele?

À medida que o tempo passava, pouco a pouco seu medo foi cedendo lugar a uma nova idéia. Ao contrário de Edmund, que estivera sempre ao seu alcance, Daniel Ledet era um mercador viajante. Provavelmente passariam semanas ou meses sem se ver e, quando isso acontecesse, seria junto à família, o que lhes daria chance apenas para o flerte no qual já estavam envolvidos.

Em Surrey eram muitas as oportunidades de encontros às escondidas, mas na região selvagem em que vivia agora, as mulheres não passeavam sozinhas, nem na companhia de homens a quem conhecessem superficialmente. Portanto, Daniel Ledet parecia ser exatamente o que ela precisava: um homem com quem podia sonhar sem temer o desastre que lhe pesara nos ombros durante tantos anos.

Na tarde em que chegava a essa conclusão, sentada ao lado da irmã, Caroline viu o rifle de Tom encostado no banco, e novamente voltou a sorrir. Continuava suas aulas de tiro com William, e já dominava a arte de carregar a arma e de manter o equilíbrio do corpo depois do disparo. Ainda tinha dúvidas se poderia acertar um alvo menor que uma casa, mas estava certa de que a prática constante lhe traria maiores progressos.

Embora sentisse cansaço e preguiça, decidiu que aquele seria um bom momento para os exercícios de tiro, uma vez que o cunhado estava ausente — o que a livraria de comentários maldosos cada vez que ela errasse um tiro.

Thomas, acompanhado por um grupo de soldados, estava cortando árvores próximo ao forte. Nos últimos dias, todos sofriam a ansiedade provocada pela espera do desfecho da batalha em Louisbourg. Assim que Caroline terminara a plantação, tinham recebido notícias de que as tropas inglesas haviam desembarcado com sucesso. Poucas semanas mais tarde, dizia-se que o forte fora sitiado. Mas as notícias demoravam demais para chegar àquele fim de mundo, e só o que se sabia por ali era que Louisbourg estava prestes a ser dominada, e que as tropas britânicas se dirigiam para Quebec. Ninguém mencionava a possibilidade de uma derrota dos ingleses.

— Vou praticar um pouco com o rifle — disse Caroline levantando-se.

Hannah fez uma careta.

— Detesto ver você mexendo com essa coisa. Fico sempre com medo que vá explodir no seu rosto.

— Você deveria preocupar-se mais com a possibilidade de uma bala acertar um de vocês por acidente — Caroline replicou em tom de zombaria. Mal acabara de falar, ouviu vozes elevando-se entre as árvores além do campo, e reconheceu a de Thomas entre os demais.

Clássicos da Literatura Romântica

— Ah, que droga! — A expressão de Hannah traía o desconforto que o retorno do marido lhe causava. — Espero que não tenha acontecido nada...

— Pelo menos, não foi nada ruim — Caroline a tranqüilizou, percebendo, apesar da distância, que o murmúrio denotava alegria, não alarme.

No instante seguinte, chegava ao campo uma fila de cerca de doze homens liderados por Thomas que, com o braço sobre o ombro de um soldado, entoava uma canção desafinada, dando sinais de bebedeira.

— Deus do céu! — Hannah exclamou.

— Devem ter notícias de Louisbourg!

— E devem ser boas!

Os homens contornaram o campo, indo em direção à casa, enquanto as crianças corriam ao seu encontro. Caroline viu William levantar Sheila nos braços e depois colocar o chapéu na cabeça de Tom. Até Jonas sorria, o que era de se espantar. Foi então que ela avistou Daniel Ledet no final da fila. De imediato, um sorriso surgiu em seus lábios.

— O que estão fazendo aí paradas, mulheres? Tragam cerveja. Louisbourg foi tomada e o caminho para Quebec está livre! — Thomas falou com voz pastosa, tropeçando nas palavras.

Os soldados aplaudiram com gritos, assobios e tiros para o alto.

— O quê? — Hannah duvidou. — Quebec será mesmo tomada?

— Com toda a certeza — respondeu um soldado que piscava para Caroline.

Ele estava em dúvida se era efeito do uísque que bebera no forte, mas lhe parecia que a cunhada de Thomas estava ainda mais bonita que da última vez em que a vira na fazenda. Diante do sorriso que brincava nos lábios de Caroline, sentiu-se encorajado a arriscar uma briga com MacKenzie para tentar ganhar dela o beijo da vitória. Só que a irmã de Hannah não sorria para ele e sim para o francês. Droga!, pensou o rapaz, decepcionado, enquanto perguntava a si mesmo como o outro conseguira o que todos tentavam sem sucesso.

— Cerveja! — berrou Thomas. — Depressa, pois tenho muita sede e vontade de comemorar!

Enquanto as mulheres providenciavam cerveja, pão e carne, os homens levaram a mesa e os bancos para o terreiro em frente à casa. As crianças, alvoroçadas diante de tanta gente, corriam sem parar de um lado para o outro. Thomas estava tão eufórico com a vitória, que nem ligou quando Sheila começou a chorar depois de cair e esfolar o joelho.

— Pobre criança! — disse Hannah, quando Elizabeth entrou na cozinha carregando a menina. — Elizabeth, acalme sua irmã até que eu termine de servir os homens.

— Deixe isso comigo. — Caroline virou-se com uma jarra de cerveja. — Está quase tudo pronto e posso dar conta do que falta.

Hannah fez que sim, tomando Sheila nos braços. Imediatamente, a criança parou de chorar, como num passe de mágica.

— Não é maravilhoso? — Hannah disse para Caroline. — Pode ser o fim da guerra!

Lá fora, as vozes soavam cada vez mais altas e animadas. Caroline tentava distinguir a de Daniel, quando se deu conta de que, sendo francês, certamente não partilharia da alegria dos demais. Como ele estaria se sentindo? E como os soldados

encaravam sua presença ali?

Thomas costumava guardar as bebidas numa pequena adega sob um alçapão no chão da cozinha. Caroline estava abaixada, tentando suspender um barril, quando ouviu uma voz familiar.

— Deixe-me ajudá-la. — Daniel ajoelhou-se a seu lado. Era a primeira vez que se aproximavam desde o dia em que ele tentara ensiná-la a atirar. Caroline sentiu uma onda de calor envolver-lhe o corpo.

— Está chateado? — ela perguntou, olhando-o nos olhos.

— Por que estaria?

— Por Louisbourg.

— Não tanto. — Ele riu. — Você não conhece Louisbourg: é um lugar esquecido por Deus. Não conquistaram grande coisa.

— E Quebec? Estão dizendo que também será tomada.

— Quebec está bem longe de Louisbourg, e os ingleses falharam em sua primeira tentativa. De qualquer forma, parte das tropas voltaram para o sul. Resta saber como os franceses vão reagir à derrota.

— Você diz "os franceses"...

— O que você esperava?

— Que dissesse "nós". Afinal, francês, não é?

— De nascimento, sim. Faz diferença para você?

— Não exatamente. — Caroline corou tanto pelo que acabara de dizer quanto pela maneira como Daniel a fitava.

Uma explosão de gargalhadas quebrou o silêncio que se fez entre os dois. Então a voz de Thomas sobressaiu-se entre as outras.

— Onde está a cerveja?

Caroline afastou-se de Daniel, que carregou o barril até a mesa onde estava a jarra, e depois encostou-se na parede, observando-a. Ele recebera a notícia da queda de Louisbourg de um comerciante no leste e a levara até o forte, juntamente com seis dúzias de peles de urso. Sabia que MacKenzie iria querê-las, porém, como negociava no forte há muitos anos, não havia razão para fazê-lo seu intermediário.

MacKenzie encontrava-se na floresta, pelas imediações do forte, e, num momento incomum de sociabilidade, convidara todos os lenhadores para um drinque em sua casa. Para Daniel o convite significava a possibilidade de ver Caroline. Ansioso por reencontrá-la, juntara-se ao grupo com o pretexto de transmitir outras notícias da batalha.

Ao ver uma mecha de cabelo solta no pescoço de Caroline, Daniel sentiu o desejo quase irreprimível de tocá-la. Por um lado, estava contente em tê-la tão perto de si, por outro, sentia-se angustiado por ser obrigado a se manter distante. Seu plano era esperar que os outros fossem embora e, quando ficassem a sós, quem sabe, tomá-la nos braços e aspirar o perfume daqueles cabelos negros e sedosos.

Caroline sabia que estava sendo observada, e custava-lhe um grande esforço encher os jarros sem derramar a cerveja sobre a mesa. Cedendo à tentação, levantou os olhos para Daniel.

Clássicos da Literatura Romântica

— E então, continua atirando? — ele quis saber.

— Ah, estou bem melhor! Ainda não acertei ninguém!

— Desde que não tenha mirado alguém... — Ele riu.

Caroline sentiu as mãos tremerem ao se imaginar nos braços de Daniel. E quase ficou sem respiração quando, ao depositar o barril sobre a mesa, ele tocou-lhe o braço, fitando-a com perturbadora intensidade. Por um breve e mágico instante, o mundo ao redor deixou de existir. Porém a voz trovejante de Thomas quebrou abruptamente o encantamento.

— Afinal, onde está a droga da cerveja? Sobressaltados, os dois se afastaram um do outro e se viraram para a porta. Thomas sorriu cheio de malícia.

— Ora, ora, parece que interrompi alguma coisa! — disse, sem a menor preocupação em ser discreto; ao contrário, elevou a voz a fim de que todos os escutassem, provocando sonoras gargalhadas no quintal.

Caroline ficou tensa e nervosa. Via formar-se diante de si nuvens negras de tempestade e nada podia fazer a não ser acompanhar passivamente o suceder dos fatos. Daniel, os olhos faiscantes de raiva, parecia prestes a agredir o dono da casa, para se vingar da grosseria. Caroline adoraria ver o cunhado humilhado pelo francês, mas, conhecendo-o bem, tinha certeza de que tanto ela quanto a família sofreriam horrores, caso Thomas perdesse a briga.

Os dois homens encararam-se por um longo instante. A tensão pairava no ar. Então Daniel voltou-se para Caroline, como se esperasse por seu consentimento para agir. Embora esse gesto a tocasse profundamente, ela preferia evitar o pior para todos. Assim, sem nada dizer, limitou-se a se retirar da cozinha. Thomas seguiu-a com o olhar, e logo virou-se para Daniel.

— Peço desculpas, *monsieur*, mas duvido que o tenha feito perder grande coisa. Ela pode ser bonita, mas não quer saber de homens. Provavelmente, acabei de poupá-lo de uma bofetada. — Com um arremedo de sorriso, acrescentou: — Você devia tê-la conhecido na Inglaterra, quando se comportava de maneira diferente!

Durante uma de suas bebedeiras, MacKenzie contara a alguns soldados a sórdida história do nobre inglês que seduzira a ingênua filha do administrador. A fofoca espalhara-se rapidamente, chegando até os ouvidos de Daniel. Como conhecesse os hábitos da aristocracia, ele não ficou chocado, nem achou que Caroline tivesse alguma culpa no episódio. Estava certo de que ela fora vítima de um mau-caráter, e que já sofrerá demais. Portanto, as insinuações de Thomas constituíam uma crueldade desnecessária que provocava em Daniel o desejo de esmurrá-lo com violência. Mas, sabendo que Caroline sofreria por qualquer imprudência sua, viu-se forçado a reprimir o impulso de agredir o anfitrião.

— Obrigado por ter me poupado da bofetada — Daniel respondeu enquanto pegava a jarra que Caroline deixara sobre a mesa, para levá-la para fora.

No quintal, todos o observavam em nervosa expectativa. Como se nada houvesse acontecido, ele sorriu e ergueu a jarra.

— Desculpem a demora. Faz tanto tempo que não entro em uma casa, que tenho dificuldade até de encontrar a porta!

Os soldados riram, e a tensão dissolveu-se em meio às comemorações. Brindaram a Louisbourg e seus conquistadores inúmeras vezes, sonhando em voltar para casa no outono seguinte, e beberam toda a cerveja a que tinham direito, com duplo prazer.

Divertiam-se ao imaginar um sujeito sovina como MacKenzie lamentando-se de arrependimento pelo impensado gesto de generosidade.

Daniel esforçava-se para participar, disfarçando seu mal estar. Uma única vez, lançou um olhar furtivo para Caroline, que mantinha os olhos impassíveis, fixos na mesa. Sentiu pena dela, embora soubesse que aquela mulher jamais aceitaria a piedade de ninguém.

Seu plano de ficar até a noite estava arruinado. Caroline não lhe permitiria qualquer aproximação, temendo pelo desfecho de outro eventual comentário maldoso do cunhado.

Arrasado pela frustração, jurou que um dia faria Thomas pagar pelo que dissera naquela tarde.

CAPÍTULO V

A notícia da queda de Louisbourg elevou os ânimos ao longo de toda a fronteira. Embora a maior parte das tropas houvesse se retirado, era improvável um novo ataque, e o otimismo imperava naquele verão. A excitação que dominava os soldados do forte Dummer não cederia; pelo contrário, parecia contagiar os demais habitantes da região, que não mais se satisfaziam em ficar em suas fazendas. As histórias da batalha eram contadas e recontadas interminavelmente. Assim, decidiram fazer uma festa no forte para que todos pudessem se reunir e comemorar.

Os soldados haviam se encarregado de espalhar a notícia até que não existisse um fazendeiro em todo o norte que não soubesse da vitória. A família MacKenzie estava entre os primeiros a saberem e, naquela manhã, todos se levaram antes do amanhecer para tomar as providências necessárias antes de partir para o forte.

Durante os meses anteriores, os homens haviam viajado com frequência em busca de madeira, mas as mulheres e as crianças não tinham deixado a fazenda uma única vez desde sua chegada. Portanto, a curta viagem até o forte criara entre eles uma expectativa fora do comum.

O primeiro pensamento de Caroline ao despertar foi para Daniel Ledet. Não o vira desde o dia em que Thomas e os soldados apareceram para anunciar a tomada de Louisbourg — o mesmo dia em que Thomas a insultara diante do francês. Fora uma tarde horrível: Daniel mal disfarçara a raiva que o sufocava, enquanto Caroline permanecera tensa durante todo o tempo, embaraçada demais para encará-lo. Tentara evitá-lo no momento das despedidas, mas ele se aproximara e tomara sua mão, numa atitude de amizade e respeito, assegurando-lhe de que não sentia piedade ou desprezo. Dissera simplesmente: "*Au revoir*".

Au revoir... Até logo. Aquele seria o grande dia, pensou Caroline, caminhando até a janela para admirar a campina e o rio, cobertos pela névoa da madrugada. A brisa agradável prometia um dia de sol e céu azul, perfumado pelas flores silvestres. Pela primeira vez em muitos anos, vestiu-se com esmero: uma saia azul e um corpete da mesma cor sobre uma blusa creme. Ao escovar os cabelos, sentiu-se tentada a deixá-los

soltos, mas, lembrando-se do cunhado malicioso, refez as trancas e prendeu-as em torno da cabeça.

— Caroline, você está linda! — Hannah disse ao vê-la descer as escadas, enquanto as crianças abandonavam suas brincadeiras e arregalavam os olhos para admirar a tia.

— Bem — disse Caroline satisfeita e, ao mesmo tempo, embaraçada —, é um vestido como qualquer outro.

— Não foi o vestido que chamou a atenção das crianças. Estão surpresas porque nunca a viram valorizar a própria beleza.

Caroline sabia a que a irmã se referia. Afinal, não tentara esconder-se durante todos aqueles anos? Mas, naquele dia, embora a razão lhe dissesse para continuar a esconder-se, o coração a encorajava a buscar o prazer, há muito esquecido.

William conduziu Hannah e Caroline para a carroça como se fossem duas princesas, e acomodou Sheila entre elas. Tom e Elizabeth sentaram-se a seu lado, no banco da frente. Thomas e Jonas iam a cavalo.

O forte situava-se no extremo da floresta, à margem do rio. Era construído no mesmo estilo da casa da fazenda MacKenzie, com paredes de madeira maciça, sem janelas. Nos últimos anos, uma pesada cerca fora acrescentada, feita de grossas toras, com as extremidades pontiagudas, colocadas uma ao lado da outra, de maneira que os soldados pudessem se posicionar com seus rifles entre elas. Havia também canhões, possibilitando a defesa de todos os lados do forte.

Na única visita anterior de Caroline, o imenso portão encontrava-se trancado, e Thomas tivera de gritar seu nome e explicar os motivos de sua visita para os soldados de guarda. Desta vez, os portões estavam abertos e o pátio da entrada repleto de carroças, cavalos e uma pequena multidão de visitantes. Pensando nas festas de New Haven, Caroline achou aquela reunião discreta, mas depois dos meses de isolamento, sentia-se até desconcertada no meio de tanta gente.

Algumas casas haviam sido construídas ao longo dos muros do forte. As mais antigas eram bastante rudimentares, térreas, cobertas por telhados de um lado só. As mais novas, porém, eram confortáveis, com dois andares e acabamento cuidadoso. Naquele dia, as portas encontravam-se abertas, com pessoas entrando e saindo todo o tempo, e o ar estava impregnado pelo aroma da comida que era preparada.

Os MacKenzie foram recebidos com muita alegria e os soldados os ajudaram a tirar as crianças da carroça, bem como a pegar a comida e a bebida trazidas para a festa.

— Nossa Senhora! — Hannah exclamou, olhando em volta. — Parece que o mundo inteiro está aqui! Veja, lá está a mulher que nos hospedou em sua fazenda.

Virando-se, Caroline a viu parada a um canto, os olhos perdidos e as mãos ásperas cruzadas sobre o avental.

— Pobre criatura — Hannah murmurou enquanto cobria a barriga com a mão, num gesto supersticioso, como se a lembrança da infelicidade da outra pudesse trazer-lhe má sorte. — Tom, cuidado! — gritou, distraído-se do mau pensamento. — Vai derrubar a torta de morangos!

Caroline segurou a torta em tempo, passando-a para o soldado postado a seu lado. Estendendo-lhe uma cesta de comida, correu os olhos pelo pátio, à procura de Daniel. Embora a festa não fosse chamada de feira, qualquer reunião no norte representava uma boa oportunidade para os comerciantes. Alguns, vindos de Northfield, haviam trazido grande variedade de mercadorias, que se encontravam expostas no chão do pátio,

Clássicos da Literatura Romântica

juntamente com utensílios rústicos produzidos por soldados e fazendeiros. Com certeza Daniel não perderia a chance de vender ou trocar suas peles, mas não se encontrava lá.

As bebidas estavam dispostas sobre duas grandes mesas de cavaletes, montadas ao longo de um dos muros. Uma infinidade de jarros contendo uísque, cerveja, cidra e chá ocupava todo o espaço disponível.

As mulheres andavam de um lado para outro na varanda de uma das casas, cuidando dos pratos e bandejas que chegavam com os convidados. Havia codorna assada, carne de cervo defumada, salmão, pickles, broas de trigo e de milho, e dezenas de tortas de frutas.

O lugar estava repleto de crianças que rodeavam as mesas como lobos famintos, até serem enxotadas por suas mães. O bom humor e a alegria pairavam no ar, pois uma festa como aquela era rara.

As competições começaram quando um fazendeiro gigantesco, mas de jeito bonachão, lançou um desafio a todos os homens presentes para uma luta livre. Um dos soldados adiantou-se para o centro do ringue improvisado, sendo aplaudido pelos colegas do forte. Despidos até a cintura, os dois homens puseram-se a andar em círculos, tentando golpear um ao outro, até que se engalfinharam e rolaram pelo chão, em meio a uma nuvem de poeira e uma gritaria animada dos espectadores.

Caroline logo percebeu a diferença entre aqueles jogos e os que assistira na Inglaterra, onde os soldados eram profissionais. Ali, as pessoas se dividiam em grupos de torcida apenas em função do esporte e da diversão. Na verdade, eram como irmãos, unidos na luta contra o inimigo comum. Os soldados não passavam de fazendeiros e artesãos, recrutados para a guerra iminente.

Finalmente, o desafiante subjugou o soldado, derrubando-o no chão. A expressão de surpresa no rosto do rapaz ao cair provocou muitas risadas. O vencedor estendeu-lhe a mão para que se levantasse, ao mesmo tempo que gritava:

— Quem será a próxima vítima?

As lutas continuaram por mais de uma hora. O gigantesco fazendeiro derrubou o segundo oponente, mas foi vencido pelo terceiro, saindo da contenda sob gritos e aplausos.

Caroline torcia e aplaudia como os outros, mas seus olhos esquadrihavam a multidão, tentando divisar os cabelos loiros de Daniel. Ainda não o vira, mas muita gente chegara na última hora, e ele poderia estar atrás daquele mar de cabeças e ombros. Ela esticava o pescoço para um lado e para o outro, colocava-se na ponta dos pés; em vão, pois não conseguia localizá-lo.

Quando as lutas terminaram, teve início um campeonato de tiro. O alvo era uma noz pendurada num fio, que pendia a três metros do chão. Os atiradores deveriam posicionar-se a vinte metros de distância. Aqueles que acertassem tentariam de novo, a trinta metros, e assim por diante, até que restasse somente um. O prêmio era um cinto feito de búzios iguais aos que os índios usavam como dinheiro.

Os participantes, bem-humorados, alinharam-se. Os soldados estavam em desvantagem, uma vez que a maioria deixara seus rifles em casa, levando apenas os mosquetes fornecidos pelo governo. Como os mosquetes podiam ser armados e carregados rapidamente — até três vezes por minuto —, era a arma preferida na guerra. Os rifles, porém, tinham alcance mais longo e maior acuidade, sendo preferidos pelos fazendeiros, que os usavam para caçar. A disparidade foi logo resolvida: todos

partilhariam os rifles à disposição.

A maioria dos participantes eram bons atiradores, mas o alvo era pequeno, e muitos já haviam consumido boa quantidade de cerveja e uísque. Dos quarenta que tomaram parte na primeira rodada, pouco mais de meia dúzia conseguiu passar para a segunda. À medida que a competição prosseguia, a assistência animava-se mais e mais. De repente, um murmúrio elevou-se com a chegada de um novo participante.

Era Daniel Ledet, que abria caminho por entre a multidão, tendo a cabeça e os ombros quase encobertos pela pilha de peles que carregava. Jogando o fardo no chão, endireitou-se e pegou o rifle.

Caroline sentiu o coração parar. Daniel não a viu. Olhava fixamente para a noz pendurada no fio.

— Ele veio para a competição? — um homem perguntou ao companheiro, ao lado de Caroline.

— Se veio, chegou tarde, pois perdeu a primeira rodada.

— Bem, ele pode tentar, se quiser. Afinal, é só esporte.

Essa parecia ser a opinião de todos os presentes. Os competidores não só permitiram que Daniel se juntasse a eles, como o convidaram para ser o próximo. Ele carregou a arma, apontou e, quando apertou o gatilho, a noz desapareceu.

Caroline, que assistia a tudo com a respiração suspensa, sentiu Hannah tomar sua mão e apertá-la. Ao virar-se para a irmã, viu que sorria.

Depois de várias rodadas, restaram apenas três atiradores: Daniel, um fazendeiro e um soldado. O capitão que organizava a prova anunciou que, a partir de então, teriam de acertar um alvo móvel. Tomou posição e pediu que o soldado fizesse o mesmo. Quando o rapaz acenou, sinalizando que estava pronto, o capitão jogou uma noz para o alto. O soldado acompanhou a trajetória na mira do rifle e atirou. Um instante depois, a noz caiu inteira no chão.

Um murmúrio de desalento emergiu da multidão, seguido de gritos de cumprimento e consolo. O soldado deu de ombros, sorrindo, e devolveu o rifle a seu dono.

O seguinte foi o fazendeiro e, mais uma vez, a noz alcançou o chão intacta.

— O que acontecerá se os três errarem? — perguntou Hannah.

Ele não vai errar, pensou Caroline, observando Daniel, que tomou posição e deu o sinal. Pela terceira vez, o capitão jogou a noz, que subiu, perdendo velocidade até parar, suspensa no ar, e então começou a cair.

Por que não dispara? Teria desistido? Caroline desviou os olhos da noz no exato momento em que ele puxava o gatilho.

A multidão explodiu em aplausos, enquanto o capitão se abaixava para pegar um fragmento que restou do alvo. Daniel desapareceu em meio à turba que correu para congratulá-lo. Sem pensar, Caroline deu um passo em sua direção e, no mesmo instante, ouviu um sussurro malicioso:

— Isso mesmo, garota! É melhor se apressar para agarrá-lo, antes que outra o faça! — Thomas apontava para o círculo que se formara em torno de Daniel, onde se encontravam várias mulheres. — Devia ter aprendido com a experiência! — acrescentou o cunhado, afastando-se.

Caroline não se atreveu a dar outro passo. Hannah, que procurava algo

reconfortante para lhe dizer, perdeu a voz diante da intensidade do ódio que brilhava nos olhos da irmã.

Terminado o torneio de tiro, várias mesas e bancos foram trazidos das casas para o pátio, e o jantar foi servido ao ar livre. A fartura e a boa qualidade da comida confirmavam o sentimento geral de que aquela era uma terra fértil e hospitaleira, cheia de promessas para o futuro. O capelão do forte refletiu os pensamentos de todos numa oração de agradecimento e rezou, também, para que os franceses rogassem pela paz.

— Acha que ele se dirigia a mim? — Daniel perguntou por sobre o ombro de Caroline, que ajudava as outras mulheres a servirem a comida. Falou baixo, de forma que só ela escutasse.

— A quem você rogaria? — Ela virou-se sorrindo, feliz por tê-lo tão perto.

— A seu cunhado, talvez, mas em outros termos! — Encarou-a por um momento e, então, dirigiu-se a outra mesa, onde ainda havia espaço para sentar-se.

Caroline não se importou com o afastamento. Aquelas poucas palavras haviam apagado sua tristeza, transformando Thomas num segredo que partilhariam. Confirmaram, também, suas esperanças: Daniel compreendera que Thomas continuaria a atormentá-la se o visse a seu lado; ao mesmo tempo, deixara claro que ela estava sempre presente em seus pensamentos. Durante o torneio, ele não lhe dirigira o olhar, mas agora ela sabia que fora vista, assim como Thomas, parado logo atrás. Sentiu como se um grande peso tivesse sido tirado dos seus ombros. Sorrindo, pegou uma bandeja vazia para substituir por outra vinda da cozinha.

Já escurecera por completo quando o jantar terminou. Algumas crianças ainda brincavam, mas a maioria cochilava no colo das mães, que as levavam para as casas, e as colocavam nas muitas camas disponíveis. Enquanto isso, os homens afastavam mesas e bancos, para dar início ao baile.

Cinquenta anos antes, no final do século anterior, esse tipo de celebração era proibido por ser considerado um pecado. Na verdade, ainda havia muita gente na Nova Inglaterra que achava a dança uma coisa do demônio. Toda cidade ou vila possuía seu grupo de puritanos radicais. Mas aqueles que tinham espírito para conquistar a região selvagem e deserta compreendiam melhor a importância dos momentos de diversão. Depois do isolamento infligido pelo inverno longo e rígido, e da incerteza trazida pela guerra, mesmo a alma mais pura necessitava de um alívio.

A "orquestra" consistia de dois violinos e uma gaita. Os músicos, postados sobre uma mesa, tocavam galopes e quadrilhas. Quem sabia dançar, exibia seus passos; quem não sabia, improvisava.

A gravidez de Hannah a impedia de participar, portanto, sentou-se ao lado de outra mulher grávida. Caroline também sentou-se, assumindo uma postura de tranquilidade, embora no íntimo estivesse bem agitada. Em New Haven, costumava ir a festas e permanecer sentada a um canto. Não encontrava prazer na música ou em qualquer outra diversão, desejando apenas ser ignorada. Desta vez, desejava muito mais.

Queria dançar com Daniel, rir com ele, sentir a mão dele na sua, acompanhá-lo passo a passo. Seu coração dividia-se entre a sede de prazer e o medo do que poderia acontecer se se atrevesse a seguir seus ímpetos. Tinha mais receio de si mesma do que dos comentários de Thomas, pois, logo após o jantar, ele se trancara em uma das casas com um grupo de homens para beber e jogar cartas. Isso, provavelmente, o manteria ocupado a noite toda, uma vez que jamais perdia uma chance de ganhar uns trocados.

Imaginou se Daniel sabia onde Thomas estava. Ao erguer os olhos, viu que ele

Clássicos da Literatura Romântica

dançava com uma moça de cabelos castanho-claros, e sentiu um aperto no coração. Talvez ele não a tirasse para dançar, para seu próprio bem. Talvez fosse melhor assim, mas não suportaria vê-lo dançar com todas as mulheres, menos com ela.

Totalmente absorvida por sua luta interior, não percebeu o soldado que se aproximava.

— Srta. Fielding — ele disse, curvando-se. — Posso ter o prazer desta dança?

Caroline sobressaltou-se. Fixara o pensamento em Daniel, e não lhe ocorrera que outro homem poderia convidá-la. Sacudiu a cabeça automaticamente, provocando no rapaz uma profunda decepção.

— Aceite, Caroline! — Hannah segurou seu braço. — Afinal, o número de homens é muito maior que o de mulheres. É quase um dever patriótico!

— Isso mesmo! — disse o soldado, um jovem de rosto redondo e amigável. Seus olhos não pediam mais que alguns momento de inocente diversão.

— Está bem — Caroline concordou, acompanhando-o à pista de dança improvisada.

Dançaram um galope que a deixou sem fôlego pela falta de prática. Mal a música cessou, uma outra já se iniciava, e outro homem parava à sua frente, pedindo que o acompanhasse. Caroline dançou as cinco músicas seguintes sem nenhum descanso e, embora as pernas lhe doessem e os pulmões queimassem pela falta de ar, tinha o espírito leve e sentia-se jovem novamente, como não imaginara que poderia.

Ao terminar a quinta dança, fechou os olhos, tentando recuperar o fôlego e, quando os abriu, Daniel estava bem à sua frente.

— A senhorita me daria o prazer? — ele perguntou, curvando-se. Em resposta, ela lhe estendeu a mão, sem voz para dizer qualquer coisa. Abandonou-se ao prazer da música e dos braços de Daniel.

Ele queria evitar um novo confronto com MacKenzie, por isso não a tirara para dançar logo de início, embora estivesse atento a todos os seus movimentos. Vira o soldado aproximar-se de onde ela se sentava. Ansiara pelo momento em que poderia, finalmente, ser seu par, recebendo seu sorriso e segurando sua mão. Observara-a durante cinco danças, como se assistisse a uma flor em botão que se abria para o esplendor da primavera. Olhando sua beleza madura, adivinhou-lhe o brilho da juventude. Podia imaginá-la como devia ter sido, aos vinte anos, dançando nas festas da vila, e quase desculpava o nobre inglês que mentira para possuí-la.

À medida que o tempo passava e MacKenzie não aparecia, Daniel cedeu à tentação, sabendo, pelo sorriso com que o cumprimentara, que Caroline também ansiava por ele.

Dançavam uma quadrilha, não como se dançava em Paris ou Montreal, mas da maneira rude e bem-humorada que fazia parte da vida na fronteira. Daniel não dançava com frequência, mas vivia em constante exercício, o que lhe dava bastante agilidade. Duvidava que Caroline dançasse em New Haven, e surpreendeu-se diante da facilidade com que ela o acompanhava. Deliciava-se ao vê-la afastar-se, para reaproximar-se em seguida, e cada vez que seus olhos se encontravam, os dela apresentavam um brilho renovado.

Quando os violinos emitiram os últimos acordes, ambos aplaudiram, sorrindo um para o outro. De repente, as feições de Caroline endureceram, e antes que Daniel pudesse virar-se para saber o porquê da mudança, ouviu um sussurro gutural:

— Gosta da minha cunhada, não é mesmo? Compreendo que ela valha toda a encrenca que possa causar. Talvez esteja um pouco enferrujada, mas você pode

colocá-la em forma sem dificuldade.

Embora Thomas falasse baixo, Caroline ouviu suas palavras. Foi tomada por uma sensação de vertigem; as imagens à sua frente tornaram-se embaçadas. Percebeu apenas um movimento rápido e o vulto do cunhado tombando no chão. Daniel acertara-lhe um violento soco no queixo e, pela fúria com que o fitava, parecia que ia atirar-se sobre ele e golpeá-lo novamente. Mas, depois de um instante, vir ouse e abriu caminho por entre as pessoas que se juntavam, curiosas, ao redor.

Sem pensar, Caroline o seguiu. Como ele andasse depressa, e ela ainda tivesse os olhos embaçados pelo mal-estar provocado por Thomas, logo perdeu-o de vista. Dando cotoveladas e murmurando desculpas, atravessou a pequena multidão e viu Daniel caminhando a passos largos, já nos limites do pátio. Pensou em gritar para que ele a esperasse, mas preferiu segurar a saia e correr em sua direção.

Ao chegar à fileira de carroças estacionadas, Daniel parou, escutando os passos que o perseguiam. Caroline o alcançou no momento em que ele se virou.

Daniel também respirava com dificuldade, e seus olhos faiscavam. Por um momento, fitaram-se em silêncio. Então, atiraram-se nos braços um do outro, unindo-se num beijo apaixonado.

Foi como se uma comporta se abrisse no peito de Caroline, liberando de uma só vez tudo o que ela reprimira e negara ao longo dos anos. Abandonou-se à paixão violenta com que era beijada e acariciada.

O ardor da raiva, que inflamara Daniel momentos antes, transformara-se em desejo; a razão mergulhou num caos de pensamentos desencontrados, e os sentidos enfraqueceram. Queria apertá-la cada vez mais, até torná-la parte de si. Pelo calor da reação de Caroline, constatou que ela também o desejava. Não o rejeitaria naquele momento.

Mal formulara tal pensamento, quando percebeu um movimento de hesitação, e soube no mesmo instante que ela pensara o mesmo. Daniel poderia possuí-la naquela noite, mas, se o fizesse, nunca mais a teria. O que ele tinha a oferecer, Caroline já partilhara antes; enquanto o que ela realmente precisava, ele não poderia lhe dar. Podia proporcionar-lhe momentos de paixão, mas não a segurança de um casamento, nem o lar e a família que lhe haviam sido negados uma vez.

Separaram-se abruptamente, e fitaram-se por um longo momento. A música e o vozerio soavam distantes, como se viessem de um outro mundo. Caroline deu-se conta do abismo que os separava e, com um soluço, virou-se e desapareceu na escuridão.

Daniel ouviu o eco dos passos que se afastavam, enquanto um imenso vazio invadia-lhe o peito. Em poucas horas, o sol nasceria, trazendo um novo dia, e mesmo sabendo que seria assim, duvidou que a vida retomasse o seu curso natural a partir daquele momento.

Como poderia viver com a dor dilacerante que a ausência de Caroline lhe infligia? Por outro lado, que outra alternativa lhe restava? Seria capaz de mudar por ela? A despeito do sofrimento que o atormentava, Daniel sorriu ao imaginar-se vivendo em uma fazenda. Após umas poucas horas, os muros do forte já o sufocavam. Sua vida era a floresta, e a liberdade do céu aberto lhe traria o bálsamo para a ferida recém-aberta...

Sentiu o coração contrair-se ao pensar que Caroline não teria a mesma sorte. Além do sofrimento a que a vida a submetia, ainda era obrigada a suportar a estupidez do cunhado. Daniel se arrependeu por não tê-lo matado minutos antes. Assim, ao menos, partiria aliviado em saber que a deixara livre daquele fardo. Caroline não precisava de um

amante, mas de um amigo... Poderia ser ele esse amigo? Embalado pela música que recomeçava, Daniel começou a pensar no assunto.

CAPÍTULO VI

A festa terminou ao amanhecer. As famílias tomaram seus caminhos, gritando despedidas, enquanto as carroças rangiam pela campina que se estendia além do forte.

— Talvez tenhamos outra festa depois da colheita — gritavam alguns. — Se tudo correr bem.

Ao alcançarem a floresta, viraram-se e acenaram para os soldados que assistiam à partida do cortejo, parados diante dos portões. Fora uma ótima festa, exceto, talvez, pelo soco que o francês dera em MacKenzie, embora a maioria concordasse que fora bem merecido.

Alguns desconfiavam que o francês era um espião, mas aqueles que o conheciam há mais tempo riam da idéia. Os comerciantes de Northfield e Albany poriam a mão no fogo por ele. E quem se esqueceria de seu desempenho no torneio? As recordações da festa preencheriam o cotidiano por muitas semanas e, quem sabe, se tudo corresse bem, outras comemorações viriam. Se tivessem sorte, a guerra não chegaria à fronteira. Então, estariam livres para expandir e incrementar suas fazendas e plantações. A vizinhança era boa e a terra, fértil. O futuro seria promissor se a guerra terminasse. O rangido das carroças parecia um eco dessas esperanças: se... se...

Mas a guerra não acabou. Uma semana depois da festa, um fazendeiro foi encontrado morto, escalpelado. William Phipps trabalhava na colheita do milho, em sua fazenda, quando foi atacado por um bando de índios. Dois deles o arrastaram para a floresta, enquanto os outros seguiram adiante. Phipps, que era alto e robusto, conseguiu derrubar um dos índios, tomar-lhe a arma, e atirar no outro. Embora ferido, tomou o caminho do forte, com a intenção de dar o alarme e pedir proteção para sua família. O índio que ele atacara voltou a si pouco tempo depois e alertou o resto do bando, que o alcançou antes que chegasse ao forte. Mataram-no a sangue-frio, e o escalpelaram.

O corpo foi encontrado por um grupo de soldados a serviço de Thomas. Enviaram um mensageiro ao forte e, quando lá chegaram, a guarnição foi dividida em três partes. A primeira ficaria para proteger o forte, enquanto as outras duas saíam para avisar os fazendeiros sobre o ataque e, se possível, capturar os assassinos de Phipps.

Os índios escaparam. As patrulhas não encontraram o menor sinal deles, embora deveriam estar por perto. Afinal, por que fariam uma viagem tão longa por um único escalpo?

A alegria da tomada de Louisbourg desvaneceu-se na poeira do final do verão, dando lugar à ansiedade e ao medo. Todos temiam e procuravam se proteger de um novo ataque, mas uma semana se passou, e depois outra, sem qualquer sinal dos selvagens. Mesmo assim, a pressão era intensa e muitas famílias decidiram voltar definitivamente

para o sul.

A maioria, entretanto, preferiu esperar pelos acontecimentos. Estavam conscientes do perigo, mas não queriam abrir mão do que haviam conquistado com dificuldade e muito trabalho, principalmente estando tão próximos da época da colheita. Aqueles campos e fazendas eram seus lares. Assim como os primeiros colonizadores de Northfield, no século anterior, estavam determinados a não permitir que o medo os derrotasse.

Alguns achavam que a morte de Phipps poderia ter sido acidental; talvez ele houvesse provocado a ira dos índios. Mas qualquer um que o conhecesse sabia que essa hipótese era improvável. Além do mais, o que os índios estavam fazendo em suas terras?

As notícias puseram Hannah em pânico. Pálida, os olhos dilatados de pavor, suplicara a Thomas que partissem.

— Meus pobres filhinhos — lamentava, encolhida na cadeira, balançando-se para a frente e para trás, enquanto William cuidava de levar as crianças para o quarto. Caroline sentou-se ao lado da irmã e abraçou-a.

— Hannah, os soldados não encontraram nenhuma pista dos índios. Talvez já estejam longe, a caminho do Canadá.

— Não estão! — Hannah insistiu, sacudindo a cabeça com veemência. — Estão aí, na floresta, vigiando-nos neste momento! Não sente seus olhos horríveis pousados sobre nós? — perguntou trêmula, olhando em volta. — Devem ter nos observado durante as últimas semanas, imaginando nossos escalpos pendendo de seus cintos.

— Hannah! — Caroline exclamou, chocada com a morbidez da irmã.

— E verdade! E você sabe tanto quanto eu que o escalpelamento não é o pior! Eles torturam os prisioneiros, fazendo-os andar sobre brasas, e matam criancinhas só porque choram.

Caroline elevou a voz, contrariada:

— Essas coisas aconteceram há muitos anos. Sei que mataram o Sr. Phipps, mas não o torturaram. Talvez nem pretendessem matá-lo e, por isso, fugiram.

— Não fugiram. Sei que estão aqui. Querem nos matar a todos!

— Acalme-se, querida. — Caroline suspirou, afagando-lhe os cabelos.

Embora soubesse que a irmã estava certa quanto à crueldade dos índios, não queria acreditar que tudo terminaria daquela forma. Não podia imaginar-se abandonando a plantação, já pronta para a colheita; fora criada no campo, e todo o seu ser se rebelava diante de tamanho desperdício. Pensando na festa do forte, lembrou-se do poder gerado pela união da comunidade. Se os índios estivessem mesmo por ali, como Hannah acreditava, provavelmente esperavam pela reação dos colonizadores. Se constatassem que não partiriam, talvez desistissem e voltassem ao Canadá. Com certeza, valeria a pena esperar.

Hannah estremeceu a seu lado. Embora o quarto estivesse quente, Caroline pegou um cobertor para envolvê-la. Tinha pena dela, e compreendia seu desejo de partir. Mas nem toda a piedade do mundo poderia levá-la a partilhar os sentimentos da irmã. Hannah possuía uma casa à sua espera em New Haven, e também uma família. O norte não lhe oferecia nada que não pudesse encontrar no sul, exceto a incerteza, o perigo e um longo inverno pela frente. Era fácil entender seu desespero para partir.

Para Caroline, entretanto, era diferente. New Haven não lhe oferecia absolutamente

Clássicos da Literatura Romântica

nada além do tédio dos últimos oito anos, enquanto a nova terra significava esperança. Ali, reencontrara o prazer de viver, precioso demais para ser desprezado tão facilmente. Voltar para New Haven representaria renunciar a Daniel pelo resto de sua vida. Não podia fazê-lo. Pelo menos, não ainda, tão cedo.

Desde a festa no forte ele não lhe saía dos pensamentos. Mesmo naquele momento, olhando para Hannah, via o rosto dele, os olhos azuis faiscantes, como naquela noite, repletos da mesma dor e desejo que a invadiam.

Antes de beijar Daniel, Caroline não tinha noção do que a ameaçava verdadeiramente. Temia repetir o erro que cometera com Edmund, ao permitir-lhe a intimidade que queria. Agora, porém, não se tratava de permissão, e sim de desejo mútuo, algo que não conhecera antes. A despeito do quanto sofrera por Edmund, ano após ano, pouco lembrava de suas carícias, que recebera com resignação, como se fossem o preço a ser pago pelo futuro esperado.

As carícias de Daniel, ao contrário, tinham o sabor de uma promessa cumprida. A lembrança incendiava-lhe a alma, varria-lhe da mente todos os outros pensamentos. A paixão que haviam partilhado nascera de uma mistura de raiva e alegria, e explodira com poder assustador quando seus lábios se tocaram. Naquela noite, desejara Daniel com todas as suas forças, e não saberia dizer qual dos dois se afastara primeiro.

Mas havia muito mais que desejo em seu coração: havia a emoção despertada pela maneira como Daniel se dirigira a ela quando servia o almoço no forte, e como se despedira no dia em que receberam as notícias de Louisbourg. E, também, como a ensinara a atirar, e como golpeara MacKenzie por tê-la insultado. Apreciava a amizade e o respeito que ele dedicava não só à sua beleza, mas também a seus sentimentos. Ansiava, muito mais por sua companhia do que pelas carícias apaixonadas que haviam trocado. Daniel lhe reservara um lugar em seu coração, mas não poderia fazer o mesmo em sua vida. Depois do que acontecera na festa, Caroline reconhecia o perigo de um novo encontro, e sabia que Daniel procuraria evitá-la. Ainda assim, acreditava que se estivesse correndo perigo ali, ele lhe diria para partir.

E se o fizesse? Se Daniel fosse à fazenda e lhe ordenasse que partisse? Retornaria a New Haven para atender a um pedido dele? Era um dilema terrível. Não teria sequer o consolo da fantasia de que partiriam juntos. Não havia lugar para ele em sua vida, assim como, na vida dele, não havia lugar para ela. Sabia que, se fosse para o sul, nunca mais o veria.

Encontrava-se dividida entre sentimentos contraditórios: sentia a falta de Daniel, mas temia encontrá-lo. A paixão que explodira naquela noite no forte ainda ardia no peito de ambos, como uma chama fraca, porém constante. Agora, sentada ao lado da irmã, sabia o que aconteceria se desse vazão às emoções: o fogo queimaria rapidamente, restando apenas a desilusão e um novo sentimento de culpa. Será que Daniel continuaria a desejá-la depois de tê-la uma vez? Por algum tempo, talvez, como acontecera com Edmund; ou, simplesmente, poderia se afastar, decepcionado. E como ela suportaria a própria vergonha? Seria possível serem bons amigos? Não sabia. Assim, continuou com seu dilema, incapaz de avançar ou recuar. Devia cuidar de Hannah e, enquanto isso, aguardar o retorno de Daniel.

Finalmente Hannah concordou em ficar na fazenda, sob duas condições: a primeira, se houvesse um novo ataque, partiriam imediatamente; e a segunda, as crianças partiriam de qualquer maneira, assim que possível. Thomas estava ocupado demais com o corte das árvores; assim, William levaria o trigo para ser moído em Northfield, logo após a colheita. As crianças iriam com ele até a vila, onde tomariam a diligência para New Haven. Passariam o inverno com os avós. Se a primavera chegasse sem mais

problemas, então retornariam. E, claro, se a guerra terminasse, nem chegariam a partir.

Enquanto isso, a fazenda MacKenzie juntou-se aos demais postos fronteiriços no reforço à defesa da comunidade. As famílias cujas propriedades eram menos seguras abrigaram-se no forte, e os homens iam todos os dias cuidar das plantações. Onde havia maior segurança, soldados se revezavam na proteção dos moradores. Toda noite, dois ou três soldados dormiam na casa dos MacKenzie, o que deixava Hannah mais tranquila.

O mês de agosto passou rapidamente. Mais uma vez as folhas dos salgueiros amarelavam e caíam no rio, que as arrastaria para o sul. As bétulas começaram a mudar de cor, e o tom avermelhado dos sumagres destacava-se do verde predominante. A floresta fervilhava com a correria dos animais que, dia e noite, armazenavam o alimento que os proveria durante o inverno.

A ausência de novos ataques renovou a chama de esperança. O pânico, lentamente, cedeu lugar à calma, e os colonizadores voltaram a sonhar com o futuro próspero.

Chegou o tempo da colheita. William, Thomas e Jonas atravessaram o campo, formando uma só linha, as segadeiras movendo-se para frente e para trás, à medida que a ramagem dourada tombava. A gravidez de Hannah já estava muito adiantada para que ela pudesse ajudar, mas Caroline e Tom seguiam os homens, juntando o trigo em feixes. Dois soldados armados postavam-se na extremidade do campo, vigiando a floresta com atenção.

Não fosse a presença dos soldados, tudo seria como em Surrey, quando ajudavam os fazendeiros na colheita. Ao parar para tomar um gole de água no balde que Hannah trouxera, Caroline admirou com orgulho o campo ceifado. Então, como se possuíssem vontade própria, seus olhos se voltaram para a floresta, à procura de Daniel.

Seguindo o olhar de Caroline, Hannah foi tomada pela ansiedade, passando a perscrutar as sombras.

— Acha que há alguém lá? — perguntou torcendo as mãos.

— Alguém? — Caroline virou-se embaraçada. Poderia Hannah ser tão observadora... e ter tão pouco tato?

— Índios — disse Hannah, olhando de relance para Thomas, que detestava qualquer indício de inquietação.

Caroline riu de alívio.

— Não, eu não procurava por índios.

Não percebera Thomas a seu lado, esperando a vez de tomar água. Desde o dia da festa ele a deixara em paz, talvez em respeito aos nervos abalados de Hannah, mas, com certeza, por sua própria preocupação com a madeira. Agora que os soldados estavam ocupados com as patrulhas, restavam apenas William e Jonas para ajudá-lo no corte. A colheita dos campos e o perigo constante de um ataque indígena atrasaram ainda mais o seu trabalho.

Como os demais, Thomas rezava para que não ocorressem novos ataques. Embora assegurasse a Hannah que partiriam caso isso acontecesse, não tinha a menor intenção de abandonar suas árvores. As toras estavam empilhadas ao longo da margem do rio, esperando apenas o momento e os meios pelos quais seriam carregadas para o sul. Isso lhe traria dinheiro suficiente para comprar mais terras na região e iniciar o estoque para o posto comercial que planejava estabelecer. Thomas não nutria grande simpatia pela região da floresta, mas reconhecia que, enquanto a Inglaterra mantivesse a América em regime de colônia, as possibilidades de sucesso para um comerciante nas cidades eram

Clássicos da Literatura Romântica

limitadas. O comércio na fronteira, porém, oferecia excelentes oportunidades, uma vez que a maior parte das negociações não se sujeitava às leis. A guerra representava uma inconveniência temporária, cujo término valia a pena esperar. Em breve haveria muito dinheiro correndo por ali, e Thomas pretendia abocanhar uma boa parte dele.

Ouvindo a risada de Caroline, Thomas comentou, sem levantar os olhos do balde:

— Ela não está preocupada com índios, mas com o amante francês que arranjou. Bem, não adianta esperá-lo. Ele já cumpriu sua missão e voltou para o Canadá.

— Que missão? — perguntou Hannah.

— Espionagem, claro! Passando informações aos índios, para que soubessem onde e quando atacar. Aposto que o escalpe de Phipps está pendurado em seu cinto.

Caroline empalideceu de raiva, mas, antes que pudesse responder, Thomas já retornara ao trabalho.

— Não lhe dê ouvidos — Hannah tentou acalmá-la. — Ele ainda está aborrecido pelo que aconteceu no forte.

— Não foi nada. — Caroline apressou-se em voltar ao trabalho, para que Hannah não percebesse a mágoa que a sufocava. Era incrível como Thomas conseguia atingi-la nos pontos mais vulneráveis.

Quatro semanas haviam se passado desde a festa no forte e, embora mantivesse inabalada sua confiança em Daniel, ele não aparecera. Seria mesmo um espião? Enquanto se abaixava para pegar uma braçada de trigo, perguntou-se se o interesse dele teria sido apenas um ardil usado para facilitar seu acesso aos colonizadores. E imaginou o que faria se ele não retornasse.

Chegou o dia em que William deveria partir com o trigo. Naquela manhã, Sheila acordou com febre alta. Caroline sugeriu que esperassem pela melhora da menina, mas Hannah temia que Thomas mudasse de idéia e impedisse Tom e Elizabeth de partirem. Além do mais, Sheila só estaria em condições de viajar dentro de uma ou duas semanas. Assim, Hannah decidiu que a pequena ficaria com ela. Afinal, argumentou, todos diziam que era seguro.

Tom não queria partir.

— Vou perder a parte mais emocionante! Se os índios vierem mesmo, não estarei aqui para ajudar com meu rifle!

— Psiu! — Caroline lançou um olhar rápido para Hannah. — Não haverá índios, e você não vai perder nada.

— Se os índios não vêm, por que vamos partir? New Haven é muito chata, e teremos de ir para a escola.

Caroline não pôde evitar um sorriso.

— Pense em como vai ser divertido ajudar William com as carroças até Northfield. E também nas histórias que terá para contar a seus amigos!

O último argumento convenceu o menino, que parou de reclamar e se concentrou na elaboração de uma versão fantasiosa dos últimos cinco meses. Distraído, recebeu o abraço da mãe e permitiu que William o acomodasse no banco da carroça.

Seis soldados os acompanhavam. Outras carroças iriam se juntar à dos MacKenzie pelo caminho, formando um comboio que seria escoltado na ida e na volta de Northfield. Afinal, se houvesse índios à espreita, o que poderia ser mais tentador que o trigo com o

Clássicos da Literatura Romântica

qual as famílias dos colonizadores contavam para seu sustento nos meses que viriam? Ao vê-los partir, Hannah fechou os olhos e murmurou uma prece por uma jornada segura, e por um feliz retorno. Então, voltou para dentro da casa, onde Sheila chorava, chamando-a.

Dois dias após a partida de William, o calor aumentou terrivelmente. De manhã, uma patrulha passou pela fazenda, a caminho do oeste; Thomas e Jonas juntaram-se a eles para verificar algumas árvores. Caroline, com a ajuda de Hannah, começou a colher o milho. A febre de Sheila cederia durante a madrugada, e ela dormia profundamente.

— Quanto tempo as crianças vão demorar para chegar a New Haven? — perguntou Hannah. Como não podia abaixar-se, apanhava as espigas do alto, enquanto a irmã se encarregava das mais baixas. O sol queimava-lhes a pele e castigava os soldados que montavam guarda junto à cerca.

— Uma semana, talvez — Caroline respondeu, limpando o suor da testa com as costas da mão.

— Acha que estarão bem?

— Claro — disse, disfarçando a inquietação.

Temia que estivessem em perigo. Queria acreditar no contrário, mas sentia os músculos e nervos estranhamente tensos. Desejou que o clima refrescasse, mas que não chovesse até que todo o milho fosse colhido.

Thomas deveria ter ficado para ajudá-las, pensou ela. Naquele ritmo, levariam a semana inteira para terminar o trabalho. Se os soldados ajudassem, tudo ficaria mais fácil, mas Hannah não admitiria que abandonassem as armas por um instante sequer.

À noite, inquieta e sem sono, Caroline virava-se de um lado para outro na cama que dividia com Hannah sempre que Thomas estava ausente. Quando, finalmente, adormeceu, teve um pesadelo horrível. Encontrava-se em meio a um grande incêndio e ouvia vozes familiares gritando por socorro. Daniel estava do outro lado das chamas. Ela lutava para chegar até ele, mas, no momento em que o alcançava, ele desaparecia no fogo. Acordou desorientada, encharcada de suor, o coração aos saltos.

O cômodo estava insuportavelmente abafado. O corpo pesado de Hannah irradiava um calor escaldante. Seu próprio corpo, no andar superior, também estaria quente, mas, ao menos, poderia admirar as estrelas pela janela. Levantou-se, vestiu-se e saiu para o hall onde se encontrava a escada. Na cozinha dormiam dois soldados, e havia um terceiro, também adormecido, recostado na porta.

Caroline deu um passo em direção à escada, e parou. Percebeu que não se sentia cansada; tampouco tinha vontade de passar o resto da noite rolando na cama, lutando contra os pesadelos, à espera do amanhecer. Quando criança, costumava passear pelo quintal, e até mesmo pelos campos, nas noites de insônia, apreciando a plantação prateada pelo luar. Que maravilha seria, naquele momento, poder caminhar ao ar livre, longe do ronco dos soldados e do abafamento da casa!

Atravessando o hall, pegou o rifle de Tom no console da lareira e dirigiu-se silenciosamente até a porta. Teve de acordar o soldado que dormia ali.

— O que houve? Qual o problema? — ele perguntou assustado, levantando-se de um salto ao vê-la com a arma na mão. Era jovem, quase um garoto, e esfregava os olhos como uma criança sonolenta.

— Calma! Não há nada de errado! — Caroline respondeu à meia-voz, pousando-lhe a mão na boca. — Perdi o sono e quero sair um pouco.

— Isso, não. Não posso deixá-la sair. É perigoso.

— Ficarei por perto e levarei o rifle. Se perceber algo estranho, voltarei ou darei um tiro. Além do mais, ninguém viu um índio nos últimos dois meses.

Como não conseguisse dissuadi-la e não quisesse acordar a casa toda, ele a deixou sair. Ao cruzar o quintal, Caroline o ouviu trancar a porta. O estalido lhe provocou uma calafrio pelo corpo.

O céu estava limpo, mas não havia lua para iluminar os campos. Empunhando o rifle, Caroline seguiu em direção à margem do rio, onde acomodou-se na terra, ainda morna, sob um salgueiro cujos ramos quase alcançavam o chão. O murmúrio suave da correnteza acalmou-a. Recostou-se no tronco da árvore e fechou os olhos. Uma brisa leve agitava a ramagem. As folhas farfalhavam e roçavam sua pele. Suspirando, Caroline sorriu e adormeceu.

A brisa transformou-se em vento, sacudindo os ramos do salgueiro, trazendo-lhe um prazer quase infantil. Então, ouviu uma voz grave murmurar seu nome.

Era Daniel. Estava ajoelhado, inclinado sobre ela, e a acariciava ternamente. Deitando-se a seu lado, tomava-a nos braços e a puxava contra si. Ainda de olhos fechados, Caroline sentiu os lábios dele tocarem os seus, não com a urgência daquela noite no forte, mas com infinita doçura. O desejo a dominava à medida que trocavam beijos cada vez mais apaixonados. As mãos dele subiram por seus braços, deslizando por sob a manga do vestido. De repente, não havia mais vestido. Daniel acariciava-lhe a pele nua. Todo o seu corpo estremecia de prazer.

Aquilo era errado? Deveria impedi-lo? Embora a dúvida se manifestasse, o carinho com que ele a tocava hipnotizava-a, impedindo-a de mover-se. Mas alguma coisa a incomodava: a mesma inquietação de antes. Sentia medo dos índios, embora Daniel houvesse voltado, e, agora que se encontrava a seu lado, podia finalmente perguntar-lhe se estava mesmo segura ali. Quando buscou seu rosto, viu o de Edmund.

Sentou-se assustada. Estava sozinha na escuridão, cercada de folhas secas, e segurava algo. Deus, era sua arma! Esfregou os olhos, confusa, e pouco a pouco se lembrou de onde estava. Sentara-se sob o salgueiro e adormecera. E devia ter sonhado. Embora mais calma, a sensação do sonho não a abandonou, nem aquela estranha inquietação. Levantou-se e foi até o rio para molhar o rosto. Então, tomou o caminho de volta para casa, iniciando a travessia do campo.

De repente, Caroline parou. Havia algo errado; podia senti-lo na pele, embora demorasse um instante para perceber o que era: uma nuvem de fumaça erguia-se perto d casa e o cheiro de madeira queimada impregnava o ar. Pôs-se a correr, segurando o rifle com ambas as mãos. Nem percebeu que os restolhos de trigo cortavam-lhe os pés descalços.

A distância, teve a impressão de que a casa queimava.

Ao aproximar-se, constatou que era o celeiro. Teve um momento de alívio, que terminou abruptamente quando, ao dar a volta na casa, deparou com a porta escancarada e um corpo no chão.

— Hannah! — gritou, caindo de joelhos. Mas era um dos soldados que jazia morto, escarpelado. Horrorizada, levantou-se e dirigiu-se para a porta de entrada.

Ali, encontrou o segundo corpo, do soldado que dormia junto à porta. Também fora escarpelado e encontrava-se em meio a uma enorme poça de sangue. Caroline não perdeu tempo em abaixar-se, certa de que estava morto. Passou por cima dele e teve

mais um choque: a cozinha era uma grande confusão de móveis e utensílios espalhados e quebrados. Não restara sequer uma xícara inteira. Nauseada, teve de se apoiar à parede para não desmaiar.

Assim que se recuperou, atravessou o hall e entrou no quarto da irmã. Hannah e Sheila não estavam lá; nem o terceiro soldado. Demorou algum tempo para se convencer de que realmente não se encontravam ali, pois via imagens aterrorizantes de seus corpos mutilados em todos os cantos do aposento.

Correu para seu quarto, também vazio e todo revirado. Pela janela, viu as chamas que se elevavam do celeiro.

Pensou nas folhas do outono, uma imagem mais fácil de compreender do que a dura realidade do momento.

Desceu a escada com pernas trêmulas. Parou no patamar sem saber o que fazer. De repente, o corpo que jazia junto à porta estremeceu.

— Água — o soldado gemeu. — Água, pelo amor de Deus!

Caroline tremia tanto que derramou metade da água no chão, mas conseguiu acomodar a cabeça do rapaz em seu colo, de forma que ele pudesse beber. Outra vez experimentou a mesma sensação de náusea e vertigem que tivera há pouco. Controlando-se, concentrou-se no pobre moribundo, que lutava para manter os olhos abertos.

— Índios! Uns dez ou doze. Pode alcançá-los se se apressar. — Cerrou os olhos, com um gemido de dor.

— Minha irmã? — Caroline curvou-se sobre ele. — A Sra. MacKenzie... O que fizeram com ela?

— Eles a levaram... e a criança também. Tentei impedir, mas não pude. Diga ao capitão para mandar uma patrulha imediatamente. Diga ao capitão... — Sem forças para prosseguir, o soldado parou e, menos de um minuto depois, soltou o último suspiro.

— Meu Deus! — Caroline o fitava enquanto uma grande mancha de sangue se formava em seu vestido. Ao erguer a cabeça do rapaz, só não desmaiou porque o cheiro de fumaça trouxe-a de volta à realidade. Lembrou-se de que o celeiro estava em chamas, que a própria casa poderia incendiar-se também.

Ao ficar de pé, olhou em volta, perguntando-se o que deveria salvar primeiro. Os utensílios de cozinha? As cadeiras trazidas por Hannah de New Haven? O homem que jazia morto a seus pés? Foi então que seus olhos pousaram num pão enorme que fora jogado no chão. O que quer que acontecesse, precisaria de comida. Movendo-se como uma sonâmbula, começou a salvar o que podia, antes que o fogo se espalhasse e a casa fosse consumida.

Quando Thomas apareceu, Caroline já cuidara da cozinha e das cadeiras e estava arrastando para fora um grande acolchoado.

Àquela altura, o celeiro se reduzira a escombros e o telhado da casa ardia em chamas. O sol já ia alto no céu, e seu calor somava-se ao do fogo, deixando-lhe as roupas ensopadas de suor e o rosto, sujo de fuligem.

Thomas fitou-a, ainda montado na égua cinzenta.

Caroline abriu a boca, com a intenção de explicar o que acontecera, mas não encontrou palavras. Disse apenas:

— Índios.

— Eu sei. — Thomas desmontou, observando seus pertences empilhados ao lado da cunhada. — Encontramos um dos soldados no bosque. Ele nos contou tudo. Não sabia o que havia acontecido com você.

— Eu estava dormindo, perto do rio. Quando acordei, o celeiro estava em chamas, não havia mais ninguém na casa, além dos dois soldados mortos. Onde está Jonas? Não veio com você?

— Ele foi até o forte, para levar o corpo do soldado que encontramos no bosque e dar o alarme sobre o ataque.

— Corpo? Pensei que estivesse vivo...

— Os índios o escalpelaram e o deram por morto. Ele conseguiu salvar o cavalo, embora os índios levassem os outros três. Tentou chegar ao forte, mas não agüentou. Nós o encontramos caído no chão, próximo do animal. Viveu apenas para contar-nos o que sabia.

Caroline estremeceu ao pensar em mais uma morte. Então, arregalou os olhos e pegou Thomas pela mão.

— Vamos atrás deles! Thomas a encarou surpreso.

— Nós dois contra duas dúzias de selvagens?

— Dez ou doze — ela corrigiu, recordando as últimas palavras do soldado que morrera em seus braços. — Não devem estar longe... Podemos alcançá-los se nos apressarmos.

— O que faríamos quando os alcançássemos?

— Resgataremos Hannah e Sheila! Precisamos tentar! — ela respondeu, consciente de que sua voz soava histérica. — Não podemos ficar aqui parados, enquanto são raptadas! Sabe Deus o que estarão sofrendo neste momento!

— Os soldados as encontrarão — disse Thomas, passando por ela.

Caroline virou-se para segui-lo, implorando:

— Temos de seguir seu rastro antes que se torne impossível encontrá-los. Os soldados poderão juntar-se a nós, então.

Thomas não a ouvia. Caminhava a passos largos, atravessando o campo de trigo, rumo ao rio, com uma expressão de ódio no rosto.

Só então Caroline percebeu o porquê da ira do cunhado: meia dúzia de suas toras desciam o rio, como salmões gigantes nadando para o mar.

Thomas praguejou, cerrando os punhos.

— Aqueles vermelhos miseráveis devem tê-las soltado. Se descerem o rio até Turner Falls, vão se espatifar nas rochas, a menos que alguém as veja e se declare seu dono!

— A madeira! — Caroline gritou, incrédula, esquecendo o medo e o cansaço. — Está preocupado com suas árvores, quando Hannah e Sheila são arrastadas pelos índios, não se sabe para onde?

Thomas a encarou por um momento, como se pretendesse dar-lhe uma resposta. Então, com um resmungo, virou-se e tomou a direção da casa.

— Aonde vai? — perguntou Caroline, furiosa.

— Pegar o cavalo. Há uma balsa logo abaixo do forte. Se conseguir chegar até lá em tempo, poderei recolher as toras.

— Não pode fazer isso! — Ela agarrou-lhe o braço, dividida entre o ódio e o desespero. — Pense em Hannah! Se você não for comigo, irei sozinha!

Estavam novamente no quintal. A égua encontrava-se amarrada à cerca. O celeiro já não tinha salvação, e a casa, logo seria destruída também. Thomas relanceou o olhar rapidamente pelo cenário, depois deu de ombros.

— Faça como quiser. Afinal, a vida é sua. Mandarei soldados do forte. — Sem mais uma palavra, montou a égua e pegou o caminho da campina.

Caroline observou-o partir, em parte querendo amaldiçoá-lo, em parte querendo implorar que não fosse. Embora houvesse odiado esse homem por tantos anos, não imaginara que Thomas MacKenzie preferiria salvar seu dinheiro a salvar a própria família.

De repente, seu cansaço desapareceu, dando lugar a um ódio cego. Num impulso, correu até a cerca onde apoiara o rifle de Tom, pegou-o e apontou. Só que, a essa altura, Thomas já estava longe demais para que ela tivesse alguma chance de acertá-lo.

Teria atirado se fosse possível. Seria capaz de matá-lo a sangue-frio, sem o menor remorso. Mas nem sua morte pagaria a desgraça que ele causara.

Onde estaria Daniel?, perguntou-se, desesperada. Por que não voltara? Confiara nele e se decepcionara.

— Vá para o inferno! — gritou, descontrolada. — Que todos vão para o inferno! Se não vai salvar Hannah, então irei eu mesma. Juro que irei!

Pegou a comida que salvara, um cobertor, uma sacola e os pesados sapatos de inverno que protegeriam seus pés. Juntou tudo, fez um pacote, jogou-o sobre o ombro. Ao pegar o rifle, parou para olhar a casa em chamas. Estaria destruída ao anoitecer. Provavelmente a mobília que retirara também seria consumida pelo fogo... e todo o milho. Esse pensamento dissipou parte do ódio que lhe dava forças. Desviou os olhos depressa para não fraquejar, e iniciou sua jornada para o norte. Sabia que era loucura, mas não se importava. Preferia morrer na tentativa, a ficar ali esperando. Se tivesse sorte, os soldados a alcançariam no final da tarde.

— Para o inferno com todos os homens! — gritou para o vazio, enquanto tomava a trilha ao longo do rio.

CAPÍTULO VII

O rifle era bastante pesado. Caroline não se dera conta disso no dia anterior, ao deixar a fazenda. Na verdade, não percebera muita coisa. Impelida pela raiva e entorpecida pelo choque do que acontecera, caminhara sem descanso até que a escuridão fosse total.

Clássicos da Literatura Romântica

Dormira em uma clareira, encolhida sobre a grama, sem pensar na própria segurança. Adormecera no mesmo instante em que pousara o rosto sobre as mãos, despertando ao amanhecer, com os músculos doloridos, os pensamentos confusos. Então, ao lembrar-se de Thomas e de sua ambição revoltante, uma nova onda de ódio renovara-lhe o ânimo para prosseguir seu caminho.

Mas a disposição durou pouco. Tinha as pernas doloridas pela caminhada do dia anterior, e bolhas nos pés, formadas pelas costuras grosseiras de seus sapatos. Descalçou-os e guardou-os no saco de provisões, tomando consciência do excesso de peso que carregava. E ainda havia o rifle.

Lembrou-se que Daniel levava o dele às costas, preso por uma correia, mas o seu não possuía nada parecido. Com os olhos fixos na trilha, tentou fazer um inventário de seus pertences, avaliando a possibilidade de transformar algum deles em correia. Nesse momento voltou-lhe à mente a imagem de Daniel e a dúvida sobre sua participação nos últimos acontecimentos.

Era impossível esquecer a afirmação feita por Thomas de que Daniel era um espião... e que ela jamais voltaria a vê-lo. Hannah garantia o contrário, mas onde ela estaria agora? Prisioneira dos mesmos índios que Caroline dissera não haver motivo para temer, certa de que Daniel os protegeria de qualquer perigo!

Caroline não acreditava que ele fosse capaz de tal coisa. Talvez houvesse mentido sobre sua lealdade aos franceses, mas não a colocaria deliberadamente em perigo. Mesmo que, de alguma forma, Daniel fosse responsável pelo ocorrido, era ela a verdadeira culpada pela captura de Hannah. Se tivesse insistido com a irmã no retorno a New Haven, talvez Thomas tivesse sido convencido a deixá-la partir. Ou, ao menos, tê-la levado para o forte, onde estaria a salvo. Em vez disso, Caroline opusera-se ao medo lógico e racional da irmã, pois estava obcecada por suas fantasias acerca de Daniel Ledet. Se morresse na tentativa de salvar Hannah, estaria apenas recebendo o que merecia.

Não, não podia morrer! Precisava encontrar Hannah e descobrir um meio de libertá-la. Devia considerar que as condições da irmã eram muito piores que as suas. Talvez estivesse amarrada e amordaçada, sendo torturada... Oh, Deus, o que fariam a Sheila? Dezenas de histórias macabras voltaram-lhe à lembrança. Segundo elas, os índios matavam seus prisioneiros, cortando-os em pedaços, lentamente, de forma a prolongar-lhes a agonia por dias, às vezes semanas. Ouvira dizer que um padre fora obrigado a comer a própria mão, amputada pelos captores, e que as criancinhas indefesas... essas eram as piores histórias!

— Oh, Sheila! Oh, Hannah! — Caroline murmurou, lembrando-se da gravidez adiantada da irmã.

O sol queimava-lhe os ombros. A leve neblina que cobria o rio ao amanhecer dissipara-se. Embora ainda faltasse muito para o meio-dia, o calor já era insuportável. Caroline ansiava pelo frescor da água cristalina, pela sombra da floresta, mas não podia se permitir tais luxos. Se pretendia alcançar Hannah, não podia parar para descansar. Na véspera caminhara sem planos ou objetivo definido. Agora, a mente mais clara, pensou nas duas coisas.

Ao deixar a fazenda, simplesmente rumara para o norte, seguindo a trilha que acompanhava o rio. Chegara a distinguir as pegadas dos cavalos roubados, e continuara a jornada, mesmo depois de haverem desaparecido. Sabia que os índios apagavam seus rastros com perfeição, e vivera na região o tempo suficiente para ter, ao menos, uma noção rudimentar do que havia mais ao norte.

Clássicos da Literatura Romântica

O principal caminho para o Canadá seguia ao longo do rio Connecticut, e os secundários acompanhavam os afluentes que vinham do oeste. Estava certa de que os índios seguiram o Connecticut até o primeiro de seus afluentes. Precisava alcançá-los antes disso, do contrário não teria como saber se haviam se dirigido para o norte ou para o oeste. E se houvessem cruzado o afluente, como ela o atravessaria?

Onde estariam os soldados? Quando saíra da fazenda, acreditava que os encontraria antes do anoitecer. Viajara durante aproximadamente um dia e meio e não vira sinal deles, o que era estranho, uma vez que ela caminhava, enquanto eles cavalgavam. Mais uma vez, considerou a possibilidade de que eles não aparecessem. Entretanto, não podia aceitar essa hipótese, ou melhor, não queria.

A imensidão da floresta era tão assustadora quanto a idéia de continuar a caminhada sozinha. Se parasse para observar os arredores, se conscientizaria ainda mais de quanto, era pequena e insignificante diante da grandeza da natureza. Mas não podia fraquejar. Devia seguir em frente, confiante de que os soldados viriam.

Mudando seu fardo de um ombro para o outro, forçou as pernas cansadas a continuarem a marcha, tentando encontrar conforto no sussurro da correnteza do rio, estável e constante.

Recordou um trecho da Bíblia que falava da desolação e solidão do cativo, e de saudade da terra natal. Veio-lhe à mente a tarde em que, parada à beira do rio, ficara a lembrar-se de Surrey, saudosa do passado.

Seria aquele, então, o castigo por seu egoísmo? Teria ela se afastado de Deus? Se Deus não lhe estendesse a mão, ao menos a estenderia à irmã, que nada fizera de errado?

— Senhor — murmurou por entre os lábios queimados pelo sol —, nada peço para mim mesma, apenas ajude-me a salvar Hannah e sua filha.

Teria Deus ouvido sua oração? Tantas vezes rezara sem obter uma resposta, mas, como explicar que naquele exato momento via um lenço?

Poderia não tê-lo percebido enquanto seu olhar se encantava com as orquídeas silvestres ao longo da trilha. Adorava as florzinhas frágeis e delicadas. Quando havia tanta crueldade e sofrimento no mundo, talvez tivessem justamente a função de transmitir, com sua beleza, uma mensagem de esperança.

Quase continuou seu caminho, não querendo interromper o ritmo da marcha para examinar aquele pedaço de pano. Temia que, após uma pausa, seu corpo exausto se recusasse a mover-se novamente. Por um momento, debateu-se com o dilema, e suas pernas continuaram em movimento. Já havia passado pelas flores, quando decidiu parar e virar-se. Colocando o fardo no chão, apanhou o tecido. No momento em que o tocou, reconheceu-o: era o lenço de Hannah.

Alheia ao sol quente, ao suor que lhe escorria pelas costas e aos mosquitos que se juntavam à sua volta, alisou-o sobre a coxa. O que seria aquela mancha escura no canto? Sangue! Seu coração quase parou. Mas a mancha era pequena; o ferimento não podia ser mais que um arranhão.

O lenço de Hannah... e ela quase passara sem notar: não fossem as orquídeas, estaria longe, agora. De repente, um novo pensamento assaltou-lhe a mente. E se Hannah não o houvesse deixado cair por acidente? E se tivesse feito isso na esperança de que alguém encontrasse sua pista?

Com o coração aos saltos, Caroline examinou a campina e o grupo de bétulas a uns

Clássicos da Literatura Romântica

dez metros de distância. A grama fora pisoteada, ou estaria imaginando coisas? Pegando seu fardo, caminhou até as árvores, descobrindo sinais de um acampamento recente. Portanto, Hannah deveria ter passado a noite ali.

Uma onda de alegria varreu seu espírito. Seguiu o caminho certo e encontrara um sinal! Não perdera o senso de direção na vastidão selvagem. Além do mais, Hannah tentara colaborar com a própria libertação. Talvez temesse que, quem quer que fosse resgatá-la, não achasse o acampamento e, por isso, deixara o lenço próximo à trilha. Sim, Hannah continuava viva e esperançosa!

Ao mesmo tempo que a revelação enchia seu coração de alegria, seus ombros cansados vergaram-se diante da constatação do quanto ficara para trás. Se haviam chegado até ali na noite anterior, onde estariam àquela hora? Não podia perder tempo com lamentações. Devia concentrar as energias no seu objetivo. Pedira a Deus que a guiasse, e Ele assim o fizera. Se persistisse, conseguiria alcançar a irmã.

Respirando fundo, recomeçou a andar. Quando o ânimo fraquejava sob o calor impiedoso, segurava o lenço com força, como a um talismã. Comeu um pedaço de pão com carne de porco defumada, mastigando sem interromper a caminhada e sem dar-se a chance de ceder à exaustão. Finalmente, a trilha deixava a campina para entrar na floresta, ao abrigo do sol escaldante.

Entusiasmada com seus primeiros acertos, esquecera-se da questão central que teria de resolver quando alcançasse os índios: como faria para resgatar Hannah? Atravesse uma ponte por vez, pensou. Por ironia, mal completara o pensamento, quando chegou ao primeiro afluente do rio, que a surpreendeu por suas dimensões. Na primavera, quando a neve derretesse, deveria atingir cerca de vinte metros de largura. Naquele final de verão, quase alcançava essa medida e era bastante fundo. De onde estava, Caroline não podia enxergar o leito, mas convenceu-se de que isso se devia à ausência de sol. A tarde já se aproximava do fim, as sombras refletiam-se nas águas. Descobriria, em meio à travessia, que não era tão fundo quanto imaginara, pensou. A intuição lhe dizia para tentar atravessar sem o fardo, pois não poderia arriscar-se a perder a arma, nem a comida. Assim, deixando tudo na margem, ergueu a saia acima dos joelhos e entrou na água.

Ah, estava ótima! Fresca e limpa. Que maravilha seria tirar a roupa e tomar um banho demorado e tranquilo! Inclinou-se e banhou o rosto e o pescoço, estremecendo à medida que as gotas escorriam por sua pele, umedecendo as roupas endurecidas pela sujeira misturada ao suor. Num relance, vislumbrou o reflexo prateado de um cardume de trutas que passou a seu lado, nadando com rapidez. Pôde imaginar o sabor do peixe fresco, assado sobre brasas. Mas não tinha linha de pesca, nem tempo para preparar uma refeição. Suspirando, espreguiçou-se e dirigiu-se para meio do riacho.

Era profundo. Caminhou com dificuldade até a água chegar-lhe à cintura. Ainda havia uma boa distância para atravessar. Calculou que seria capaz de nadar, exceto pelo rifle e as provisões. Por mais que se irritasse com a perda de tempo, a única alternativa seria subir o rio à procura de um trecho mais raso. Foi até a margem, pegou suas coisas e dirigiu-se para oeste.

Caminhara quase oitocentos metros, quando avistou uma pedra longa e plana no meio do rio. Uma árvore tombara da outra margem, e a ponta de seu tronco repousava sobre a rocha. Se conseguisse alcançá-la, poderia utilizar o tronco como um apoio contra a correnteza.

Mais uma vez, experimentou a profundidade da água; o riacho não era mais raso naquele ponto, porém havia pedras no fundo que lhe permitiriam alcançar a rocha com a

água ainda na cintura.

Voltou para apanhar seus pertences.

Era mais difícil com a carga, pois as pedras eram escorregadias e a correnteza puxava sua saia com força. Amarrou a trouxa ao pescoço; teria de carregar o rifle na mão. Por uma vez quase caiu e, embora recuperasse o equilíbrio, o saco ficou ensopado e, conseqüentemente, mais pesado. Ao menos o rifle continuava seco. Mais três passos e estaria salvo. Mais dois passos...

Então, ocorreu o desastre: seu pé direito escorregou sobre uma pedra. Embora lutasse com todas as forças para manter-se ereta, tinha a correnteza contra si e acabou caindo, sufocada e derrotada, puxada pelo peso do saco. Não podia perder nada do que carregava; por outro lado, se afogaria sob o peso que a levava ao fundo com força implacável. Para desfazer o nó, teria de soltar o rifle. Por um momento, lutou, recusando-se a soltar a arma, mas seus pulmões já ameaçavam estourar pela falta de ar. Bem, pensou ela ao abrir a mão, se agir rápido, posso pegá-lo na correnteza.

Não conseguiu ser tão rápida. Salvou apenas o cobertor. Enlameada e encharcada, arrastou-se para cima da rocha, rezando para que pudesse ter uma boa visão do leito do rio. Contudo, por mais que procurasse, não viu sinal da arma.

O que deveria fazer? Que chances teria na floresta, sem arma ou suprimentos? E de que adiantaria permanecer ali? O sol se punha, as sombras tornavam-se densas. Perdera um tempo precioso procurando uma travessia mais fácil. Se demorasse ainda mais, nunca encontraria a pista dos índios. Se tivesse fome, procuraria frutas silvestres. Quanto ao rifle...

Com os ombros vergados pelo desânimo, pensou novamente em Daniel e na tarde de fim de maio, quando ele a ensinara a atirar. Sentiu o calor do corpo dele, a força de seus braços. A lembrança era tão clara que, por um instante, acreditou estar na fazenda, apoiada em seu peito, protegida e segura. Mas o momento passou — ela estava no meio do riacho, a saia grudada nas pernas, os pés dormentes pelo frio. Devagar e com esforço, contornou a pedra e, utilizando o tronco da árvore como guia, chegou à outra margem.

Torceu a saia e o cobertor. Por algum tempo, permaneceu imóvel, fitando a correnteza escura. Nada ganharia demorando-se mais; por outro lado, era difícil partir. Enfiou a mão no bolso, encontrando uma massa ensopada. Por pior que se sentisse, ainda tinha o lenço. A persistência vencendo o cansaço, virou-se para o leste e tomou o caminho de volta pela margem do riacho, para onde a trilha continuava. Viajou na escuridão até o limite de suas forças. Por fim parou em uma clareira próxima à trilha e deitou-se, buscando no sono uma trégua para seus sofrimentos.

Uma garoa fina caía desde antes do amanhecer. A onda de calor finalmente se dissipara, e a chuva era fria. Pressionando o corpo contra o tronco da árvore, Caroline puxou o cobertor, que estava tão molhado quanto sua pele, oferecendo pouco conforto. O dia estava bastante claro para que pudesse continuar seu caminho, e provavelmente os índios já estavam viajando. Devia levantar-se, mas permaneceu encolhida onde estava.

A árvore à qual se aconchegara para dormir era um pinheiro amarelo, cujos ramos pareciam filtrar a claridade do céu. O tipo de árvore que Thomas tombaria, pensou com frieza, insensível a qualquer estímulo. Nem mesmo a lembrança do cunhado conseguiu alterar o seu ânimo. Mais do que qualquer outra coisa, sua total ausência de reação mostrou-lhe o quanto estava deprimida.

Precisava levantar-se e retomar sua caminhada. Jamais encontraria Hannah se continuasse enrodilhada debaixo de uma árvore. Mas seu espírito abatido não a ajudava.

Clássicos da Literatura Romântica

Afinal de contas, estava, pelo menos, um dia inteiro atrasada em relação aos índios. Se não conseguira acompanhar o ritmo deles enquanto estivera em sua melhor forma, como poderia diminuir a desvantagem agora, exausta, com os pés doloridos? Como os alcançaria antes que se desviassem da trilha principal?

Talvez, já houvessem alterado sua rota, decidindo seguir o riacho que ela atravessara. Ao fazê-lo, Caroline não considerara essa possibilidade, pois o riacho era pequeno demais para chegar à vertente que dividia os dois lados das grandes montanhas que se estendiam até o Canadá. Mas, e se o riacho levasse a um outro rio que se dirigisse para o norte? Talvez fosse tarde demais e ela os tivesse perdido definitivamente... O que seria de Hannah? O que lhe aconteceria?

A depressão trouxe-lhe outro pensamento desolador: o que fazer se os alcançasse? Pretendera, realmente, salvar Hannah? Talvez sim, quando tinha o rifle. Mas agora, desarmada, as roupas em farrapos, a idéia parecia ridícula. Provavelmente também seria capturada. Bem, refletiu, ao menos poderia oferecer à irmã o consolo de sua companhia.

Quais eram as alternativas? Voltar? O que encontraria em seu retorno? As ruínas da casa da fazenda, e Thomas com suas árvores: voltar a New Haven para dizer a Tom e Elizabeth que seguira Hannah por um dia, e então desistira. E passar o resto de sua vida culpando-se pelo destino da irmã. Não, seria melhor perecer ali mesmo, na floresta.

Uma coruja piou em algum lugar. Seu tom lamentoso provocou em Caroline um tremor de medo. E se realmente morresse ali? E se perdesse a pista de Hannah, embrenhando-se na floresta, para acabar morrendo de fome? E se encontrasse a morte nas garras de um animal selvagem? Fechando os olhos, ouviu os ecos de seus próprios gritos. O pânico que conhecera por um breve momento na véspera voltou a atacá-la. Caroline deixou-se tomar por ele, sentindo a floresta crescer a seu redor, hostil e ameaçadora.

A coruja piou novamente, um lamento que se perdeu em meio ao gotejar constante da chuva na folhagem. Abrindo os olhos com esforço, Caroline observou a névoa que subia do chão, em espirais, por entre os troncos das árvores. Uma coisa era certa: morreria ali mesmo, onde estava, se não se obrigasse a seguir viagem. Embora cada músculo, cada junta de seu corpo protestasse, levantou-se por fim.

A árvore à qual aconchegara-se durante a noite ficava a dez metros da trilha principal. Caroline tomou o caminho de volta pela floresta, com os pés feridos e meio amortecidos, o vestido colado ao corpo, os cabelos grudados ao rosto, arrastando o peso do cobertor atrás de si. O matagal parecia possuir dedos espinhosos que agarravam sua saia, fazendo-a cambalear de um lado para o outro. Desviou-se num impulso, batendo o queixo já arranhado numa pedra. A dor trouxe lágrimas a seus olhos. Contendo-as, lançou-se para a frente e, no mesmo instante, tropeçou em uma raiz, caindo com o rosto no chão.

Folhas molhadas grudaram-lhe nas faces quando levantou a cabeça. Ao tirá-las, sujou-se de lama. Desanimada, deixou a cabeça tombar, apoiando a face esquerda no chão lamacento. Para que tentar? Falharia, com certeza. Por que levantar-se? Para cair novamente? Que conforto poderia dar a Hannah, se nem era capaz de cuidar de si mesma? Era culpada por tudo o que acontecera. Continuou deitada ali, com o peito apertado demais pela dor e pelo remorso, para que pudesse chorar. De repente, ouviu um farfalhar na trilha.

Perigo! O medo agitou seu corpo inerte, erguendo-a. Ajoelhou-se, escondendo-se sob um arbusto, os olhos fixos na trilha. Primeiro, pensou nos índios, depois lembrou-se dos soldados do forte. Abaixada, ouvindo as batidas do próprio coração, imaginou se

havia se enganado quanto ao ruído, pois não via nem ouvia mais nada.

O silêncio só piorava as coisas; sentiu a pele arrepiar-se e relembrou a imagem dos soldados mortos. Senhor, rezou em silêncio, faça com que me matem de uma vez. Ao se encolher mais, sentiu uma náusea intensa revirar-lhe o estômago. Era um pesadelo. A vida não podia ser tão terrível. Abriria os olhos e se descobriria na cama, em casa.

— Caroline... — Alguém tocou seu braço. Oh, sim, estivera sonhando, e Hannah vinha acordá-la.

— Caroline? — A voz era muito grave para ser de Hannah. Pensou em Thomas, William... então, soube quem era. Abriu os olhos e, levantando a cabeça, ela o viu ajoelhado sobre as folhas, a seu lado. E, naqueles olhos, encontrou a expressão com que sonhara durante todo aquele tempo.

— Caroline? — ele repetiu.

— Oh, Daniel! — ela soluçou, atirando-se em seus braços.

De onde vinham tantas lágrimas? Sua mente estava exausta, seu corpo dolorido, mas as lágrimas jorravam e os soluços torturantes sucediam-se, parecendo que jamais cessariam. Daniel tomou-a nos braços e, afagando-lhe os cabelos molhados, murmurou em seu ouvido palavras suaves, porém numa língua estranha. Caroline desejou que ele jamais afrouxasse aquele abraço. Talvez se a apertasse com mais força, tudo desapareceria: os soldados mortos, o fogo, o rapto de Hannah. Talvez ele pudesse riscar de sua vida os últimos dias, da mesma forma que afastava as mechas de cabelo de seu rosto. Desde que era criança, ninguém a embalara assim. Caroline daria qualquer coisa para que ele não parasse.

Mais uma vez, Daniel pronunciou seu nome, com ternura e firmeza ao mesmo tempo. Suas mãos também foram firmes ao endireitar-lhe os ombros, forçando-a a encará-lo.

— Caroline, se acalme. Respire fundo... Isso! Caroline obedeceu com relutância e, quando deixou de sentir o calor do corpo dele contra o seu, voltou a fraquejar.

— Os índios vieram! — disse, deixando que ele limpasse seu rosto com um lenço. — Mataram três soldados e levaram Hannah e Sheila. Thomas... — Parou de repente, cansada demais para combater a raiva avassaladora que a lembrança traria.

Adivinhando-lhe os sentimentos, Daniel poupou-a.

— Eu sei — disse.

Caroline fitou-o assombrada, mas ele não lhe deu atenção, continuando a limpar seu rosto. Ela o observava intrigada, enquanto Daniel se concentrava na tarefa.

— Thomas disse que foi obra sua — ela murmurou depois de uma pausa.

— O quê?

— Tudo. Até a morte de William Phipps. Daniel assumiu uma expressão dura.

— E você acreditou?

— Não sabia o que pensar. Achei que ele mentia, mas depois, não sabia de mais nada. Senti-me culpada por acreditar que você nos avisaria se devêssemos partir.

— Você acreditou... — Daniel começou a falar, porém Caroline já não o ouvia, pois sua mente retornava ao incêndio na fazenda.

— Foi horrível! — disse ela. — Eram jovens, na flor da idade, e de repente estavam

Clássicos da Literatura Romântica

mortos. O celeiro estava em chamas; a casa se incendiou também. Não consegui salvar tudo. Tive medo por Hannah, e Thomas recusou-se a ajudar...

Com os olhos perdidos nas lembranças terríveis, Caroline não percebeu a mudança na expressão de Daniel. A imobilidade forçada dissipou-se, e suas feições relaxaram. Sacudindo a cabeça, ele acariciou-lhe o rosto.

— Você não precisa de mais desafios. Foi tolice minha perguntar. Este seria o pior momento para jogos de adivinhação. Não tive absolutamente nada a ver com qualquer dos ataques. Estava em território iroquês quando William Phipps foi morto. Só fiquei sabendo semanas mais tarde, quando estive em Montreal para resolver alguns assuntos de família. Soube, também, que planejavam outros ataques. Temi por sua segurança e voltei logo que pude. Mas era tarde. Cheguei ao forte Dummer ontem pela manhã. Vim direto de lá.

Caroline empertigou-se.

— Então veio com os soldados? — Ela olhou em volta, como se esperasse encontrá-los escondidos entre as árvores. Mas, tudo o que viu foi a luminosidade cinzenta da manhã chuvosa. Voltou os olhos para Daniel, que sacudia a cabeça.

— Não, não há nenhum soldado por aqui. Os homens estavam ansiosos para partir, mas o capitão os reteve. É da opinião que, se ocorrerem novos ataques, precisarão de todo o contingente para defender as fazendas. Ele temia cair em uma emboscada. Pediu reforços ao sul e prometeu mandar um destacamento assim que chegarem.

— Isso pode levar dias! — Caroline gritou, nervosa. — Até lá, os índios já estarão longe e não haverá nenhuma pista. Será que o capitão não percebe?

— Não sei. — Daniel deu de ombros. — Talvez sirva de consolo a você saber que o capitão também não deu ouvidos aos pedidos de seu cunhado para que enviasse homens para ajudá-lo a salvar sua madeira. Nem os soldados foram simpáticos à sua causa; todos opinaram que MacKenzie deveria ter partido em busca da esposa. A última notícia que tive foi de que ele havia partido, rio abaixo, com o empregado.

— Tomara que se afogue! Seria justo!

— A vida não é justa.

— Não, não é. — Olhando-o nos olhos, Caroline continuou: — E o que o capitão tem a dizer a meu respeito?

Pela primeira vez, Daniel hesitou, levando Caroline a franzir o cenho.

— Está me escondendo alguma coisa?

— Pretendia — ele respondeu, imaginando se desistira pelo bem dela, ou pelo seu próprio? — Houve divergências sobre o que teria acontecido a você. O empregado de MacKenzie disse que o soldado que encontraram à morte achava que você havia escapado. Mas, quando seu cunhado chegou ao forte, disse que você também fora capturada. Suponho que não queria parecer tão canalha por ter permitido que partisse sozinha.

Caroline sacudiu a cabeça.

— Thomas não liga a mínima para o que pensam dele. Provavelmente, imaginou que a idéia de uma mulher vagando sozinha pela floresta fizesse com que os soldados tentassem salvar-me. E ele me odeia. Então... Como soube a verdade? Ou você...

— Não acreditei em MacKenzie, e questionei-o novamente. Em particular, utilizando meios bastante persuasivos. — Fechando os olhos, Daniel lembrou-se do ódio assassino

Clássicos da Literatura Romântica

que o invadira, de como seus dedos se apertaram em torno do pescoço de MacKenzie até que a voz dele não fosse mais que um tênue balbúcio. Teria matado aquele crápula, se Jonas não houvesse interferido... E, apesar da presença do empregado, por pouco não levava seu impulso até o fim. Só não o fizera porque ficaria preso no forte, enquanto Caroline estaria vagando pela floresta.

Caroline o observava, imaginando os meios que Daniel teria utilizado para pressionar Thomas.

— Pensei que ele tivesse alguma consideração por Hannah — disse ela, afinal. — A despeito do que sempre senti por ele, acreditei que a respeitava, ao menos enquanto mãe de seus filhos. Mas, quando teve de escolher entre ela e o dinheiro, optou pelo dinheiro. Se eu pudesse adivinhar, teria feito com que ela ficasse em New Haven. Estaria segura lá. Por minha culpa, ela veio para cá. É tudo minha culpa.

— Não, Caroline. — Daniel tomou-lhe a mão. Esse gesto foi como que uma injeção de ânimo para seu espírito desalentado.

— Você está aqui! — ela disse. — Juntos, poderemos salvá-la!

— Juntos?

Caroline assentiu com vigor.

— Você acha que vou voltar, só porque está aqui? É claro que pretendo continuar. Com certeza poderei ajudar.

— Não sei como. Não imagino que ajuda poderia dar uma pessoa que não sabe que as corujas só piam à noite.

— Corujas? — ela repetiu, confusa. Então, lembrou-se do que ouvira encolhida sob a árvore. — Então fora ele! Chorando, ergueu o queixo, desafiante. — Não cometerei esse erro novamente. Além do mais, não seria muito arriscado eu tentar voltar sozinha?

— Absolutamente. Eu a acompanharei até o forte e, depois, partirei no encalço dos índios.

— Levar-me de volta! — Ela o fitou, incrédula. — Isso não faz mais sentido do que os reforços do capitão! Perderá dias, e já estamos atrasados em relação a eles!

— Não estou preocupado com o tempo. Se não as mataram até agora, é porque não pretendem fazê-lo. Posso levá-la de volta, deixá-la em segurança e, depois, alcançá-los sem dificuldades.

— Talvez, sim; talvez, não. — Caroline levantou-se, limpou a sujeira da saia, pegou o cobertor do chão, sacudiu-o e jogou-o sobre as costas.

— O que está fazendo? — Daniel quis saber.

— Vou atrás de minha irmã. — Ao tentar passar por ele, Daniel segurou-a pelo braço.

— Não vai, não.

— Claro que vou. — Caroline puxou o braço, tentando livrar-se. — Você não vai me impedir. Se me amarrar ou me arrastar, ainda assim tentarei escapar. Não adianta, Daniel. Estou decidida.

— Caroline...

— Hannah é minha irmã. É tudo o que tenho no mundo. Está grávida de quase oito meses... Mesmo que você consiga libertá-la, ela não terá rapidez para viajar. Se qualquer

Clássicos da Literatura Romântica

coisa lhe acontecer, quero estar junto dela. Quero, e vou estar — repetiu, num tom de voz que traía nervosismo. Engolindo em seco, ela reprimiu as lágrimas que lhe subiam aos olhos.

Por um momento, Daniel observou-a, indeciso sobre o que fazer. Era loucura pensar em levá-la; por outro lado, ela não voltaria. Não havia argumentos para obrigá-la a mudar de idéia. No entanto, existia um toque de ironia naquela situação. Inúmeras vezes, nos últimos meses, ele sonhara com Caroline a seu lado, na floresta, caminhando juntos, dormindo juntos na escuridão. Mas aquilo fora um sonho, a realidade trazia elementos como pés feridos, índios à procura de escalpos, para não mencionar a distância a ser percorrida, ou o resgate propriamente dito. Ainda assim, quais eram suas alternativas?

Caroline seguiu o olhar de Daniel, quando desceu do seu cabelo embaraçado, até os pés sujos e descalços. Embora estivesse preparada para manter sua posição firme, ficou boquiaberta diante das palavras que ouviu a seguir.

— O que está usando por baixo da blusa?

— Por baixo... bem... um corpete.

— Ótimo. Tire-o, por favor. — Como ela não se mexesse, ele acrescentou: — Rápido, não temos tempo a perder.

Caroline obedeceu, virando-se de costas para desamarrar o cordão. Entregou-lhe o corpete, que ele rasgou em tiras, depois de dar-lhe algo que retirara de sua sacola.

— O que é isso?

— Carne defumada. Quando comeu pela última vez?

— Ontem. — Caroline mordeu um pedaço e mastigou-o mecanicamente. Não se dera conta de que estava com fome, até saborear o alimento. De tão faminta, mal percebeu quando Daniel ajoelhou-se e tirou uma faca da perneira. Tampouco adivinhou quais eram as suas intenções, até ouvir o tecido da própria roupa rasgar-se. Olhando para baixo, quase engasgou ao constatar que ele cortara sua saia até a altura dos joelhos.

— O que... — começou a falar, confusa. Não fazia a menor idéia do que ele pretendia fazer, destruindo a única roupa que ela possuía.

Daniel calou seus protestos com um gesto de cabeça.

— Você vai ver — ele disse secamente, dando a volta para cortar a parte de trás.

Caroline observou, mastigando a carne enquanto ele juntava as metades, uma a uma, enrolando-as em suas pernas, transformando-as em calças improvisadas. Cada perna foi amarrada com as tiras do corpete. Ao terminar, Daniel tirou da sacola um par de mocassins, enfeitados de contas coloridas.

— Para mim? — Caroline olhou para os sapatos com expressão infantil. — Onde os conseguiu?

— Em Montreal. Pretendia dar-lhe como um presente. Mas resolverão o problema imediato.

— Um presente — ela repetiu, incapaz de compreender exatamente o que se passava. Então, Daniel voltava para ela, trazendo um presente! Não fosse pelos índios, teria ido encontrá-la na fazenda. Observou, sonhadora, enquanto ele os calçava em seus pés, puxando e amarrando os cordões, de forma que se ajustassem com perfeição.

Levantando-se, Daniel inspecionou o trabalho e assentiu, satisfeito. Então, olhou ao redor.

Clássicos da Literatura Romântica

— MacKenzie pensava que você tinha uma arma.

— Tinha — ela respondeu, abaixando os olhos. — Perdi na travessia do riacho.

— Compreendo. — Não havia censura, ao contrário do que ela esperava, na voz de Daniel. — Bem, vamos embora — acrescentou, rumando para a trilha principal.

CAPÍTULO VIII

Caroline sentia as pernas em frangalhos. Cada novo passo da caminhada era uma verdadeira tortura. A chuva prosseguia, e seus mocassins já estavam cobertos de lama. Seus cabelos haviam se soltado novamente, e cobriam-lhe o rosto. Teria de trançá-los e prendê-los quando parassem para comer.

À sua frente, Daniel caminhava com a mesma segurança que ela notara na primeira noite, em Northfield, quando ele a acompanhara do rio até a vila. Andava depressa, quase correndo, e parecia não cansar-se, embora ela se sentisse exausta. Cada músculo de seu corpo ansiava por descanso. Embora tivesse certeza de que ele pararia ou diminuiria a marcha, se ela pedisse, não queria fazê-lo. Queria mostrar-se capaz de acompanhá-lo, provar-lhe que ele errara ao pretender que ela voltasse. Mesmo assim, não sabia por quanto tempo agüentaria aquele ritmo.

Quando Caroline estava prestes a cair de cansaço, Daniel parou de repente. Só não se chocaram porque ele se virará, estendendo a mão. Quando ela abriu a boca para perguntar-lhe por que parará, ele encostou o dedo em seus lábios, indicando-lhe que fizesse silêncio.

Afastando-se de Caroline, Daniel ergueu a cabeça, farejando o ar como um perdigueiro. Ela o observou, a curiosidade suplantando a fadiga e, quando ele se afastou da trilha, ela o seguiu, abaixando-se como ele fazia, e tendo o cuidado de pisar onde ele pisava, para não fazer barulho.

Caminharam uns trinta metros, passando por um afloramento de granito, até chegarem a uma clareira, onde encontraram os restos de uma fogueira recente, transformada em um círculo negro de madeira carbonizada. Daniel pegou um graveto no chão e cutucou as cinzas. Então, abaixou-se, tocando-as com a mão.

— Veja. — Ele gesticulou para Caroline, indicando-lhe que fizesse o mesmo.

As cinzas ainda estavam mornas.

— Acamparam aqui a noite passada — ela murmurou, com a mesma excitação que sentira ao encontrar o lenço. Embora soubesse que o final da tarde ainda estava longe, não tinha noção das horas, apenas a sensação de estar andando há muito tempo. Calculou que estavam diminuindo a distância que os separava dos índios. Virou-se para Daniel, que se levantara e estudava o acampamento abandonado. Observando o modo

Clássicos da Literatura Romântica

como ele inclinava a cabeça, lembrou-se de como ele farejava o ar, ainda há pouco, na trilha. — Sentiu o cheiro deles aqui?

— Claro — disse ele, divertindo-se com o olhar incrédulo que ela lhe lançou. — Dentre todos os animais, o ser humano é o que exala o odor mais forte. E havia a fogueira. — Arqueando as sobrancelhas, perguntou: — Por que me olha desse jeito?

— Estava me perguntando por quanto tempo sobreviveria sozinha na floresta.

— Dizem que a necessidade é a mãe da criatividade. — Ele sorriu, enquanto lhe estendia um pedaço de carne tirado da sacola.

Caroline aceitou a comida, mas não a levou à boca de imediato.

— E Hannah? — perguntou, hesitante em dizer o que lhe passava pela cabeça. — O que farão com ela?

— Vão levá-la para Montreal e vendê-la aos franceses. Estes, por sua vez, exigirão um resgate para devolvê-la aos ingleses.

— Nesse meio tempo, enquanto estão a caminho, como vão tratá-la? Afinal, ela está grávida, e Sheila mal se recuperou da febre.

Lembrando-se de que Caroline já percebera sua tentativa anterior de esconder-lhe um fato, Daniel desviou o olhar para as árvores. Detestava mentir-lhe, mas sabia que, por maior que fosse sua capacidade de resistência, não devia sobrecarregá-la com novas preocupações.

Na verdade, não tinha resposta para qualquer das perguntas de Caroline. Ao contrário dos britânicos, que fixavam residência nas cidades, os índios contavam com a natureza e até mesmo com a sorte. Portanto, o tratamento dos prisioneiros dependia de seu senhor, ou seja, do índio que os capturara e os considerava seus escravos. Se a tribo tivesse carne, os prisioneiros comeriam, e se o senhor fosse bom, seriam bem tratados. Mas, se a tribo atravessasse uma fase em que tivesse pouca comida, ou se o senhor fosse cruel, as coisas não correriam tão bem. E, se o bebê nascesse antes do tempo ou a menina recaísse na doença... Havia infinitas possibilidades, sendo impossível adivinhar qual delas ocorreria. Não era uma questão de mentir, mas de esperar pelo melhor.

— Ela será bem tratada. Além do mais, é do interesse deles que ela alcance o preço mais alto possível. Portanto, vão mantê-la sadia, assim como à criança.

— Então, não serão torturadas?

— Com que finalidade? — Apontando para a carne que ela ainda segurava diante da boca, mudou deliberadamente o rumo da conversa. — Se não está com fome, sugiro que paremos para comer mais tarde. — Retomou a caminhada antes que ela pudesse responder, deixando-lhe uma única alternativa: apressar-se em segui-lo.

Pararam a noite, em uma clareira ao lado da trilha. Daniel ofereceu-lhe mais carne, porém Caroline sentia-se cansada demais para comer. Embora a chuva houvesse cessado, a grama ainda estava molhada, assim como seu cobertor. Ela se preparava para estendê-lo, quando Daniel tocou seu braço.

— Tome — disse ele, oferecendo-lhe o cobertor que carregava sob a sacola, seco portanto.

— Oh, não, eu não poderia...

— Pegue. Estou acostumado ao frio e à umidade. E você não terá nenhuma utilidade se pegar pneumonia!

Clássicos da Literatura Romântica

Afinal, Caroline aceitou, cansada demais para resistir. Embrulhando-se no cobertor, deitou-se na grama e, num instante, adormeceu.

Daniel ajoelhou-se, observando-lhe as feições cansadas, os arranhões na testa e nas faces. Embora Caroline houvesse prendido as trancas em torno da cabeça, muitas médias tinham se soltado e caíam, emaranhadas, sobre seu rosto. Quando Daniel afastou-as, ela se espreguiçou e murmurou algo. Ele sentiu um aperto na garganta. Apesar de malcuidada e esfarrapada, essa mulher era linda.

Caroline dormia de lado, as pernas encolhidas, uma das mãos sob o rosto, parecendo uma criança. Ao lembrar-se da expressão que ela fizera ao vê-lo rasgar sua saia, Daniel sorriu. Era obrigado a admitir que ela possuía personalidade. Podia imaginá-la enfrentando MacKenzie, e mais uma vez arrependeu-se por não tê-lo matado. Sabia que o ritmo da viagem fora acelerado, mas Caroline não reclamara. Certamente agüentaria até alcançarem os índios e, então, talvez ele pudesse libertar Hannah e Sheila. Sua intenção era trocá-las por mercadorias, embora devesse contar com possibilidade de uma fuga. Seria um desafio — quase impossível, na verdade —, mas era isso o que dava sabor à vida. Contemplou o rosto de Caroline mais uma vez. Depois, levantou-se, sacudiu o cobertor que ela deixara e, embrulhando-se nele, instalou-se no chão, satisfeito ao sentir os músculos relaxarem. Ao contrário de Caroline, não dormiu encolhido; manteve uma das mãos no rifle, e a outra na faca. Todos os seus instintos lhe diziam que os índios encontravam-se bastante à frente, mas sobrevivera até ali por nunca confiar na escuridão da noite. Além do mais, os animais selvagens representavam um perigo constante. Fechou os olhos, inspirou profundamente, e adormeceu.

O dia já amanhecera quando Caroline acordou. Gotas de chuva ainda caíam do pinheiro sob o qual dormira. O orvalho umedecera o cobertor, mas ele ainda a aquecia. Afastando-o, espreguiçou-se e gemeu quando seus músculos protestaram. Imaginou se Daniel havia dormido bem com seu cobertor molhado. Apoiando-se no cotovelo, olhou em volta.

Não viu Daniel. Repentinamente nervosa, sentou-se, o coração aos saltos. Será que ele partira, deixando-a para trás? Seria capaz de fazer tal coisa? Foi quando avistou as coisas dele arrumadas sobre uma pedra, a poucos metros de distância. Suspirando de alívio, levantou-se, avaliando as próprias roupas.

Sua aparência era assustadora — pelo menos até onde podia ver; o resto, podia imaginar muito bem. Levou as mãos aos cabelos e constatou que haviam se transformado em uma massa embaraçada. Seria impossível trançá-los sem um pente ou escova, mas tudo o que tinha à disposição eram os próprios dedos. Soltou as trancas, prendeu-as novamente, e tentava ajeitar as mechas rebeldes, quando Daniel reapareceu.

— Bom dia.

— Bom dia — disse ela, abaixando as mãos rapidamente dos cabelos para a roupa amarrotada. Esquecera-se de que a saia ia apenas até os joelhos, transformando-se em pernas a partir dali. Estava suja, a blusa também. Abriu os braços, num gesto de impotência.

— Você está bem — disse Daniel, deslumbrado com sua silhueta desenhada contra a luz da manhã.

— Você é muito gentil. Onde esteve?

— Explorando o terreno. Você precisa comer. — E entregou-lhe pão e carne retirados da sacola.

Era pão de milho. Devia tê-lo conseguido no forte. Caroline comeu, sentada sobre

Clássicos da Literatura Romântica

uma rocha. Esforçou-se para mastigar devagar, quando sua vontade era engolir os pedaços inteiros. Ao perceber que Daniel a observava, ergueu os olhos.

— Não está comendo? — perguntou.

— Comi mais cedo.

— Atrasei você. — Ia levantar-se quando ele acenou para que ficasse onde estava.

— Nós os alcançaremos. Estamos na temporada de caça, e suas terras ficam mais ao norte. Suas famílias os esperam nas tribos. Quando terminarem a caçada, levarão os prisioneiros a Montreal.

— Não estarão preocupados que alguém os persiga? Daniel sacudiu a cabeça.

— Não esperam ser perseguidos. Conhecem os ingleses melhor do que são conhecidos por eles. Sabem que seria preciso mais de dois ataques para dar-lhes coragem suficiente para se embrenharem na floresta. Os ingleses preferem arar os campos, transformando-os em fazendas.

— Seu tom é amargo. Ele deu de ombros.

— Pois não deveria ser. Afinal, a floresta é extensa. Levaria séculos até que os ingleses conseguissem arar toda a região. Os índios não têm tanta sorte. Os ingleses os empurram para o norte, para os braços dos franceses, que os enchem de ódio, e os mandam de volta para o sul. Um dia, os dois países ficarão em paz e dividirão as terras entre si. Então, os índios perderão seu valor, até mesmo para os jesuítas, que se dizem ansiosos por salvar suas almas para torná-los escravos do rei.

Caroline sacudiu a cabeça.

— Não compreendo. Você é francês e católico, e parece contrário ao seu rei e à religião.

— Na Inglaterra, muitos falam mal do rei. Assim, por que não estender o mesmo direito a mim, especialmente levando-se em conta o comodista perdulário que se senta ao trono da França? Quanto à religião, declaro-me católico, mesmo porque é crime dizer o contrário. Na verdade, minha mãe educou-me como huguenote, como foi educada pela mãe dela.

— Pensei que os huguenotes tinham sido enxotados da França há anos, e que estavam todos na Inglaterra.

— Inglaterra e Alemanha. A maioria. Mas houve exceções. Minha avó estava grávida quando rei Luís ordenou que todos os protestantes se convertessem, ou seriam mortos na fogueira. Juntamente com o resto da família, meus avós fizeram as malas e se prepararam para deixar o país. Quando estavam a caminho da fronteira, minha avó entrou em trabalho de parto. Uma família bondosa os abrigou e cuidou dela. Meu avô era alfaiate, e logo conseguiu trabalho. Por uma sequência de fatos, criaram raízes e permaneceram ali.

— Mas nunca se converteram.

— Fingiram que sim. Embora fosse batizada na igreja católica, minha mãe aprendeu sua religião em casa. É uma história interessante, mas não temos tempo agora. Seja terminou seu café da manhã...

Caroline assentiu, pensativa. A história contada por Daniel trouxera-lhe outra preocupação.

— Quando os alcançarmos, o que faremos? — perguntou. — Como fugiremos com

Hannah, grávida de quase oito meses?

— Talvez não tenhamos de fugir.

— Mas... — Caroline franziu o cenho, aturdida.

Daniel não pôde evitar um sorriso, diante de tanta ingenuidade. Então, fora isso o que ela pretendia seguindo a irmã: conseguir raptá-la e voltar para o sul? Duas mulheres e uma criança, fugindo de guerreiros algonquianos?

— A solução mais provável é negociarmos sua liberdade, uma vez que, neste país, qualquer um se interessa por barganhas. — Observou a mudança na expressão dela ao ouvir a novidade.

— O que vai oferecer a eles?

— Dinheiro — Daniel respondeu, dando de ombros. — Ou cobertores, ou rifles, se preferirem. Tenho algumas coisas comigo e posso conseguir outras no posto comercial. — Ele evitou explicar que trouxera essas coisas pensando que Caroline poderia, também, estar nas mãos dos índios.

— Eles lhe entregarão Hannah em troca de mercadoria?

— Por que não? Isso lhes poupará o trabalho de carregá-la até o norte. E, se o preço for alto...

— Eu lhe pagarei — interrompeu Caroline, interpretando mal o que ele dissera. — Seja qual for o preço da liberdade delas, restituirei a você.

— Não estou preocupado com o pagamento. — Daniel virou-se para o lado a fim de que ela não percebesse a insegurança que se insinuava em seu íntimo. Tinha preocupações maiores do que ser reembolsado: uma delas era a possibilidade de os índios recusarem a troca. Prisioneiros davam à tribo um prestígio que as mercadorias não podiam dar. Em geral, as tribos dizimadas pela guerra ou pelas doenças optavam por adotar seus prisioneiros com a finalidade de melhorar sua posição na hierarquia das tribos. Crianças, principalmente, eram adotadas. Uma mulher grávida e uma criança trariam grandes privilégios. Mas não seria prudente explicar isso a Caroline.

— Então, é assim tão fácil! Eu não imaginaria! — disse ela, sacudindo a cabeça, feliz com a nova perspectiva.

— Tudo o que temos de fazer é encontrá-los — disse Daniel, disfarçando a pontada de culpa que sentia por enganá-la. Levantou-se, pegou um ramo de árvore caído no chão e varreu o local onde haviam dormido.

— Por que está fazendo isso se ninguém nos segue?

— Hábito. Da mesma forma que você arruma sua cama pela manhã.

Como ocorrera na véspera, Daniel seguia na frente. Pareceu a Caroline que ele andava mais devagar ou, talvez, ela houvesse se acostumado ao ritmo acelerado. Viajavam há horas quando ele parou e, abaixando-se, apontou uma pequena depressão ao lado da trilha.

— Eles têm um cavalo — informou ele.

— Sim, dos soldados que mataram na fazenda. Deveriam ter três.

— Pode ser que os tenham. Eles amarram pedaços de couro em cada um dos cascos, para encobrir as pegadas.

Provavelmente, sua irmã viaja montada; e a criança também.

Clássicos da Literatura Romântica

— Você acha? — Uma chama da esperança iluminou os olhos de Caroline. Se Hannah estivesse cavalgando, a jornada não seria tão dura.

Daniel assentiu.

— Isso explicaria a velocidade com que avançam. Naquela tarde, alcançaram o local onde os índios haviam acampado na noite anterior. Caroline animou-se ao constatar que tinham ganho terreno. Estimulada pela descoberta, esqueceu o cansaço. Àquela altura, nada poderia detê-los! Mas, rejubilara-se cedo demais, pois, uma hora mais tarde, chegaram ao rio: o primeiro afluente que corria do nordeste, a primeira grande ramificação da trilha para o Canadá. O rio parecia ter quase duzentos metros de largura, e a correnteza era forte demais para que pudessem nadar.

O dia estava nublado até então. Quando alcançaram a margem, as nuvens começavam a se dissipar. Instantes depois, o sol filtrava-se por entre a ramagem, tingindo as árvores de esmeralda, e a água de dourado.

Apesar da beleza da cena, Caroline não enxergava nada além do obstáculo que se interpunha em seu caminho.

— Será que eles vieram aqui?

Daniel sacudiu a cabeça, a atenção dirigida a uma árvore ou, mais precisamente, a um talho profundo no tronco.

— E então — Caroline insistiu —, o que faremos?

— Vamos atravessá-lo.

— Como?

— Sabe nadar? — ele perguntou, enquanto examinava outra árvore próxima.

Daniel deslizou a mão pelo tronco da árvore. E, sob o olhar confuso de Caroline, desembainhou a faca e enterrou-a na casca.

Fez uma incisão vertical, desde o ponto mais alto que podia alcançar, até mais ou menos um metro da base. Então, pendurando-se em um ramo baixo, continuou o corte até alcançar uma altura de, pelo menos, três metros. Deslizando a lâmina no corte, começou a separar a casca do tronco.

— O que está fazendo? — perguntou Caroline.

Pela maneira brusca como Daniel virou-se, ela concluiu . que fora esquecida enquanto ele se concentrava no trabalho.

— Você encontrará algumas trepadeiras perto daquelas árvores —ele disse, apontando para o local. — Corte dois pedaços de três metros e meio cada um, e outros dois um pouco menores. Se não puder quebrá-los, venha pegar a faca.

Caroline nem ousou protestar, muito menos discutir, mas sentiu-se esquecida mais uma vez, quando ele lhe deu as costas, voltando à sua tarefa. Ela seguiu na direção apontada. Os ramos da trepadeira eram duros, mas conseguiu quebrá-los nas medidas necessárias. Quando voltou para onde estava Daniel, ele havia descascado mais da metade do tronco da árvore. Tirara a camisa, e o suor brilhava sobre a pele lisa de suas costas.

Caroline observou-o por um instante, sentindo o sangue ferver. Jamais conhecera um homem de físico tão perfeito. Lembrava-lhe uma estátua clássica que vira quando criança, com uma diferença fundamental: tinha diante de si uma imagem real, de alguém que exalava saúde e vitalidade.

Percebendo sua presença, Daniel olhou ao redor, secando com o braço o suor que lhe cobria os olhos.

— Preciso de sua ajuda. Se puder segurar a parte solta da casca, poderei entrar e terminar o trabalho pelo lado de dentro.

Ela se posicionou atrás dele, entre o tronco e a casca, que formava um semicírculo ao redor dos dois. Aproximou-se da abertura, com as costas voltadas para Daniel, que trabalhava com a faca, tão próximo que a tocava cada vez que respirava. O cheiro de suor que ele exalava, misturado ao aroma da árvore, afetava os sentidos de Caroline, impedindo-a de se concentrar, trazendo-lhe à lembrança o beijo trocado na noite do baile no forte.

Com um suspiro, Daniel deixou os braços caírem ao longo do corpo. Recostou-se no tronco, virou a cabeça para Caroline, que lhe observava o peito arfante e a pele coberta de suor. No instante seguinte, seus olhos se encontraram. Devagar, Daniel ergueu a mão, tocou-lhe o queixo e puxou-a delicadamente para si.

Beijou-a com suavidade, saboreando sem pressa a doçura dos lábios que se entregariam para receber seu toque mágico. Caroline lembrou vagamente que, se soltasse a casca da árvore, ela e Daniel ficariam presos ali. Mas seus dedos formigavam pelo desejo de tocá-lo. Por um longo momento, permaneceram imóveis, conscientes apenas da paixão que os unia. Então, Daniel levantou a cabeça.

— Jamais cruzaremos o rio com distrações como esta. Está muito cansada, ou pode me ajudar mais um pouco?

Caroline assentiu, incapaz de falar. Sentia-se frágil, como se sua química houvesse mudado. Mas foi só impressão, pois suas mãos ainda seguravam com firmeza a casca da árvore. Daniel, por sua vez, parecia tê-la esquecido novamente, absorvido pelo trabalho.

Após alguns minutos, ele a liberou da tarefa, segurando a casca para que ela saísse. Dirigindo-se à extremidade mais distante, onde a casca fora separada do tronco, fez outro corte, da mesma altura do anterior, e vários outros, horizontais, para soltá-la da árvore.

Quando estava completamente solta, puxaram-na juntos e pousaram-na no chão, com as extremidades voltadas para cima. Daniel colocou pedras pesadas no fundo e cortou três galhos, que instalou pelo lado de dentro, a intervalos regulares. Os galhos eram flexíveis o suficiente para acompanhar a curva natural. Por outro lado, eram bastante resistentes para impedi-la de fechar-se num tubo. Com a faca, fez uma série de buracos nas duas extremidades. Então, com a ajuda de Caroline, usou os pedaços de trepadeira que ela cortara para costurá-los. Fizeram o mesmo para prender os galhos.

Havia outra árvore ao lado da primeira. Daniel foi até lá e, seguindo-o, Caroline viu dois talhos profundos no tronco. Para cicatrizar os próprios ferimentos, a árvore produzia resina, que cobria os cortes com abundância. Daniel retirou-a e, retornando ao barco, besuntou todas as costuras, selando os buracos. Como resultado, obteve uma canoa.

— Tosca, porém aproveitável — foi seu veredicto, depois de inspecioná-la.

— Maravilhosa! — exclamou Caroline. — Que bom ser capaz de fazer um barco, partindo do nada!

— Não foi do nada — ele corrigiu, com um brilho de divertimento no olhar. — Além do mais, você me ajudou.

— Eu... — Caroline gaguejou, sentindo-se tensa à medida que Daniel se aproximava.

Ele apoiou as mãos suavemente na cintura dela, inclinando-se apenas o

Clássicos da Literatura Romântica

suficiente para estudar-lhe o rosto. Depois sorriu com meiguice.

— Se eu lhe mostrar todos os meus segredos, o que me restará?

— Você me mostrou todos?

Em vez de responder, ele a puxou para si e pousou os lábios suavemente sobre os seus. Foi um beijo lânguido, repleto de promessas. Com mãos carinhosas, Daniel massageava suas costas, desde a nuca até a altura das nádegas.

Caroline, agora com as mãos livres, reagiu, às carícias sem a menor inibição. Seus dedos avançaram pelas costas fortes e suadas. Sentia o calor do corpo dele enquanto a abraçava com delicadeza, tocando-a sem pressa, a própria lentidão dos movimentos alimentando as chamas da paixão. Tão suave quanto começara, o beijo terminou e, mais uma vez, ele se afastou com relutância.

— Caroline, querida, se não me impedir, vou devorá-la.

Ela aninhou-se nos braços dele, colando o corpo ao seu. Pareciam ter sido feitos um para o outro, completando-se como duas metades de um todo. Daniel pronunciara a palavra "devorar" sem qualquer conotação pejorativa, com a voz tão suave quanto seu braço. E tudo o que Caroline desejava era ser devorada por aquelas mãos, por aqueles lábios. O amanhã não importava, nada importava, a não ser chegar às profundezas do desejo, conduzida por essas carícias, aonde quer que a levassem. Aproximando-se ainda mais, pressionou o rosto contra o dele e fechou os olhos, embriagando-se com o calor do seu corpo.

De repente, ele a ergueu nos braços, levando-a a um local onde a grama era alta e macia. Com cuidado, deitou-a no chão, ajoelhando-se a seu lado.

— Desejo você — murmurou —, desde a primeira vez em que nos vimos, perto do rio. Lembra-se daquela tarde?

Caroline fez que sim, o coração batendo descompassado. Contra a sua vontade, a maciez da grama onde estava trouxe-lhe a lembrança de Edmund. Pela primeira vez, pensou no sonho que tivera, adormecida sob o salgueiro: Daniel se transformava em Edmund e ambos desapareciam, deixando-a aturdida e carente de afeto.

Os olhos azuis de Daniel brilhavam, enquanto seus dedos alcançavam o primeiro botão da blusa de Caroline. Ela estremeceu ao vê-lo desabotoar sua roupa. E, ao contato das mãos fortes sobre sua pele, não pôde mais suportar. Ergueu-se repentinamente.

— Não posso! — murmurou. — Sinto muito, mas não posso! — Incapaz de olhá-lo nos olhos, Caroline virou a cabeça.

Houve um momento de silêncio, então ele suspirou.

— Por que sente muito?

Caroline levantou a cabeça com um gesto brusco. A pergunta a surpreendera por completo. Os olhos de Daniel não refletiam desagrado, mas apenas desejo e a compaixão que ela conhecia tão bem.

— Por que eu o fiz pensar que poderia... que eu iria... — Cada vez mais embaraçada, ela acrescentou num fio de voz: — Você tem sido tão bom para mim.

— Não me fez pensar nada. E eu não esperava nada, absolutamente nada, em troca do pouco que fiz. Disse-lhe para me impedir, e foi o que você fez. Por que desculpar-se?

A dor crescia no peito de Caroline; uma dor que ela não podia compreender, como se uma torrente de lágrimas estivesse prestes a irromper do seu íntimo. Experimentava

uma tristeza profunda, embora pontilhada de esperanças.

— Não sou virgem. Se mentir para você, estarei agindo como uma vagabunda.

Daniel tomou-lhe a mão, segurando-a com firmeza.

— Caroline... se alguém dissesse isso a seu respeito, eu o mataria.

Ela preferiu manter-se em silêncio. Deixou-se abraçar mais uma vez e, à medida que o tempo passava, sentia-se mais leve, a dor desaparecendo aos poucos do seu peito.

Daniel segurou-a junto a si até perceber que ela respirava profunda e constantemente, já adormecida. Depois de beijar-lhe os cabelos, deitou-a com cuidado sobre a grama macia. Então, sentou-se, olhando seu rosto, como fizera na noite anterior.

— Caroline — murmurou —, se sobrevivermos a esta aventura, vou ensinar-lhe o que é amor. Dou-lhe minha palavra.

Depois de cobri-la, ele foi inspecionar o barco recém-construído, sob os últimos raios de sol.

CAPÍTULO IX

Caroline despertou sentindo o aroma de carne. Esfregando os olhos, virou-se para o lado de onde vinha o cheiro. Daniel estava de cócoras em frente à fogueira, sobre a qual assava dois coelhos em espetos. Estava sem camisa, como na noite anterior. O sol da manhã realçava seu torso musculoso.

Ainda sonolenta, Caroline recordou a sensação daquelas costas nuas sob suas mãos, a ternura com que ele a abraçara até que adormecesse. Experimentou um curto momento de calma, pois a memória logo trouxe uma torrente de emoções contraditórias, que ela não podia conciliar. Afastando o cobertor, sentou-se e, por força do hábito, passou a cuidar de sua aparência.

Imediatamente, constatou que esse hábito teria de ser abandonado durante os próximos dias — a necessidade de arrumar-se era suplantada pela falta de meios apropriados para isso.

Suas roupas exibiam a penúria dos últimos três dias, manchadas de lama e rasgadas onde haviam se enroscado em galhos e espinhos. Por terem molhado e secado repetidas vezes, estavam amarrotadas e disformes. Também por força do hábito, passou as mãos pela camisa e pela saia, e depois no emaranhado em que seus cabelos haviam se transformado.

Não perdera todos os grampos que os prendiam, portanto o que restara de suas tranças ainda se aderiu com teimosia em torno de sua cabeça. Mas algumas mechas encaracoladas espalhavam-se por todos os lados, repletas de gravetos e carrapichos. Sem um pente ou uma escova, era pouco o que ela podia fazer; mesmo assim, pôs-se a ajeitar o penteado com gestos automáticos. Conseguiu localizar os grampos e, quando os retirou, as tranças rolaram livres por suas costas, quase até a cintura. Puxando uma delas

por cima do ombro, começou a desfazê-la.

Ouvindo os movimentos de Caroline, Daniel virou-se. Concentrada nas trancas, ela não percebeu que era observada, continuando a rotina que, para Daniel, parecia tão antiga quanto a própria floresta. Quantas vezes ele observara as índias trançarem os cabelos, exatamente do mesmo jeito, à primeira luz da manhã? Lembrou-se da mãe, sentada como Caroline estava agora, os braços delicados e graciosos, a cabeça inclinada para o lado, o olhar sereno e pensativo, perdido no vazio.

Sobre o que pensavam as mulheres ao trançarem os cabelos? Será que sonhavam com um amante, cuja magia mudaria suas vidas, ou simplesmente pensavam nas tarefas que as aguardavam ao longo do dia que começava? Daniel conhecia a fundo os pensamentos de um homem em um momento como aquele: sonhava com o calor daquela cascata de cabelos, com sua suavidade ao tato, com o aroma que desprenderia. Um homem imaginava aquela cortina sedosa a passear por seu peito nu, e imaginava-se acariciando suavemente a pele aveludada daqueles braços.

Na noite anterior, Daniel dominara seus impulsos, mas agora, vendo Caroline tão distraída, sentiu os músculos retesarem-se e um fogo intenso espalhar-se por todo o seu corpo. Se ela lhe dirigisse o olhar naquele momento, ele se aproximaria. E, se fizesse o menor gesto convidativo, ele a tomaria nos braços e a apertaria contra si, até sentir-lhe a maciez dos seios aconchegados em seu peito. Então, beijaria seus lábios, doces e receptivos, como os encontrara na noite anterior. E a levaria, lentamente, ao paraíso que, com certeza, fora criado especialmente para eles.

No entanto, Caroline não se virou, e o ruído da gordura caindo sobre o fogo trouxe-o de volta à realidade. Os coelhos estavam quase prontos. Ouviu-a levantar-se e dobrar o cobertor. Escutou seus passos quando ela caminhou até o rio, e visualizou a maneira como se ajoelharia na margem, apoiando-se em uma das mãos, enquanto mergulharia a outra na água para banhar o rosto. Imaginou como sacudiria o braço, livrando-se das últimas gotas, antes de secá-lo na saia. Embora fosse uma imagem corriqueira, não surtiu qualquer efeito sobre o desejo que crescia em seu peito. Ouviu-a retornar, aproximar-se e hesitar, e esse momento de hesitação tocou-lhe fundo o coração, acalmando sua tempestade interior, trazendo-lhe a mesma paz que sentira na noite anterior.

O primeiro coelho estava assado. Inclinando-se, Daniel levou-o até a rocha a seu lado, tentando ganhar tempo para que seu sorriso exprimisse apenas camaradagem.

— Bom dia. Parece que dormiu bem.

— Sim, muito bem. E você? — Sem coragem para fitá-lo nos olhos, Caroline fingiu-se interessada nos coelhos.

Daniel sorriu, contente por constatar que a vida poderia ser tão simples, pois ainda podia oferecer-lhe boa comida.

— Achei melhor fazermos uma refeição sem carne seca. Depois que cruzarmos o rio, não poderemos nos arriscar a usar o rifle, nem a acender uma fogueira, espalhando o cheiro de carne assada.

— Aliás, está cheirando muito bem — disse Caroline, com um sorriso.

Embora a carne lhe despertasse o apetite, não era suficiente para distrair sua atenção do torso nu de Daniel. Apesar do aroma da comida, ela reconheceu o odor que sentira na noite anterior: resina de pinheiro mesclada a suor. Cerrou os punhos, enquanto tentava afastá-lo da memória.

Quando Daniel lhe servia, um raio de sol brilhou sobre seu braço, provocando nela

Clássicos da Literatura Romântica

um leve arrepio. Era incrível como um detalhe tão sutil lhe causava emoções tão intensas. Pegou a carne e sentou-se em uma tora próxima à fogueira.

O coelho estava delicioso, talvez por ser a primeira refeição quente que fazia nos últimos quatro dias. Comeu com vontade, totalmente absorvida pelo prazer de saborear a comida. Em seguida sua atenção voltou a Daniel, que atraía seu olhar de maneira irresistível. Contudo, procurando algo que distraísse seus pensamentos, concentrou-se no tronco do qual haviam retirado a casca. Na véspera, preocupara-se apenas com a canoa; agora, olhando a árvore, deu-se conta da ferida que haviam causado. Toda a parte inferior do tronco fora desnudada e a seiva escorria com abundância. Daniel logo percebeu o motivo de sua preocupação.

— Parece danificada, não é?

— Bastante. Vai se recuperar?

— A árvore? Claro! Vai se recuperar muito bem. As árvores são como as pessoas: quando sofrem um ferimento, criam uma segunda pele, mais espessa e resistente que a primeira.

Como eu, pensou Caroline, os olhos fixos na árvore. E quanto aquilo lhe custara! Criara uma casca em torno de si mesma, uma armadura impossível de ser penetrada. Ainda assim, quando Daniel a tocara na véspera, pôde senti-lo, mais intensamente do que se imaginava capaz.

— Bem — ela disse, franzindo o cenho —, se os índios atravessaram aqui, devem ter construído canoas, também, E, se o fizeram, onde estão as árvores usadas por eles?

— Do outro lado do rio. — Daniel juntava os ossos dos coelhos para jogá-los no fogo. — Trouxeram-nas quando se dirigiam para o sul, e as esconderam na mata. Quando retornaram, os barcos estavam à espera, precisando apenas de um pouco mais de resina.

— O talho na árvore! Devem tê-lo feito para extrair a goma com que vedariam as canoas! — Seus olhos se iluminaram à medida que as peças do quebra-cabeças se encaixaram. — Pensei que fosse apenas um modo de marcar o caminho.

Daniel sacudiu a cabeça.

— Os índios dificilmente deixam marcas pelo caminho. As canoas feitas de casca, porém, são impermeáveis como aquelas de bétula, embora possam ser construídas com maior rapidez. Por falar nisso, se pretendemos partir logo, devemos cuidar das nossas.

Caroline sentiu uma pontada de desejo ao vê-lo caminhar, ágil e atlético, até onde estava a canoa. A luz do sol banhava-lhe os cabelos e as costas, provocando nela um desejo intenso e poderoso, que ia além da lembrança da noite anterior, além da razão e da compreensão, estendendo-se ao fogo diante do qual estava sentada e ao paladar delicioso do coelho que permanecia em seus lábios. Incluía o rio, a terra, as árvores, o ar e, acima de tudo, Daniel, ajoelhado ao lado do barco, os cabelos como uma coroa acima da curva máscula das costas. Ela pensou em Hannah e no porquê de estarem ali, mas nem o horror da realidade foi capaz de apagar o efeito da luz do sol.

Do alto de uma árvore, um corvo crocitou e precipitou-se para o chão, avançando dois passos em direção à fogueira. Olhou para ele, desconfiado, e então avançou. O sol refletiu em seu dorso, que parecia duro e negro como carvão. Caroline observou seus movimentos enquanto lutava para dominar a tentação que se apoderaria de seu ser. Recuperando o controle, permaneceu ali por mais alguns instantes. Então, suspirando, ficou de pé e virou-se, não para Daniel, mas em direção à margem do rio, onde folhas e

gravetos se espalhavam ao acaso. Atrás de si, o corvo aproximou-se de onde ela estivera sentada, para abocanhar alguma migalha que tivesse sobrado.

Enquanto isso, Daniel retocava a camada de resina ao longo da última costura. Trabalhava rapidamente, os pensamentos dirigidos à jornada a ser feita. A seu lado, o rio corria com sua água cristalina, enquanto o vento produzia uma melodia suave nas copas das árvores. Bem alimentado, o corpo quente e descansado, sentia-se pronto a responder a qualquer desafio que o dia lhe trouxesse.

Educado dentro de uma mescla de catolicismo e calvinismo, Daniel jamais encontrara dentro da igreja a religião que encontrava na floresta. Ali, em um momento como aquele, sentia-se próximo de Deus. Sentia estar desempenhando o papel que lhe fora atribuído na vida. O rio era sua catedral, o vento melodioso, seu coro.

Amava a vida que levava. Em momentos como aquele, sentia a profundidade desse amor e uma gratidão imensa por ter sido agraciado por ele. Como seria — imaginou — passar a vida sufocado pela cidade ou acorrentado a uma fazenda, sempre andando em círculos, sobre o mesmo velho caminho, limitado pelas obrigações e pela tagarelice dos vizinhos? Como seria nunca conhecer um momento como aquele, nunca postar-se no topo de uma montanha, admirando o nascer do sol por sobre as nuvens?

Pensou em Caroline. Eram muito parecidos em algumas coisas; ambos haviam escolhido vidas solitárias, mas enquanto a sua era rica em prazeres, e dela era triste e pobre. Vivia fechada e isolada, enquanto ele vagava por campos e florestas, enfrentando os perigos da natureza e embriagando-se com sua beleza. Não fosse pelo rapto da irmã, Caroline jamais estaria ali. Passaria a vida inteira confinada no pequeno mundo que conhecia, fortemente guardado pelo machado e pelo arado. Com certeza ele não iria agradecer a Deus pela tragédia que a trouxera ali. No entanto, jamais poderia negar que a ocasião era para ele uma verdadeira dádiva.

Daniel confiava na própria habilidade para negociar com os índios, embora a vida na floresta lhe tivesse ensinado que nada era garantido. Mesmo que ele e Caroline sobrevivessem àquela aventura, no final teriam de se separar. Nesse ínterim, havia algumas coisas que poderia partilhar com ela, como os segredos da região; talvez conseguisse ensinar-lhe a confiar na terra como jamais poderia confiar nos homens. E, quem sabe, até a confiar em si mesma. Assim, mesmo depois que a deixasse, ela não estaria completamente só. Ouviu os passos de Caroline no momento em que seus dedos alcançavam a última costura. Levantando a cabeça, viu-a caminhando pela margem pedregosa, arrastando dois pedaços de troncos. O que segurava na mão direita era quase tão alto quanto ela mesma e, o outro, um pouco menor. Ambos tinham as extremidades achatadas.

— Para usarmos como remos — ela explicou. — A menos que você tenha algo melhor.

— Nada. — Daniel sorriu ao perceber o brilho nos olhos dela. Sim, ele pensou, seria fácil ensinar-lhe a saborear os prazeres da vida na selva. Talvez houvesse tempo para mostrar-lhe mais coisas.

Daniel levou a canoa até o rio, seguido por Caroline, que carregava os remos e os cobertores. Colocando o barco na água, pressionou-o contra a superfície, examinando o fundo à procura de algum sinal de infiltração. Satisfeito com o resultado do teste, segurou-o com firmeza para que ela embarcasse.

— Já estive em um barco antes?

— Muitas vezes. Em Surrey, morávamos perto do rio e tínhamos um velho barco a

remo.

— Ótimo. Então, vamos.

Caroline inclinou-se para acomodar os remos e os cobertores. Então hesitou, mordendo o lábio.

— Tem certeza que esse barco agüenta? Não vai afundar?

— Depende do que pretende fazer dentro dele — Daniel respondeu, e quase mordeu a língua ao lembrar-se de como ela se ofendera anteriormente, com uma brincadeira como aquela. Mas, desta vez, ela pareceu divertir-se. Lançando-lhe um sorriso rápido, entrou no barco. Ou melhor, tentou entrar.

Despreparada para a leveza da embarcação, inclinou-se demais, perdendo o equilíbrio. Mal colocou o pé no fundo da canoa, esta deu uma guinada violenta. Se Daniel não estivesse segurando com firmeza, o barco teria disparado para o meio do rio. O movimento empurrou-a para trás. Caroline tentou, em vão, recuperar o equilíbrio. Com um gemido de relutância, caiu sentada na água.

Ocupado em reter o barco, Daniel ouviu o baque e vir ouse, pronto a desculpar-se por não tê-la socorrido a tempo. Mas, ao vê-la naquela posição, desatou a rir.

— Isso não é uma balsa! Tem de segurar nos dois lados e manter-se abaixada.

— Por que não disse antes? — ela resmungou, levantando-se.

A roupa molhada colava-se ao seu corpo, delineando os seios e a curva do quadril. Daniel não pôde evitar que seus olhos se fixassem naquela visão fascinante.

— Não me ocorreu dizer-lhe. Você parece adaptar-se a tudo com naturalidade.

Embora Daniel não tivesse a intenção de fazer-lhe um galanteio, Caroline enrubesceu. Depois de torcer as roupas o melhor que pôde, ela avançou para o barco. Desta vez conseguiu manter o equilíbrio, embora a canoa balançasse como um pedaço de cortiça a cada movimento seu. Daniel, entretanto, não lhe deu tempo de pensar em mais nada; saltou para dentro da embarcação e tomando o controle de um dos remos, impulsionou-a para o meio do rio, posicionando-se contra a correnteza. A cada remada, a canoa lançava-se para a frente, adejava, então disparava novamente.

Caroline estava imóvel, na proa, receosa de fazer qualquer movimento, por medo de virar o barco, que parecia reagir a cada pequena ondulação da água. O outro remo encontrava-se ao alcance de sua mão, porém ela não se mexeu para pegá-lo; ao contrário, agarrou-se às bordas com força.

A neblina do amanhecer permanecia suspensa sobre a água, enquanto as árvores da margem oposta mostravam-se escuras e misteriosas. Um casal de patos selvagens, assustados pela passagem do barco, levantou vôo. Caroline acompanhou-os com o olhar, sentindo as mãos relaxarem à medida que a calma do momento atenuava seus temores.

A beleza reinava ali, no frescor da manhã, com as montanhas erguendo-se além da floresta. Deslizando sobre a água, a brisa soprando seus cabelos, Caroline sentia-se quase que em uma viagem de passeio. Duvidou que Hannah, ao fazer a mesma travessia, houvesse notado a cintilação da água ou o calor do sol sobre a pele. Caroline tivera medo da instabilidade do barco, o que não teria sentido a irmã, grávida, com Sheila nos braços, tensa, exausta e cercada de inimigos? Era fácil para Daniel explicar-lhe que não havia nada a temer; mas, com certeza, os índios não estiveram preocupados em explicar nada a Hannah. Se não fora torturada até então, como saberia que a hora seguinte não lhe reservava tal destino?

Clássicos da Literatura Romântica

Há quanto tempo sua irmã teria passado por ali? Caroline e Daniel haviam construído a canoa com rapidez; não podiam estar muito atrás de Hannah e seus captores. Talvez os alcançassem no dia seguinte. O que fariam então? Será que Daniel possuía um plano definido? Caroline ouviu o movimento firme e constante do remo. De repente, soltou a murada e pegou o seu para ajudar na travessia.

Próximo da margem, guardou o remo e inclinou-se para a frente, guiando Daniel, de forma que ele pudesse aportar em segurança.

— Tenha cuidado ao sair do barco — ele advertiu, com um sorriso malicioso.

— Não sou completamente idiota — ela respondeu um segundo antes de tropeçar. Só não caiu porque agarrou-se, desajeitada, a um galho que se projetava por sobre a margem.

— Não completamente — Daniel concordou, saltando do barco com tanta leveza, que Caroline envergonhou-se do próprio desembarque. Ao vê-lo alcançar o chão sem qualquer ruído, balançou a cabeça em sinal de admiração. Ele não notou o gesto, pois já se ocupava em esconder a canoa dentro de um tronco oco, a poucos metros da margem.

Caroline ajudou-o no transporte do barco e a disfarçar o esconderijo. Teria perdido um momento para admirar o trabalho feito, mas, como antes, Daniel não perdeu um minuto sequer, partindo imediatamente, o rifle na mão, os cobertores às costas.

De início, Caroline pensou que ele caminhava às cegas; entretanto, logo percebeu que seguiam uma trilha, embora fosse bem mais estreita e difícil de distinguir do que a que haviam seguido até então.

— Os índios vieram por aqui? — ela perguntou, imaginando como os cavalos teriam conseguido passar.

Daniel sacudiu a cabeça.

— É mais provável que tenham preferido a trilha principal. Por este caminho, vamos ganhar algum tempo sobre eles.

Caroline percebeu que Daniel mantinha a voz baixa e que seu olhos moviam-se sem parar enquanto falava. Como sempre, ficou impressionada pelo conhecimento profundo que ele tinha da floresta e pela constatação de que suas chances de sobrevivência sozinha eram mínimas.

Caminharam até o anoitecer, parando apenas uma vez, e só pelo tempo necessário para comerem. Trocaram umas poucas palavras, entre longos intervalos, mas Caroline não se sentiu oprimida pelo silêncio. A presença de Daniel proporcionava-lhe conforto e não exigia nada em troca. A julgar por seu comportamento, era como se a noite anterior não houvesse existido, como se nunca houvessem se beijado. Mesmo assim, Caroline sentia que ele se lembrava daquele momento com tanta clareza quanto ela.

Interromperam a viagem quando não havia mais luz. Naquela noite, Daniel não acendeu uma fogueira, embora a brisa fosse bastante fria.

— Eles poderiam ver o fogo — ele explicou em voz baixa. Apesar da escuridão, Caroline viu o brilho de seus olhos inquietos e estremeceu.

— Estamos tão perto? Daniel assentiu.

— Provavelmente. Devemos alcançá-los amanhã à noite.

— Se é assim por que paramos agora?

— Quer que tropeçemos neles em plena escuridão? O fator surpresa é nossa única

vantagem. Prefiro mantê-lo.

Caroline sabia que ele estava certo; ainda assim, a despeito do cansaço, era difícil relaxar, sabendo que Hannah encontrava-se a seu alcance. Abraçando os joelhos, olhou para a escuridão, tentando conciliar o conflito interior: em parte gostaria de insistir para que continuassem; por outro lado, sentia-se grata pela sabedoria e prudência com que ele manipulava a situação.

— O que eu teria feito se você não viesse ao meu encontro? Não conseguiria cruzar o rio, se é que o teria alcançado.

— Se eu não tivesse demorado tanto em Montreal, talvez sua irmã estivesse em segurança, agora. — Daniel percebeu que podia dizer aquilo sem sentir-se culpado, pois, se houvesse conseguido frustrar o ataque, não estaria ali, tão próximo a Caroline.

— O que o levou a Montreal?

— A morte de meu pai. Tive de cuidar de seus negócios.

— Sinto muito... Você o amava?

— Amava mais minha mãe. Senti muito quando ela morreu. Minha ligação com meu pai restringia-se aos laços de sangue. Eu o amava como um filho ama um pai.

—, Todo filho ama o pai? — Caroline estava pensativa, os olhos perdidos na escuridão. — Não acho que amo o meu. Talvez tenha amado um dia, mas desde...

— Desde quando? — Daniel perguntou num sussurro.

Seu tom de voz não era exigente, porém ela sentiu-se obrigada a responder-lhe, a confessar-lhe. O conflito contra a vergonha que a sufocava. Tinha certeza de que ele não se afastaria assim que tomasse conhecimento da verdade. Perderia a chance de ser amada por ele, antes mesmo de conhecer esse amor? Mas, qual seria o valor de um amor comprado pela mentira? Lembrou-se da rápida troca de carinhos na noite anterior. Se respondesse à pergunta dele, aqueles momentos jamais se repetiriam, pois ele não a respeitaria depois de conhecer a verdade. E ainda havia o fato de que tudo o que acontecera a Hannah era sua culpa... Portanto, talvez ela merecesse ser punida com a perda do respeito de Daniel. Mesmo depois dessa conclusão, hesitou por um momento, antes de começar a falar.

— É uma longa história, mas vou contar-lhe toda. Você vai saber o tipo de mulher com a qual tem sido tão atencioso.

— Já conheço essa mulher.

— Não, não conhece. — Caroline sacudiu a cabeça. — Uma mulher capaz de vender a própria virtude, e até mesmo a da irmã... vaidosa, orgulhosa, egoísta e...

— Caroline...

— Deixe-me falar! Guarde seus protestos até ouvir tudo. Depois, receio que os cale para sempre. Havia um homem onde fui criada, em Surrey, um homem rico e poderoso. Naquela época, acreditei que o amava. Agora vejo que não; creio que cobiçava seu poder, seu título e sua riqueza. Tanto que troquei minha virtude por suas promessas vazias.

— Que promessas?

— Casamento foi uma delas. Ele disse que se casaria comigo se eu cedesse. Tola que era, acreditei, cega por minha ganância.

Clássicos da Literatura Romântica

— Não teria sido pelas promessas dele?

— Qual a diferença? Eu sabia o que estava fazendo, e optei pelo pecado. Preferi acreditar que um lorde poderia amar uma aldeã.

— E por que não — Daniel sentia que as palavras de Caroline despertavam nele um ódio antigo, enterrado fundo em seu peito; o ódio que sentia pelo Canadá, com sua corrupção e peculato, onde a posição social servia como desculpa para os excessos mais grosseiros. — Um homem se define por seu *status*.

— *Status* e riqueza. Embora esse homem me escolhesse para seu prazer, chegando o momento do casamento escolheu uma moça de sua própria classe social. Para se livrar de qualquer embaraço que eu pudesse causar-lhe, pagou a um outro para que se casasse comigo e me trouxesse para a América. — Caroline fez uma pausa enquanto revivia toda a história: o choque, a humilhação, a raiva, a incredulidade. Quase esqueceu de Daniel, tão silencioso a seu lado. — Procurei meu amante — continuou em voz baixa. — Disse-lhe que não tomaria parte em seu plano, eu permaneceria em Surrey, como emblema de sua vergonha. Ele tentou me persuadir e, ao constatar que não conseguiria, pagou a Thomas MacKenzie para casar-se com Hannah, não mais comigo.

Daniel teve um sobressalto ao ouvir suas últimas palavras. Tratava-se de um detalhe que ele desconhecia, embora tudo se encaixasse perfeitamente. Sentiu um gosto amargo na boca, trazido pela repulsa àquele tipo de estratégia que alguns homens usavam.

— E eu permiti — disse Caroline, despercebida da reação de Daniel. — Permiti que se casasse com Hannah, quando deveria ter, eu mesma, me casado com ele.

— Você recusou o casamento. Sua irmã não poderia fazer o mesmo?

— Não era de sua natureza. Mas Deus sabe o quanto implorei para que não aceitasse, para que rejeitasse o pedido de Thomas MacKenzie!

— E ela aceitou com satisfação...

— Sentiu-se feliz em honrar meu pai, e ele, satisfeito em consentir.

— Será que sua irmã sofreu por ter aceito esse casamento?

— Ela teve de viver com esse homem horrível durante todo esse tempo.

— É verdade: viver com ele, em sua própria casa, com seus próprios filhos. Enquanto você escolheu viver sem ninguém, sem nada, exceto, é claro, a própria culpa.

— Eu não merecia ter nada! — Sua voz elevou-se, aguda, assustando dois pássaros, que levantaram vôo de um arbusto próximo.

Daniel ignorou o incidente, concentrando sua atenção na luta interior de Caroline.

— Por ter cometido um erro quando tão jovem? Acha que Hannah sente remorsos pela vida que escolheu, da mesma forma como você sente pela sua?

— Ela não merece sentir-se assim.

— Não, você está errada. Todos nós temos remorsos, não importa se grandes ou pequenos. Faz parte da natureza humana. Mas devem ser equilibrados pelo perdão.

— Não posso perdoar. Não agora, com Hannah assustada e, talvez, em sofrimento. Como posso perdoar agora?

Daniel fitou-lhe o rosto pálido. Como ele gostaria de ajudá-la a conhecer melhor a vida! Mas uma noite não seria suficiente para desfazer a trama complicada de tantos anos. Não poderia fazer nada além de aumentar o fardo de culpa que ela carregava.

Mesmo assim, não resistiu a mais uma pergunta.

— Como poderá perdoar no futuro o que não pode perdoar agora? — Sem esperar resposta, levantou-se, desenrolou os cobertores e estendeu o mais quente para ela. — Aqui está — disse com delicadeza. — Já é tarde.

— Obrigada — ela murmurou, virando-se para deitar-se. Por um momento, Daniel a observou em silêncio. Então, chamou-a:

— Caroline?

— Sim?

Daniel não viu, mas sentiu a ansiedade em seus olhos. Tal como a hesitação que ela demonstrara pela manhã, isso tocou-lhe o coração. Abaixando-se, tomou-lhe uma das mãos e levou-a até os lábios. Antes de soltá-la, pressionou-a suavemente, como se quisesse deixá-la guardar a marca de seu beijo.

— Boa noite, Caroline.

— Boa noite — ela murmurou, os olhos rasos de lágrimas.

Naquela noite, Caroline chorou sozinha, em silêncio, para que Daniel não percebesse. Contara-lhe seu pior segredo, e ele permanecera a seu lado. Podia sentir o calor do conforto que ele tinha para lhe oferecer, embora não se permitisse buscá-lo. Não o merecia, pensou com amargura, mas sentindo-se eternamente grata. A força de proteção que ele oferecia a envolveu. Depois de tantos anos, finalmente alguém se colocava entre ela e o mundo. Quando acordasse, no dia seguinte ele estaria a seu lado. Parecia demais para ser pedido; ainda assim, era verdade. Fechando os olhos para conter as lágrimas, suspirou profundamente e, antes que se desse conta, estava adormecida.

Deitado às suas costas, Daniel ouvia o choro abafado de Caroline e lutava contra o desejo de abraçá-la e consolá-la. Dizia a si mesmo que ela, pelo menos, confiara nele. Com certeza, era um sinal de que começara a acreditar. Ainda assim, era difícil deixá-la chorar sozinha, quando poderia secar-lhe cada lágrima com um beijo. Permaneceu deitado, os olhos abertos, ouvindo até que a última lágrima secou e ela dormisse. Alguns minutos depois, também adormeceu.

— Feche os olhos — disse Daniel. Encontravam-se na floresta, sob as copas das árvores.

Passava do meio-dia, embora Caroline não soubesse que horas eram, pois haviam caminhado desde a manhã, falando pouco. Quando Daniel parará, instantes antes, ela pensara que ele pretendia comer, mas ele apenas observava as árvores, cenho franzido.

— Fechar os olhos? — ela repetiu.

— Isso mesmo. Conte até trinta, depois pode abri-los.

— Esconde-esconde? — Caroline fitou-o divertida.

— Obedeça-me pelo menos uma vez.

Caroline sentou-se em um toco, cobrindo os olhos com as mãos, e começou a contar em voz alta. Ouviu um farfalhar rápido e, depois, nem mais um ruído.

— Doze, treze... — Imaginou se deveria estar encantada ou preocupada com a criancice de Daniel. — ... Vinte, vinte e um... — Finalmente: — Vinte e nove, trinta... E agora? Pronto? O que devo fazer?

Como ele não respondesse, Caroline levantou-se e olhou em volta. Daniel deixara o

rifle ao lado do toco, junto aos cobertores e à sacola. Afora esses itens, estava tão sozinha quanto estivera antes que ele a encontrasse.

Olhou por entre as árvores. A floresta, que parecera tão amistosa enquanto ele estivera a seu lado, de repente passara a mostrar-se sinistra e perigosa. Caroline não gostou da sensação que a envolveu.

— Daniel? — arriscou. — Não quero brincar assim.

— Não estamos brincando. — A voz dele vinha de algum lugar no alto. Olhando para cima, ela tentou localizá-lo nas árvores.

— Onde está você?

— Aqui em cima.

Caroline ouviu-o claramente, mas não via qualquer sinal dele.

— Onde? Não posso vê-lo. . — Como eu pensava.

Houve um outro farfalhar, e um galho moveu-se. Então, um pé apareceu, depois o restante do corpo de Daniel, que saltou para o chão.

— Este lugar vai servir perfeitamente aos meus propósitos.

— Que propósitos? Vamos brincar de novo?

— Não exatamente. — Seu tom de voz era seco. — Servirá como esconderijo para você, enquanto exploro a trilha.

Franzindo o cenho, Caroline olhou para cima.

— Por que não vou junto? Se vai apenas negociar, por que não posso estar presente?

— Porque só um idiota entraria em um acampamento de guerreiros sem antes fazer um reconhecimento do terreno. Além disso, prefiro ser poupado do desafio de explicar sua presença.

— Quero ir com você — ela insistiu. — Não farei nada que possa traí-lo. Enquanto estiver discutindo o preço com eles, ficarei escondida na floresta. Além do mais, se pensa que pretendo passar a tarde empoleirada em uma árvore, com Hannah logo à frente, e provavelmente precisando de mim...

CAPÍTULO X

Caroline endireitou as costas e afastou-se do tronco áspero, virando-se de um lado para o outro. Não fazia idéia de quanto tempo estivera sentada ali. Sem companhia.

Parecia que várias horas haviam se passado desde que Daniel partira. Pela centésima vez, imaginou o que a demora dele significava: talvez houvesse encontrado os índios e estivesse espionando seu acampamento, ou até mesmo já estivesse negociando a libertação de Hannah. Perguntou-se como ele conduziria as negociações e quanto

Clássicos da Literatura Romântica

tempo levaria para concluí-las. Quem sabe tudo estivesse resolvido e Daniel já se encontrasse a caminho, trazendo Hannah e Sheila consigo... Esquecendo o desconforto, imaginou a alegria com que ouviria a voz da irmã a chamá-la. Pelo que sabia, os índios eram tão devotados às cerimônias quanto os nobres franceses. Rezou para que Daniel não fosse obrigado a ouvir discursos a noite inteira, pois duvidava que suas costas agüentariam tanto-desconforto.

Um passarinho pousou em um galho próximo. No momento em que avistou Caroline, empertigou-se, o temor instintivo em luta contra a curiosidade. Afinal, o medo triunfou, o pássaro alçou vôo, deixando-a para trás, com seus pensamentos perturbadores.

Talvez Daniel ainda não os houvesse localizado e continuasse no seu encalço. Poderia, ter se enganado a respeito da temporada de caça que os levaria diretamente à tribo. Se os índios houvessem continuado a marcha para o norte, ela e Daniel estariam perdendo um tempo precioso. A pior parte da espera era a impossibilidade de saber o que estava acontecendo.

Caroline mudou de posição novamente, em busca de alívio. O esconderijo era tão confortável quanto um poleiro poderia ser: O galho onde se sentava alargava-se na junção com o tronco, formando uma ligeira depressão, que lhe permitia relaxar sem ter de preocupar-se com o equilíbrio. Durante os primeiros momentos, fora suportável. A vista era agradável: um mar de verde e amarelo, salpicado de vermelho e alaranjado; mais acima, o céu, transformando-se de azul em lilás. Não se enganara: logo anoiteceria; portanto, Daniel partira há várias horas. Será que demoraria a voltar?

Examinou o chão através da folhagem. Daniel lhe recomendara que permanecesse onde estava até ouvir seu chamado. Com certeza, não iria deixá-la ali a noite toda. E se houvesse acontecido algum acidente? Os índios poderiam encontrá-lo antes que ele os localizasse. Pela primeira vez desde que ele partira, Caroline sentiu medo, a mesma sensação que experimentara quando, ao abrir os olhos, depois de contar até trinta, encontrara-se sozinha. Novamente teve a impressão de que a floresta crescia, assustadora, diminuindo sua importância até torná-la insignificante, um grão de areia na imensidão complexa da natureza. Se Daniel fosse capturado, o que ela poderia fazer? O medo transformou-se em pânico, trazendo-lhe um gosto amargo à boca.

— Pare com isso — disse a si mesma —, ou só vai piorar as coisas. Daniel não será capturado; ele conhece a floresta como a palma da mão. Além do mais, por que iriam capturar um francês cuja ocupação é comerciar com os índios? Não, não será capturado; ele voltará.

Lembrando-se da noite anterior, sentiu-se mais segura. Contara-lhe sua história com Edmund, e ele não se afastara. Na verdade, mostrara-se disposto a desculpá-la. Era difícil acreditar, mas devia ser verdade. Afinal, naquela manhã, ele a tratara como sempre fizera: com amizade mesclada de respeito. O que ele dissera? Que ela deveria perdoar a si mesma. Bem, talvez isso fosse possível, desde que Hannah estivesse em segurança. Daniel lhe proporcionara um vislumbre de como a vida seria se esse peso terrível fosse retirado de seus ombros. Se conseguissem salvar Hannah, haveria uma chance de conseguir livrar-se do fardo. E então, talvez, ela e Daniel poderiam encontrar um caminho comum...

Uma coruja piou, chamando a atenção de Caroline para o anoitecer. Ela se envolveu com o cobertor, tentando ignorar o som agourento, mas foi em vão; a coruja piou novamente, provocando-lhe um calafrio de apreensão. De repente, seu medo se dissipou. Ora, claro que era Daniel, chamando-a como da outra vez!

— Estou aqui! — Caroline respondeu. — Você os encontrou? Hannah está com

Clássicos da Literatura Romântica

você? -- Começou a descer, movimentando-se devagar, pois sentia as pernas enrijecidas após tantas horas parada. — Já estou indo! Minhas pernas estão duras. Talvez seja melhor você se afastar, caso eu despenque daqui!

Rindo da própria piada, olhou através das folhas. Como a noite já se aproximava, não podia enxergar o chão com clareza. Achou que vira Daniel num relance, mas não tinha certeza. E ele não lhe dera qualquer resposta, embora ela pudesse ouvi-lo pisar as folhas secas. Trêmula pela expectativa de encontrar a irmã no instante seguinte, continuou a cautelosa descida, apoiando-se em cada galho, até alcançar o último, a dois metros do chão. Teria de pendurar-se para que Daniel a segurasse, ajudando-a a descer.

— Aqui estou eu! — declarou, dirigindo o olhar para o chão, de onde quatro pares de olhos negros e frios a fitavam.

Índios! No primeiro instante, Caroline ficou petrificada. Depois, o medo agitou seu espírito, fornecendo-lhe uma energia repentina. Desenroscando-se da ramagem, estendeu-se para cima, mas no momento em que sua mão agarrou o galho, um punho forte fechou-se em torno de seu tornozelo. Sua primeira reação foi tentar sacudi-lo para livrar-se do empecilho. Logo, porém, deu-se conta de que essa atitude não fazia o menor sentido. Afinal, o que pretendia? Escalar a árvore? O que poderia fazer quando alcançasse o último galho? Atirar-se para o céu e voar como um pássaro? Além do mais, eram quatro e, provavelmente, todos eles mais aptos a subir em árvores do que ela. Mesmo consciente da realidade, não conseguia aceitar o fato de que fora capturada, até que ouviu uma palavra estranha pronunciada por uma voz gutural.

— *Vite!* — disse alguém, e logo a mão que a prendia puxou-a com força, quase levando-a ao chão.

Sem saber como, Caroline manteve o equilíbrio, embora, no instante seguinte, fosse definitivamente arrancada da árvore. Então, viu-se de pé, rodeada pelos índios.

Os quatro usavam apenas tangas e mocassins, e tinham os peitos pintados de cores que ela não pôde distinguir no lusco-fusco do anoitecer. Seus rostos também estavam pintados com listras coloridas ao longo das faces largas, transformando-os em fantasmas evocados pelo medo que se apoderava dela.

Um deles era da sua altura, embora musculoso; os outros três eram pelo menos dois palmos mais altos. O homem que a puxara da árvore era o mais alto do grupo. Diferente dos companheiros, que usavam os cabelos soltos, os seus estavam presos num rabo-de-cavalo, amarrado por uma tira de couro. Um outro carregava um escalpo pendente do cinto. Caroline sentiu-se nauseada diante daquela visão.

Os quatro formaram um círculo em volta dela, acotovelando-se e conversando em uma língua que ela não entendia. Estava tão aterrorizada que pensou que ia desmaiar. Ao mesmo tempo, sentia uma calma espantosa, como se assistisse àquilo tudo acontecendo a uma outra pessoa.

Daniel explicara que os índios tomavam prisioneiros por dinheiro. Trechos de histórias assustadoras assaltaram sua mente: os índios arrancavam unhas, amputavam dedos com os próprios dentes; enfiavam espinhos de nogueira afiados pelos braços das vítimas; divertindo-se com sua agonia. E as coisas que faziam às mulheres... Não podia pensar sobre aquilo. Enlouqueceria e começaria a delirar, e eles a matariam ali mesmo. Devia disfarçar o medo, escondendo-o de seus captores, bem como de si mesma.

Os índios pararam de falar. O que usava o rabo-de-cavalo agarrou-a pelo braço e, empurrando-a para frente, disse algo que ela compreendeu ser uma ordem para que se pusesse em marcha. Como não tivesse alternativa, Caroline obedeceu, embora seus

Clássicos da Literatura Romântica

joelhos estivessem fracos e trêmulos, fazendo com que tropeçasse a cada passo. Isso irritou "Rabo-de-Cavalo", que a cutucou por trás, falando novamente naquela língua rude. Então, outro índio passou por ela para guiar a marcha, deixando-a sem escolha, senão acompanhá-lo.

Caminhavam em silêncio, formando uma fila. Estariam levando-a para o acampamento? Teria Daniel mandado esses homens para buscá-la? Bem, talvez as negociações estivessem demorando mais do que ele calculara, por isso mandara-os encontrá-la na floresta para levá-la ao acampamento. De que outra forma eles teriam sabido onde procurá-la? Pelos seus gritos, claro. Qualquer um, num raio de dois quilômetros, a teria ouvido gritar de cima da árvore, e ela descera devagar, dando-lhes tempo de sobra para alcançá-la. Mas, se Daniel os havia mandado, por que tratavam-na daquela forma? Um calafrio percorreu a espinha à medida que crescia a certeza de que algo saía errado.

O índio à sua frente caminhava tão depressa, que Caroline quase corria para acompanhá-lo. Suas pernas já não tremiam, mas estava fraca pelo susto, e a marcha rápida provocava-lhe pontadas na altura do baço. Quando diminuiu o passo, tentando livrar-se da dor, Rabo-de-Cavalo a empurrou, forçando-a a acelerar o ritmo, embora cada passo lhe causasse uma dor lancinante.

Rezou para que o acampamento estivesse próximo. Talvez encontrassem Daniel antes de chegarem lá. Mas, de que serviria isso? Seus captores carregavam rifles e, certamente, alertariam os outros com tiros. Então, uma nova idéia formou-se em sua mente. E se esses homens não fizessem parte do bando que atacara a fazenda? Se fossem outros índios quaisquer?

Poderiam seguir em direção ao Canadá, não ao acampamento! No momento em que seu coração disparava diante da nova ameaça, Caroline divisou pontos luminosos em meio à mata e, alguns minutos depois, chegou ao acampamento.

Era pequeno: duas fogueiras entre troncos de árvores tombadas, sobre os quais alguns guerreiros estavam sentados, comendo. Outros descansavam no chão, enrolados em mantas, que os protegiam da brisa fria da noite. A poucos metros à sua direita, Caroline viu Hannah, sentada em um cobertor, Sheila adormecida a seu lado.

— Hannah!

Ouvindo o grito, Hannah ergueu a cabeça, os olhos arregalados de incredulidade. Caroline precipitou-se em sua direção.

— Hannah, você está viva! — soluçou, abraçando a irmã.

— Caroline? — A voz de Hannah expressava a mesma surpresa do olhar. Embora Caroline a abraçasse com força, permaneceu imóvel por alguns momentos. — Estarei sonhando? — disse como se falasse para si mesma e duvidasse do calor daquele abraço. — Caroline, minha irmã! Oh, Caroline!

Agarraram-se uma à outra, ambas chorando copiosamente. De repente, Caroline viu-se arrancada dos braços da irmã, com tanta força que teria perdido o equilíbrio, se a pessoa que a puxava não a houvesse amparado.

Era Rabo-de-Cavalo, o rosto transtornado pela raiva. Apontando para Hannah, gritou com Caroline em sua língua incompreensível. Ainda trêmula, ela viu a mão dele elevar-se no ar, e ouviu o grito abafado de Hannah um momento antes de sentir um golpe violento na têmpora. Desta vez, foi ao chão. Com a cabeça latejando, mãos e braços arranhados, deixou-se ficar caída. Ouviu-o esbravejar e, embora não compreendesse uma única palavra, sabia o que ele queria. Devagar, dolorosamente, ajoelhou-se, para depois se

Clássicos da Literatura Romântica

levantar. Começou a tirar a sujeira da roupa, na tentativa de adiar, ainda que por um curto momento, o confronto com aquele rosto escuro e arrogante, de olhos frios e lábios cruéis.

Rabo-de-Cabalo não estava só. Sua fúria tirara os outros de seu repouso, trazendo-os para onde estava Caroline. Formaram um círculo em volta dela, murmurando uns com os outros, enquanto a estudavam com olhos tão pouco amigáveis quanto os de seu agressor.

"Deve ser um pesadelo", pensou Caroline, olhando para os índios um por um, procurando o conforto da visão dos conhecidos cabelos loiros. "Daniel deixou-me na árvore e devo ter adormecido. Se me esforçar para abrir os olhos, descobrirei que estive sonhando e tudo isso desaparecerá." No entanto, por maior que fosse o seu esforço, tudo continuava igual.

Ouviu uma elevação do murmúrio e, virando a cabeça, viu o círculo se abrir, dando passagem a um homem de ombros largos, cujos cabelos negros eram entremeados por mechas grisalhas, presos no topo da cabeça, adornados por uma pena de águia. Por um longo momento, ele a observou. Então, acenou com a cabeça e cruzou os braços sobre o peito, enquanto Rabo-de-Cavalo começava a falar.

Caroline logo percebeu que ele contava a história de sua captura. Ouviu o pio da coruja e a imitação de seus próprios gritos. Enquanto ele falava, "Pena-de-Águia" ouvia com expressão impassível. O que estaria pensando? Que poder teria? Pretendia machucá-la? Daniel dissera que não o fariam, mas fora esbofeteada ainda há pouco. Portanto, Daniel poderia ter se enganado. Teriam machucado Hannah? Mal olhara para o rosto da irmã antes de atirar-se em seus braços. Agora, o agrupamento de índios a impedia de vê-la. E quanto a Sheila? Oh, Deus, onde estaria Daniel? Por que não viera resgatá-la? Por que não fazia alguma coisa para livrá-la desse horrível pesadelo?

Rabo-de-Cavalo terminou sua história, e Pena-de-Águia pôs-se a falar. Suas palavras deviam ser elogiosas, pois o outro mostrara-se satisfeito. Estendeu o braço, agarrou Caroline novamente, arrastando-a com estupidez até uma árvore próxima. Tomando um pedaço de corda, amarrou-lhe os punhos no tronco, prendendo-a com firmeza.

A posição era dolorosa. A corda feria-lhe os punhos, e seus ombros doíam. Lembrou-se do próprio ressentimento por ficar encolhida sobre a árvore e, num momento de amargura, concluiu que estava sendo punida por haver reclamado por tão pouco. Agora aprenderia o que era desconforto. Olhou em volta, à procura de Hannah, mas seus cabelos caíam sobre os olhos. Ao sacudir a cabeça para afastá-los, quase não suportou a dor no local onde Rabo-de-Cavalo lhe dera a bofetada.

Em algum lugar perto dali, alguém assava carne sobre uma fogueira. O aroma fez seu estômago revirar. Ela não comia desde o amanhecer e caminhara durante muitas horas. "Oh, Daniel", pensou desolada, "onde está você? Como pode permitir que isso aconteça comigo?" -

Satisfeito com seu trabalho, o índio deu a volta na árvore, postando-se diante de Caroline, os braços cruzados sobre o peito. A contragosto ela o encarou. Os olhos hostis fitaram os seus, depois percorreram todo o seu corpo, demorando tanto sobre seus seios, que ela corou. Diante da expressão do índio, Caroline esqueceu a dor nos braços, o desconforto da posição, experimentando o horror da nova ameaça.

Começou uma prece em silêncio, sentindo a boca ressequida e o coração aos saltos. Aterrorizada, viu Rabo-de-Cavalo estender a mão em sua direção. Foi nesse instante que, de algum ponto atrás dela, os arbustos estalaram e palavras rudes ecoaram.

Clássicos da Literatura Romântica

Fazia horas que Daniel observava o acampamento. Pelo número de índios que guardavam os reféns, calculara quantos estariam caçando; mas, como os números eram cruciais naquela situação, queria certificar-se. Hannah e sua filha pareciam bem, embora assustadas e cansadas da viagem. Quando seis guerreiros chegaram carregando uma porção de pombos recém-abatidos, ficou satisfeito ao ver que um deles levava parte da carne para elas. Devia ser aquele o seu senhor, o primeiro que colocara as mãos nela, e o fato de servi-la era um bom sinal da condição das duas. A despeito do seu valor, os reféns costumavam ser maltratados, fosse pela crueldade de seu senhor, ou pela simples falta de cuidados. Caroline ficaria aliviada ao ouvir que a irmã era bem tratada.

Não ficaria satisfeita com as conclusões de Daniel quanto à probabilidade de escaparem. Após muitas horas de vigilância, usando o conhecimento que possuía do terreno, ele concluía que os riscos de uma tentativa de raptá-las eram altíssimos. Provavelmente, Hannah dormiria rodeada pelos homens e, mesmo que dormisse sozinha, poderia assustar-se e dar o alarme, caso ele tentasse acordá-la. E, para contar com uma chance real de escapar, precisaria dos cavalos.

Seria esperar demais conseguir tudo isso em silêncio. Um guerreiro indígena poderia dormir profundamente em sua cabana, junto à família; uma vez na floresta, seu sono era leve.

Se pegassem Daniel tentando roubar-lhes os cavalos e as reféns, não apenas ele sofreria, mas também Hannah e a garotinha. E Caroline estaria só e indefesa na floresta.

Decidira, portanto, negociar a libertação das duas em troca de mercadorias. Tinha sete cintos de búzios, utilizados pelos índios como dinheiro, algumas jóias de prata e um pote de tinta vermelha, de que eles tanto gostavam. Além disso, poderia oferecer-lhes um vale para ser trocado nos postos comerciais próximos às vilas indígenas, ao sul de Montreal, onde seu crédito era sempre bom. Tudo somado resultava em um pagamento mais do que justo pelas duas reféns e o cavalo que precisaria para levar Hannah para casa. Havia, é claro, o perigo de que a oferta não fosse aceita. Na selva, os riscos faziam parte da vida. A favor de Daniel estava a crença de que rejeitar a proposta de um francês traria azar para um índio.

Quando seus pensamentos chegaram a esse ponto, Daniel lembrou-se de Caroline. Negociar a liberdade de sua irmã levaria bastante tempo, pois era o tipo de coisa que exigia uma cerimônia adequada. Estava quase certo de que os índios haveriam de querer que ele passasse a noite no acampamento. Nesse caso, não poderia deixá-la empoleirada na árvore. Um plano melhor seria ir ao encontro dela e voltar antes do anoitecer. Isso decidido, Daniel deixou o acampamento. Caminhara menos de cinco minutos quando ouvira passos. Escondendo-se atrás de uma moita, viu os quatro guerreiros trazendo Caroline como prisioneira.

Teve um choque, que dominou rapidamente, a fim de manter a mente alerta para a ação necessária. Mas, o que fazer? Atirar tão perto do acampamento estava fora de cogitação. Se conseguisse libertar Caroline, estaria se declarando inimigo do grupo, depois do que não teria qualquer esperança ao negociar a liberdade de Hannah, que passaria a ser vigiada com mais cuidado.

Enquanto considerava essas possibilidades, seguia, silenciosamente a fila de índios. Refazendo a lista dos bens que levava consigo, tentou imaginar o raciocínio de um guerreiro indígena. O que aconteceria se dissesse que Caroline era sua refém? Imaginou onde a teriam encontrado. Se fosse em cima da árvore, ele poderia dizer-lhes que a deixara lá para protegê-la de animais selvagens, enquanto caçava para comerem. Então lhe perguntariam por que a deixara solta. Poderia dizer que a havia amarrado, e ela escapara. E, sendo ela sua refém, a honra indígena os obrigava a devolvê-la.

Clássicos da Literatura Romântica

Então, talvez pudesse negociar pela irmã. Tudo dependia da intenção dos índios, de seu estado de espírito e, principalmente, da confiança em Daniel. Algumas tribos viam os comerciantes com bons olhos, outras não. Se aquela fizesse parte do primeiro grupo, ótimo.

Outro pensamento lhe ocorreu. Rejeitara a idéia da fuga porque Hannah poderia surpreender-se e denunciá-lo. Mas Caroline estaria esperando por ele para resgatá-la, e certamente, avisaria a irmã. Os índios possuíam três cavalos, todos com pedaços de couro sobre as narinas e nos cascos. Poderiam ser afastados em silêncio. Talvez, com a ajuda de Caroline, a fuga fosse possível.

Os índios haviam chegado ao acampamento. Agachado entre os arbustos onde se escondera antes, Daniel assistiu ao reencontro de Hannah e Caroline... e a viu ser atirada ao chão. Naquele momento, precipitou-se furioso em sua direção, esquecendo a cautela. De imediato, porém, recuperou o controle e permaneceu imóvel por alguns minutos, temendo ter sido descoberto. Mas os índios estavam muito ocupados, assistindo ao espetáculo, para ouvi-lo nos arbustos.

O pulso acelerado pelo ódio, Daniel observou, atento, o guerreiro contar a história da captura de Caroline aos companheiros. Quando o índio imitou o pio de uma coruja, colocando a mão em concha na orelha, em sinal de surpresa, Daniel calculou o que havia ocorrido: uma coruja realmente piara, e Caroline pensara que era um chamado seu. Devia ter gritado e descido da árvore para encontrá-lo, sendo surpreendida pelos captores que, provavelmente, ficaram tão confusos quanto ela.

Terminada a história, o guerreiro agarrou Caroline novamente. Empurrou-a em direção a uma árvore e amarrou-a com tanta brutalidade, que Daniel sentiu os próprios punhos arderem. Esforçando-se para dominar a raiva, ele imaginou que, se a haviam amarrado, talvez a deixassem sozinha, o que lhe possibilitava aproximar-se e chamá-la sem ser ouvido pelos outros. Observou o captor verificar o próprio trabalho e dar a volta para estudar Caroline. Cada vez mais furioso, percebeu a mudança no rosto escuro. Quando viu a mão bronzeada estender-se para ela, seu ódio explodiu.

— Pare! O que você está fazendo?

Daniel gritou no dialeto índio e avançou ruidosamente dos arbustos para dentro do círculo que rodeava Caroline. Apesar da raiva cega, tinha consciência de que era melhor não arriscar a própria reação, fitando-a nos olhos, pois temia que o horror estampado no rosto dela o faria ultrapassar os limites da tolerância e do controle.

O índio virou-se para encará-lo, os olhos faiscantes de ódio.

— Com que direito ousa me enfrentar? — inquiriu com voz rude.

— Com o direito de um senhor. Essa mulher me pertence.

— O quê!? Acabei de achá-la sozinha na floresta. Essa mulher pertence a Esh-tan!
— declarou, batendo o punho fechado no próprio peito.

Reprimindo a irritação, Daniel sacudiu a cabeça.

— Você a encontrou onde eu a deixei quando fui procurar comida. Ao retornar, dei pela falta dela e a rastreei até aqui.

Ao ruído de folhas secas pisoteadas, o círculo se abriu, dando passagem a um homem cuja pena de águia o proclamava chefe.

— Qual o problema? — ele perguntou. O guerreiro enraivecido falou:

— Ho, Ti-sha-wa! Esse homem diz que a mulher branca é dele! Diz que a deixou

para buscar comida. Mas Ti-sha-wa, eu pergunto, por que não estava amarrada? Por que desceu tão livre quando passamos por baixo?

Daniel deu de ombros.

— Deve ter pensado que você era eu. E por que amarrá-la? Para onde iria, sozinha na floresta?

Esh-tan avaliou-o com desdém, cuspiendo em seguida. Ti-sha-wa virou-se para o visitante.

— Pode provar o que diz?

Daniel assentiu. Fitando os olhos astutos do chefe, encontrou, de repente, não só a explicação, mas todo o seu plano. Perguntou-se por que não pensara naquilo antes.

— Sim, posso provar. Mas isso não é um assunto para ser gritado aos quatro ventos. — Lançou um olhar rápido para a fogueira.

Ti-sha-wa compreendeu o sinal.

— Muito bem — concordou. — Venha, vamos nos sentar.

Ti-sha-wa rumou para a fogueira, mas, como Esh-tan não o seguisse, Daniel também não se moveu. Estava tão próximo de Caroline que podia ouvir sua respiração, assim como o leve farfalhar de suas roupas a se mover. Cedendo à fraqueza, Daniel ergueu os olhos para ela.

Como temia, a reação dela foi brusca e violenta. Todo o seu corpo enrijeceu e os olhos encheram-se de lágrimas. Daniel percebeu que ela tentava controlar-se, mas, entre sua captura e a chegada dele, suas defesas haviam enfraquecido. Caroline tinha os olhos arregalados de terror e lhe fazia um silencioso porém desesperado apelo. Necessitava ser confortada, mas Daniel não confiava na própria capacidade para falar-lhe sem se trair. Então, viu o hematoma em seu rosto e, por um momento, pensou em matar Esh-tan ali mesmo, independente das consequências para Caroline ou para si mesmo.

A seu lado, Esh-tan emitiu um som animal.

— Ti-sha-wa está diante da fogueira! Vai fazê-lo esperar? — Virando-se, afastou-se a passos largos. Por um momento, Daniel continuou a fitar Caroline. Depois seguiu o guerreiro.

Ambos sentaram-se, um de cada lado do chefe, em frente à fogueira. O último pombo assava no espeto. O chefe pegou-o e ofereceu aos dois. Daniel aceitou um pedaço por delicadeza. Embora não comesse deste o amanhecer, mastigou a carne sem apetite, lembrando-se de que Caroline deveria estar tão faminta quanto ele, além de nauseada pelo pavor. Esh-tan também pegou um pedaço, que mastigou

150

ruidosamente, atirando os ossos no chão.

— Sou Ti-sha-wa — disse o chefe. — E este é Esh-tan, irmão de minha mulher.

— Sou Daniel Ledet, comerciante. Ti-sha-wa assentiu.

— Ouvi falar de você. Faz comércio com os britânicos.

— Comercio com os índios, também.

— A carne está boa?

— Muito boa — disse Daniel, sabendo que o costume impedia o chefe de ir direto ao

Clássicos da Literatura Romântica

assunto. Terminando de comer colocou os ossos de lado, tomou fôlego e começou: — Venho do sul, da fazenda de onde seus homens tomaram a mulher e a criança. O marido dela ofereceu uma boa recompensa pelo seu retorno. Concordei em encontrá-la e oferecer-lhe o preço. Os lábios de Ti-sha-wa curvaram-se num sorriso.

— E tirar algum lucro, também.

— Apenas para compensar o meu tempo. Pagarei bem mais que o governador em Montreal e o livrarei do fardo de cuidar delas.

— É um fardo pequeno. Como vê, temos cavalos. Portanto, a viagem é fácil para elas. E há carne suficiente para todos.

— E a outra mulher? — Esh-tan interpelou. — Por que veio com você? Para aquecê-lo à noite, nas campinas?

Embora sentisse os músculos enrijecerem diante do sorriso sarcástico do guerreiro, Daniel deu de ombros, fingindo indiferença. Dirigindo-se ao chefe, prosseguiu:

— MacKenzie tinha dito que ela também fora capturada, mas eu a encontrei vagando pela floresta. Disse-me que pretendia resgatar a irmã sozinha.

— Ha! — Esh-tan desdenhou. O chefe apenas sorriu.

— Então, tomou-a como refém — disse Ti-sha-wa. — Por que não a levou de volta para receber o dinheiro de MacKenzie?

— Quanto acha que MacKenzie pagaria por uma só e encontrada com tanta rapidez? Além do mais, ela se voltaria contra mim. Estava determinada a salvar a vida da irmã. Quando eu lhe disse que pretendia levar sua irmã de volta, acompanhou-me passivamente. É uma mulher forte, por isso não me atrasou.

— E então — Ti-sha-wa concluiu —, deixou-a em uma árvore enquanto vinha negociar conosco. Tem certeza de que você e a mulher não pretendiam roubar nossas reféns? Ouvi dizer que você negocia nos fortes britânicos.

A questão pegou Daniel desprevenido, mas seu raciocínio foi rápido.

— Sou um comerciante, não um ladrão — respondeu, olhando o chefe diretamente nos olhos. — Pagarei bem pela mulher e pela criança. Quanto quer por elas?

Ti-sha-wa lançou um olhar rápido para as duas.

— Como disse valem um bom preço. A mulher espera criança, um detalhe importante nesta conversa. E vai precisar de um cavalo

— Pagarei pelo cavalo, também. Cinco cintos pela mulher e dois pela criança. Pelo cavalo, ofereço algumas jóias e um pote de tinta vermelha.

Ti-sha-wa ergueu as sobrancelhas.

— É uma boa oferta. Esse MacKenzie deve ser um homem rico.

— Ele fará qualquer coisa para que o filho nasça em sua própria casa.

— Ah! Que pai não faria? Nós mesmos perdemos muitas crianças e mulheres nos últimos anos. As doenças do homem branco nos atacaram e levaram muitos à morte. Talvez abriguemos a mulher e a criança no seio da nossa tribo. Aumentariam nossa população e nos trariam felicidade.

Daniel estremeceu ao imaginar a reação de Caroline se ouvisse aquilo. Porém, forçou uma expressão impassível e replicou:

Clássicos da Literatura Romântica

— Isso, se sobreviverem. Uma inglesa não é forte como uma índia, especialmente grávida. Pode adoecer e morrer por uma centena de causas ao longo da viagem. Sabendo que não será resgatada, provavelmente definhará. Seria uma pena perder a recompensa e a refém.

Ti-sha-wa abriu os braços, num gesto resignado.

— Há riscos em toda parte. Nossas reféns podem morrer ou serem roubadas. Por você, por qualquer outro... Sabe como são essas coisas.

— Os franceses e os algonquianos são irmãos — Daniel disse calmamente.

— Como você diz — concordou Ti-sha-wa. — E, porque somos irmãos, tenho uma sugestão. Por que não vende sua refém para nós? MacKenzie ficará zangado quando chegar com uma só e, talvez, não lhe pague nenhuma recompensa. Você terá viajado uma longa distância por nada. Como já disse, perdemos muitas mulheres e nossos guerreiros ficaram sem suas noivas. Talvez Esh-tan queira tomar sua refém como esposa. — E Ti-sha-wa gesticulou na direção de Caroline.

Esh-tan ergueu a cabeça ao ouvi-lo. Mesmo sem encará-lo, Daniel captou o brilho nos olhos do guerreiro.

— Ofereço duas dúzias de boas peles de castor pela mulher — anunciou Esh-tan.

Daniel sentiu o gosto amargo do ódio subir-lhe pela garganta.

— Sua oferta é generosa, mas ela não está à venda. — Teria sido traído pelo próprio tom de voz? Sentiu os olhos de Ti-sha-wa estudarem sua expressão. Então, devagar, o chefe sorriu.

— Não está? Bem, talvez possamos persuadi-lo. Ou, talvez, você nos convença. Enquanto isso, viajará conosco para o norte. Virá como nosso irmão e convidado de honra.

Como prisioneiro, era o que queria dizer.

— Agradeço o convite — Daniel disse com cuidado. — Mas creio que levarei a mulher de volta, por qualquer recompensa que possa valer.

— Não se engane, meu amigo. Como disse, a recompensa aumentará conforme o tempo que ficar desaparecida. E será um conforto para a irmã tê-la por perto. Está decidido. Viajaremos juntos. Guardaremos sua refém como se fosse nossa.

Estava decidido. O chefe lançara a sorte e Daniel não tinha escolha, senão aceitar o jogo. Ti-sha-wa estaria desconfiado de sua história sobre o parentesco de Caroline, ou teria suspeitado que Daniel fosse um espião britânico? Qualquer que fosse o motivo, ele seria obrigado a viajar com o grupo e Caroline seria tratada como prisioneira, vigiada dia e noite.

Inclinando a cabeça em sinal de reverência, Daniel respondeu:

— Meu povo e o seu são irmãos. Sinto-me honrado em viajar com vocês.

— Bom — disse Ti-sha-wa. — Vamos fumar o cachimbo.

Ao estender o braço para pegar o cachimbo, o chefe reparou, por acaso, nos restos de pombo atirados ao chão. Suspendendo o movimento, olhou para Daniel e sugeriu:

— Talvez queira dar isso à sua refém para comer. A menos que tenha algo melhor para ela.

Aquelas palavras eram um aviso, um teste. Os índios tratavam os prisioneiros com

Clássicos da Literatura Romântica

maldade, os franceses também. Além do mais, os ingleses eram seus inimigos naturais. Se Daniel se mostrasse atencioso em seu tratamento a Caroline, confirmaria as suspeitas de Ti-sha-wa. A única esperança de conquistar a liberdade seria ganhar a confiança do chefe. Se a crueldade fosse o meio adequado para atingir esse objetivo, então deveria ser cruel. E a reação de Caroline só ajudaria sua encenação. Juntando os restos do pombo, Daniel levantou-se e dirigiu-se a ela, pedindo, em silêncio, seu perdão pelo que ia fazer.

Caroline viu-o aproximar-se e quase desmaiou de alívio. Parecia que Daniel permanecera diante da fogueira por muitas horas, sem ao menos lembrar-se dela. Na verdade, exceto pelo momento em que chegara, parecia determinado a ignorá-la. Gelada, dolorida e amedrontada, dissera a si mesma que ele estava representando. À medida que o tempo passava, seu coração se afundava no medo e na insegurança. Sequer podia reconfortar-se pela proximidade da irmã, pois Hannah estava do outro lado da clareira, bloqueada de seu campo de visão pelos homens reunidos diante da fogueira. Ao ver Daniel caminhando em sua direção, a esperança voltou a brilhar em seus olhos. Ele lhe contaria o que estava acontecendo, o som de sua voz seria como um bálsamo para as feridas provocadas pelos maus-tratos que sofrerá dos índios.

Contudo, não havia qualquer sinal de sentimento ou de compaixão no olhar de Daniel. Ele a fitava como um sonâmbulo. Medo, surpresa e cansaço se abateram sobre o coração de Caroline. Embora o visse dar a volta na árvore, para soltá-la, não teve um único segundo de alegria.

Os nós eram tão apertados que suas mãos estavam insensíveis. Caroline gemeu pela dor súbita, causada pela tensão da corda antes do rompimento brusco. Cambaleando, deu um passo à frente. Daniel segurou-a com brutalidade, obrigando-a a sentar-se no chão. Ela olhou para cima, atordoada, no exato momento em que ele jogava alguma coisa em seu colo: um punhado de ossos de pombo já roídos.

— Seu jantar. Coma! — A voz de Daniel teve o efeito de uma bofetada. Caroline sentiu o corpo enrijecer-se em reação à dor da humilhação. — Depois, durma. Amanhã teremos um longo dia.

Estarrecida, Caroline viu-o afastar-se. Devia estar sonhando, pois não havia sentido naquele comportamento. Era como se um estranho houvesse tomado o corpo de Daniel. Sem pensar, chamou-o:

— Dan... Sr. Ledet!

Ele parou, considerando se deveria virar-se ou não. Finalmente voltou-se para ela.

— O que é?

Caroline não pôde ver-lhe os olhos, mas sua voz era impaciente e desprovida de calor. Jamais o ouvira falar daquele modo. Estaria ficando louca? O que o teria feito mudar assim?

Daniel esperava que Caroline falasse. Os outros homens também, perscrutando as feições de ambos, na tentativa de extrair de suas expressões o significado daquelas palavras estranhas para eles.

— O que é? — Daniel rosnou, no mesmo tom impaciente. Um dos homens murmurou algo em sua linguagem gutural; um outro sorriu com malícia em resposta. Caroline empertigou-se, a despeito do desespero que sentia. Então apanhou o punhado de ossos e jogou-o para longe.

— Não estou com fome — disse, cerrando os dentes e segurando as lágrimas que lhe subiam aos olhos.

Clássicos da Literatura Romântica

Por um instante, Daniel permaneceu imóvel. Depois, deu de ombros, virou-se para a fogueira e afastou-se.

Alguns minutos mais tarde, um dos índios voltou para amarrar as mãos de Caroline e dar-lhe um cobertor que ela reconheceu como sendo o seu próprio. O homem devia tê-lo conseguido com Daniel, que continuava sentado diante da fogueira, rindo e conversando com os outros. Não lhe dera a menor atenção desde o momento em que a soltara, agindo como se estivesse satisfeito por se ver livre dela.

Dois dos homens deitaram-se a seu lado e, logo, ambos dormiam, roncando alto. Caroline continuou acordada na escuridão, tentando compreender o que acontecera ao longo do dia. Parecia que uma eternidade se passara desde a noite anterior, quando se sentara ao lado de Daniel, ela murmurando sua confissão, ele perdoando seus erros. Sentira-se purificada, aliviada. Teria sido naquela manhã que despertara com o coração leve?

Parecia que fora há anos. Ou pior: parecia um sonho, enterrado pelo pesadelo da marcha através da floresta, a bofetada, as crueldades que sofrera desde então. Na noite anterior, a própria Hannah parecia estar bem próxima. Agora, quando apenas alguns poucos metros as separavam, Caroline sentia-se tão distante da irmã quanto a três dias. Qual o significado de tudo aquilo?

Seu estômago contraía-se de fome, e a cabeça latejava de dor. Sentia as mãos adormecidas novamente, amarradas atrás das costas, e as pernas presas a um dos homens para impedi-la de fugir enquanto dormiam. Para onde poderia fugir, sozinha na floresta?

Por que não a soltavam? O que teria dito Daniel na conversa diante da fogueira? Imaginara que ele lhes daria alguma explicação por estarem na floresta. Não teria se importado se ele lhes dissesse que ela era sua mulher, ou mesmo sua amante, desde que pudesse libertá-la. Apesar da conversa ao pé da fogueira ter sido amigável, não resultará em nada além de um punhado de ossos sujos e palavras frias.

Por que Daniel agira assim? Por que demonstrava tanta simpatia com os índios e tanta hostilidade para com ela? Contra sua vontade, Caroline ouviu o eco das palavras de Thomas: "Espionagem! Ele passa informações aos índios, para que saibam onde atacar. Provavelmente, tem o escalpo de Phipps em seu cinto!"

Não! Ela não acreditava nisso. Daniel não era um espião! Era um homem bom, gentil, honrado e atencioso! Mas então, como explicar aquele comportamento estranho e traiçoeiro?

Afinal, os índios a haviam encontrado no lugar em que ele a deixara e a levaram diretamente ao acampamento, onde Daniel pareceu satisfeito em vê-la, prisioneira. Talvez, desde o início, sua intenção fosse levá-la para o norte, para entregá-la à tribo...

Por que faria isso? Para ganhar-lhes a confiança, talvez. Não, aquilo não a convenceria. A lembrança dos últimos dias não permitia que ela acreditasse em semelhante desatino. Depois de ter sido abraçada com tanta ternura, depois das promessas que ele fizera. Mas Edmund também lhe prometera muitas coisas e o que resultará...

Daniel era diferente: honesto e corajoso; não a trairia. E ela não era mais a garota tola que, fora em Harrow Hall, e, sim, uma mulher madura, capaz de julgar o valor de um homem. Conhecia o caráter de Daniel e apostaria nele a própria vida.

Então, como explicar os últimos acontecimentos, o cativeiro, as cordas, a fome? Os pensamentos iam e voltavam, até que o cansaço bloqueou por completo seu raciocínio!

Ela adormeceu e sonhou com corujas, fogueiras e com o olhar malevolente de Thomas.

CAPÍTULO XI

O grupo avançava com rapidez, os homens à frente, formando uma linha irregular, as duas mãos livres, prontos a agarrar a machadinha ou o rifle ao menor sinal de perigo. Calçando mocassins, não produziam qualquer ruído, nem mesmo o de folhas secas pisadas.

Observando-os, Caroline não pôde deixar de notar o contraste entre esse grupo e aquele com o qual viajara de Connecticut para o norte. Os índios movimentavam-se sorrateiramente, como animais selvagens, enquanto as carroças rangiam o tempo inteiro, fazendo mais barulho que um rebanho de vacas na hora da ordenha.

Hannah cavalgava à sua frente no cavalo do jovem soldado assassinado. Caroline daria tudo para montar também, mas os outros animais estavam carregados com os bens roubados da fazenda. A roda de fiar batia em ritmo constante no jarro de estanho que pertencera à sua avó, o que lhe provocava uma pontada de raiva. Sentia-se grata pelo fato de os outros objetos estarem empacotados nos cobertores e mantas que os índios haviam arrancado das camas, pois assim não podia vê-los. Algumas vezes, Sheila cavalgava com Hannah; outras, era carregada pelos índios em uma espécie de tipóia feita de cobertores vermelhos que todos eles possuíam.

Desde que Esh-tan a separara de Hannah tão rudemente, Caroline não trocara nenhuma palavra com a irmã, nem passara um minuto sequer a seu lado. No acampamento, eram mantidas separadas e, enquanto viajavam, Caroline não podia caminhar perto do cavalo de Hannah. A única explicação para isso era simplesmente a crueldade dos índios, uma vez que elas jamais tentariam escapar: afinal de contas, eram apenas duas mulheres e uma criança, cercadas por duas dúzias de homens armados!

Nesse dia, seguiam por uma trilha estreita que ladeava um córrego. Em alguns trechos, caminharam sobre a terra úmida; em outros, sobre as rochas. Em sua maior parte, o caminho era irregular, dificultando o avanço dos cavalos. Caroline tropeçou de repente, e seu corpo precipitou-se para a frente. Lutando com todas as forças para recuperar o equilíbrio, conseguiu evitar a queda. Foi sorte, porque da última vez que caíra, machucara bastante o joelho. O homem que vinha logo atrás não fez nada para ajudá-la. Dentre os indígenas, apenas o senhor de Hannah era gentil. Os demais partilhavam de uma crueldade animal: em vez de lhe estenderem a mão quando tropeçava ou escorregava, divertiam-se a valer com suas dificuldades.

Esh-tan constituía uma exceção: continuava a fitá-la com um olhar sombrio, como se ainda fosse reclamar aquilo de que fora privado. Caroline sentia-se grata pelo seu *status* de refém de Daniel — essa condição a protegia daquele homem brutal e de suas intenções obscuras. E trazia-lhe alívio saber que a irmã estava viva e com saúde, embora a impossibilidade de aproximar-se ou falar-lhe magoasse seu coração.

Alcançaram um ponto em que a trilha tornava-se íngreme e pedregosa. Os cavalos

Clássicos da Literatura Romântica

tiveram de ser levados por um caminho mais longo, através da floresta. E novamente Caroline machucou o joelho na descida. Ao chegar lá embaixo, constatou que o córrego também descia, formando uma série de pequenas cascatas por sobre um afloramento rochoso. A água caía, convidativa, em duchas coloridas pelo sol, até alcançar um lago na base.

Aquele lugar era, com certeza, um ponto de parada. Assim, os índios largaram suas trouxas e correram para debaixo das duchas, gritando de prazer ao sentirem a água fria sobre a pele.

Olhando em volta, Caroline avistou Hannah sentada a alguns metros de distância, perto de onde os cavalos haviam sido amarrados. Percebeu também que Daniel não se juntara aos demais. Encontrara um gramado macio à sombra de uma árvore e se recostara no tronco para tirar um cochilo. Estava com o chapéu caído sobre a testa e os olhos fechados.

Ao vê-lo ali, Caroline sentiu uma pontada de dor atravessar-lhe o peito. Dois dias haviam se passado desde que fora capturada. Nesse período, ele mal lhe dirigira o olhar e, quando falara com ela, fizera-o no mesmo tom de voz que a chocara tanto na primeira noite. Ainda não compreendia a mudança que se operara nele, porém se recusava a aceitar a idéia de que fosse um espião, por mais que a cada instante se lembrasse do alerta de Thomas.

Preferia acreditar que ele estava fingindo. Nas poucas oportunidades que tivera, observara-Q. com atenção, à procura de algum indício, mas aquele rosto, antes tão amável, agora parecia feito de pedra. Na noite anterior, entretanto, Caroline pensou ter captado uma mudança. Recebera ordens de apanhar lenha para o acampamento e estava abaixada, recolhendo galhos secos, quando o vira atrás de si. Interrompendo a tarefa, ela se voltara em sua direção. Embora estivesse escuro, sentira que a antiga gentileza voltava-lhe ao olhar. Ele chegara a estender a mão para ajudá-la, embora, no instante seguinte, suspendesse o gesto e sua voz ecoasse como um trovão:

— Por que trabalha tão devagar? Como vai cozinhar seu jantar? Vai dormir com fome esta noite! — Afastara-se sem mais nenhuma palavra, indo ao encontro de Ti-sha-wa, que se encontrava a alguns metros dali, deixando Caroline com mais aquela contradição para ser somada a seus pensamentos confusos.

Os homens divertiam-se como crianças, no lago e nas duchas, espirrando água para todos os lados. Caroline tinha os pés doloridos e ansiava por banhá-los na água fria, a fim de aliviar o incômodo. Acabou desistindo da idéia, para não ter de submeter-se a comentários que não compreendia e aos risinhos maldosos com que a brindavam o tempo inteiro.

Voltando-se para Hannah, deparou com uma expressão desolada no rosto da irmã. Sentiu um nó apertar-lhe a garganta. Os índios estavam distraídos com suas brincadeiras, e Daniel, de olhos fechados. Devagarzinho, Caroline levantou-se e esgueirou-se para perto de Hannah.

Fingindo cochilar, Daniel observou-a movimentar-se, mantendo um olho no lago, para o caso de um dos índios vê-la. Se isso acontecesse, teria de ser rápido para alcançá-la primeiro, salvando-a de uma repreensão mais severa. Ainda assim, ele mesmo teria de ser duro. Teria de apertar-lhe o braço com força, de forma que ficasse marcado, pois Ti-sha-wa os estaria observando, como sempre. Nos dois dias que haviam se passado desde o início da detenção no acampamento, Daniel não tivera um único momento a sós com Caroline. Ao contrário, sentia-se testado a cada instante. E não fazia a menor idéia de quanto tempo mais seria necessário até ganhar a confiança de Ti-sha-

wa.

Quase a perdera de uma vez na noite anterior. Mandara-a recolher lenha para a fogueira, na esperança de que ela se afastasse dos demais, dando-lhe uma oportunidade para falar-lhe. Depois de se assegurar de que todos estavam ocupados com os próprias tarefas, fora ao seu encontro. Ao se aproximar, sentira o coração contrair-se diante da posição servil em que ela se encontrava. Seu desejo foi levantá-la, afastar as mechas de cabelo soltas, afagar-lhe o rosto ainda inchado pela bofetada de Esh-tan e abraçá-la com ternura, murmurando palavras de amor ao seu ouvido. Não deveria ceder à tentação, estando Ti-sha-wa tão próximo, mas talvez pudesse, ao menos, conversar com ela. Precisava de apenas alguns segundos para contar-lhe a verdade, livrando-se do peso extra que carregava penosamente.

Percebera o leve estremecimento de Caroline ao notar sua presença e, quando seus olhos se encontraram, esquecer-se de tudo o mais ao redor. Começara a estender a mão e, nesse instante, seus ouvidos treinados haviam captado o som quase inaudível de mocassins sobre a terra nua. Suspendendo o movimento, ele a repreendera com palavras duras e ameaças. Ao se virar, deparara com Ti-sha-wa a menos de três metros dali — observando, sempre observando, à espera de um movimento em falso para, como supunha Daniel, tomar-lhe Caroline e entregá-la a Esh-tan, que a queria para esposa.

Toda aquela agonia logo terminaria. Na noite seguinte, alcançariam o rio, em cuja margem oposta o restante da tribo acampava. Permaneceriam ali para a caçada e os rituais de celebração, o que ofereceria diversão e, talvez, cobertura para uma fuga. Daniel não poderia libertar Hannah, mas levaria Caroline até a primeira vila, onde ficaria a salvo. Então, voltaria sozinho. Ainda não tinha planos definidos, pensaria com maior clareza depois de sabê-la em segurança. Enquanto isso, devia continuar passando pelos testes de Ti-sha-wa.

Com um suspiro, viu Caroline alcançar a irmã. Então, concentrou sua atenção nos homens no lago, na esperança de que ela tivesse, ao menos, alguns minutos de paz.

— Caroline! — murmurou Hannah, assustada, enquanto a irmã sentava-se a seu lado. Retribuiu seu abraço, depois afastou-a, olhando ansiosa para os homens no lago, para Daniel e, finalmente, para Sheila, que engatinhava perto dali, acompanhando com interesse o ziguezague de um besouro em meio aos pedregulhos.

— Estão distraídos — Caroline informou à meia-voz. — Não agüentava mais! Preciso falar com você!

— Sim! Até ver você, temi que estivesse morta em algum lugar atrás dos campos da fazenda. Por que o Sr. Ledet tomou-a como prisioneira?

— Não é nada disso. Peguei no sono, na margem do rio, e só acordei depois do ataque. Quando descobri o que havia acontecido, saí em busca de vocês. Daniel me encontrou e viemos juntos. Disse-me que iria libertá-la.

— Ele enganou você! — Hannah ainda estava chocada por ter visto, duas noites antes, o Sr. Ledet tratando Caroline como sua refém. Embora Thomas o houvesse acusado de espião, ela não acreditara. Mas tivera a prova ali. — Thomas estava certo — disse, seguindo a linha dos próprios pensamentos.

— Não! — Caroline surpreendeu-se com a veemência da própria resposta.

— Você é prisioneira dele!

— Sim, eu sei, mas acho que ele está representando, em nosso benefício. Tem de provar aos índios que está do lado deles, para poder tirar-nos daqui.

Clássicos da Literatura Romântica

Hannah franziu o cenho enquanto assimilava as palavras da irmã.

— Será que é necessário? Tenho medo do que possam fazer se tentarmos escapar. Se ficarmos passivas, eles nos levarão a Montreal e o governador nos trocará por um resgate pago por Thomas.

À menção do nome do cunhado, Caroline lembrou-se da cena na fazenda incendiada, quando partira para salvar Hannah, e Thomas para salvar a madeira. Sua expressão, com certeza, traiu seus sentimentos, pois a irmã agarrou-lhe o braço com força.

— Está me escondendo alguma coisa! O que aconteceu a Thomas? Disse que veio salvar-me... Por que ele não veio com você?

Caroline sacudiu a cabeça.

— Thomas está bem. Não veio comigo porque tinha ido ao forte para alertar os soldados. Parti sozinha.

Caroline via-se obrigada a mentir para poupar a irmã de mais um sofrimento. Mas, em silêncio, jurou que lhe contaria a verdade algum dia e que Thomas não tiraria vantagem do que elas estavam passando.

— E você? — perguntou, afastando o cunhado de seus pensamentos. — Está sendo bem tratada?

— Meu senhor é gentil, como você pode ver, e eles carregam Sheila quando me canso demais com seu peso.

— Ela vale dinheiro para eles. Querem proteger seu valor.

— Talvez... mas poderiam se recusar a carregá-la. No início ela chorava muito pela doença e pelo medo de tantos estranhos. Disseram que, se não parasse de chorar, iriam matá-la. Tive medo de que realmente o fizessem. Finalmente, ela se acalmou e não chorou mais. — O brilho apagado nos olhos de Hannah refletia as provações a que fora submetida desde seu rapto na fazenda.

— Pobre Sheila — murmurou Caroline. — Deve ter sofrido tanto...

— Ela está melhor. — Hannah forçou um sorriso. — Mas agora é você quem está sofrendo.

Caroline ia dizer algo, porém foi interrompida pelas palavras iradas de Daniel, que se encontrava parado às suas costas.

— O que está acontecendo? Não vai me obedecer? Vou ensinar-lhe a acatar minhas ordens! — ele falava aos berros enquanto a agarrava pelo braço com brutalidade.

Caroline foi erguida do chão com violência e arrastada pelos rochedos até a margem do lago. Com os olhos enevoados pela dor, pensou que Daniel ia atirá-la na água. Mas ele parou na margem, forçando-a a sentar-se.

— Tire os sapatos! — ordenou.

— Meus sapatos? — Caroline estava confusa demais para compreender o que se passava.

Em vez de repetir a ordem, Daniel ajoelhou-se e tirou-lhe os mocassins bruscamente. Segurou um dos seus pés e virou-o sem qualquer delicadeza.

— Coberto de bolhas! — ele disse, como se Caroline fosse, de alguma forma, culpada. — Mergulhe-os na água, depois envolva-os em folhas de salgueiro molhadas.

Vão cortar a infecção. — Antes que ela pudesse responder, virou-se e voltou para debaixo da árvore.

De dentro da água, os índios lançavam olhares zombeteiros na direção de Caroline. Embora odiasse a idéia de aproximar-se deles, ela temia que, se não obedecesse, Daniel se enfureceria novamente. Seu braço latejava de dor onde ele a agarrara. Por que ele abreviara seus momentos preciosos ao lado da irmã? A voz, a brutalidade, a ira, tudo denotava verdadeiro ódio. Estaria apenas representando ou era aquilo mesmo o que sentia? E, por quê?

Cabisbaixa, ela levantou-se e foi até a água. Sentou-se em um rochedo e mergulhou os pés no lago.

Não pôde evitar um suspiro de satisfação quando a água fria envolveu seus pés doloridos. Daniel estava certo a respeito das bolhas: provocavam-lhe uma exaustão extra. Movimentou os artelhos, sentindo os músculos relaxarem, e afundou as pernas até a altura dos joelhos. A água era tão limpa e clara que dava para enxergar o fundo do lago. Caroline balançou os pés para frente e para trás, distraíndo-se com as ondas que o movimento provocava. Então, prendeu a respiração, tensa, ao sentir que lhe agarravam o tornozelo.

Sabia quem era, mesmo antes de olhar: Esh-tan, com seus olhos escuros, refletindo uma malevolência que lhe provocava calafrios. Devagar, ele deslizou a mão pela perna de Caroline até a parte posterior do joelho. Ela retesou-se, tentando impedir que a perna tremesse pelo medo que tomava conta de seu ser. Esh-tan percebeu o movimento e sorriu. Depois passou a língua pelos lábios, enquanto seus dedos subiam pela coxa de Caroline.

Deus, por favor, não permita que ele continue, ela pediu em silêncio. Onde estaria Daniel, não via o que estava acontecendo? Não iria socorrê-la? Enquanto ainda rezava pela ajuda de Daniel, Esh-tan soltou-a e se afastou, deixando-a pálida e nauseada de medo.

Ainda que não tivesse demorado mais que um minuto, o episódio foi suficiente para abrir-lhe os olhos para o novo perigo. Hannah poderia esperar sua liberdade sem dificuldades, até chegarem a Montreal. E Caroline, agüentaria tanto tempo? Quando Esh-tan se aproximaria dela novamente?

Chegaram ao grande rio no final da tarde seguinte. Na margem oposta, espirais de fumaça subiam de trás das árvores. Caroline ficou na praia pedregosa, junto a Hannah e Sheila, enquanto os índios iam buscar as canoas que haviam escondido durante a marcha para o sul. Deixaram Daniel na praia também. De início Caroline não compreendeu o porquê dessa atitude, mas logo concluiu que não desejavam que Daniel conhecesse seus esconderijos. Um guerreiro estava com o grupo — possivelmente para vigiá-lo —, embora não desviasse os olhos do local onde se encontrava o acampamento. Daniel parecia igualmente distante, admirando as nuvens coloridas pelo pôr-do-sol.

Caroline estudou o local onde os cavalos estavam amarrados. Ela e Hannah poderiam tentar chegar até lá e fugir. No caminho, havia trechos em que a trilha estivera intransitável, e os animais tiveram de passar pelo meio da floresta. Mas esses trechos encontravam-se bem mais ao sul, pelo que se lembrava. Durante as primeiras horas de cavalgada, seguiriam uma trilha regular e constante. Poderiam ser mais rápidas que os homens que as perseguiriam? Calculou que sim.

Lançou um olhar rápido para o guarda. A praia era coberta de pedras de todos os tamanhos e formatos. Abaixando-se, pegou uma que cabia na palma da mão. Se atirada com força suficiente, derrubaria um homem. E Daniel? Olhando para ele, teve uma outra

idéia. Valeria a pena tentar? Achou que sim. Mesmo porque uma fuga seja ainda mais difícil depois de cruzarem o rio.

— Hannah — sussurrou —, é capaz de montar sem ajuda?

A irmã virou-se, aturdida.

— Não sei. Por quê?

— Estou planejando uma fuga para nós três.

— O quê, agora? — O rosto de Hannah ficou petrificado pelo pânico. — Caroline, seria loucura! Nunca conseguiremos!

— Pois eu acho que sim. Atacarei o guarda, deixando-o inconsciente. Esteja pronta para montar quando eu der o sinal.

— E Sheila? O que faremos com ela?

— Vou levá-la comigo. Coloque-a no chão. — Esse era um detalhe que ela não havia considerado, mas daria um jeito.

Deixando a pálida Hannah para trás, Caroline caminhou, não em direção ao guarda distraído, mas para onde estava Daniel. Será que ele não percebia sua aproximação? Claro que percebia, treinado como era na vida na floresta. De qualquer forma, ele não se virou. Tocando-o de leve na manga da túnica, arriscou:

— Sr. Ledet?

Em resposta, ele assentiu. O sexto sentido que desenvolvera para captar problemas o alertara, e pelo canto dos olhos ele a vira pegar uma pedra do chão. Perguntou-se se ela pretendia acertá-lo, ou ao guarda. Estava claro que ela não vira o guerreiro escondido atrás do arbusto, nem o outro, atrás da árvore: sentinelas que Ti-sha-wa deixara para espionar Daniel, caso ele sucumbisse à tentação de tentar escapar. Embora não encontrasse qualquer toque de humor na falta de confiança constante por parte do chefe, não pôde deixar de avaliar, com amargo divertimento, a péssima opinião de Ti-sha-wa sobre sua própria capacidade de espionar. Se não fosse capaz de localizar as sentinelas, não teria sobrevivido até então.

Estava preparado para segurar a mão de Caroline, caso ela tentasse atirar a pedra, mas não era essa a intenção dela. Ao contrário, ela parou a seu lado, falando em voz baixa e escolhendo cuidadosamente as palavras:

— Sr. Ledet. Daniel. Não sei o que aconteceu para causar essa mudança em você. Thomas diria que sempre esteve de combinação com os índios, mas não acredito nisso. Seja o que for que sente por mim, eu lhe imploro que me ajude agora. Quero pegar os cavalos e partir com minha irmã. Se esteve apenas representando nos últimos dias, então fuja conosco. Se não, eu lhe pagarei para que nos ajude a escapar. Seja qual for o seu preço, o dinheiro estará à sua espera no sul. Mas, por favor, não nos traia. Por favor...

Embora lhe custasse um esforço sobre-humano, Daniel virou-se, erguendo a voz, de forma que o guarda ouvisse:

— Que tolice é essa? Por que vem me dizer essas bobagens? Não lhe ordenei que ficasse lá na praia? Por que não me obedece? Vá embora daqui! — Empurrou-a com violência e, ao fazê-lo, sentiu-lhe os músculos rijos de raiva e mágoa. Esperava poder um dia contar-lhe que acabara de salvar uma vida.

— Foi melhor assim — Hannah sussurrou quando Caroline voltou para junto dela. — Não conseguiríamos ir muito longe...

Clássicos da Literatura Romântica

Caroline não respondeu. Não tinha o que responder. O sonho da fuga se desfizera, dando lugar ao pesadelo do choque causado pela reação de Daniel. Implorara por sua compaixão é fora traída pela segunda vez. Como poderia acreditar nele depois desse último episódio?

Minutos mais tarde, os homens saíram da floresta, quatro guerreiros carregando cada canoa. Suas embarcações eram bem diferentes daquela que Daniel construía em uma noite. Feita de casca de bétula, tinham amuradas arredondadas e o interior reforçado por ripas de cedro. Eram maiores também e duas vezes mais compridas, de forma que quatro homens podiam remar cada barco, ainda sobrando espaço para os prisioneiros e todo o produto da pilhagem da fazenda.

Os cavalos foram amarrados às Canoas e cruzaram o rio a nado. A travessia foi calma e tranqüila. Os guerreiros remavam em sincronia, as costas nuas contraindo e estirando-se conforme se inclinavam para a frente, os remos produzindo reflexos prateados sob a luz fraca do anoitecer.

Remavam com os olhos fixos na margem oposta e, quando alcançaram o meio do rio, um deles levantou-se, levou as mãos em concha à boca e imitou o grito de um mergulhão-do-norte. O chamado vibrou no ar e, antes que morresse no silêncio, apareceram luzes ao longo da margem. Pequenos pontos luminosos, formando uma linha irregular: mulheres e crianças esperavam seus homens. Ao verem as tochas, os guerreiros entoaram uma canção, cujo ritmo combinava com as batidas dos remos na água.

A noite estava maravilhosa, o brilho da água contrastando com o céu quase negro. Apesar do próprio nervosismo, Caroline apreciou a beleza da cena. À medida que a canoa se aproximava, as luzes pareciam crescer e mostravam as silhuetas das pessoas paradas na margem. Então, ela se lembrou de sua situação de prisioneira. Como num passe de mágica, todo o esplendor da paisagem transformou-se, aos seus olhos, em um cenário de pesadelo.

A canoa que levava Ti-sha-wa e Daniel era uma das últimas do trajeto, enquanto a de Hannah vinha logo atrás da de Caroline. As duas irmãs trocaram olhares e sorrisos, num diálogo mudo em que tentavam reconfortar uma à outra. Para Caroline, a única vantagem de estar chegando ao acampamento era o fato de haver mulheres que talvez fossem menos cruéis que os homens, e certamente poderiam proporcionar cuidados a Hannah que eles não podiam.

As tochas feitas de ramos de pinheiro agitavam-se nas mãos das mulheres à medida que estas avançavam rio adentro para ajudar os homens no aportamento.

Caroline ouvia os gritos de alegria com que davam as boas-vindas a seus heróis e sentia que lhe lançavam olhares pouco amistosos. Apesar disso, manteve a cabeça erguida e o queixo levantado, para que não suspeitassem do seu medo.

A canoa em que ela estava foi a primeira a aportar. Mal sentira o fundo arrancar a areia, mãos fortes a levantaram, tirando-a do barco. Ao pisar na terra firme, foi imediatamente cercada pela multidão, que falava e gesticulava. A voz de Esh-tan se destacou entre as demais. Ele contava mais uma vez a história de sua captura. As mulheres o escutavam, os olhos iluminados pela admiração, mas quando ele chegou ao ponto em que Daniel entrava no acampamento, seus rostos se tornaram sombrios. Uma delas, em particular, parecia inconformada com o desfecho da história. Apoiando as mãos nos quadris e cuspindo no chão, dirigiu-lhe um olhar frio, tão parecido com o do próprio Esh-tan, que Caroline sentiu o coração gelar.

No momento seguinte, o grupo foi distraído pelos gritos que saudavam a canoa que

Clássicos da Literatura Romântica

trazia Hannah e Sheila. A maioria das mulheres afastou-se para ajudar no desembarque. Uma das que ficaram foi aquela que se solidarizara com Esh-tan. Ela pegou a trouxa que o guerreiro depositara na praia e atirou-a para Caroline com tal violência, que quase a derrubou. Depois, sinalizando com o braço, ordenou-lhe que carregasse o pacote para cima do barranco, rumo ao acampamento. Caroline hesitou, relanceando o olhar para os barcos. Logo lembrou-sê de que Daniel não lhe ofereceria ajuda. Percebendo sua hesitação, a mulher se irritou e avançou em sua direção. Sem ninguém para defendê-la, Caroline não ousou recusar. Acomodou a trouxa nos braços e pegou o caminho do acampamento.

A margem era como a outra: uma praia pedregosa e plana, cercada por um barranco íngreme, ainda escorregadio devido à chuva recente. Na verdade, escorregadio demais para Caroline escalar com o pacote nos braços. A índia não fez qualquer movimento para ajudá-la. Simplesmente a observava com olhos frios.

Colocando o fardo sobre uma rocha, Caroline passou a correia por sobre o peito, como vira os homens fazerem durante a viagem. Ficou desajeitada, pois a correia era longa demais. Mas, apesar de o peso da trouxa a puxar para trás, podia ao menos usar as mãos. Engatinhando, rastejando, escorregando, finalmente atingiu o topo.

Viu-se em um pequeno campo, uma área menor que um hectare. Mais além, havia uma fileira de abetos e um círculo de cabanas feitas de casca de árvore. Ao dar o primeiro passo em direção ao acampamento, olhou para trás à procura da índia. Para sua surpresa, a mulher já não se encontrava a seu lado; estava na praia, dando as boas-vindas aos passageiros da canoa que trazia Daniel e Ti-sha-wa.

Caroline percebeu que procurava o consolo da presença de Daniel. Porém, depois do que acontecera algumas horas antes, quando ele se recusara a ajudar em sua fuga, seria tolice acreditar que poderia contar com esse homem para alguma coisa.

Após a chegada de todas as canoas, as mulheres alinharam suas cargas no chão, próximo ao barranco, e juntaram-se aos homens. Caroline avistou Hannah ao lado de seu senhor e, com tristeza, constatou que Daniel também estava lá. Logo formaram um grande círculo, com Ti-sha-wa no centro e a mulher de Esh-tan a seu lado. Ti-sha-wa contava algo e, na maior parte do tempo, a mulher demonstrava satisfação. Mas, quando o chefe virou-se para Daniel, o rosto dela voltou a ficar sombrio.

Quando Ti-sha-wa terminou de falar, os pacotes foram recolhidos e toda a tribo dirigiu-se para o barranco. O chefe liderava o grupo, tendo a mulher à sua esquerda e Daniel à direita. Ao se aproximarem, Caroline ficou sem saber o que fazer — permaneceu parada, os olhos fixos no chão. Foi nesse momento que Daniel falou com sua voz cruel de senhor:

— O chefe ofereceu-me sua casa. Você, minha refém, dormirá lá também.

— Está bem — ela murmurou, ajeitando o pacote para segui-lo.

De onde estava, viu Hannah tentando escalar o barranco. Embora não carregasse nada nas costas ou nos braços, o ventre avolumado dificultava seus movimentos e fazia com que escorregasse no barro. Seu senhor pegou-a pelo braço e ajudou-a a subir, enquanto uma mulher grisalha carregava Sheila para cima. Os dois esperaram que Hannah recuperasse o fôlego. Bem, pensou Caroline, pelo menos tenho certeza de que Hannah está em boas mãos.

Daniel estava diante de uma das cabanas, ao lado de Ti-sha-wa, da mulher deste e de duas crianças. Caroline parou na frente deles, de cabeça baixa, como sua posição exigia.

Clássicos da Literatura Romântica

— A esposa do chefe chama-se Hoo-tan — informou Daniel. — Você vai ajudá-la durante o tempo que ficarmos aqui.

Caroline assentiu com um gesto de cabeça. E só nesse momento percebeu que Hoo-tan, tão parecida com Esh-tan, não era sua esposa, e sim parente. Irmã, talvez, pensou, com o coração apertado. Hoo-tan, de sua parte, sequer lhe dirigiu o olhar antes de seguir o marido para dentro da cabana.

— O que devo fazer com este pacote? — Caroline perguntou em voz baixa, assim que ficou a sós com Daniel.

— De quem é?

— De Esh-tan. — Ela não se atreveu a levantar os olhos, receosa de que ele a mandasse entregar ao guerreiro.

— Deixe aí no chão. Com certeza ele virá buscá-lo. — E seguiu os anfitriões, deixando-a para trás.

A primeira impressão de Caroline ao entrar na cabana, foi de escuridão e excesso de gente. O interior mal tinha espaço para quatro pessoas e seus pertences. Onde ficariam os dois hóspedes? Ao lado da fogueira que ardia no centro do recinto, havia uma pilha de cobertores e utensílios, deixando tão pouco espaço livre, que era impossível alguém dar dois passos sem pisar em uma cama.

Aparentemente, Hoo-tan pensara a mesma coisa — ela falava asperamente com o marido, apontando para as crianças, depois para Caroline. Ti-sha-wa silenciou-a com uma única palavra. No entanto, assim que lhe deu as costas, Hoo-tan lançou-lhe um olhar cheio de ódio. Visivelmente mal-humorada, a mulher empurrou os cobertores para um canto, abrindo um novo espaço no chão da cabana, e ocupou-se em colocar os filhos para dormir.

— Aqui está.

Caroline sentiu algo ser jogado em seus braços. Eram os dois cobertores, o seu e o de Daniel. Atordoada pelos acontecimentos da última meia hora, demorou alguns instantes para entender o que deveria fazer. Então ajoelhou-se no chão duro, estendeu-se, tentando não pensar nos dias que viriam. Imaginara que Esh-tan fosse seu maior inimigo, mas agora temia haver encontrado outro, muito pior.

Como iria sobreviver naquele lugar escuro e enfumaçado, com uma mulher que a desprezava e um homem cuja simples presença lhe provocava tanta mágoa? Essa era a pior parte de tudo. Os índios podiam causar-lhe dor física, porém esse sofrimento nem de longe se compararia com a desolação de sentir o coração aos pedaços. Caroline envolveu-se com o cobertor e, apesar de desesperada, teve apenas de fechar os olhos para adormecer.

De todas as pessoas na cabana, apenas Daniel não dormiu de imediato. Em meio à penumbra, observava Caroline, cujo rosto estava salpicado de barro e a blusa suja. Seu maior desejo naquele momento era tomá-la nos braços. Horas antes, na outra margem do rio, ela declarou que confiava nele, a despeito de sua frieza nos últimos dias. Mas, depois que destruíra seu plano de fuga, com certeza essa confiança morrera. Agora, ela acreditava que fora traída.

A reação de Caroline iria ajudá-lo a ganhar a confiança de Ti-sha-wa. Mesmo assim, Daniel não suportaria a mudança que se operara nela. Sentia o coração prestes a explodir de tanto amor e ternura contidos. Era evidente que da próxima vez que tentasse escapar, ela não o procuraria, o que tornava o perigo ainda maior. Diante disso, ele jurou que,

arriscado ou não, iria contar-lhe toda a verdade. Não podia continuar a enganá-la; o preço era alto demais para ambos.

No dia seguinte, tal como na noite anterior, Daniel parecia ignorar a presença de Caroline, enquanto Hoo-tan lhe dava ordens o tempo inteiro. No começo da tarde, a índia levou-a para o bosque próximo ao acampamento, onde a maioria das crianças e mulheres ocupava-se em apanhar nozes e avelãs. Caroline relutara em seguir Hoo-tan, mas a despeito do medo que a outra lhe causava, o tempo passou depressa e foi até agradável estar ali. Afinal, o clima estava ameno, e o ar fresco pela chegada do outono. Sheila brincava com as outras crianças no chão. Estava à vontade, como se viver entre os índios fosse a coisa mais natural do mundo.

Hannah trabalhava ao lado da mulher com quem Caroline a vira na noite anterior. Era uma índia corpulenta, de rosto redondo, cujos olhos não demonstravam qualquer hostilidade. Seus filhos tomavam conta de Sheila da mesma forma que Tom e Elizabeth o faziam.

Enquanto trabalhavam, as mulheres conversavam e cantavam, emprestando à tarefa um ar festivo. De início, Hoo-tan vigiava sua prisioneira de perto; depois de algum tempo, porém, distraiu-se com o fascínio das amigas, permitindo que Caroline pouco a pouco se aproximasse do local onde estava sua irmã.

— Como estão tratando você? — Caroline perguntou, baixinho.

— Bem, muito bem. — Diante do ar surpreso da irmã, Hannah acrescentou: — Minha senhora, Yum-sa-wek, fala inglês muito bem.

— Deus! — Caroline enrubesceu, mas Yum-sa-wek olhou para ela com benevolência.

— Seu bebê está atrasado? — a velha perguntou.

— Atrasado, como assim? — Caroline não entendeu a pergunta.

— Ela quer saber — explicou Hannah — se você também tem filhos.

— Não, não tenho filhos. Yum-sa-wek franziu o cenho.

— Vá, depois, à minha cabana. Eu lhe darei um remédio.

— Obrigada. — Caroline abaixou a vista, sem saber se ria ou se chorava.

— Vá à minha cabana — Yum-sa-wek repetiu enquanto Caroline retornava para o lado de Hoo-tan.

À noite, após o jantar, as pessoas se reuniram nas várias cabanas, onde os homens fumavam cachimbos e as mulheres jogavam jogos de azar. Daniel sentou-se ao lado de Ti-sha-wa, e Caroline esgueirou-se para fora antes que Hoo-tan lhe desse alguma nova tarefa. Encontrou Hannah e sua senhora junto a um grupo de mulheres que jogavam com pedras triangulares, o que parecia ser uma variação do jogo de dados. Yum-sa-wek tinha um cachimbo de barro entre os dentes, que soltava anéis de fumaça a cada palavra que ela pronunciava.

— Vê, ali? — Yum-sa-wek apontou pela porta aberta, para onde um homem de cabelos brancos sentava-se sozinho, batendo lentamente um tambor. — Aquele é So-ki, o curandeiro. Está se preparando para a caçada.

— Quando partirão? — Caroline quis saber.

— Ao amanhecer. Esta noite ele pede aos espíritos que lhes mostrem o caminho.

Aproximando-se da porta, Caroline olhou para fora, enquanto se perguntava quantos

Clássicos da Literatura Romântica

homens partiriam para a caçada. Esperava que fossem todos e que demorassem bastante fora. Talvez, se ficassem apenas as mulheres, conseguisse fugir com a irmã, embora tivessem de atravessar o rio em uma das canoas. Quanto a Daniel, embora seu coração pedisse o contrário, ela torcia para que ele partisse junto com os índios.

O tambor de So-ki era uma armação circular de madeira, envolvida por um pedaço de pele de cervo, através do qual estiravam-se dois cordões de couro cru, cuja vibração produzia um zumbido, que acompanhava a batida constante. À medida que a noite avançava, as batidas aumentavam de intensidade e os homens começavam a se aproximar. Todos eles estavam com os corpos cobertos com pintura de guerra.

De repente So-ki pôs-se a cantar em voz alta e anasalada.

— Está cantando para os espíritos — explicou Yum-sa-wek, juntando-se a Caroline na porta da cabana. — Ele diz: "As tempestades ouvem meu tambor. Os espíritos da floresta cessam seus rituais para ouvir meu tambor. Relâmpagos, trovões, tempestades, espíritos da floresta, espíritos da água, furacões, espíritos da noite e do ar, todos se reúnem para ouvir meu tambor!" Bem, vamos chegar mais perto.

Caminharam até a fogueira, onde a voz elevava-se e decrescia, num som agudo e persistente. Mais homens e mulheres aproximaram-se, balançando os corpos ao ritmo das batidas.

Após alguns minutos, So-ki colocou o tambor de lado, pegando do chão algo que parecia a omoplata de algum animal. Ajoelhou-se diante da fogueira e raspou as brasas incandescentes, até obter uma superfície lisa, onde depositou o osso.

— O que ele está fazendo? — perguntou Caroline, intrigada.

— Pequenas rachaduras no osso mostram a So-ki todo o país. — Yum-sa-wek fez um gesto largo com o braço. — Os espíritos enviam-lhe um mapa para que saiba onde os animais se alimentam.

— Isso acontece realmente?

— Claro! — a mulher falou com absoluta convicção. Caroline então perguntou:

— Onde aprendeu a falar inglês tão bem, Yum-sa-wek, quando a maioria dos outros não conhece uma única palavra?

— A mãe de minha mãe era branca. Foi raptada pelos índios quando criancinha. Os pais dela vieram, imploraram ao chefe que a devolvesse, mas ele disse que não. Ficou sem a menina, que foi criada pelos índios. Quando se tornou mulher, meu avô a tomou como esposa.

So-ki estudava o osso em total concentração. Caroline trocou um olhar com Hannah. Sentiu um calafrio de medo e viu que a irmã estendia o braço, trazendo Sheila para perto de si. Ali estava mais uma razão para fugirem. E Caroline prometeu a si mesma que descobriria um jeito de escapar dali.

Depois que o osso mostrou a So-ki onde os animais se alimentavam, ele voltou ao tambor e a dança começou. Os homens formaram um círculo em volta da fogueira, pulando de um lado para o outro, depois, para a frente e para trás, mantendo os pés unidos. Em seguida deram início a uma coreografia mais elaborada, uma pantomima da caçada: avançavam eretos como se estivessem numa trilha e traçavam seu caminho por entre a floresta, até alcançarem o local determinado. Logo puseram-se de quatro e rastejaram em silêncio. Quando saltaram e começaram a correr, Caroline sobressaltou-se. De mãos cruzadas, assistiu ao ataque à presa, que foi esfaqueada repetidamente até cair morta.

Clássicos da Literatura Romântica

Então, foi a vez das mulheres. Formaram um círculo, como os homens haviam feito. Algumas vestiam túnicas de couro cru, outras usavam cinturões enfeitados de contas e pedras que retiniam quando dançavam.

Caroline assistia ao espetáculo fascinada, mas enquanto acompanhava as evoluções da dança, sentiu que sua atenção era atraída para outra coisa. Foi quando reparou na presença de Daniel, parado do outro lado do círculo, o olhar fixo nas dançarinas. De repente ele murmurou algo para o homem à sua direita e então dirigiu-se apressado à floresta.

Pela displicência com que o índio recebera as palavras dele, Caroline concluiu que o homem entendera que Daniel precisava satisfazer uma necessidade natural. Se era isso, por que Daniel piscara para ela? Ou Caroline estava imaginando coisas? Embora a razão argumentasse contra a idéia de segui-lo, uma vez que ele a traía mais de uma vez, o coração a impelia para ele. Após alguns instantes de hesitação, ela decidiu procurá-lo.

Certificando-se de que Hoo-tan dançava em torno da fogueira, inclinou-se para Yum-sa-wek, que continuava a seu lado.

— A natureza me chama à floresta. Voltarei logo.

— Sim, sim... — Yum-sa-wek assentiu tão absorvida pela dança que mal ouviu suas palavras.

Caroline afastou-se do grupo o mais devagar possível, para o caso de alguém estar observando-a. Mal alcançou a escuridão das árvores, apressou-se na direção que Daniel tomara. Havia dado alguns passos, quando alguém a pegou pelo braço e tapou-lhe a boca.

— Não se assuste — Daniel murmurou ao seu ouvido.

— Quero apenas conversar com você a sós.

Esperou que ela assentisse, então soltou-a. Apesar da escuridão, Caroline pôde constatar a mudança. A máscara de frieza do rosto dele desaparecera. Esse era o Daniel que ela amava. Experimentou um alívio tão profundo, que mal atentava para suas palavras.

— Não temos muito tempo — dizia ele. — Por isso não posso explicar tudo. Ti-sha-wa não confia em mim. Ele suspeita que pretendíamos raptar Hannah, embora eu tenha negado. Foi por isso que me trouxe para cá e decidiu não libertar você. Afirmei que você era minha refém, o que me obrigou a representar meu papel. Repreendi você no lago porque Esh-tan a vira. E, ontem à tarde, no rio, iríamos cair na armadilha preparada pelo chefe: se tentássemos pegar os cavalos, seríamos mortos.

— Sim, sim — Caroline assentiu, devorando-lhe o rosto com os olhos, alimentando-se das emoções expressas pelo olhar dele. — Torci para que fosse assim.

— Se tivesse havido alguma chance, eu teria lhe contado a verdade.

— Sim, eu sei, mas agora está tudo bem. Sabendo que estava apenas fingindo, posso suportar qualquer coisa!

Daniel examinou-a rapidamente. Apesar do rosto sujo, dos cabelos despenteados e embaraçados, ela lhe parecia mais bonita do que antes. Incapaz de conter-se, estreitou-lhe o rosto entre as mãos. Caroline fechou os olhos, saboreando o calor daquele toque tão desejado, tão esperado. Ansiava para que Daniel a abraçasse com força e jamais a abandonasse.

Mas o tempo conspirava contra eles. A qualquer momento alguém poderia aparecer

e pôr tudo a perder.

— Caroline — ele sussurrou —, os homens partem amanhã para a caçada. Devo ir com eles.

— Por quanto tempo?

— Uma semana ou dez dias. O chefe vai advertir Hoo-tan para não ser cruel com você. — Mal acabou de pronunciar essas palavras, sentiu um aperto no coração. Como poderia deixá-la, depois de tudo o que ela já sofrerá? — Não, não irei com eles. Fugiremos esta noite, só nós dois. Se conseguirmos atravessar o rio, estaremos salvos.

— E o que será de Hannah?

— Voltarei para libertá-la. Eu juro. Caroline sacudiu a cabeça.

— Não posso deixá-la sozinha. Quando descobrirem que fugimos, vão adivinhar toda a trama e ela será punida... Não podemos arriscar. Agora que conversamos, terei forças para suportar a hostilidade de Hoo-tan. Acredite em mim. Apenas prometa que voltará.

— Voltarei. Eu prometo.

Ouviram passos aproximando-se sobre as folhas secas. Caroline sentiu os dedos de Daniel apertarem-se em torno de seu braço, embora não tivessem para onde correr. Os passos avançavam. Absolutamente imóveis, quase sem respirar, os dois ficaram agarrados um ao outro até que, afinal, escutaram o ruído de um líquido jorrando e, um instante depois, os passos se afastando.

Passado o perigo, Daniel teve a súbita consciência de que tinha nos braços a mulher a quem desejava desde que a vira pela primeira vez. Duas idéias opostas entravam em conflito em sua mente: por um lado, precisava mandá-la de volta ao grupo imediatamente; ao mesmo tempo, sentia a vontade irresistível de aproveitar a chance de acariciá-la, como sempre sonhara.

Os sentimentos venceram a batalha e Daniel se viu beijando-a com intensidade, tocando-lhe os cabelos, o rosto, o pescoço, abraçando-a com força contra si.

— Não posso deixá-la! — ele murmurou enquanto recuperava o fôlego após um longo beijo.

— Pode e deve! — Consciente de que ambos logo perderiam o controle, Caroline deu-lhe as costas e começou a se afastar.

— Espere! — Daniel alcançou-a e pôs algo metálico em sua mão.

Caroline não precisou olhar para saber do que se tratava. E logo protestou:

— A faca é sua! Não pode ficar sem ela!

— Darei um jeito. Ficarei mais tranquilo, se souber que está com você. Tome o cuidado de escondê-la muito bem, para que ninguém a encontre. Agora vá depressa — ordenou, menos preocupado em serem descobertos, do que em manter seu autocontrole.

CAPÍTULO XII

Os caçadores caminhavam em fila até a praia, seguidos a distância pelas mulheres e crianças. Caroline, atrás de Hoo-tan, carregava a bagagem de Daniel e tentava não pensar no que aconteceria nos próximos dias, a julgar pelo olhar que a índia lhe lançara à saída da cabana. Ti-sha-wa devia ter lhe falado sobre o tratamento a ser dispensado à prisioneira durante a ausência de Daniel. E o ódio que a outra demonstrava agora fazia com que Caroline preferisse que o chefe não houvesse dito nada a seu respeito.

Bem, o que estava feito não poderia ser mudado. Se ela suportara outras situações difíceis, certamente superaria mais essa. Antes ela do que Hannah! Era irônico que sua irmã tivesse encontrado uma vida menos tumultuada ao lado de Yum-sa-wek do que do próprio marido. Exceto, claro, pela condição de prisioneira. Então Caroline lembrou-se da velha índia contando a história de sua avó, adotada pela tribo quando criança. Nem era preciso perguntar por que Hannah empalidecera ao ouvi-la. Ainda bem que o parto demoraria pelo menos mais um mês. Tempo suficiente para que Daniel já as tivesse libertado... Se tudo corresse bem.

Os índios desviraram as canoas que haviam deixado emborcadas a fim de se manterem secas. Transportaram-nas para a água e as seguraram com firmeza, enquanto as mulheres depositavam as trouxas e pacotes em seu interior. Daniel seguiria na primeira canoa, juntamente com o chefe. Ao depositar sua bagagem, sem querer Caroline esbarrou nele. Desprevenido, ele não conseguiu esconder a emoção, permitindo-lhe ver a ansiedade e o desejo que, a custo, reprimira na noite anterior.

— Está me empurrando? — ele esbravejou.

— Sinto muito, senhor — ela murmurou, abaixando os olhos. Pela primeira vez, não sentiu o coração apertar-se. Consciente de que os sentimentos dele não haviam mudado, receberia sua grosseria como se não existisse. Mas assistiu à partida das canoas com os olhos cheios de lágrimas.

Daniel sentiu o empuxo da velocidade quando a canoa partiu. Esse costumava ser um momento que sempre lhe trazia suspense. Acontecera quando ele e Caroline haviam cruzado o rio, na semana anterior, mas, desta vez, o movimento foi apenas físico. Embora remasse vigorosamente, à medida que o barco avançava, sentia que seu coração se arrastava para trás, em direção à terra e à Caroline.

Na noite anterior, ao abraçá-la, sentindo-lhe as batidas do coração, a maciez dos seios, a doçura dos lábios, tivera a confirmação do lugar que ela ocupava em sua vida. Jamais encontrara uma mulher como ela. Não havia nada no mundo mais importante, o que era bom e mau ao mesmo tempo — o amor lhe traria tanto prazer quanto dor.

Daniel sofria ao vê-la vivendo em condições precárias, vestindo trapos sujos. Não lhe saía da lembrança o vestido azul que ela usara na festa no forte, nem o brilho desses olhos quando ele a convidara para dançar... Nem a tristeza de sua expressão após os comentários maldosos de MacKenzie. A vida já lhe mostrara o bastante sobre a crueldade dos homens. Era doloroso deixá-la sozinha para sofrer ainda mais.

A canoa atingiu o meio do rio e virou para noroeste, navegando contra a corrente. Os campos de caça da tribo situavam-se ao longo da margem norte. Viajariam durante um dia na direção oeste, então caçariam no caminho de volta para o acampamento. Caso não encontrassem os rebanhos previstos por So-ki, lançariam os barcos ao rio novamente e tentariam outros campos mais a oeste.

Daniel virou-se para trás. As mulheres ainda se encontravam na margem, embora o

Clássicos da Literatura Romântica

vento, soprando rio abaixo, carregasse seus chamados para longe. A memória trouxe-lhe o olhar apaixonado com que Caroline o fitara na praia. Na infância, ouvira os padres descreverem o inferno como um buraco profundo, cheio de lama incandescente. Agora compreendia que o inferno não tinha nada a ver com sujeira ou fogo. Inferno era ter de afastar-se do olhar apaixonado de Caroline. Era a escolha entre a realidade e os desejos do coração.

Mas Caroline era forte. Devia lembrar-se disso para acalmar a dor. Ela enfrentara de cabeça erguida o olhar zombeteiro de MacKenzie. E quando o patife se recusara a sair em busca da própria esposa, ela partira sozinha. Aos dezoito anos enfrentara o pai e um amante ardiloso e se negara a casar-se com um bruto. E, durante os oito anos seguintes, penitenciara-se impiedosamente, sofrerá mais do que Hoo-tan poderia fazer-lhe em uma semana. Por mais que ansiasse protegê-la, Daniel tinha de admitir que ela era capaz de cuidar de si mesma.

O rio era raso naquele trecho; um banco de areia erguia-se da margem norte, estendendo-se em declive para o sul. As canoas navegavam em fila, contornando-o. Ao retomarem as águas profundas, duas trutas reluziram sob a superfície. Cada homem anotou mentalmente seu tamanho e posição para uma eventual necessidade futura. Não para-riam naquele momento para pescar, pois carregavam provisões para dois dias, mas a localização do alimento era sempre um ponto da maior importância.

Três quilômetros à frente, depararam com corredeiras às quais os barcos não resistiriam. Foram obrigados a desembarcar na margem sul e a carregar a bagagem nas costas e as canoas acima das cabeças. Cada grupo trabalhava como se fosse um só homem, movendo-se em perfeita sincronia. Essa situação representava uma grande mudança para Daniel, que se habituara à vida solitária. Embora continuasse preocupado com Caroline, ele logo assimilou o ritmo do grupo.

Ao anoitecer, alcançaram o afluente ao longo do qual fariam a caçada. Retiraram as canoas da água, comeram e deitaram-se para uma curta noite de sono. Todos, exceto So-ki, que passou as horas seguintes em comunicação com os espíritos.

O curandeiro acordou-os horas antes do amanhecer. O grupo partiu, remando em silêncio a fim de não alarmar os alces. A dois quilômetros da desembocadura, o afluente abria-se num grande lago, circundado por pântanos. Ali, os caçadores se dividiram, espalhando as canoas pelo lago, de modo que cada uma desse cobertura a uma parte do território.

A canoa que levava Daniel deslizou para a margem norte, entrando por um canal de pouco mais de dois metros de largura. Enquanto os outros a mantinham firme com seus remos, Ti-sha-wa pegou um cone, feito de casca de abeto que, soprado com habilidade, imitava o bramido de um alce fêmea. O chefe soprou duas vezes e baixou o cone. Das outras margens vieram os sons abafados de outros bramidos. Provavelmente, os outros caçadores atraíam suas próprias presas. Tantos berros assustariam as outras espécies da área, que fugiriam para longe. No entanto, um alce macho no cio ignoraria qualquer outro som, no desespero de localizar a fêmea receptiva.

Ti-sha-wa era hábil no uso do cone. Soprou-o repetidas vezes, enquanto a luz rósea do amanhecer espalhava-se pelo céu. Os bramidos variavam do tom lamentoso para o exigente. Por algum tempo, não houve resposta. Logo, porém, ouviram a pesada agitação na água, que só poderia ser provocada por um macho. O chefe soprou o cone de modo mais persuasivo, depois encheu-o com água e esvaziou-o, mantendo-o distante da superfície, reproduzindo o som de uma fêmea a urinar.

O chamado excitou o macho ainda mais. A água ondulava sob a canoa à medida

Clássicos da Literatura Romântica

que o animal se aproximava. O índio na proa mantinha o barco firme, enquanto Daniel e Ti-sha-wa erguiam as lanças envenenadas. Se usassem os rifles, matariam o alce, mas espantariam todos os outros nas redondezas, e a carne de um único animal não sustentaria a tribo no acampamento.

Então, o macho apareceu com seus maciços chifres de doze pontas e dois metros de envergadura, a cabeça erguida, as narinas dilatadas pela paixão. O peito largo cortava as águas, abrindo caminho por entre o junco. Ele avançou pela lateral da canoa, depois de abaixar os chifres. Ti-sha-wa posicionou a lança para o ataque, imitado por Daniel. Atiraram-nas ao mesmo tempo, atingindo o alvo com precisão. O alce ainda investiu contra o flanco do barco mas, no momento em que seus chifres estavam prestes a perfurar a canoa, o animal tombou para o lado, soltando um gemido de agonia.

O alce boiou imóvel, escurecendo a água com seu sangue. Juntos, Ti-sha-wa e Daniel o laçaram com uma corda resistente e o amarraram à canoa para levá-lo à margem.

Era uma criatura enorme, tão pesada que os três homens tiveram dificuldade para carregá-lo. A lança de Ti-sha-wa atravessara-lhe a garganta; a de Daniel, o olho. Qualquer das duas o teria matado, mas o arremesso de Daniel fora o mais perfeito. O chefe admirou o animal em silêncio. Depois pousou a mão sobre o ombro de Daniel.

— Fez um belo trabalho — declarou, apertando seu ombro. — Você passou no teste.

O pulso ainda acelerado pela excitação da caçada, Daniel analisou as palavras de Ti-sha-wa. Se conquistara sua confiança, era bem possível que pudessem partir em liberdade, não apenas ele e Caroline, mas também Hannah, sem a qual a irmã não iria a parte alguma. Esse pensamento lhe renovou o ânimo. A partir daquele instante, ter Caroline passava a ser um sonho cada vez mais próximo.

— Ayeel.

A voz estridente interrompeu os pensamentos de Caroline que, na margem do rio, acabara de ver as canoas sumirem na distância.

— Ayeel — Hoo-tan berrou novamente, dando-lhe um empurrão que quase a derrubou. Apontando e gesticulando com irritação, a índia deixava claro que a prisioneira não tinha o direito de ficar ociosa na praia, quando havia trabalho para ser feito.

O corpo de Caroline se enrijeceu. Seu primeiro impulso foi lançar-se sobre a mulher. Estava tentada a dizer-lhe o que pensava de suas maneiras tirânicas e relembrar-lhe a advertência do marido. Como essa estúpida se atrevia a atacá-la, justamente quando se sentia tão frágil com a partida de Daniel. Com o coração aos saltos, lembrou-se da faca escondida em sua cama. Imaginou-se enterrando-a no peito da índia e estremeceu pela satisfação do golpe.

Ao mesmo tempo em que as emoções a levavam a pensamentos tolos e selvagens, a razão apontava-lhe a realidade e os riscos. Algumas das mulheres poderiam condoer-se de sua situação, porém jamais se oporiam abertamente a Hoo-tan. Na ausência de Daniel, Caroline fora confiada aos seus cuidados e, de acordo com as leis e hábitos indígenas, cada senhor era o árbitro único e absoluto de seus prisioneiros. Sendo assim, a índia estava autorizada a matá-la ou mutilá-la, dependendo apenas do próprio humor. Além do mais, era esposa de Ti-sha-wa, portanto, a primeira mulher na hierarquia da tribo. Nenhuma outra pensaria em desafiá-la nos assuntos que lhe diziam respeito. E, até o retorno de Daniel, Caroline era problema exclusivamente seu. Se ela empunhasse a faca contra Hoo-tan, estaria assinando sua sentença de morte.

Clássicos da Literatura Romântica

As mulheres, que se dirigiam para o acampamento, viraram-se ao ouvir os gritos de Hoo-tan. Pelo canto do olho, Caroline viu Hannah torcer as mãos, apavorada. Refletiu que, talvez, estivesse disposta a arcar com a consequência da própria resistência, mas estaria disposta a forçar Hannah a testemunhá-la? Quantas vezes não vira a irmã curvar-se diante da vontade de Thomas, quando ela mesma teria se rebelado? E quantas vezes Hannah a poupava do veneno do cunhado? Enfrentar Hoo-tan vingaria seu orgulho ferido, mas valeria a tristeza que causaria à irmã?

Quantos dias os homens demorariam a voltar? Não mais que dez. Dez dias não eram uma eternidade... Assim, abaixou a cabeça e submeteu-se às ordens da índia.

Recebeu um forte tapa na têmpora como recompensa pela hesitação. Como fizera na primeira noite, Hoo-tan apontou para o acampamento e lhe disse para se apressar. Sem ao menos olhá-la, Caroline obedeceu.

Chegou à cabana um pouco antes de Hoo-tan e parou à porta, sem saber se deveria entrar ou permanecer do lado de fora. A índia resolveu seu dilema, atirando-lhe dois baldes e apontando em direção ao rio.

Apressada, Caroline derramou um pouco da água ao voltar, mas Hoo-tan não teceu qualquer comentário a respeito. Ao contrário, mostrou a fogueira que se apagava e ordenou, com gestos, que fosse recolher mais lenha. Novamente Caroline desincumbiu-se da tarefa com rapidez. Porém, mal depositara a lenha junto ao fogo, Hoo-tan recomeçava seus berros, atirando-lhe uma pilha de roupas para serem lavadas no rio.

Eram trapos imundos, que Caroline não fazia idéia de onde tinham sido tirados, uma vez que as roupas da índia e de seus filhos eram as melhores da tribo. Mergulhando os panos na água, calculou que Hoo-tan os tomara emprestado, por uma simples questão de crueldade. Mesmo assim, não tinha escolha, senão lavá-los o melhor possível.

O sol, que iluminara e aquecera o amanhecer, desaparecera há horas, dando lugar a um céu encoberto por nuvens cinzentas. As roupas de Caroline, já molhadas pela água espirrada dos tantos baldes que carregara do rio para a cabana, agora estavam ensopadas pela atividade de lavar os trapos. Ajoelhada nas pedras, tremia de frio, esfregando os panos até os dedos ficarem insensíveis.

Depois de muito trabalho, pouco a pouco a sujeira soltou-se dos tecidos, devolvendo-lhes o aspecto original. Quando, finalmente, levantou-se para torcê-los, não pôde evitar o sentimento de dever cumprido, por haver transformado todo aquele lixo em algo útil.

Ao voltar do rio, o acampamento parecia deserto, pois as mulheres e crianças haviam se abrigado do mau tempo. Rolos de fumaça saíam das coberturas das cabanas e o ar impregnava-se do cheiro de madeira queimada e de comida em preparo.

Depois do frio que passara à beira do rio, o calor da cabana provocou lágrimas nos olhos de Caroline. Um caldeirão de ensopado de carne fervia sobre a fogueira. O aroma deixava-a com água na boca. Afinal, não comia desde o amanhecer. Sem erguer a vista, entregou a roupa lavada a Hoo-tan, que a jogou a um canto. Pegando uma cesta de um gancho na parede, a índia entregou-a a Caroline, explicando, com gestos, que ela devia enchê-la de nozes e avelãs.

— Posso comer primeiro? — perguntou Caroline, apontando para o caldeirão, a fim de se fazer entender.

Com um brilho enlouquecido no olhar, Hoo-tan ergueu a mão e deu-lhe um tapa na testa. Suas palavras não necessitavam tradução: "Pensa que pode comer sem, antes, providenciar comida? Vá buscar nozes, ou se arrependerá por não ter ido!" A cabeça

latejando, a cesta debaixo do braço, Caroline deu meia-volta e saiu.

O tempo estava mais frio que antes, e uma forte garoa começava a cair. Enquanto cumpria sua tarefa, ajoelhada na terra dura, os pingos da chuva atingiam-lhe os braços e o pescoço como agulhas geladas. De início, anestesiada pelo sentimento de desolação, trabalhou como um autômato. Logo, seu coração sucumbiu à dor, e lágrimas quentes rolaram por suas faces.

Foi quando alguém a chamou pelo nome e se inclinou sobre ela.

— Caroline! — sussurrou Hannah. — Você está bem, querida?

— Acho que sim, apenas um pouco machucada, cansada e encharcada. — Caroline ergueu a cabeça. Hannah e Yum-sa-wek estavam postadas a seu lado. Juntas, ajudaram-na a levantar-se e a levaram para a cabana da velha índia.

Caroline sentiu-se como se entrasse no paraíso. Mãos suaves livraram-na das roupas molhadas, secaram-na com panos macios e a envolveram em um cobertor quente. Hannah empalideceu ao constatar o ferimento em seu rosto.

— É apenas sujeira — Caroline gaguejou, com um sorriso de desculpas.

— Sim, querida, eu sei — Hannah molhou um pano em água fria e colocou-o sobre o hematoma. Caroline estremeceu de dor.

Enquanto Hannah tratava suas feridas, Yum-sa-wek alimentava-a com sopa quente. Caroline olhou de uma para outra, tão diferentes quanto o dia e a noite, ambas partilhando a mesma compaixão e desalento. Pela primeira vez, ocorreu-lhe que os sentimentos de Yum-sa-wek não se originavam de seu sangue branco, mas apenas do senso de humanidade que transcendia cultura e raça. Hoo-tan não era mais desumana e cruel do que Thomas. Os índios, assim como os brancos, variavam largamente em temperamento e caráter: de angélicos a demoníacos, passando por todas as gradações intermediárias.

Analisando detidamente as feições de Hannah, notou que sua expressão, sempre tensa e carregada, apresentava-se calma e descontraída. Dezenas de vezes Caroline banhara a testa da irmã, procurando confortá-la, e agora os papéis estavam invertidos. Agora era Hannah quem cuidava dela, com sua força e serenidade, sem mencionar a aliada índia. Sempre considerara a irmã uma criatura fraca: talvez nunca houvesse permitido que a força interior de Hannah se manifestasse. Devia pensar melhor a respeito da questão.

Terminando os cuidados com o rosto de Caroline, Hannah desviou a atenção para as roupas da irmã, suspirando desanimada ao constatar suas condições. Espalhadas em torno da fogueira, lembravam os trapos que Caroline acabara de lavar. De qualquer modo, não poderiam estar melhores depois da longa viagem pela floresta e dos dois últimos dias de trabalho no acampamento.

O fogo estalou e as chamas tremeluziram quando a porta escancarou-se e Hoo-tan apareceu, erguendo as sobancelhas ao deparar com a cena aconchegante. Yum-sa-wek levantou-se e falou-lhe em tom apelativo, mas a outra apenas sacudiu a cabeça. Caroline compreendeu o gesto e sentiu o coração apertar-se, embora não como antes. Algo acontecera durante o tempo em que permanecera na cabana, nos momentos silenciosos que compartilhara com Hannah e Yum-sa-wek. Uma mudança se operara, e ela passara a sentir a mesma força que percebera na irmã. Pela manhã, suas alternativas consistiam em resistir abertamente ou submeter-se por completo. Agora, vislumbrava outra saída. Levantando-se, encarou Hoo-tan com frieza.

Clássicos da Literatura Romântica

— Conheço você — disse com voz firme. — Você é como Edmund Bredon, ou Thomas MacKenzie, usando sua posição favorecida para amedrontar os mais fracos. Muito bem, não tenho medo de você, embora seja sua escrava. Obedecerei as suas ordens porque, por algum tempo, é assim que tem de ser, mas não vou renunciar à minha dignidade.

Hoo-tan franziu o cenho enquanto tentava compreender o sentido daquelas palavras. Caroline imaginou que seria esbofeteada mas, ou sua expressão deteve a índia, ou a mulher já fora violenta demais para um dia. Lançando um último olhar para as três mulheres, ela fez um sinal para que Caroline a seguisse, e saiu.

— Está tudo bem, Hannah — Caroline disse calando os protestos da irmã. — Acredito que ela não me fará mais nenhum mal. E se o fizer, posso agüentar. Nada me importa, exceto vestir minhas roupas quando estiverem secas. Podem me emprestar o cobertor?

— Sim, leve-o — disse Yum-sa-wek.

Agradecida, Caroline embrulhou-se na manta, juntou as roupas molhadas e saiu.

Depois do conforto na cabana de Yum-sa-wek, Caroline e Hoo-tan passaram a conviver em uma espécie de trégua constrangida. A índia ainda lhe ordenava trabalhos o dia todo, mas não a deixava sem comer, nem gritava ou agredia. Ao mesmo tempo, Caroline cuidava para não antagonizá-la. Mantinha-se distante quando Hoo-tan estava por perto, e discreta quando não estava, para o caso de alguma das mulheres tentar intrigá-la com a velha.

Três dias após a partida dos homens, a índia entregou-lhe linha e agulha, indicando através de gestos que desejava que costurasse camisas para seus filhos. Embora não agradecesse ao receber o trabalho pronto, deixou transparecer a satisfação com o resultado. Caroline divertiu-se ao recordar o desespero da mãe em relação à sua inabilidade para a costura. Isso mostrava que tudo era relativo!

Os momentos tranquilos eram raros. A despeito do sossego que conquistara na primeira noite, Caroline convivia com o medo de que acontecesse algum acidente com Daniel durante a caçada. Esh-tan e sua irmã eram muito parecidos... O que aconteceria se o guerreiro tentasse vingar-se? Daniel era esperto o suficiente para não cair nas armadilhas dos índios, mas estava sozinho, contra duas dúzias deles.

E havia, ainda, a preocupação com a gravidez de Hannah, que se tornava um problema maior a cada dia. Ela poderia não estar em condições de viajar quando chegasse o momento da fuga. A presença de Yum-sa-wek representava um lembrete constante de que nem todos os prisioneiros eram libertados. Embora Caroline se esforçasse para ser paciente, os dias pareciam arrastar-se interminavelmente. Uma noite, sonhou que envelhecera com os índios e, ao morrer, fora enterrada em uma cova sem lápide, na floresta. Acordou em pânico, encharcada de suor.

CAPÍTULO XIII

O grito do mergulhão-do-norte, quebrando o silêncio do amanhecer, anunciou o retorno dos caçadores. Como haviam feito na noite em que os prisioneiros chegaram, as mulheres acenderam tochas de galhos de pinheiro e dirigiram-se à margem do rio, gritando as boas-vindas para as canoas que se aproximavam.

Caroline e Hannah também estavam lá. Hannah tinha o rosto inchado pela gravidez adiantada, enquanto as feições de Caroline, ainda marcadas pelos maus-tratos infligidos por Hoo-tan, expressavam uma ansiedade que ela não conseguia esconder.

"Senhor, permita que ele esteja entre os outros! Permita que esteja de volta, são e salvo", ela repetia mentalmente, as mãos cruzadas sobre o peito, enquanto assistia à aproximação dos barcos. Uma por uma, contava as cabeças, todas negras como a noite, até que, finalmente, captou o brilho dourado dos cabelos de Daniel. Ele estava lá! Ele voltara! Virou-se, receosa de que as outras mulheres notassem suas lágrimas.

Mas ninguém olhava em sua direção. A vida da tribo dependia do sucesso daquela caçada, e o inverno seria desastroso se não houvesse alimento suficiente para todos. Sem dúvida, os homens sairiam à caça novamente, no entanto, uma vez que os espíritos lhes dessem as costas, seria difícil recuperar-lhes a simpatia.

Qualquer um poderia ler o resultado da expedição nos rostos dos caçadores. Como estivesse escuro demais para que se pudesse enxergar, os ouvidos apurados atentaram para o som das canoas arranhando a areia próximo à margem; quanto antes tocasse o fundo, mais pesada a embarcação estaria.

A primeira delas arranhou o casco antes de chegar ao grupo que a esperava. Diante disso, todas gritaram de alegria e gratidão. No momento seguinte, estavam na água, puxando o barco para a praia, e os homens já descreviam com entusiasmo a grandeza de suas conquistas. Traziam cervos e alces, grandes e gordos para o inverno. Os espíritos haviam se mostrado amigos, sorrindo para a tribo. Isso era bom, concordavam as mulheres, acenando com a cabeça.

A canoa de Daniel alcançou a margem. Ele saltou para a água, ajudando os outros a puxá-la para a praia, enquanto, com o olhar, esquadrihava a multidão à procura de Caroline. Ao localizá-la, sentiu um aperto no peito. Ela o fitou por um breve momento e, então, desviou o olhar. Compreendendo a razão de sua atitude, ele deu meia-volta, ocupando-se em descarregar o barco.

As crianças observavam com atenção e curiosidade, e as mulheres tagarelavam, incansáveis, à medida que as carcaças eram trazidas à praia, para serem levadas ao acampamento. O amontoado de homens, mulheres e crianças prejudicava o andamento da tarefa, mas ninguém se importava — a lentidão do cortejo apenas enaltecia a glória do momento.

Daniel carregava a extremidade dianteira de uma estaca da qual pendia um alce. Subindo o barranco, deparou com Caroline, cujos olhos refletiam o brilho da tocha que ela segurava. Pretendia passar por ela com naturalidade, mas foi impedido, em parte, porque a procissão fez uma pausa, e também porque o próprio corpo não obedeceu ao seu comando. Por um longo instante fitou-a nos olhos, captando o desejo e o alívio que a dominavam. Então, percebeu o ferimento em sua testa. Sentiu o estômago contrair-se e os punhos se fecharem, como se apertassem o pescoço de Hoo-tan.

— *Ho*, irmão! — uma voz alegre o chamou de trás. — Vai nos fazer ficar parados aqui a noite toda?

A marcha se reiniciara. Daniel viu-se obrigado a acompanhá-la, desviando a atenção

Clássicos da Literatura Romântica

de Caroline. Mantenha a cabeça fria, advertiu a si mesmo. O momento estava chegando. Mais tarde haveria tempo para a vingança adequada. O que quer que tivesse acontecido, Caroline estava viva e bem. Era isso o que importava.

Caroline viu-o afastar-se, alerta para a mudança na maneira como os índios se dirigiam a ele. Uma semana antes, Daniel lhe falara da falta de confiança de Ti-sha-wa. Parecia que a conquistara durante a caçada. Agora, talvez, tivessem a tão sonhada oportunidade de escapar.

Mais calma diante dessa perspectiva, Caroline teve um sobressalto ao deparar-se com Esh-tan parado à sua frente, o olhar frio, arrogante e ameaçador. Lembrou-se do que aprendera na experiência com Hoo-tan, porém não foi capaz de encará-lo com altivez. Todo o seu corpo tremia quando ele passou, deixando-a para trás.

Os animais foram pendurados em árvores, para serem destripados. Até as vísceras seriam cozidas, pois os índios comiam todas as partes do animal. Então as carcaças seriam trinchadas e a carne posta para secar. O produto daquela caçada seria suficiente para alimentá-los durante todo o inverno, e a tribo mostraria sua gratidão aos espíritos em uma alegre celebração.

Cortaram os pernis do maior cervo e os colocaram em espetos para assar. Trouxeram tambores para perto da fogueira e, ao som de sua batida, os guerreiros dançaram e cantaram, com o mesmo abandono com que haviam dançado uma semana antes. Seus olhos brilhavam à luz do fogo, e cada passo ou movimento era aplaudido. Dançaram até a carne estar assada. Então, Ti-sha-wa pegou o primeiro corte, atirando um pedaço de gordura na fogueira, num gesto tradicional de agradecimento, que os espíritos aceitaram com a explosão de uma chama.

Daniel comia em companhia dos caçadores e, embora não olhasse diretamente para Caroline, mantinha-se atento a cada um de seus movimentos. Ela também estava consciente da presença dele, enquanto andava de um lado para o outro servindo a carne, dividida entre o alívio de saber que ele estava bem, e o crescente desejo de senti-lo em seus braços. Durante a semana inteira, tentara não pensar nos momentos de intimidade que haviam partilhado, receosa de que a lembrança enfraquecesse suas defesas contra Hoo-tan. Mas, agora que ele estava perto, são e salvo, a necessidade de suas carícias veio à tona com força avassaladora. Com certeza, estando todos envolvidos com as comemorações, encontrariam a oportunidade de um momento a sós, ao longo da noite. Talvez a festa lhes proporcionasse a chance de escapar, uma vez que a celebração não se restringia à dança, era também regada à bebida.

O barrilete de rum que passava de mão em mão fora roubado da fazenda. Reconhecendo-o, Caroline experimentou um prazer perverso, ao lembrar-se da sovinice exagerada de Thomas. As outras mulheres, entretanto, não pareciam nem um pouco satisfeitas.

— Isso não é bom — resmungou Yum-sa-wek. — Rum é veneno para os índios. Transforma-os em animais. — Sacudiu a cabeça desgostosa, acompanhada no gesto por outras índias.

Yum-sa-wek estava com a razão: sem o menor senso de moderação, os homens bebiam o rum como se fosse água, ficando agitados e turbulentos. Esh-tan era um deles, e Caroline estremeceu ao lembrar do modo como ele a fitara ao chegar da caçada. Se já era cruel quando sóbrio, podia imaginá-lo bêbado! Tomaria o maior cuidado para manter-se fora de seu caminho.

Como se adivinhasse seus temores, Esh-tan levantou a cabeça, procurando-a entre os presentes. Ao localizá-la, fixou nela o olhar. Caroline não fez menção de enfrentá-lo.

Clássicos da Literatura Romântica

Ao contrário, deu-lhe as costas rapidamente, à procura de um meio de esconder-se. Vira muitos homens embriagados e sabia do que eram capazes. Talvez, sem vê-la, ele a esquecesse. Pensando em Daniel, rezou para que ele não houvesse testemunhado o olhar mal intencionado do índio. A última coisa que ela desejava era um confronto que arruinasse a festa.

Um grupo de mulheres encontrava-se distante da fogueira, raspando o couro do animal assado na celebração. Caroline dirigiu-se para elas sem pressa. Agachou-se ao lado delas, atenta ao trabalho meticuloso. Pouco a pouco, sua agitação cedeu, enquanto seus olhos acompanhavam o sobe-desce das mãos das mulheres. Uma delas notou sua presença e estendeu-lhe um raspador, que consistia de um disco de pedra afiado na extremidade mais alongada. Embora nunca houvesse utilizado ferramenta semelhante, ela o aceitou de imediato, satisfeita com a oportunidade de uma distração.

As mulheres cantarolavam enquanto trabalhavam, combinando a canção com aquela que era cantada em torno da fogueira. O resultado era um contraponto de rara beleza. Pela primeira vez naquela noite, Caroline esqueceu as próprias preocupações, deixando-se embalar pelos sons e aromas do festejo. Mas o momento de trégua foi dolorosamente curto. Mal sentiu o corpo relaxar, quando a tensão retomou seus nervos, e a nuca arrepiou-se pela certeza de que alguém a observava. Pelo modo como as mulheres sussurravam e sacudiam as cabeças, adivinhou quem era, mesmo antes de virar-se.

Esh-tan tinha os olhos avermelhados pelo efeito da bebida, e cambaleava levemente. Ao levantar-se para encará-lo, Caroline quase desmaiou ao sentir-lhe o bafo. Não havia dúvida de que estava bêbado, embora seu olhar não estivesse anuviado — ao contrário, parecia ainda mais intenso que antes.

Por hábito e por instinto, ela sustentou o olhar, enquanto ele passava a língua pelos lábios, num gesto repleto de subentendidos, provocando-lhe um estremecimento de repulsa.

Onde estaria Daniel? Não teria percebido o que acontecia? Caroline estava ansiosa para procurá-lo, mas o medo a impedia de desviar-se do índio.

Lembrou-se do raspador em sua mão. Imaginou-se golpeando aquele rosto detestável e pôde visualizar e sentir o sangue brotar. Apertou o instrumento com força, ao mesmo tempo que a razão a advertia de que aquela visão não passava de um sonho insensato. Mesmo que tivesse a sorte de atingi-lo uma vez, seria esperar demais que ele lhe desse uma segunda chance. Os músculos iluminados pelo fogo, bem como a pintura de guerra em seu rosto, tornavam-no ainda mais ameaçador. Seria loucura atacá-lo. Devia fugir.

Caroline girou sobre os calcanhares, pronta para correr até a fogueira, onde Daniel deveria estar. Caçador treinado, Esh-tan foi mais rápido: impediu-a de escapar, segurando-lhe o braço esquerdo. Sem pensar, Caroline ergueu a mão direita e golpeou-lhe o rosto com a pedra afiada.

O índio teve um momento de perplexidade provocado pela surpresa do ataque. Enquanto Caroline via o sangue cobrir-lhe o ferimento, ele levou a mão ao rosto e, ao constatar que sangrava, fitou-a com ódio enlouquecido. Antes que ela pudesse mover-se, uma forte bofetada atingiu-lhe o rosto, derrubando-a ao chão.

Esh-tan ergueu o braço, como se fosse golpeá-la mais uma vez. De repente, pareceu mudar de idéia. Em vez de esbofeteá-la, pousou a mão sobre o decote de sua blusa. No momento seguinte, insinuou os dedos sob o tecido para tocar-lhe o seio.

Clássicos da Literatura Romântica

Imobilizada pelo pânico, Caroline esperou o movimento seguinte, que não chegou a acontecer. Num piscar de olhos, Esh-tan voou pelo ar, caindo de costas com um gemido que mesclava dor, surpresa e raiva. Em seu lugar apareceu Daniel que, após certificar-se de que nada de mal lhe acontecera, virou-se para Esh-tan.

— Venha cá, seu porco. Prepare-se para morrer.

— Oh, não! — Caroline gemeu, desesperada.

Daniel pareceu não ouvi-la. Na verdade, toda a sua atenção centrava-se em Esh-tan. Ao perceber que este se levantava empunhando uma faca, Caroline lembrou-se de que o punhal de Daniel continuava escondido na cabana de Ti-sha-wa.

Alarmados pelo grito de Esh-tan, os homens que se encontravam em torno da fogueira aproximaram-se. Quando constataram que Daniel estava desarmado, começaram a murmurar comentários incompreensíveis, mas nenhum deles adiantou-se para oferecer-lhe uma faca. Simplesmente formaram um círculo para assistir à luta.

Os dois lutadores encaravam-se com fúria animal. A lâmina reluzia a cada movimento de Esh-tan. O índio era bem mais alto e pesado; Daniel contava com a própria agilidade e leveza. Além disso, estava sóbrio, enquanto o outro tinha os sentidos afetados pelo álcool.

O primeiro golpe foi desferido por Esh-tan. Descrevendo um círculo com o braço, atingiu o rosto de Daniel, abrindo-lhe um corte na face. Embora o sangue cobrisse imediatamente o ferimento, ele não demonstrou dor ou surpresa.

Com o estômago nauseado e a respiração entrecortada, Caroline assistia à luta, consciente de que não havia nada que pudesse fazer.

Daniel mantinha a atenção na faca, esquivando-se das investidas do oponente. Seu espaço de ação fora limitado pela platéia que os cercava, e o chão irregular encontrava-se repleto de ossos. Pisando em uma pilha deles, tropeçou e, embora recuperasse o equilíbrio com rapidez, o curto momento de distração proporcionou uma chance a Esh-tan. A faca reluziu novamente, desta vez contra o peito de Daniel, arrancando-lhe um gemido de dor. Sua túnica imediatamente tingia-se de vermelho.

Os olhos de Esh-tan brilharam exultantes, como se a visão do sangue lhe provocasse a sede de mais. Precipitou-se para a frente, com todo o peso do seu corpo, a faca dirigida para o coração do adversário.

Daniel conseguiu desviar-se da investida, mas enroscou o pé na pele que as mulheres haviam raspado. Tentou manter o equilíbrio, em vão, pois Esh-tan tropeçou, caindo sobre ele,

Daniel permaneceu imóvel por um momento, o suficiente para recuperar-se. Quando retomou o fôlego, o índio já se levantava e, com um sorriso cruel, preparava-se para o golpe fatal.

— Meu Deus, não! — murmurou Caroline, aterrorizada.

Daniel estendeu a mão, esquadrinhando o chão, até seus dedos tocarem uma pedra. Agarrou-a e, no instante em que Esh-tan tomou impulso para atacá-lo, atirou-a com toda a força que lhe restava.

Embora a pedra não fosse pesada, o arremesso foi perfeito, atingindo o queixo do índio com a solidez de um murro bem desferido. Esh-tan caiu de costas, paralisado, como ocorrera com seu adversário. Daniel foi o primeiro a levantar-se para, em seguida, atirar-se sobre o inimigo. Agarrou-lhe os punhos com a força do ódio, enterrando os dedos nos músculos, na tentativa de atingir os nervos do braço, enquanto o índio contorcia-

se, desesperado, para livrar-se.

O confronto de forças mostrou-se equilibrado. Lenta e dolorosamente, Daniel suplantou a resistência de Esh-tan, que soltou a faca. Por um momento, a lâmina permaneceu na poeira, reluzindo à luz do fogo. Então, antes que Daniel pudesse agarrá-la, um pé escuro chutou-a para longe. De braços cruzados e olhar frio, Hoo-tan o encarou e, no mesmo instante, Esh-tan girou o corpo com agilidade, libertando-se e ficando de pé.

Suas mãos ainda estavam amortecidas, e ele as sacudia, flexionando os dedos, enquanto se encaminhava para onde estava a faca. Determinado a aproveitar-se do momento de vantagem, Daniel arremessou-se sobre ele, agarrando-o pelas costas. Em segundos, as posições inverteram-se, e o índio torceu o braço do oponente, prendendo-o às costas, imobilizando-lhe o resto do corpo com um forte aperto no peito. Pôs-se a forçar o braço torcido, como se pretendesse quebrá-lo.

O rosto de Daniel contorceu-se de dor. Estava banhado de suor, que se misturava a sangue e poeira. O ferimento do peito sangrava profusamente. Devagar e com grande esforço, ergueu a mão e o pé esquerdos, num golpe simultâneo, atingindo Esh-tan na têmpora e no tornozelo. Por mais que se esforçasse para não cair, o índio, atordado, não resistiu à dor lancinante que se espalhou pela perna. Daniel lançou-se sobre ele, imobilizando seus braços com os joelhos, envolvendo-lhe o pescoço com as mãos, num aperto de aço.

Esh-tan procurou resistir, as mãos buscando às cegas o rosto do outro, as unhas cravando-se na pele, até pousarem no pescoço.

Tarde demais. Sua boca já se arroxeara, e os olhos giravam nas órbitas.

Daniel sentiu quando Esh-tan perdeu a consciência: o corpo musculoso ficou inerte sob suas mãos. A luta terminara, e ele era o vencedor. Não provaria nada a ninguém se continuasse a estrangular o inimigo abatido.

Mesmo consciente disso, não conseguia parar. Ao abrir os olhos, não foi o rosto do índio o que viu, e sim a expressão aterrorizada dos olhos de Caroline, enquanto os dedos escuros escorregavam por entre seus seios. Aquele homem tinha de morrer pelo tormento que infligira a ela.

O que aconteceria então?, perguntou-se, retornando vagarosamente à realidade. Talvez não o matassem por tirar a vida daquele homem, mas tampouco iriam considerá-lo amigo. Toda a confiança que ele construía com dificuldade ao longo da última semana teria sido por nada. Estaria destruindo a única chance de escapar dali e ainda pondo em risco a vida de quem ele lutara para vingar.

Daniel detestou a idéia de não chegar ao fim. Precisou de muita força de vontade para afrouxar os dedos ao redor do pescoço do índio. Soltou-o, mas permaneceu ajoelhado sobre o peito de Esh-tan, apoiando as mãos no chão, ofegante e nauseado.

Alguém o estava erguendo. Pensou que fosse Caroline, mas viu os braços escuros.

— Venha — murmurou Yum-sa-wek. — Cuidarei do ferimento.

— Caroline — ele chamou baixinho, fraco demais para resistir ao desejo de vê-la.

— Ela também virá — respondeu a velha. — Pode andar? Podia, desde que recebesse ajuda. Sem conseguir firmar os passos, foi amparado por Caroline e Yum-sa-wek até a entrada da cabana. Durante o pequeno trajeto, tentou focalizar a expressão da amada, porém estava tonto, e ela mantinha a cabeça baixa. Uma vez na cabana, desabou no primeiro catre em seu caminho e fechou os olhos, perdendo a consciência. Ao voltar a si, deu com Caroline inclinada sobre ele, estreitando-lhe a mão entre as suas.

Clássicos da Literatura Romântica

— Pensei que ele ia matá-lo! O que seria de mim sem você? — ela soluçava e tremia. — Meu Deus, o que eu faria?

Apesar de saber que seria indiscrição, devido à presença de Yum-sa-wek no ambiente, Daniel teve ímpetos de puxá-la para si e acomodar o corpo dolorido contra o seu.

— Não fique assim. — Ele esboçou um sorriso. — Seria preciso bem mais que um índio bêbado para me levar desta vida.

— Bebida de homem branco é coisa do demônio — reclamou Yum-sa-wek, colocando-se ao lado de Caroline. — Tire a camisa. Vamos ver o que precisa ser feito.

As duas mulheres removeram-lhe a túnica e expuseram o corte aberto. Era mais profundo do que Caroline imaginara, e hematomas escuros já se espalhavam pelos braços e no peito. Enquanto Yum-sa-wek limpava o ferimento com água morna, Hannah entrou e sentou-se próximo ao grupo, os olhos fixos em Daniel, os lábios movendo-se numa prece silenciosa. Sobre um cobertor estendido a um canto, Sheila dormia junto aos filhos de Yum-sa-wek.

Depois de limpar o corte, a índia cobriu-o com algo que parecia gordura de urso, embora recendesse a ervas. Ela pegou uma velha camisa de uma pilha de roupas, rasgou-a em duas tiras largas e enfaixou o peito de Daniel, protegendo o ferimento com uma compressa, sobre a qual espalhou o ungüento já utilizado. Descansou por alguns minutos, depois declarou:

— Vou buscar o meu homem, do contrário ele dormirá onde caiu. — E, dirigindo-se a Caroline, acrescentou: — Passe a noite aqui, fique fora das vistas de Hoo-tan.

— Sim... obrigada — murmurou Caroline, pensativa. Como seria seu próximo encontro com Hoo-tan? Até aquele momento, pensara apenas em Daniel. Agora, pela primeira vez, tentava prever as conseqüências da luta sobre as relações entre eles e a tribo. Por outro lado, com Daniel ferido, não podiam pensar em fugir. E quando Esh-tan se recuperasse? Não queria uma revanche? A torrente, de preocupações ameaçava minar suas forças. Por isso, procurou afastá-las da cabeça, concentrando a atenção em Daniel.

A água usada por Yum-sa-wek para a limpeza do corte estava vermelho-escura, misturada com sangue. Caroline esvaziou a vasilha fora da cabana e encheu-a com água limpa para lavar o rosto de Daniel.

Quando o pano frio tocou sua testa, ele abriu os olhos.

— Caroline?

— Estou aqui. — Como antes, tomou a mão dele, levando-a aos lábios.

— E sua irmã?

— Também está aqui — Caroline moveu a cabeça na direção de Hannah, que ainda rezava. — Yum-sa-wek saiu para buscar o marido.

— Bem... devemos partir esta noite.

— Esta noite! — Caroline examinou-o com atenção, crente que ele estava delirando.

— Sim, esta noite — ele repetiu. — Assim que estiverem todos dormindo. Sra. MacKenzie?

— Estou aqui — Hannah respondeu com voz trêmula. O medo turvava seus olhos.

— Ponha uma mordaza na menina, de forma que ela não faça qualquer barulho.

Clássicos da Literatura Romântica

— Como pretende viajar nessas condições? — Caroline protestou.

— É a única maneira, os homens estarão bêbados demais para perceber a fuga e, se tivermos sorte, as mulheres estarão bastante ocupadas, cuidando deles. Já enfrentei jornadas mais longas, em condições bem piores. — Percebendo, pela expressão de seu rosto, que ela ainda resistia, acrescentou: — Depois do que houve entre mim e Esh-tan, seria perigoso demais permanecermos aqui.

Caroline fez menção de protestar, mas não tinha argumentos e calou-se. Daniel tomou-lhe a mão.

— Vou me sentir melhor depois de dormir um pouco. Conseguiria manter-se acordada?

— Sim, claro.

— Então, acorde-me daqui a duas horas, quando os homens estiverem todos adormecidos.

Após um longo silêncio, Caroline sussurrou:

— Obrigada por ter me defendido. Ele suspirou.

— Está feito e acabado. Se tivermos sorte, partiremos em duas horas e nunca mais falaremos sobre isso. — Fechou os olhos e adormeceu instantaneamente.

Ao perceber que ele dormia, Hannah tomou coragem para falar.

— Caroline, será que é possível?

— Daniel pensa que sim — respondeu, os olhos fixos nele. Seu rosto estava pálido e exaurido. Como poderia acordá-lo em duas horas, quando o que ele mais precisava era de repouso? Então, lembrando-se de como ele rendera Esh-tan quando tudo parecia perdido, murmurou: — Sim, acho que é possível.

— E se formos recapturados? As coisas poderão tornar-se ainda piores para nós.

— É verdade... — Caroline concordou, embora estivesse pensando que Esh-tan tornaria a vida terrível se ficassem. Percebendo que Hannah olhava para Sheila, adormecida entre as outras crianças, acrescentou: — Lembre-se do que Yum-sa-wek contou-nos sobre a avó. O que faremos se libertarem você e ficarem com Sheila?

Hannah empalideceu.

— Oh, Deus me livre! Está bem, tentaremos. E, talvez, consigamos.

— Conseguiremos. Agora, durma um pouco. Temos apenas duas horas para descansar. E leve Sheila para o seu catre. Assim, não acordaremos os outros na hora de sair.

— Está bem... — Os olhos de Hannah pousaram nas crianças, encolhidas umas contra as outras, como filhotes de leão. — Como eles aprendem? O que os faz mudar ao se tornarem adultos?

— A sobrevivência — disse Caroline com voz sombria e carregada de rancor.

— Daniel — Caroline chamou-o com voz suave, pressionando levemente os dedos sobre os lábios dele. Viu as pálpebras estremecerem, enquanto o resto do corpo resistia, agarrando-se ao sono. Mas a força de vontade triunfou, e Daniel abriu os olhos.

Yum-sa-wek e o marido dormiam. Ele, com a cabeça pendida para trás, enchia a cabana com seus roncos altos. Durante as duas horas que passara em vigília, Caroline concluía que a índia suspeitava de suas intenções de fuga. Só esperava que a boa

mulher não fosse responsabilizada pelo que estavam prestes a fazer.

Ouviu a respiração entrecortada de Daniel. Ao levantar-se, ele teve de fazer um enorme esforço para não cair de volta ao catre.

Hannah estava sentada sobre o cobertor, com Sheila deitada a seu lado, a boca coberta por uma tira de pano. Daniel olhou-as por um instante, como se calculasse suas chances de sucesso. Então, apanhou a túnica, que só conseguiu vestir com a ajuda de Caroline. Ela lutava consigo mesma para ignorar-lhe as contrações bruscas, provocadas pela dor. Uma vez vestido, Daniel rastejou até a porta da cabana e espiou para fora. Após algum tempo, virou-se para indicar com gestos que permanecessem ali, enquanto ia verificar se todos na tribo dormiam. Sem esperar resposta, desapareceu na noite.

Caroline não se moveu. Durante as últimas duas horas, afastara da mente todas as dúvidas, repetindo inúmeras vezes que deveria ter fé. Agora, após ver com clareza que Daniel sentia muita dor, ocorreu-lhe que ele não poderia sobreviver aos rigores dos próximos dias.

Minutos mais tarde, ele estava de volta à porta da cabana, sinalizando para que o seguissem em silêncio. Antes, porém, indicou a Caroline o pote de unguento usado por Yum-sa-wek em seu ferimento e pediu-lhe que o pegasse. Ela obedeceu, e o viu guardá-lo na sacola, que trouxera da cabana de Ti-sha-wa. Então, gesticulando para que ela levasse Sheila nos braços, Daniel saiu, seguido pelas duas irmãs.

Lá fora, o fogo se apagara, e a lua flutuava por detrás das nuvens. Algumas mulheres, a exemplo de Yum-sa-wek, haviam levado seus homens para as cabanas, mas a maioria dos caçadores jazia onde haviam caído, em profundo sono alcoólico.

Daniel seguia na frente, com Hannah logo atrás, carregada de cobertores que apanhara na última hora. Caroline era a última, com Sheila nos braços. Ela divisou o rifle pendente do ombro de Daniel e a pilha de cobertores que ele levava. Sentiu uma pontada de remorso pela faca, que deixara enterrada na cabana de Hoo-tan.

Os pedregulhos que cobriam a praia deslocavam-se sob seus pés, produzindo um ruído alto e dissonante no silêncio da noite. Apressados para dar início às celebrações, os homens não tinham arrastado as canoas para o barranco, nem as haviam emborcado. Ao contrário, deixaram-nas à beira do rio, de onde podiam ser facilmente empurradas para a correnteza.

Daniel atirou a bagagem dentro da mais próxima e gesticulou para Caroline acomodar Sheila sobre os cobertores. Ajudou Hannah a instalar-se junto à filha e, quando Caroline fez menção de juntar-se a elas, Daniel abanou a cabeça em negativa.

Orientando-a por gestos e sinais, fez com que levasse a canoa em direção ao meio do rio, até a água bater-lhe na cintura. Ela segurou a embarcação com firmeza, enquanto ele puxava as outras para a água, agarrando-as à primeira. Ao terminar, dirigiu-se para o acampamento.

Daniel voltou trazendo os cavalos. Havia amordaçado seus focinhos, impedindo-os de relincharem. Quando seus cascos tocavam a margem pedregosa, lembravam trovões. Dois eram dóceis, mas o terceiro resistia e empinava, principalmente quando Daniel tentou levá-lo para dentro do rio.

Caroline assistia a tudo, quieta. Sentia-se exausta pela preocupação e falta de sono, e gelada até os ossos. Aquela noite adquiria as dimensões de um pesadelo. Como era possível que Daniel estivesse lutando com o cavalo, tendo um ferimento tão profundo e recente no peito? Além disso, não fazia idéia de como cruzariam o rio com todas as canoas, os cavalos, e ninguém com força para remar. Parecia impossível! Mesmo assim,

reagiu com prontidão quando Daniel dirigiu-se a ela.

— Sente-se na parte dianteira da canoa. Esteja pronta para agarrar a corda quando eu passá-la a você. Depressa — ele disse, a voz estrangulada pela dor.

Caroline apressou-se em seguir as instruções, mas era difícil subir na canoa, que balançava demais, enquanto o peso da saia encharcada a puxava para baixo. Finalmente, foi Hannah quem a içou por sobre a amurada. Mal se endireitara, sentiu a corda bater em sua mão.

Os cavalos já estavam dentro da água, o primeiro montado por Daniel, e os outros amarrados, em fila. Ele havia retirado as focinheiras para que pudessem respirar. Isso pareceu encorajar aquele que resistira na praia. Incitando-os para a frente, começou a atravessar o rio. Logo, a corda estirou-se e, no instante seguinte, a canoa começou a deslizar, puxada pelos animais.

A travessia foi terrível. Caroline estava petrificada, dividida entre o temor pela segurança de Daniel e o medo de serem descobertos. Mantinha os olhos fixos à frente, no pequeno borrão cintilante que era a cabeça de Daniel, quase encostada ao pescoço negro do cavalo. A todo momento, imaginava os gritos na margem que deixara, quando descobrissem a ausência dos prisioneiros e acorressem à praia. Suas roupas colavam-se ao corpo como um manto de gelo, e tinha de apertar o maxilar para que seus dentes não batessem de frio. Se estava tão gelada, como estaria se sentindo Daniel? Atrás de si, ouvia a irmã recitar versos do Êxodo.

Após o que pareceu ter sido um século, conseguiram alcançar a margem oposta sem que qualquer grito ou tocha surgisse no outro lado. Assim que o fundo da canoa arranhou a areia do leito, Caroline saltou para a água, segurando a corda com a mão direita, e o barco com a esquerda, temendo perder qualquer dos dois. Ansiosa, procurou por Daniel, o coração batendo forte no peito. Um instante depois ele estava a seu lado, a água gotejando da roupa.

— Vou amarrar os cavalos. Pode segurar os barcos?

— Sim, claro. — Ela ofegava como se houvesse atravessado o rio a nado. Todo o seu corpo tremia.

— Posso sair daqui? — perguntou Hannah, a voz tão insegura quanto a de Caroline. Atrás dela as outras canoas eram impelidas para a margem, chocando-se umas contra as outras.

— Creio que sim — respondeu Caroline, puxando a canoa o máximo que pôde.

— Ajude-me a levá-la para a praia — disse Daniel, junto à outra extremidade da canoa.

Juntos, puxaram todas as embarcações para a superfície seca e pedregosa. Daniel pegou a trouxa que colocara na canoa e, tateando dentro dela, pegou uma machadinha. Caminhando até o último barco, ergueu-a sobre a cabeça e deitou-a com força no casco.

Hannah e Caroline assistiram, estarecidas, à destruição de cada uma das embarcações.

— Precisa fazer isso? — Caroline perguntou, piscando involuntariamente a cada golpe.

— Se não o fizer, os índios só terão o trabalho de resgatá-las. Atravessarão o rio em uma jangada e estarão de volta à outra margem em poucos minutos. Dessa forma, perderão tempo até que todos atravessem o rio e responsabilizarão os maus espíritos pelo sumiço das embarcações. — Suas palavras foram pronunciadas com grande

esforço, entre um golpe e outro. Mais uma vez, Caroline perguntou-se por quanto tempo mais ele agüentaria. Ou o ferimento não fora tão grave quanto pensara?

Poucos minutos depois, encontrou razão para mudar de idéia. Ao desferir o último golpe, os braços de Daniel tombaram abruptamente ao lado do corpo e, se ele não houvesse se encostado ao barco, teria caído. Antes que retomasse o fôlego, Caroline estava a seu lado, amparando-o.

— Você se esforçou demais. Deve descansar, ao menos alguns minutos.

Tentou levá-lo até as rochas maiores, porém ele se desvencilhou de supetão.

— Não há tempo para isso.

— Mas seu ferimento...

— Sobrevivi na floresta, durante dez anos, sem os cuidados de uma ama-seca. Acredito que sobreviverei mais dez. Vá cuidar de sua irmã, enquanto pego os cavalos para que possamos partir antes que alguém dê o alarme e venha atrás de nós.

Caroline sentiu-se magoada pelo seu tom de voz e pelas palavras duras, embora soubesse que não passavam de produtos da dor intensa que Daniel devia estar sofrendo. Logo, porém, ela se recompôs. Naquele momento, não havia lugar para sentimentos feridos. Os perigos que enfrentavam eram mais importantes. Assim, endireitou os ombros e dirigiu-se para a canoa onde se encontrava Sheila, a bagagem de Daniel, e tudo o mais que havia para ser levado.

CAPÍTULO XIV

Dirigiram-se para sudeste, ao longo do rio, rumo ao Connecticut. Cavalgavam em fila: Daniel na frente, Hannah no meio e Caroline por último, carregando Sheila em um cobertor, como aprendera com os índios.

Embora Daniel se mantivesse calado desde o início da viagem, era fácil adivinhar seus planos pela direção que havia tomado. Seguiriam o rio até chegarem ao Connecticut, para daí alcançarem o forte Dummer. Caroline não via razão para não conseguirem alcançar o forte, a menos que sucedesse algum problema que atrapalhasse o ritmo da jornada.

Exausta pelo esforço excessivo e pela noite sem dormir, sentiu a cabeça pender para a frente enquanto cavalgava. Estava quase cochilando quando um chapinhar despertou-a. Levantando a cabeça, viu que a praia reduzira-se a uma estreita faixa de rochas tombadas sob um barranco escarpado.

Em vez de seguir por cima, pela terra macia, onde deixariam pegadas, Daniel preferiu continuar pelo rio. Hannah, que o seguia de perto, fez o mesmo, e Caroline guiou o cavalo para imitá-los. Ao constatar que Daniel dera meia-volta e vinha em sua direção, supôs que ele queria falar-lhe.

— Mantenha-se na água — ele disse, parando o cavalo ao lado do dela. — E cuide

para evitar as pedras.

Antes que Caroline pudesse responder, ele se fora, não para sudeste, mas rumo a noroeste: de volta pelo mesmo caminho que os levara até ali!

— O que... — ela pretendia perguntar-lhe os planos, mas interrompeu-se ao verificar que ele já se encontrava fora do alcance de sua voz.

— E para enganar os índios — explicou Hannah, que também fizera meia-volta e passava por ela. — Assim, pensarão que nos dirigimos para o sul.

— Não nos verão quando passarmos perto do acampamento?

— O Sr. Ledet acredita que não. Acha que ainda estarão dormindo e, mesmo que não estejam, a escuridão da noite nos dará cobertura. Devemos nos apressar. Veja, ele já se foi.

Hannah pôs-se em marcha, deixando Caroline sozinha, cheia de dúvidas. Era simples falar em enganar a tribo, mas, para ela, a única vantagem de que dispunham era a velocidade. Se mantivessem a direção anterior, estariam, pelo menos, meio-dia na frente, além de possuírem cavalos, enquanto os índios teriam de seguir a pé.

E se Daniel estivesse enganado e já houvessem dado o alarme sobre a fuga? Caroline ia lançar mão desse argumento, quando se deu conta de que não havia ninguém ali para ouvi-la. A essa altura, sua irmã também desaparecera de seu campo de visão. Sem escolha, virou o cavalo e incitou-o para noroeste.

Cuide para evitar as pedras! Excelente conselho, mas como poderia evitar algo que não via? A luz se escondera atrás das montanhas que circundavam a margem oeste do rio, tornando a água tão negra quanto o céu sem estrelas. Se o cavalo caísse, perderiam um de seus preciosos meios de transporte, além de, aproximadamente, três horas de viagem.

Caroline duvidou do bom senso de Daniel ao traçar aquele plano. Fosse como fosse, não tinha a menor chance de questioná-lo naquele momento. Restava-lhe, pois, seguir em frente, e rezar para que tudo desse certo.

Diminuíram a marcha quando alcançaram o trecho localizado no lado oposto ao acampamento. Caroline prendeu a respiração, apavorada com a possibilidade de o ruído dos cascos cruzar a larga extensão do rio. Numa atitude supersticiosa, manteve os olhos afastados da margem oposta mas quando se atreveu a lançar um olhar rápido naquela direção, não detectou qualquer sinal de luz ou movimento.

Embora continuassem a cavalgada pela água, retomaram a velocidade anterior, assim que passaram o acampamento. Logo depois, Sheila acordou, e Caroline ninou-a até que adormecesse novamente.

O dia começava a nascer quando chegaram a um outro rio que descia para o sul. Caroline suspirou de alívio ao tomar aquela direção, mas dois quilômetros à frente o rio virava para oeste, e ela esperou ansiosamente pela próxima curva, que os levaria de volta ao rumo correto. Após mais dois quilômetros, começou a ficar apreensiva.

Quais eram, afinal, os planos de Daniel? Não fazia sentido esforçarem-se tanto na direção errada, quando ele já estava fraco, e a gravidez de Hannah tão adiantada! Pensou bastante em uma resposta, e ocorreu-lhe uma possibilidade tão fantástica, que não conseguiu recuperar a paz de espírito. Incitou o cavalo para a frente, seguindo pelo lado mais profundo. Passou por Hannah e alcançou Daniel.

Ouvindo o chapinhar dos cascos, ele virou-se, o cenho franzido. O ar de desaprovação não era nada se comparado a palidez de seu rosto. Por um

momento, Caroline esqueceu-se do que ia dizer-lhe.

— O que foi? — Daniel perguntou, voltando a olhar para a frente. Ele percebera, pela expressão de Caroline, que sua dor era óbvia demais.

Estava consciente de que as intenções de Caroline eram as melhores, e duvidava que ela compreenderia que a preocupação que demonstrava por ele tornava as coisas mais difíceis. Viajara em mau estado outras vezes, por distâncias mais longas, com ferimentos tão graves quanto o atual. A experiência lhe ensinara os limites precisos do seu corpo. Tentar explicar isso a Caroline apenas contribuiria para exaurir suas forças. Além do mais, suspeitava que ela não acreditaria em suas palavras.

— Algo errado? — ele insistiu.

— Não, nada — Caroline apressou-se em responder. — Estava apenas pensando na direção que estamos seguindo... Por que nos dirigimos para o norte? Pretende levar-nos para... — interrompeu-se, incapaz de pronunciar o nome do lugar.

Não havia necessidade de falar, pois Daniel adivinhou seus pensamentos e, a despeito do incômodo que sentia, soltou uma gargalhada. Seu divertimento foi logo apagado por uma careta de dor.

— Para Montreal? Com a intenção de mostrar-lhes as sepulturas de meus ancestrais? Ou, quem sabe, vendê-las ao governador?

— Não! — ela disse, horrorizada, embora percebesse que ele apenas fizera uma piada.

— Por enquanto — Daniel retomou o tom sério —, estamos simplesmente despistando nossos perseguidores.

— Não seria mais sensato deixá-los para trás? Devemos ter quase um dia de vantagem sobre eles e, além do mais, temos os cavalos. Lembra-se de como os alcançamos com facilidade a caminho do norte?

— Porque não imaginaram que seriam perseguidos. Alguma vez viu um índio apressado? Eles não andam: correm. Na floresta, um homem correndo pode ser mais rápido que um cavalo. Não demorariam muito para alcançar-nos depois de cruzarem o rio. E vão fazê-lo mais cedo do que você imagina.

— Tive medo de que o houvessem feito antes do nosso retorno — Caroline confessou, envergonhada por sua falta de confiança.

— Primeiro, devem soar o alarme para toda a tribo, e isso só acontecerá quando Yum-sa-wek acordar.

Caroline fitou-o curiosa.

— Ela nos dará cobertura?

— Cobertura, não. Mas dormirá profundamente, com certeza. Pelos meus cálculos, devem estar acordando agora. E levarão algum tempo para recuperar-se da bebedeira.

Caroline estremeceu ao imaginar o grito que os índios lançariam quando descobrissem que os prisioneiros haviam fugido. O perigo em que se encontravam voltou a pesar-lhe nos ombros.

— Eles vão acreditar que partimos para o sul? Deixamos uma pista clara demais para que pensassem assim.

— É difícil saber — disse Daniel, pensativo. — Um índio não o faria; provavelmente seguiria o caminho em que nos encontramos. Por outro lado, um índio duvidaria que um

branco pudesse agir como ele.

— Nem mesmo você?

— Os preconceitos espalham-se em ambas as direções.

_Daniel deu de ombros, e Caroline notou que o movimento provocou-lhe uma onda de dor.

— Não me leve a mal — ela disse num impulso —, mas estou preocupada com sua saúde.

— Fique tranqüila... Conheço meus limites. Vou levá-las para o forte em segurança. Nesse meio-tempo, você poderia ajudar, evitando que seu cavalo escorregasse e caísse.

Em outras palavras, ele dizia que era arriscado seguir por águas mais profundas, aonde ela se dirigira para alcançá-lo.

— Sim, claro... Voltarei ao meu lugar.

— Eu não teria escolhido este caminho se não acreditasse que é o melhor. Confie em mim.

— Eu confio — Caroline declarou, parando para voltar à retaguarda.

Mesmo que Daniel conhecesse os limites da própria força, continuava temendo por ele. E suas dúvidas cresceram quando Hannah passou por ela, o rosto tão pálido quanto o de Daniel, pela dificuldade da cavalgada.

— Está doloroso para você?

— Não, de maneira nenhuma. — Hannah queria demonstrar que estava bem, mas o olhar traía seu sofrimento. Com um sorriso fraco, continuou: — Conversei com o bebê e pedi que esperasse até chegarmos em casa. Sheila ainda dorme?

— Sim, graças a Deus! Imagino o que ela entenderá de tudo isso!

— É uma história que se apagará de sua memória quando voltar para casa.

Caroline observou-a perguntando-se se ela se dera conta da direção que seguiam. Pobre Hannah, pensou, pesarosa. Daniel podia ser o melhor juiz dos próprios limites, mas como poderia avaliar a resistência de Hannah? A cavalgada contínua não lhe faria bem, e o bebê poderia nascer antes que alcançassem o forte. E, mesmo que chegassem a tempo, suas provações não teriam terminado: descobriria a verdade a respeito de Thomas, pelos soldados, que conheciam a história. A menos que Caroline lhe contasse antes...

Bem, essa era uma questão para ser resolvida mais tarde. No momento, havia problemas mais urgentes a serem considerados. Sacudindo as rédeas contra o dorso do cavalo, Caroline reiniciou a marcha no momento em que Sheila se espreguiçava, saindo lentamente de seu sono inocente.

Pararam no final da tarde, doloridos e exaustos, instalando-se à margem do rio. Sheila era a única com energia extra: pôs-se a correr em volta das rochas, divertindo-se nas pequenas poças de água que se formavam em torno de suas bases.

Caroline ajudou Hannah a desmontar e, em seguida, desabou na relva macia, cansada demais para mastigar o pedaço de carne que Daniel lhe deu.

— Coma — ele insistiu.

— Mais tarde, quando estiver descansada.

Clássicos da Literatura Romântica

— Vai comer agora, para manter-se aquecida.

Ela concordou, sem disposição para discutir. Logo arrependeu-se por aceitar a carne, que lhe despertou um apetite voraz. Durante horas estivera preocupada com os índios, com a saúde de Daniel e de Hannah, e se esquecera das próprias necessidades. Agora, tinha a impressão que seria capaz de devorar suprimentos para três dias.

Ao pensar na comida que haviam trazido, sentiu-se desolada. Como sobreviveriam? Mesmo que conseguissem despistar os índios com aquele caminho, a viagem seria mais longa e duraria vários dias. Havia demorado uma semana para chegar ao acampamento. Como iriam se alimentar nos próximos dias?

Daniel recostara-se em uma árvore, ao lado de uma rocha. Ao perceber a proximidade de Caroline, abriu os olhos.

— Como está a Sra. MacKenzie?

— Suportando bem, eu acho. Se os índios seguirem a mesma direção que tomamos, até onde irão nos procurar?

— Acredito que não se afastarão demais do acampamento. Embora queiram a recompensa, têm de pensar na caça. Não podem perder tempo seguindo-nos. Precisam de mais carne e o inverno se aproxima.

— De quanto tempo dispõem para a perseguição? — ela perguntou, tentando ignorar a perspectiva dos dias frios. Até então, haviam tido sorte: o tempo estava fresco e agradável.

— Vamos torcer para que não seja o suficiente. Se percebermos que se aproximam, nos esconderemos. Conheço esta floresta tão bem quanto você conhece o seu quintal.

— E os índios, também não a conhecem bem?

— Não. Seus campos de caça estão localizados adiante da margem norte do rio. Não costumam vagar por estes lados. Agora, tente dormir um pouco, antes de seguir viagem.

— E você?

— Posso dormir e vigiar ao mesmo tempo — ele respondeu, esboçando um sorriso.

Caroline adormeceu assim que fechou os olhos, para ser despertada cedo demais.

— Não, ainda não — protestou, e sentiu a mão de Daniel pousar-lhe de leve na boca, calando-a.

A lua estava alta e, como não houvesse nuvens no céu, a noite apresentava-se clara. Embora o clima continuasse agradável, Caroline estremeceu de cansaço. A seu lado, Hannah e Sheila dormiam profundamente.

— Deixe que descansem mais um pouco — sussurrou para Daniel, que sacudiu a cabeça em resposta. Embora todo o seu corpo resistisse, Caroline sabia que ele estava certo.

— Como está seu ferimento? — perguntou.

Daniel não a ouviu, ou preferiu não responder. Afastou-se em direção aos cavalos, apeados à beira do rio. Caroline observou-o, ainda tonta de sono. Daria qualquer coisa para permanecer onde estava, sob o calor do cobertor e o conforto do sono. Continuou imóvel enquanto Daniel desamarrava os animais. Então, inclinando-se para a irmã, murmurou:

— Acorde, Hannah. Temos de partir.

Não devia ser mais de meia-noite quando Daniel a despertara, pois viajaram muitas horas antes que a manhã se anunciasse. A rigidez muscular provocada pelo cansaço cederia logo, mas o frio a envolvera, assim como uma sensação de leve torpor. Nem mesmo a lembrança dos índios lhe provocava medo. Cada fibra de seu ser desejava apenas que estivesse deitada, envolta em um acolchoado quente e confortável, feito de penas de ganso, e não sacudindo-se sobre um cavalo, em meio àquela terra selvagem, acompanhada por um homem ferido, uma mulher grávida, e quase nada para comer.

Durante o dia, a viagem tornava-se mais difícil. Isso porque Sheila acordava e precisava ser mimada e persuadida, com mil artifícios, de que não podia desmontar. E se os índios se aproximassem? Conseguiriam manter a garota quieta em um esconderijo? O que fariam com os cavalos... e Hannah? Uma mulher grávida não poderia empoleirar-se em uma árvore!

O café da manhã consistiu em um pedaço de carne fria e pão de milho ressecado. Sheila, exultante por sentir-se livre, corria de um lado para outro, pegando pedrinhas e conversando consigo mesma.

Caroline sentou-se ao lado de Hannah, paralisada pela exaustão. Momentos depois, deu-se conta de que Daniel não se encontrava por perto. Levantou-se e olhou em volta. Avistou-o próximo ao rio, a pequena distância dali. Havia tirado a túnica e recolocava a bandagem sobre o ferimento. Ao perceber sua aproximação, ele virou de costas e vestiu a túnica. A seus pés, jazia o pote de unguento retirado da cabana de Yum-sa-wek. Daniel abaixou-se para pegá-lo e jogou-o na sacola.

— Eu poderia ter feito isso para você.

— Sim, eu sei.

Mesmo naquele momento, as roupas sujas e os cabelos desgrehados, ela lhe parecia bonita. Havia muitas coisa que Daniel desconhecia na natureza feminina. Acreditava dominar os seus segredos, mas agora percebia que tinha muito o que aprender. Sabia melhor do que ninguém dos sofrimentos que Caroline suportara, e ela não se queixara sequer uma vez. Nem a Sra. MacKenzie, para quem aquela aventura devia representar uma grande agonia. Até a menina adaptara-se às circunstâncias, buscando o prazer quando podia encontrá-lo, e distração nos momentos tediosos.

Daniel sentiu o peito transbordar de admiração e gratidão. Desejou poder dizer a Caroline como se sentia, mas a luta contra a dor e o cansaço o impedia de encontrar as palavras certas.

— Obrigado — ele disse, finalmente.

— Por quê? — Caroline fitou-o surpresa.

— Por ter se oferecido para cuidar de mim... Por tudo.

— Não fiz nada. Tenho sido um peso para você.

— Em absoluto! — E Daniel sacudiu a cabeça, para que não restasse a menor dúvida sobre o que pensava.

Caroline ia dar meia-volta, mas se arrependeu e perguntou de súbito:

— Por que não o matou?

— Quem?

— Esh-tan. Pensei que pretendia matá-lo.

— Era o que eu queria, mas não podia fazê-lo. Teria destruído nossas chances de fuga.

— Pensou nisso naquela hora? — ela perguntou, admirada.

Daniel sorriu-lhe com ternura. Ficaria ali, desfrutando da companhia de Caroline pelo resto dos seus dias. Mas o ferimento latejava, e tinham ainda um longo caminho pela frente.

O dia arrastou-se com lentidão por entre rochas, água e a tagarelice de Sheila. Pararam ao anoitecer e dormiram durante metade da noite. Mais uma vez, foi Daniel quem as acordou na madrugada para seguirem viagem. A terceira manhã já rompia quando Hannah oscilou na sela, inclinando-se sobre o pescoço do cavalo para não cair. Esquecendo o perigo de serem descobertos, Caroline gritou a plenos pulmões:

— Daniel, pare!

Incitando o cavalo para a frente, alcançou a irmã, preocupada em apoiá-la para que não tombasse. Logo percebeu que não era necessário segurá-la, uma vez que Hannah agarrava-se com desespero às rédeas. Seu rosto estava pálido, os dentes crispados. Ao ver a expressão aflita da mãe, Sheila começou a chorar.

— Ora, Sheila — disse Caroline —, vai chorar justamente quando aquele anãozinho gordo está rindo para você? Vê, ali na árvore? — perguntou, apontando a esmo. E voltou-se para Hannah, preocupada. — Quando começou?

— Não faz muito tempo — murmurou Hannah, mordendo o lábio. — Foi antes do amanhecer, não posso dizer com certeza. — Soltando a respiração conforme a dor diminuiu, esboçou um sorriso.

Caroline olhou para Daniel, que se juntara a elas.

— Temos de parar — disse num tom inseguro, receosa de que ele fosse protestar.

Daniel assentiu e dirigiu-se a Hannah:

— Sra. MacKenzie, acha que consegue agüentar mais um quilômetro?

— Posso tentar.

— Há um lugar onde poderemos nos instalar — ele disse depressa, antes que Caroline reclamasse. — Não temos tempo a perder com discussões — acrescentou, tomando as rédeas de Hannah e seguindo à frente.

Aquele quilômetro foi mais longo do que qualquer outro. Para Caroline, pareceu interminável. Distraindo Sheila e cavalgando ao lado de Hannah, contorcia-se a cada demonstração de dor no rosto da irmã. Finalmente, chegaram ao local referido por Daniel. Era em plena floresta e parecia um simples amontoado de rochas.

Embora achasse o lugar completamente impróprio, Caroline desmontou depressa, ajudando Daniel a tirar Hannah do cavalo. Amparando-a, levaram-na em direção às rochas. Ao aproximar-se, Caroline divisou a entrada, ou melhor, uma sombra quase totalmente encoberta pelos arbustos. Daniel afastou os galhos para que pudessem entrar.

Esgotada, os nervos em frangalhos, Caroline chegou à beira da histeria ao encontrar-se em meio à escuridão. Controlando-se com esforço, esperou até que seus olhos se acostumassem à ausência de luz. Logo, a claridade vinda da entrada tornou-se suficiente para localizar os contornos da caverna. Era uma câmara de aproximadamente dez metros quadrados, seguida por outra um pouco menor. Ao longo de uma das paredes, havia uma pilha de galhos secos, aparentemente colocados ali por seres

humanos, embora o lugar guardasse o odor de animais.

— O cobertor — disse Daniel, apontando para o que pendia do pescoço de Caroline, no qual ela carregara Sheila durante a noite. Ela o desamarrou, estendendo-o no chão, improvisando uma cama tosca para Hannah.

— Mamãe! Mamãe! — Sheila gritava, ainda fora da caverna. Estivera distraída quando os outros entraram e se assustara ao se ver só e abandonada na floresta.

Caroline saiu apressada, seguida por Daniel.

— Encontre lenha para fazermos uma fogueira — ele disse. — Traga o máximo que puder. — Tomando as rédeas dos três cavalos, começou a afastar-se em direção ao rio.

— Aonde vai? — Caroline quis saber.

— Vou amarrá-los longe daqui, depois apagarei as pegadas. — Enfiou a mão por dentro da perneira, retirou uma faca e estendeu-a para ela. — Corte alguns ramos frescos para fazermos uma cama.

— Como a encontrou? — Caroline perguntou intrigada.

— A faca? Tomei emprestada... permanentemente — ele respondeu, afastando-se com os cavalos.

Depois da imobilidade da cavalgada, Sheila deliciou-se com a tarefa de recolher lenha. Corria alegre pela clareira, voltando com braçadas de gravetos e galhos secos. Embora não tão animada, Caroline fazia o mesmo. Cada vez que entrava na caverna, ajoelhava-se ao lado de Hannah, oferecendo-lhe um rápido momento de conforto. Caroline cortava os ramos frescos atrás das rochas, quando Daniel retornou. Sem parar para falar-lhe, ele entrou apressado no esconderijo. Alguns minutos depois, ela o seguiu, encontrando a fogueira acesa.

— E se os índios avistarem a fumaça? — perguntou, olhando para uma pequena fenda na parte superior da rocha, por onde a fumaça escapava.

— Não creio que isso aconteça. Venha, ajude-me a fazer uma cama para sua irmã.

Dispuseram os ramos no chão, cobrindo-os com uma pele de urso que Daniel trazia em sua bagagem. Então, Caroline constatou que ele providenciara quase tudo de que precisariam para a situação em que se encontravam: um balde de casca de árvore, vários recipientes de tamanhos diferentes, feitos de pedra e madeira, e uma fina pele de corsa.

— Para embrulhar o bebê — ele explicou, colocando-a de lado. Pegando um pedaço de couro, acrescentou: — Este é para o parto.

Caroline fitou-o atordoada.

— Planejou tudo isso, calculando que seria possível que as coisas transcorressem dessa forma?

— A vida na floresta ensinou-me que mais vale prevenir, embora pudéssemos nos arranjar com o que estivesse à disposição no momento.

Caroline olhou em volta, imaginando como poderiam enfrentar aquela situação, uma vez que lhe parecia não dispor de nada que pudesse ser de real utilidade.

Dizendo a Hannah que estariam de volta em um instante, Daniel levou Caroline para fora.

— Que conhecimentos você tem de partos e bebês?

Clássicos da Literatura Romântica

— Ajudei a parteira quando meus sobrinhos nasceram.

— Muito bem, não há nenhuma parteira nas redondezas. Se conseguir manter-se calma, de cabeça fria, creio que sobreviveremos. Acha que pode fazê-lo?

Por um momento, ela hesitou. Mas diante do olhar sério de Daniel, assentiu com vigor.

— Farei o melhor que puder.

— Ótimo. Volte para sua irmã. Estarei de volta em poucos minutos.

— O que vai fazer?

— Cuidar do que você vai precisar em sua tarefa.

As dores de Hannah tornaram-se mais intensas e freqüentes antes do retorno de Daniel. Caroline rasgou uma tira da saia da irmã, usando-a para banhar-lhe o rosto e as mãos. Se estivessem em casa, amarraria uma toalha na cabeceira da cama, dando a extremidade para Hannah puxar em sua luta contra a dor. Mas, ali, não havia qualquer toalha, nem algo em que amarrá-la. Assim, Hannah agarrava-se à *mão* de Caroline, apertando-a com tanta força, que parecia que iria quebrar-lhe os dedos.

Caroline sentia-se preocupada. Estiver a ao lado da irmã durante os três outros partos e, exceto pelo pequeno Tom, que fora o primeiro, as crianças haviam nascido sem dificuldade. O de agora, prematuro e após a forte tensão das últimas semanas, parecia mais difícil e doloroso que os anteriores. Embora Hannah tentasse sorrir, seus olhos refletiam intenso medo. E a presença de Sheila, assustada com o sofrimento da mãe, não contribuía em nada para facilitar a situação.

— Mamãe vai ficar bem. — Caroline forçou um sorriso — Ela vai lhe dar um novo bebê. Não é ótimo?

— Sheila é o bebê da mamãe — foi a resposta choramingada.

Quando Daniel finalmente voltou, Caroline sentiu-se aliviada. Ele trazia um cobertor, que estendeu no chão. Continha uma miscelânea de folhas e raízes, bem como tufo de lanugem de cardo. Ao acender a fogueira, ele colocara algumas pedras para aquecer. Agora, enchendo o maior dos recipientes com parte da água que trouxera no balde, acrescentou três pedras em brasa, utilizando dois galhos como pinças. O choque de temperatura produziu um breve chiado, e logo a água estava quente. Despejando um pouco em uma vasilha, Daniel juntou as folhas e raízes que amassara com a faca, misturando-as bem. Um forte odor acre espalhou-se pela caverna. Aproximando-se de Hannah, perguntou preocupado:

— Como está se sentindo?

— Oh, não é tão mau assim — ela respondeu ofegante.

— Talvez seja outro menino... Thomas vai ficar satisfeito.

— Fechou os olhos ao sentir outra contração, enquanto Caroline e Daniel trocavam um olhar apreensivo.

Passados alguns minutos, ele disse:

— Levarei Sheila para fora. Encontrei uma videira repleta de uvas, e uma noqueira carregada de nozes. Tentarei distraí-la com a tarefa de recolher comida. Além do mais, acredito que você vá sentir fome depois que o bebê nascer.

Clássicos da Literatura Romântica

— Obrigada por preocupar-se comigo. Embora aprovasse aquela idéia de Daniel, Caroline teve vontade de implorar-lhe que não a deixasse sozinha. Ele percebeu o receio que se apossou dela. Aproximou-se e tocou-lhe o ombro, num gesto delicado e firme ao mesmo tempo, transmitindo-lhe conforto e segurança.

Um pouco aliviada, Caroline lembrou-se do ferimento de Daniel, e concluiu que devia ter melhorado bastante, uma vez que ele se mostrava tão ativo e bem-disposto. Talvez conseguissem vencer todas as dificuldades, afinal. Seria tão bom se o bebê se decidisse a nascer logo...

Quando a respiração de Hannah transformou-se num arquejo ansioso, Caroline soltou sua mão, para levantar-lhe a saia e colocar o couro trazido por Daniel no lugar apropriado.

— Agora, não vai demorar muito tempo — ela disse, ou pensou que disse. E, se Hannah respondeu, ela não ouviu, pois toda a sua atenção concentrava-se no que estava prestes a acontecer.

Caroline não seria capaz de dizer quanto tempo durou todo o trabalho. Perdera a noção do tempo e de tudo o mais que a rodeava, exceto da circunferência vermelha, que foi o primeiro sinal que detectou da nova vida que tentava abrir caminho para o mundo. Não tinha a menor lembrança das palavras que dirigira a Hannah, incitando, induzindo, encorajando e adulando o pequeno ser nos últimos momentos de sua marcha para a luz.

O mundo deixara de existir, quando a criaturinha tomou forma diante de seus olhos, escorregando para suas mãos. Embebendo uma tira de pano macio em água morna, limpou-o para colocá-lo sobre o estômago de Hannah, cortando-lhe o cordão umbilical em seguida. Para isso, aqueceu a faca que Daniel lhe dera, até o ponto de brasa. Então, envolveu o bebê na pele de corça e quando finalmente sentou-se, surpreendeu-se por ver que estava em uma caverna, e não na fazenda ou em New Haven.

— É menino ou menina? — perguntou Hannah com voz fraca.

— Uma menina, linda e perfeita. — Caroline inclinou-se para entregar-lhe a criança.

— É tão pequenina — disse Hannah, tocando de leve o rostinho enrugado. — Receio que não consiga sobreviver.

— Ela vai conseguir, eu juro. Não permitirei que nada de mal lhe aconteça — Caroline garantiu, surpresa pelo próprio tom confiante.

Caroline permaneceu mais alguns minutos ao lado da irmã, depois levantou-se, pois ainda havia muito o que fazer.

Após tanto tempo na semi-escuridão da caverna, a luz brilhante do sol cegou-a. Caroline pôs as mãos sobre os olhos, parada diante da entrada, até habituar-se à claridade. Surpreendeu-se ao ver o sol alto no céu. Seria possível que tudo aquilo houvesse acontecido nas poucas horas desde o amanhecer? E os índios? A chegada do bebê afastara todos os outros pensamentos de sua mente e, mesmo depois de tudo terminado, pareciam uma ameaça de outro mundo. Um movimento entre os arbustos levou-a até Sheila, que estava sentada, as pernas cruzadas, diante de um punhado de cachos de uvas. Pensou que a menina estivesse sozinha, mas logo avistou Daniel, recostado a uma rocha, a poucos metros. Embora parecesse adormecido, a cabeça caída para o lado, ele empertigou-se ao perceber que alguém se aproximava.

— Temos um novo viajante conosco! Uma menininha — ela anunciou, exultante.

Um instante depois, abraçada por Daniel, Caroline sentiu que o medo, o cansaço e o sofrimento se desvaneciam no calor daquele contato. Não importava o que pudesse

Clássicos da Literatura Romântica

acontecer, estavam juntos. Salvariam o bebê e a si mesmos. Aconchegou-se ao peito dele, aquecida pelo suave calor do sol.

Após alguns instantes, deu-se conta de que estavam à sombra de uma noqueira, e o calor que sentia não vinha do sol, e sim do corpo de Daniel.

— Você está ardendo em febre!

Desvencilhando-se do abraço, observou-o com mais atenção, reparando no brilho avermelhado dos olhos azuis, nas faces pálidas, no cabelo empastado de suor. Sem esperar resposta, guiou-o para a caverna.

Foi Daniel quem chamou sua atenção para Sheila, deixada para trás.

— Voltarei para buscá-la depois de acomodá-lo.

— Não é seguro. Pegue-a e traga as uvas também.

— Mas você está doente! — Embora sob protestos, Caroline deixou-o próximo de uma rocha e voltou para pegar a sobrinha.

Não havia lugar para acomodá-lo, exceto o chão frio. Daniel não reclamou quando Caroline ajudou-o a deitar-se. Apontando para a fogueira, ele murmurou:

— Pegue aquela vasilha. Dê um pouco à sua irmã, e dê-me o resto.

Caroline obedeceu. Colocando parte da infusão em um recipiente menor, segurou a cabeça de Daniel, de forma que ele pudesse beber, fazendo o mesmo com Hannah, logo em seguida. Quando terminou de cuidar da irmã e voltou para o lado de Daniel, encontrou-o semi-inconsciente, virando a cabeça de um lado para o outro, murmurando, em delírio, palavras incompreensíveis.

Sheila sentara-se em frente da fogueira, distraída com as uvas. Hannah cochilava, com o bebê adormecido a seu lado. A pequena já mamara, o que era um bom sinal. Exceto pelo estado de Daniel, tudo parecia sob controle.

Caroline ajoelhou-se a seu lado, lutando consigo mesma para não desatar em lágrimas. Incapaz de conter-se, sussurrou próximo ao seu ouvido:

— Querido, o que farei se me deixar agora? Não apenas agora, mas pelo resto de minha vida? Quando o bebê nasceu, meu primeiro pensamento foi para você. Queria partilhar a alegria, atirar-me em seus braços. O que será de mim se não tiver mais seu abraço? Por favor, não me deixe!

Gostaria de abraçá-lo, de dar vazão às lágrimas, gritar, implorar a Deus que poupasse o homem que amava, mas não havia tempo para nada disso. Devia fazer o que estivesse ao seu alcance para ajudá-lo. Assim, esquecendo o cansaço, pôs-se a trabalhar febrilmente.

A primeira coisa a fazer era tirá-lo do chão. Pegando a faca que ele lhe dera, saiu para cortar mais ramos frescos, com os quais improvisaria uma cama. Não havia cobertores suficientes para que estendesse um sob Daniel. Mais tarde, lavaria o couro usado no nascimento do bebê. Por enquanto, teria de acomodá-lo sobre os ramos nus. Pelo menos seria melhor que a terra fria e úmida.

Embora não fosse alto, Daniel pesava mais do que ela calculara. Com lágrimas nos olhos, Caroline esforçou-se para movê-lo sabendo que, por maior que fosse o seu cuidado, estaria machucando ainda mais o ferimento.

Quando, finalmente, conseguiu colocá-lo sobre a ramagem, desamarrou o cordão que lhe prendia a túnica, abrindo-a. Com medo do que iria encontrar, começou a retirar a

bandagem que cobria o corte.

O calor da febre de Daniel a envolvia, bem como o odor fétido do ferimento infeccionado. Antes mesmo de retirar a faixa, Caroline sentiu o estômago contorcer-se.

Ficou apavorada ao pensar na possibilidade de não conseguir salvá-lo. Prendeu a respiração, ao retirar a última camada do curativo, deparando com a massa inflamada e purulenta que lhe cobria o tórax.

Será que o ferimento estivera naquele estado durante todo o tempo em que haviam viajado? Não, era impossível. Provavelmente, piorara aos poucos, até que a infecção se alastrasse. Isso devia ter ocorrido durante as últimas doze horas. O problema agora era interromper o processo. Como?

Se estivesse em casa, saberia o que fazer. Afinal, conhecia bem uma série de medicamentos, desde os remédios de ervas campestres, até as fórmulas do farmacêutico. Em casa, faria uma punção, depois desinfetaria o ferimento. Ali, não tinha nada além do unguento de Yum-sa-wek, que Daniel estivera usando, sem qualquer resultado.

Desesperada, olhou em volta, imaginando o que fazer, quando reparou no amontoado de folhas que Daniel trouxera antes do nascimento do bebê. Levantou-se e foi até lá, o coração acalentando uma nova chama de esperança.

Reconheceu algumas das espécies. Havia hamamélis, avenca e folhas de carvalho... Folhas de carvalho! Sim, lembrava-se de quando ele lhe ordenara que envolvesse os pés em folhas de carvalho molhadas, para tratar das bolhas. E haviam sarado tão depressa! Na ocasião, ele dissera que essas folhas ajudariam a cortar a infecção.

Recolhendo um punhado delas, dirigiu-se à fogueira.

A água que Daniel utilizara para a infusão esfriara. Caroline retirou as pedras do balde, substituindo-as por outras, em brasa. Quando a água estava quase fervendo, colocou um pouco em uma vasilha. Picando as folhas, jogou-as uma a uma, pressionando-as com a faca, até que absorvessem toda a água.

Daniel sobressaltou-se quando Caroline colocou o cata-plasma sobre a ferida. Embora não despertasse de seu sono febril, começou a gemer e contorcer-se com violência. Caroline teve de segurá-lo com força para mantê-lo imóvel. Mesmo assim, ele resistia, quase conseguindo desvencilhar-se, levando-a à exaustão. Depois de alguns minutos, ele se acalmou, e Caroline soltou-o lentamente, satisfeita consigo mesma pelo cumprimento da tarefa. Mas seu senso de triunfo se desfez ao olhar para o rosto de Daniel, rubro de febre e coberto de suor.

O fogo estivera aceso durante todo o dia e a caverna estava tão quente que Caroline também começara a suar. Como a água do balde estava morna devido ao calor do ambiente, precisava pegar água fria para banhar Daniel. Olhou em volta. Em algum momento durante sua luta para manter Daniel quieto, Sheila cansara-se de suas brincadeiras e corra para perto da mãe, adormecendo enrodilhada a seu lado. Caroline cobriu-a, pegou o balde e saiu.

O sol se fora, e apenas uma parte do céu encontrava-se dentro de seu campo de visão. Portanto, não tinha como saber que horas eram. A noite agitava-se com os gritos de pequenos animais, e Caroline assustou-se quando algo correu entre a vegetação. Tentou observar as imediações apesar da penumbra, mas a imaginação mostrava-lhe sombras atrás de cada árvore. E se os índios se encontrassem ali, espreitando-a naquele exato momento? Poderiam ter sentido o cheiro da fumaça, a despeito das previsões otimistas de Daniel. Teve o impulso de voltar para a caverna e esperar pelo amanhecer

para ir até o rio.

Mas não podia esperar. Daniel precisava de água fresca para a própria sobrevivência. Se os índios estivessem ali, então já sabiam de tudo, não fazia o menor sentido esconder-se. Endireitando os ombros, correu até o rio, obrigando-se a ignorar o arrepio que lhe subia pela espinha. Na volta, molhou-se toda por correr com o balde cheio de água. Ao entrar na caverna, suas pernas tremiam tanto, que deixou-se cair, e permaneceu assim, sentada, as mãos crispadas, até recuperar o controle.

A noite foi tão longa e extenuante quanto o dia. Caroline segurava Daniel cada vez que ele se agitava; enquanto estava calmo, ela o banhava com água fria. De tempos em tempos, o bebê acordava, e ela corria a ajudar Hannah a amamentá-lo. Por duas vezes, Hannah teve sede. Na primeira, Caroline deu-lhe água; na segunda, a infusão de ervas. O que restou do remédio, despejou na garganta de Daniel da melhor maneira possível.

Adormeceu sem perceber e acordou sobressaltada com o choro de Sheila. A tênue luminosidade na entrada da caverna indicava que o dia começava a amanhecer. Hannah estava acordada, o bebê ao seio. Fazia o melhor que podia para silenciar Sheila, que chorava de fome.

Comida! Sentando-se, Caroline afastou o cabelo do rosto. Daniel continuava inconsciente, e ainda ardia em febre. Ao menos não arrancara o curativo da ferida. Ela mergulhou o pano no balde, torceu-o e colocou-o sobre a testa de Daniel. Então, pegou a sacola que ela trouxera para ver o que sobrara de suas provisões.

O pão de milho acabara, mas ainda restava uma boa porção de cereais e um pequeno pedaço de carne. Colocou esses ingredientes em uma vasilha grande, adicionando água e algumas pedras retiradas da fogueira, para obter uma fervura. Lembrando-se das uvas com que Sheila brincara no dia anterior, pegou-as e juntou-as também, mexendo com a faca.

— Espere só mais um pouquinho — disse para Sheila.

— Enquanto a sopa está cozinhando, você pode me ajudar a pegar água no rio.

O dia estava claro, e o ar fresco e agradável, reconfortante depois do calor abafado da caverna. Agacharam-se à beira do rio e, depois de encher o balde, Caroline lavou o rosto e o pescoço. Sheila fez sua própria toalete, espirrando água para todos os lados, divertindo-se a valer. Na volta, seguia a tia de perto, conversando com os passarinhos que as observavam curiosos.

A sopa preparada por Caroline tinha um sabor peculiar, mas Sheila estava faminta demais para reclamar. Hannah tomou a sua porção com dificuldade, pois ainda sentia-se fraca e exausta. Caroline poderia fazer uma série de coisas para que Hannah se fortalecesse mais depressa, mas não tinha tempo naquele momento. As condições de Daniel eram muito ruins, e ele precisava de cuidados urgentes.

Aqueceu mais água, preparou um novo cataplasma. Ao retirar o antigo, verificou que o ferimento não melhorara de aspecto mas, ao menos, não piorara. Daniel agitou-se novamente em reação ao calor do curativo. Caroline teve de segurá-lo, como fizera à noite. Então, concentrou a atenção nas ervas e folhas à disposição, tentando repetir a infusão que Daniel preparara na véspera.

Dvidou que conseguiria, mas Hannah disse que o sabor era o mesmo. Assim, deu uma dose para a irmã e outra para Daniel. Quando ele se acalmou, ela levou Sheila para brincar na beira do rio, enquanto lavava o couro sobre o qual fizera o parto de Hannah.

Já ia voltar, quando se lembrou dos cavalos. Caminhando pela margem, ouviu-os

Clássicos da Literatura Romântica

resfolegar e encontrou-os na clareira em que Daniel os havia amarrado. Tinham capim para alimentarem-se por vários dias, mas precisavam de água. Desamarrou-os e levou-os ao rio, esperando que saciassem a sede, para reconduzi-los à clareira. Voltando para onde deixara Sheila, pensou nos índios.

Teriam se dirigido para o sul ou haviam decidido que Daniel era tão inteligente quanto eles? O cheiro de fumaça chegava ao rio. Se viessem por aquele caminho, encontrariam a todos com facilidade. Mas, de que adiantava preocupar-se, quando não podia fazer nada a respeito?

Levou Sheila até as videiras, dizendo-lhe que recolhesse quantas uvas pudesse carregar. Deixando-a ali, pôs-se a recolher mais lenha para a fogueira.

Hannah e o bebê dormiram e acordaram seguidamente ao longo do dia. Daniel alternava momentos de calma e agitação. Caroline preparou outra porção da infusão, bem como um novo cataplasma. Adicionou mais uvas e carne à sopa, que constituiu a refeição noturna. Continuou banhando Daniel com água fria. Houve momentos em que teve certeza de que a febre começava a ceder, para, cinco minutos depois, voltar a subir. A caverna escura e enfumaçada era o palco de um pesadelo. Os pensamentos de Caroline corriam soltos, numa confusão total, misturando Inglaterra e New Haven, a fazenda e o acampamento indígena.

Esh-tan e Thomas MacKenzie fundiam-se em uma só pessoa, que se transformava em Edmund. Daniel lutava contra ele, usando uma espada em lugar dos punhos ou da faca. Caroline temia por ele, sabendo que Daniel não possuía habilidade no manejo dessa arma, enquanto Edmund estava habituado àquele tipo de luta, podendo derrotá-lo facilmente. Daniel tentava um golpe, mas Edmund esquivava-se, atacando em seguida. Sua espada reluzia no ar, antes de enterrar-se no peito de Daniel. Ela gritava, embora já fosse tarde. Quando Edmund retirava a lâmina, o sangue começava a jorrar, inundando todo o local e afogando Caroline.

Acordou sobressaltada. A fogueira se apagara e a caverna estava às escuras. Uma sensação peculiar a envolvia, algo úmido e pegajoso... o sangue de Daniel! Levantou-se de um salto, ainda atordoada pelo sono. Adormecera enquanto o banhava e escorregara para o chão, pousando a cabeça na curva do ombro dele, enroscando os dedos em seus cabelos, que estavam ensopados, assim como seu rosto e pescoço. Confusa, ergueu uma das mãos, achando que poderia estar chovendo e haver alguma goteira na caverna. Súbito, deu por si, compreendendo o que acontecia: Daniel transpirava suor em profusão. A febre devia ter cedido enquanto ela dormia. Tocou-o na testa, no rosto, no pescoço: a temperatura era normal.

— Oh, Daniel! — ela murmurou, beijando-lhe a mão. — Obrigada, meu Deus, obrigada!

Caroline mantivera o controle durante todo o tempo. Agora que tudo terminara, deixou que as lágrimas rolassem livres por suas faces. Teve vontade de cantar, dançar, gritar, correr pelo frescor da noite. Queria dizer ao mundo que Daniel não morreria, que continuava vivo para ficar a seu lado.

Logo Daniel estremeceu, pondo um fim à alegria de Caroline. Estava todo encharcado, poderia pegar uma pneumonia! Prontamente, correu para reacender o fogo. Pegou o couro que lavara pela manhã e trocou-o pelo cobertor molhado que cobria Daniel. Então, aqueceu mais água para um novo cataplasma. Ao retirar o antigo, constatou que a infecção cedera, o ferimento apresentava-se bem melhor. Fez um novo curativo, e sentou-se admirando o homem amado.

Teria permanecido assim até o amanhecer, se não fosse tomada por um cansaço

irresistível. Estendendo-se ao lado dele, cobriu-se com parte do couro e mergulhou num sono sem sonhos.

CAPÍTULO XV

Caroline despertou com o sol já alto no céu. Daniel continuou a dormir, e ela não tentou acordá-lo; afinal, o repouso seria o melhor remédio para sua recuperação. Receosa de que a febre voltasse, permaneceu ao lado dele até a tarde, quando se convenceu de que o processo de cura era definitivo. Então, ocupou-se com o problema urgente de conseguir comida, levando Sheila consigo para dar descanso a Hannah.

O solo estava coberto de nozes. Caroline e Sheila puseram-se a recolhê-las, enchendo dois baldes. A garota cantava e conversava com os pássaros, enquanto ajudava a tia. Caroline trabalhava num ritmo febril, anotando mentalmente os alimentos que havia nas imediações e as maneiras como podiam ser preparados.

As nozes poderiam ser comidas frescas ou transformadas em farinha, depois de secas ao sol. Havia também as uvas que Sheila tanto adorava, bem como alguns tubérculos, pequenos animais e peixes. Avistara várias trutas no rio. Quando Daniel estivesse melhor...

O que se passava com ela, afinal? Estava planejando as coisas como se a caverna fosse seu lar permanente, e não um esconderijo para abrigá-los até que Daniel se recuperasse e Hannah se fortalecesse! Como se despertasse de um sonho, jogou mais um punhado de nozes no balde, que já estava pela metade: o suficiente para aquele dia. Chamou Sheila, dirigindo-se para onde vira as ramagens que indicavam a existência de tubérculos no solo. Quebrou um galho seco, escolheu o pedaço mais afiado e começou a cavar, como aprendera no acampamento.

Para onde iriam ao deixarem a caverna? Para o forte Dummer, claro. E depois? Não poderiam voltar à fazenda, pois, mesmo que houvesse resistido ao incêndio, Hannah seria incapaz de instalar-se ali novamente. Ela era frágil e passara por mais aventuras selvagens do que poderia suportar. Além do quê, seu coração acalentava o sonho do retorno a New Haven.

Caroline sentiu uma pontada no peito ao lembrar-se de New Haven e dos anos vazios e infelizes que passara lá. Voltar seria o mesmo que enterrar-se viva. Preferiria continuar na caverna. O que quer que sentisse, não tinha escolha. Para onde poderia ir?

Nesse instante lembrou-se de Daniel. Será que ele já acordara? Por algum motivo, seu coração disparou no peito. Mas a lembrança do homem amado não afastou a tristeza que a sufocava. Afinal, tinha consciência de que, terminada a viagem, também o perderia. Assim que alcançassem o forte, ele lhe diria adeus. Por maior que fosse a paixão que os unia, suas vidas seguiriam rumos diferentes, em mundos diferentes.

Era doloroso pensar nisso. Era doloroso renunciar a Daniel, após acabar de encontrá-lo e descobrir o que era realmente o amor! Era doloroso ter salvo sua vida, para perdê-lo em seguida! Por que o mundo era assim? O pouco tempo que passariam ali era

tudo o que lhe restava. Portanto, devia tratar de vivê-lo o mais intensamente possível...

Caroline pegou o balde e foi até o rio para lavar os tubérculos. Enquanto realizava essa tarefa, deu-se conta do quanto aprendera nas últimas semanas. Antes daquela aventura, esse lugar lhe pareceria frio e inóspito. Agora, constituía-se num recanto agradável onde podia encontrar segurança, calor e alimento. E por que não a própria felicidade?

Quando Caroline voltou à caverna, Daniel ainda dormia, e Hannah amamentava o bebê. Sheila acomodou-se ao lado da mãe, o dedo na boca, chupando-o no mesmo ritmo com que a irmãzinha sugava o seio.

— Como está o bebê? — Caroline perguntou, ajoelhando-se do lado de Sheila.

— Está se alimentando bem. — O olhar de Hannah exprimia orgulho e tristeza ao mesmo tempo. — Embora seja tão pequena, que não creio que vá resistir. Se estivéssemos em casa, as chances seriam maiores.

— Esta é a nossa casa agora — disse Caroline, lembrando as palavras encorajadoras de Daniel, pouco antes do nascimento da criança. — Pode não ser como New Haven, mas temos água, comida e o fogo para nos aquecer.

— Tem razão. — Hannah sorriu, pelo bem de Sheila, embora seus olhos expressassem dúvida.

Caroline calculou que a irmã pensava nos índios e, com um choque, percebeu que não se lembrara deles uma só vez enquanto estivera ocupada em recolher as nozes. Com um calafrio, recordou o barulho que Sheila fizera, rindo e brincando com os pássaros.

— Daniel garantiu que estamos seguros aqui — acrescentou com firmeza. — Disse que os índios não virão para este lado. Além do mais, não deixamos pegadas para seguirem.

— Sim, talvez — Hannah respondeu, sem a menor convicção.

Sheila ainda observava o bebê, intrigada. Vendo isso, o rosto de Hannah enterneceu-se.

— Quer tocá-la?

A garota fez que sim. Estendeu a mãozinha e passou de leve o dedo em torno da orelha da irmã, retirando-o rapidamente.

— Lembro-me que o pequeno Tom fez o mesmo com Elizabeth... Oh, minhas pobres crianças! — Hannah lamentou, os olhos transbordando de lágrimas.

— Não se preocupe — Caroline consolou-a. — Logo estaremos com eles, e vão adorar a nova irmãzinha, especialmente Elizabeth! Já escolheu um nome para ela?

— Sim. Vou chamá-la Sarah, como a mãe de Thomas. — Ao perceber que Caroline chorava, não conteve as próprias emoções. — Minha querida! Quanta dor você suportou! Os maus-tratos de Hoo-tan, o nascimento do bebê, a doença do Sr. Ledet, e eu ainda acrescento outro peso ao fardo que vem carregando há tanto tempo! Como vou poder retribuir-lhe?

— Você não me deve nada! Tente descansar enquanto preparo nossa refeição. Venha, Sheila, vou mostrar-lhe como preparar a lanugem para manter Sarah sequinha.

Caroline assou algumas nozes na brasa, para a sobrinha e para si mesma. Como Hannah e Daniel precisavam de algo mais leve, preparou-lhes um mingau de nozes cozidas e uvas. Depois de ajudar a irmã a se alimentar, encaminhou-se para a cama

improvisada de Daniel.

Ajoelhou-se a seu lado e pousou a mão em sua testa para tomar-lhe a temperatura. Daniel abriu os olhos. Estava com expressão tranqüila e fitou-a por um longo momento, sem nada dizer. Depois tomou-lhe a mão e beijou-a.

— Caroline — murmurou com voz fraca. Comovida, ela sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

Porém, falou com naturalidade, num tom levemente provocador:

— Pensei que você conhecesse os próprios limites!

— Acha que não? Por acaso não estou aqui?

— Graças a mim.

— Sim, graças a você — ele repetiu, com tanta sinceridade na voz, com tanta gratidão que a deixou embaraçada.

Mais que depressa Caroline tentou mudar o rumo da conversa.

— Você precisa se alimentar. Preparei mingau de nozes e...

— Daqui a pouco — Daniel murmurou, ansioso por desfrutar ao máximo de sua proximidade. Em seus pesadelos febris, ele jamais conseguia alcançá-la. Perdia-a no rio, na floresta, no acampamento e também a perdia para Esh-tan, no sonho mais terrível. Agora, ao acordar, via-a perto de si e queria por tudo que não se afastasse. — Como está o bebê? — perguntou, segurando-a pelo braço.

— É pequenina, mas tem mamado regularmente. Hannah está preocupada, mas creio que a garota sobreviverá. Depois que você comer, posso trazê-la.

— E você, está bem... Caroline?

O tom carinhoso com que seu nome foi pronunciado fez Caroline arrepiar-se por inteiro. Percebendo suas emoções, Daniel acrescentou:

— Se pudesse, eu a abraçaria com força e jamais a soltaria.

Ela forçou um sorriso.

— Para reabrir o ferimento e a febre voltar? Isso nunca! Poupe suas energias e se alimente. Assim, vai se recuperar logo.

— Não tão cedo quanto desejaria — ele murmurou, enquanto ela se levantava.

Como fizera com Hannah, Caroline apoiou-o contra o peito para ajudá-lo a comer.

— Avise-me se eu machucar você — ele advertiu, ao erguê-lo da cama.

Para Daniel, estar com a cabeça encostada aos seios de Caroline era o momento mais feliz de sua vida nos últimos meses. Embora se sentisse fraco, experimentou um desejo intenso, quase incontável, de tomá-la nos braços e deitá-la a seu lado. Ansiava por beijá-la, por acariciar seu corpo macio, por saborear a doçura dos seus lábios...

Foi com esforço que ele tomou todo o mingau, fingindo uma serenidade que estava longe de sentir. Após a refeição, Caroline permaneceu à sua cabeceira, alisando-lhe os cabelos revoltos. Pouco a pouco ele relaxou e começou a cochilar.

— Espero logo poder me levantar e levá-la para casa em segurança — murmurou, cambaleante de sono.

Caroline pousou o dedo sobre os lábios dele, dizendo-lhe para se manter em

silêncio. Instantes depois, Daniel adormecia.

Ela continuou a seu lado até vê-lo rressonar. Sem dúvida, em pouco tempo ele estaria recuperado, embora não tão rápido quanto imaginava. O segredo de sua cura estava no maior tempo possível de repouso. O problema era que Daniel não fazia o tipo que aceitaria ficar na cama por dias a fio. Caroline sorriu ao prever as discussões que teria com ele para convencê-lo de não tentar levantar-se antes de estar completamente curado.

Caroline acariciou-lhe os cabelos mais uma vez, rememorando a sensação que experimentara momentos antes, quando lhe recostara a cabeça contra seus seios. Será que alguma vez sentira-se tão feliz quanto naquele instante? Como era possível experimentar tanta alegria, ajoelhada no chão sujo de uma caverna, vestindo trapos imundos, sem nada além de mingau de nozes para comer?

Caroline acertara em suas previsões sobre a recuperação de Daniel, embora tivesse errado quanto à sua atitude. Ele não reclamou diante de seus cuidados, nem insistiu em levantar-se antes da hora. Em vez disso, mostrava-se disposto a esperar que seu corpo se fortalecesse a um ritmo natural. Na segunda manhã, já se sentava sem ajuda e ficava apoiado à parede da caverna. Na terceira, começou a caminhar, amparado por Caroline.

Não havia sinal da presença de índios pelas imediações e, embora fosse possível que ainda aparecessem, Daniel era da opinião de que isso não ocorreria. Por outro lado, a tribo da qual haviam fugido não era a única a habitar a floresta. Portanto, se aquela região não fazia parte de seus domínios, podia estar no raio de ação de outra tribo. Isso os obrigava a serem cuidadosos enquanto permanecessem por ali.

— Se encontrarmos índios estranhos, mantenham-se caladas — Daniel recomendou às duas irmãs. — Direi que vocês são minhas esposas francesas.

— Nós duas? — Caroline perguntou incrédula.

— Por acaso não sou merecedor de duas ótimas e lindas esposas? — Daniel piscou para Hannah, que desatou a rir.

— Se conseguir levar-nos para casa, Sr. Ledet, terei imenso prazer em tornar-me sua esposa!

— Bem, Sra. MacKenzie, não estou certo quanto à reação de seu marido.

— Tenho certeza de que ele verá com bons olhos o homem que salvou nossas vidas — Hannah respondeu, olhando para as filhas com carinho.

Daniel reparou na expressão aturdida de Caroline. Mais cedo ou mais tarde, a Sra. MacKenzie descobriria por que o marido não saía em seu socorro. Por mais que Daniel e Caroline quisessem poupá-la, sempre haveria pessoas que lhe contariam a verdade. Aquele tipo de história corria com rapidez; com certeza, tanto os soldados do forte Dummer quanto a população de Northfield já deveriam saber do ocorrido. Embora Hannah não fosse geniosa como a irmã, havia um limite para o que podia suportar. E mesmo que fosse capaz de perdoar o marido e continuar a viver com ele, certamente Caroline não o permitiria.

De repente o rosto de Caroline assumiu um ar melancólico. Daniel não precisou de mais do que alguns segundos para entender o que lhe passava pela cabeça. Desde que ela fora capturada, ela se preocupava exclusivamente com a questão da sobrevivência, especialmente nos últimos dias. Agora, recuperado, podia pensar com calma no futuro próximo. Com sorte, logo retomariam a viagem e alcançariam o forte. E, lá, suas vidas seguiriam rumos diferentes, talvez para sempre.

Clássicos da Literatura Romântica

Para onde iria Caroline? Não voltaria para a fazenda MacKenzie, pois, enquanto a guerra não terminasse, nenhum inglês estaria seguro na fronteira. Provavelmente, ela e a irmã retornariam a New Haven. Com o tempo, a aventura em que estavam envolvidas se apagaria de suas lembranças e elas mal acreditariam que aquilo houvesse acontecido, que tivessem sido capturadas por uma tribo indígena e vivido quase como animais em uma caverna. Ali, naquele esconderijo, Caroline podia fitá-lo com os olhos apaixonados, mas esse amor era frágil, produto das circunstâncias e possibilidades. Quando tivesse tempo para refletir, certamente descobriria que o lugar dele em sua memória era junto a tudo que preferia esquecer. A Sra. MacKenzie podia enxergar o mundo através de lentes cor-de-rosa, porém, os dissabores da vida haviam ensinado Caroline a ser realista. E em seus olhos escuros e tristonhos, Daniel viu a imagem do próprio futuro.

Aliás, ele sabia o que o aguardava desde o instante em que deixara a cabana de Yum-sa-wek. No momento em que decidira fugir do acampamento, declarara-se inimigo para sempre, não só dos algonquianos, mas de todas as tribos do leste, aliadas aos franceses. Já não poderia caçar em segurança naquela região; teria de viajar para o oeste, além das terras dos iroqueses. A perspectiva em si não era má, pois o oeste representava uma nova fronteira. A guerra não duraria para sempre e, quando terminasse, os ingleses retomariam a conquista do norte. Logo a floresta estaria dominada pelo eco dos machados, com os fazendeiros abrindo novos campos. Na verdade, Daniel sempre desejara sair em busca de novas terras. E o faria com prazer, não fosse o fato de ter conhecido Caroline.

Essa mulher, que agora se ocupava em preparar a próxima refeição, era tudo que ele desejava na vida. Pouco importava o futuro, pouco importava se tinha de abandonar para sempre aquela floresta que até então fora seu lar. Ele a queria com todas as forças do seu coração. E se o destino ia separá-los dali a pouco, Daniel queria ao menos aproveitar o resto do tempo a seu lado...

O clima, que estivera seco e agradável, voltou a mudar. Uma garoa fina caía na manhã seguinte à melhora de Daniel. Durante a tarde, transformou-se em chuva, que continuou noite adentro, infiltrando-se por algumas fendas nas rochas. Caroline colocou vasilhas sob as goteiras, e o balde do lado de fora da entrada, para se poupar de uma caminhada até o rio. Ainda chovia na manhã seguinte, mas, por volta do meio-dia, as nuvens se dissiparam. Os primeiros raios de sol que incidiram sobre as rochas pareceram iluminar a caverna inteira. Caroline aproveitou para reabastecer o suprimento de comida. Ao voltar, anunciou sua decisão de lavar as roupas.

— O quê? — Daniel protestou, visivelmente contrafeito. Estava acostumado a lavar as próprias roupas. Assim que se encontrasse em condições, cuidaria delas. Enquanto isso, pretendia mantê-las em seus devidos lugares.

— Vou lavar tudo — declarou Caroline, ignorando a resistência dele. — A começar por nossas roupas. Quando estiverem secas, lavarei os cobertores. Você vai sentir-se melhor depois de limpo.

Hannah não esboçou o menor protesto. Ao contrário, ergueu-se de imediato para que a irmã lhe tirasse o vestido e as roupas íntimas. Uma vez feito isso, Caroline envolveu-a no cobertor e pôs mais gravetos na fogueira para que ela não se resfriasse.

Daniel, que já estava sem a túnica, ainda lutou pela calça, mas foi vencido pela determinação de Caroline.

— Eis o que acontece quando uma mulher cuida da vida da gente — ele resmungou, inconformado.

— Exatamente. — Caroline puxou-lhe a calça pelos pés, enquanto ele mantinha o

cobertor sobre si.

Ela levou a trouxa de roupa suja para o rio, seguida por Sheila, que conseguia divertir-se com qualquer coisa que houvesse pelo caminho. O sol já se punha quando as duas retornaram. Caroline alimentou o fogo e espalhou as peças lavadas para secarem. Então pôs água para aquecer. Pretendia banhar Hannah primeiro, mas, quando a água atingiu a temperatura ideal, Sarah estava mamando. Assim, para não interrompê-las, Caroline levou o balde para junto da cama de Daniel. A decisão sobre a limpeza geral fora impulsiva. Admirando a floresta resplandecente à luz do sol, logo após a chuva, sentira a grande alegria de estar viva. Tinham sido caçados, ameaçados, maltratados, mas haviam resistido. Portanto, era necessário fazer algo para celebrar a vitória. Lavar as roupas sujas fora fácil. Porém, até ajoelhar-se ao lado de Daniel, segurando os pedaços de papo que usaria para limpá-lo, não se dera conta de todas as implicações que sua decisão envolvia. Ainda bem que Hannah estava ocupada com as filhas, o que lhe pouparia o embaraço de contar com uma platéia. Bastava Daniel, que a encarava com um sorriso malicioso.

— Por onde prefere começar: pela cabeça ou pelos pés? — ele perguntou em tom de provocação.

Caroline decidiu-se pela cabeça. E em poucos minutos se arrependeu de ter se proposto aquela tarefa. Afinal de contas, por maior que fosse a proximidade existente entre os dois, tinha de admitir que banhar alguém era algo muito íntimo. Sentado, imóvel, Daniel deixou que ela lhe esfregasse os ombros e as costas, repetidas vezes, até livrá-lo de toda a sujeira. Depois, ele virou-se, apoiando as costas na rocha, enquanto Caroline dirigia a atenção para seu pescoço e braços.

Ela estava tão concentrada em sua atividade, que só se deu conta de que Daniel segurava sua mão livre no momento em que ele levou-a aos lábios. Então percebeu que ele a fitava com olhos faiscantes de desejo. Seu coração quase parou. E sua pele inteira arrepiou-se de prazer em resposta aos sucessivos beijos que Daniel lhe dava na mão. Por fim, com um suspiro, ele murmurou:

— Continue!

Caroline assentiu com um gesto de cabeça, incapaz de falar. Com dedos trêmulos, passou o pano molhado no peito forte, evitando cuidadosamente a região do ferimento. Sentiu que seu coração se acelerava, bem como a respiração. Deslizou a esponja com delicadeza, até atingir a borda do cobertor, que repousava sobre o colo de Daniel. Fitou-o por um instante, percebendo que seus olhos refletiam o mesmo desejo que ela sentia. Nesse momento, Sarah começou a chorar, mas nem mesmo a súbita consciência de que não estavam sós foi capaz de romper o encantamento que os unia.

A cada segundo mais excitada, Caroline teve ímpetos de descer a mão até o local onde o cobertor se avolumava, denunciando, sem sombra de dúvida, a virilidade de Daniel. A percepção do desejo em qualquer outro homem teria lhe provocado uma onda de repulsa. Com Daniel Ledet era diferente; acelerava seu coração, tornava sua respiração entrecortada, fazia com que um calor gostoso se espalhasse por todo o seu corpo.

— É melhor que eu continue a partir daqui — ele murmurou, afastando-lhe a mão, ofegante como se houvesse corrido.

Como se aquelas palavras não tivessem sido dirigidas a ela, Caroline permaneceu imóvel, enquanto sua imaginação ganhava asas. Viu-se pousando a cabeça no peito de Daniel, recebendo suas carícias gentis, sendo tocada em cada parte do corpo, gemendo de prazer a cada beijo, a cada...

— Caroline... — Daniel chamou-a com voz um pouco alta, tirando-a do devaneio. — Pode deixar que eu continuo...

Ela enrubesceu.

— Sim, claro — disse, apressada. — Vai precisar de mais água. Vou pegar lá na fogueira.

Na manhã seguinte, as roupas lavadas já estavam secas. Caroline entregou a calça a Daniel e ajudou Hannah a vestir-se.

— Minha túnica? — ele perguntou, ao vê-la nas mãos de Caroline.

— Preciso vesti-la enquanto minhas roupas secam. — E, sem esperar permissão, deixou a caverna, chamando Sheila para acompanhá-la.

A garota não se importou de ficar nua, pois o sol estava quente. Sentou-se na praia para brincar, enquanto Caroline lavava as roupas de ambas e as estendia para secar. Ao saber que teria de tomar um banho, a menina começou a chorar em altos brados. Caroline torceu para que não houvesse índios pelas imediações, já que os gritos da sobrinha poderiam ser ouvidos a quilômetros. Sheila estava tão suja, que Caroline teve de esfregá-la com areia do fundo do rio. Após o banho, a garota deitou-se sobre uma rocha, para secar-se, e a tia voltou para a água.

Caroline caminhou cerca de cinco metros rio adentro, até a água alcançar-lhe a cintura. Arrepiada de frio, ficou de cócoras para se molhar por inteiro, na tentativa de aquecer-se.

Embora a cada vez que se levantasse tivesse a sensação de que iria congelar, por causa do vento, demorou bastante tempo dentro da água, esfregando-se, vigorosamente, até ter certeza de que estava absolutamente limpa.

Ao se lembrar dos momentos de magia que vivera com Daniel na véspera, corou de vergonha, imaginando seu aspecto: suja, desgrenhada, vestida em trapos. Será que Daniel não reparara nisso? Era claro que reparara! Mesmo assim, ele a desejara. A ponto de quase perder o controle. Ela também estivera prestes a sucumbir. Por pouco não insinuara a mão sob a manta que lhe cobria o colo.

Enquanto saía da água e vestia a túnica de Daniel, Caroline se perguntava se haveria oportunidade para que os dois dessem vazão ao desejo que os consumia. Se Hannah e Sheila não estivessem sempre por perto, as coisas seriam mais fáceis. No entanto, ela pensou, o coração cheio de esperança, logo, logo Daniel se recuperaria e então, quem sabe, poderiam se afastar da caverna, dos olhos da irmã e da sobrinha e... Um sorriso brincou em seus lábios enquanto Caroline verificava as roupas que deixara para secar.

CAPÍTULO XVI

Daniel e Caroline sentaram-se lado a lado, sobre uma rocha plana e baixa, à margem do rio. Estavam de frente para o sol, de modo que suas sombras não se

Clássicos da Literatura Romântica

projetassem sobre a água, o que assustaria os peixes. Daniel segurava um galho comprido, ao qual amarrara a faca, improvisando uma lança. Imóveis, os dois acompanhavam as evoluções de três trutas que nadavam próximo da margem. Em outros tempos, o braço de Daniel preparado para o ataque pareceria de pedra; agora, tremia um pouco, pois ele ainda sentia-se fraco. Tanto que gemeu de dor no instante em que atirou a lança contra o peixe.

Em vez de olhar se o alvo fora atingido, Caroline voltou-se para ele.

— Daniel, você se machucou...

— Foi apenas uma pontada. — Ele sacudiu a cabeça, excitado pelas promessas contidas na voz de Caroline.

Era a primeira vez que ficavam a sós, desde a captura de Caroline pelos índios. Daniel dormira mal as duas últimas noites, perturbado pela lembrança dos momentos de intimidade durante o banho que ela lhe dera. Para piorar as coisas, percebera que Caroline tampouco conciliava o sono, virando-se de um lado para o outro sem parar.

Daniel tivera certeza de que não seria rechaçado, caso se arrastasse até o local onde ela se deitara. Porém, preferira não tê-la naquelas condições: escondidos pela escuridão, mantendo os sentidos alerta para o caso de Hannah ou Sheila acordarem. Queria amá-la sem medo, sem censura, pelo bem dela, e pelo seu próprio. Assim, reprimira seu desejo, ficando acordado até a madrugada, quando afinal fora vencido pela exaustão e adormecera.

Na manhã seguinte, temendo que ele tivesse uma recaída, Caroline quisera mantê-lo deitado na caverna, mas Daniel a convencera de deixá-lo sentar-se ao sol. Ela se ocupara das tarefas de manutenção do lar improvisado — recolher lenha e comida, limpar o esconderijo —, enquanto ele distraía Sheila com brincadeiras. À tarde, ele insistira que Caroline levasse a irmã para fora da caverna e se assustara diante da palidez de Hannah.

— Ela precisa de carne, para repor as energias.

— Todos necessitamos de carne — Caroline respondeu. — Não seria arriscado usar o rifle?

— Faremos armadilhas. E vou pegar alguns peixes para o jantar.

Caroline protestara ao vê-lo levantar-se, as pernas trêmulas de fraqueza. Acompanhara-o durante a preparação das armadilhas, acreditando que ele estava prestes a desmaiar. O que quase aconteceu ao término da tarefa — Daniel precisou sentar-se e descansar por um longo tempo, antes de retornar à caverna.

— Os peixes ficarão para amanhã — declarou ela enquanto o ajudava a deitar-se, logo após ele tomar chá de ervas e mingau.

Na manhã seguinte, Caroline ficara encantada ao encontrar um coelho em uma das armadilhas. Assado na brasa, foi o melhor desjejum desde a fuga do acampamento indígena. Após a refeição, levava Hannah e Sheila para tomarem sol à frente do esconderijo e então seguira com Daniel para o rio.

Os três peixes haviam desaparecido e a faca-lança estava enterrada na areia. Daniel abaixou-se para pegá-la, mas não chegou a completar o gesto.

— O que foi? — Caroline perguntou, inclinando-se também.

Em vez de responder-lhe, Daniel enterrou-a na água e mergulhou a mão, retirando do fundo um pequeno objeto, que estendeu a Caroline.

— O que é isto?

— Uma ponta de flecha, feita de pedra. Antigamente, cada guerreiro produzia suas próprias pontas de flecha. Um caçador experiente era capaz de esculpir uma em pouco mais de meia hora. Com a chegada do homem branco, trazendo pontas de bronze, esse trabalho perdeu o sentido, pois qualquer um poderia trocar uma ou duas peles por meia dúzia de pontas. Hoje em dia, só os índios muito velhos sabem esculpir uma ponta de flecha em pedra. — Ao encerrar a explicação, Daniel tomou a mão de Caroline, que ainda estudava o objeto.

Uma sensação de calor subiu pelo braço de Caroline e tomou todo o seu corpo. O tempo inteiro em que estivera ao lado dele, ali na rocha, fora marcado pela expectativa de se tocarem. Agora que o tão ansiado contato acontecia, seu coração disparava, as pernas tremiam. Aturdida, ela desviou os olhos para o rio.

— É melhor não nos arriscarmos a perder a única faca que temos. Acha que espantamos os peixes?

— Eles voltarão — disse Daniel, virando o rosto para ela.

Caroline manteve a cabeça baixa, com medo de encará-lo, embora não soubesse exatamente por quê. Porém, não resistiu por muito tempo e afinal fitou-o. Ficou emocionada ao deparar com a doçura de sua expressão.

— Está preocupada com alguma coisa, Caroline?

Incapaz de falar, ela sacudiu a cabeça. Com um gesto delicado, Daniel puxou-a para si. Abraçou-a com infinita ternura, ao mesmo tempo que procurava sua boca para um beijo apaixonado.

Os lábios colados aos seus, afagou-lhe as costas, a nuca, enroscando os dedos por entre suas tranças. Caroline teve apenas alguns poucos segundos de hesitação, após o que abriu as comportas do próprio desejo, deixando-se levar pela torrente avassaladora que reprimira durante tantos anos. Reagiu com incontido frenesi aos beijos e carícias, retribuindo-os com ânsia ainda maior.

Daniel sentiu-se no paraíso. Por maior que fosse sua experiência com o sexo oposto, jamais tivera nos braços uma mulher tão ardente, que respondesse com tanto calor aos seus toques. Abraçou-a com mais força, deslizou as mãos pelas curvas suaves do corpo perfeito, visualizando cada segredo que o vestido escondia.

Mas ele ainda não perdera a cabeça, a ponto de não perceber que se encontravam sobre a rocha dura e expostos ao sol. Durante o intervalo de um beijo, ergueu-se e puxou-a pela mão para que também se levantasse.

— Só espero que me desculpe por não poder levá-la nos braços — Daniel murmurou, com um sorriso terno, enquanto a conduzia por entre as árvores até uma pequena clareira, cercada de abetos. — Quero você para mim... Mais que qualquer outra coisa no mundo. E eu lhe prometo que jamais a magoarei.

Caroline não respondeu com palavras, mas apenas com um olhar que não dava margem à dúvida de que acreditava em sua sinceridade.

Livre de qualquer inibição, permitiu que ele abrisse um a um os botões de sua blusa e a tirasse, deixando-a apenas de corpete. Tanto por causa da brisa, quanto pela excitação do momento, de imediato sua pele arreprou-se e os seios enrijeceram-se.

Ó pulso de Daniel acelerou-se. Por um breve instante, ele se lembrou do homem que usara aquele corpo maravilhoso para seu prazer egoísta, e sentiu a raiva subir-lhe à garganta. Foi com esforço que afastou da mente a lembrança. Aquilo pertencia ao

passado, não havia lugar para histórias sórdidas em meio à felicidade que viviam no presente.

Caroline prendeu a respiração no momento em que Daniel circundou sua cintura com as mãos, para em seguida tirar-lhe o corpete e jogá-lo ao chão. Era a primeira vez que ele via-lhe os seios rijos e bem-feitos. A beleza do seu busto deixou-o sem fôlego. Ele o contemplou por longos momentos, os olhos repletos de admiração.

Ainda que ansiasse por suas carícias, Caroline não pôde deixar de experimentar o prazer da espera, a perspectiva de momentos atordoantes que o seu olhar apaixonado prometia.

Era fácil ler na expressão de Daniel que ele a achava maravilhosa, que estava fascinado por cada detalhe do seu corpo, antes mesmo de vê-la completamente nua. O brilho dos seus olhos valia por uma declaração de amor.

Numa fração de segundo, Daniel livrou-se da túnica e da camisa. Parecia ter esquecido o ferimento no peito, como se isso não o incomodasse nem tolhesse seus movimentos. Nu da cintura para cima, abraçou-a com força, deliciado com o contato de pele contra pele.

Caroline fechou os olhos para melhor saborear todas as sensações que o roçar dos seios ao encontro do peito forte proporcionava. Fosse outra a situação, estaria envergonhada ou inibida de agir com tanto desembaraço. Mas não, as circunstâncias eram especiais, aquele homem era especial, tudo mudara em sua vida nos últimos meses, especialmente nos últimos dias. A pureza dos sentimentos que ambos compartilhavam fora conquistada aos poucos, vencendo obstáculos interiores e exteriores a cada um dos dois.

Deitaram-se sobre a grama macia. Daniel não cessava com suas carícias. E, entre um beijo e outro, tirou-lhe os mocassins e a saia, deixando-a completamente nua. Outra vez ele perdeu o fôlego diante da estonteante beleza do corpo moreno, pernas bem torneadas, quadris arredondados, cintura fina, seios palpitantes...

— Você é linda — murmurou com voz rouca. — A obra mais perfeita da natureza.

— Só para você — sussurrou, trêmula de desejo.

Mas, para sua própria surpresa, sentiu-se tensa e amedrontada no momento em que Daniel se desnudou. A visão do corpo másculo completamente despido trouxe à sua lembrança a dor que Edmund lhe provocara. Daniel percebeu sua mudança de atitude e tentou tranquilizá-la.

— Caroline, não estou aqui apenas em busca do prazer. Quero amar você e mostrar-lhe que esse sentimento não magoa nem machuca. Minha felicidade será fazê-la feliz.

Mesmo que não tivesse entendido uma única palavra do que ele dissera, ainda assim as resistências de Caroline teriam sido quebradas pelo tom sincero e apaixonado que Daniel usara.

Esquecidos de tudo o mais, principalmente do passado, entregaram-se um ao outro, confiantes na pureza do sentimento que os unia. Um amor verdadeiro, maduro, nascido espontaneamente e livre de falsas promessas. Naquele momento, seus corpos inebriados de paixão ansiavam por dar e proporcionar prazer apenas em troca da felicidade um do outro. Por tudo isso, Caroline surpreendeu-se quando, muito tempo depois, ainda abraçados, Daniel sussurrou ao seu ouvido:

— Está feliz?

Clássicos da Literatura Romântica

— Você ainda tem coragem de fazer uma pergunta dessas? — Ela sorriu, disfarçando uma pontada de tristeza. Sem dúvida, estava feliz, mas não esquecera que essa felicidade tinha seus dias contados.

Se Daniel percebeu o que lhe ia pela cabeça, não o demonstrou. Estava distraído em desfazer-lhe as tranças, como uma criança diante de um brinquedo.

— Na primeira vez em que a vi — ele disse, com um sorriso —, à margem do rio, imaginei a sensação que seus cabelos provocariam em minhas mãos. E, naquela manhã na floresta, quando você os soltou...

As tranças estavam desfeitas. Daniel parecia a cada segundo mais fascinado pela massa negra e sedosa dos seus cabelos. Caroline observava-o com um ar de felicidade estampado no rosto. Compreendia muito bem como ele se sentia. Se a desejara desde o primeiro dia, agora ela era sua. Não importava o tempo de que dispunham, estavam juntos e pertenciam um ao outro. Só isso era o que contava. Não valeria a pena quebrar esse encantamento e sofrer por antecipação.

— Eu ficaria aqui, deitada a seu lado, para sempre, mas Hannah deve estar preocupada. Além disso, os peixes...

— Ah, sim, os peixes! — Ele sorriu. — Não podemos esquecê-los! — Ao vê-la refazer as tranças, perguntou: — Por que não deixa os cabelos soltos?

— Por você, eu deixaria, mas o que Hannah vai pensar?

— Que você arranjou um amante! — Ele a abraçou. — Minha doce Caroline, como eu gostaria de ter sido o primeiro...

— Você foi o primeiro. O que aconteceu no passado não teve nada a ver com o amor que desfrutamos.

— Se, pelo menos, as coisas fossem diferentes. Se...

— Psiu! — Ela pousou o dedo em seus lábios, calando-o. — Temos muita sorte de estarmos aqui, vivos e juntos. Devemos ser gratos por isso.

Daniel assentiu, antes de lhe dar um beijo longo e profundo.

Caroline se lembraria para sempre dos cinco dias que se seguiram como os mais felizes de sua vida. Todos os dias, utilizando um motivo ou outro, ela e Daniel tinham uma ou duas horas de intimidade a sós na floresta. E, às noites, depois que Hannah e as crianças adormeciam, ficavam lado a lado na cama dele, felizes em permanecer abraçados, embora tivessem de se separar antes de pegarem no sono, para que Hannah não os encontrasse juntos quando o bebê acordasse.

— Será que ela desconfia? — perguntou Caroline, sentada à margem do rio, enquanto Daniel tentava pescar algum peixe.

— Ela comentou alguma coisa? — Daniel quis saber.

— Não, mas, no lugar dela, eu teria adivinhado.

— Está ocupada demais com o bebê.

— É verdade...

No íntimo, porém, Caroline não acreditava que Hannah não percebesse o clima de intensa alegria que ela estava vivendo. Por outro lado, era possível que sua irmã, envolvida com a pequena Sarah, estivesse se perguntando por que Caroline não demonstrava tanto interesse pela última sobrinha, ao contrário do que ocorrera com os três primeiros. De qualquer modo, Caroline não se permitia beijar Daniel na frente de

Clássicos da Literatura Romântica

Hannah. Os beijos e abraços que trocavam faziam parte de uma doce intimidade. E lhe agradava guardar esse segredo: era algo mais que apenas os dois partilhavam. Só iria contar alguma coisa à irmã no futuro, quando estivessem em casa e Daniel houvesse partido.

Atento às nuances de sua expressão, Daniel quase pôde ler nos olhos de Caroline o que ela pensara quanto ao futuro de ambos. Fingindo concentrar-se no rio, ele comentou num tom casual:

— O bebê está resistindo bem.

— Está sim. Hannah também — disse Caroline, calando a pergunta que pairava no ar.

Hannah e o bebê fortaleciam-se rapidamente, enquanto o ferimento de Daniel já estava quase curado. Embora o clima permanecesse agradável, os dias tornavam-se cada vez mais frios. Logo as primeiras geadas teriam início, bem como as fortes nevascas. Uma vez em condições de viajar, seria tolice continuarem ali. Caroline sabia disso tão bem quanto Daniel. E por mais que os dois quisessem prolongar o prazer de estarem juntos, chegaria a hora em que um deles teria de anunciar ao outro a necessidade de partirem.

No final, foi Hannah quem tomou a iniciativa de conversar com a irmã sobre seu romance. Numa manhã ensolarada, doze dias após o nascimento de Sarah, ela amamentava a pequena junto à entrada da caverna, enquanto Caroline moía nozes entre duas pedras. Sheila brincava com uma pilha de sementes de uvas.

— O que Thomas deve estar pensando? — Hannah fez a pergunta como se falasse para si mesma, o olhar perdido na floresta.

Tomada de surpresa, Caroline interrompeu o trabalho por alguns segundos, retomando-o a seguir.

— Tenho certeza de que ele mantém a esperança — afirmou com falsa convicção. — Talvez já tenha escrito para Montreal, perguntando se você e Sheila foram levadas para lá.

— Ah, com certeza. Talvez tenha ido pessoalmente. Quando descobrir que não estamos lá... Bem, de qualquer forma, saberá de tudo muito em breve.

— Sim, muito em breve. — Caroline sentiu um aperto no coração.

Houve alguns minutos de silêncio. Então, pigarreando, Hannah retomou a conversa.

— Já decidi o que fazer quando estivermos novamente em segurança?

— Decidir o quê? — Caroline sabia muito bem o que a irmã queria dizer. Só não tinha nenhuma resposta para lhe dar.

— Estou falando do Sr. Ledet, quero dizer...

A pedra escorregou na mão de Caroline, machucando seu dedo. Ela gemeu de dor, aproveitando para disfarçar a agitação provocada pelo assunto.

— Desculpe — disse Hannah. — Não devia ter perguntado. Se não quer falar sobre isso...

— Apenas pensei que você não soubesse. Achei que, ocupada com o bebê...

Hannah sorriu.

— Posso ser surda e muda, mas não cega. Temia que eu fosse censurá-la?

Clássicos da Literatura Romântica

— Não sei. — Caroline corou. — Em New Haven, todos censurariam.

— Não estamos em New Haven, ou em algum lugar parecido. Ele... ele lhe propôs casamento?

Caroline sacudiu a cabeça.

— Não há lugar para um casamento em sua vida. Daniel detesta civilização. Não teria sentido casar-me com um homem que verei duas ou três vezes por ano.

— As pessoas mudam.

— Sim, mas eu jamais lhe pediria isso.

— Entendo. Sinto muito.

— Não se preocupe. Desde o início eu sabia que seria assim. Não tenho do que me arrepender.

O bebê adormeceu no colo de Hannah. Fitando seu rostinho sereno, Caroline sentiu uma pontada de dor.

— Chegou a hora de partirmos.

As palavras de Caroline ecoaram na clareira e se perderam na floresta. Depois de deixar Hannah na caverna, ela saíra para recolher nozes, necessárias para a viagem. Daniel a encontrara sentada na grama, perto de onde haviam se amado pela primeira vez. Ela fitava o vazio, e uma enorme tristeza marcava suas belas feições.

Embora lhe custasse um esforço doloroso, Daniel assentiu.

— Sim, eu sei — disse calmamente, percebendo a frustração que se estampava em seu rosto, como se Caroline estivesse esperando que ele alterasse a realidade.

Por maior que fosse seu desejo de permanecer ali, Daniel sabia melhor do que ninguém os riscos que essa decisão implicaria. Mesmo assim, não fosse pela Sra. MacKenzie e as crianças, ele ficaria.

Ao ver Caroline sorrir-lhe, sentiu uma pontada de dor. Como essa mulher era corajosa! E como ele a amava!

— A Sra. MacKenzie me avisou que você tinha vindo recolher nozes.

— Para levar na viagem. Não encontrei muitas. — Apontou para o balde.

— Não tem importância. Encontraremos mais ao longo da trilha. — Estendeu as mãos para ela, ajudando-a a levantar-se.

Enquanto a apertava de encontro ao peito, Daniel reconheceu, pela primeira vez, que jamais tivera um relacionamento tão natural, tão espontâneo e tão autêntico. A bem da verdade, ele encontrava dificuldade para lembrar-se da própria vida antes de conhecê-la, sequer conseguia imaginá-la após a separação.

Com um toque de ansiedade na voz, ele murmurou seu nome, antes de pousar os lábios sobre os de Caroline.

Ela estremeceu de desejo. E, como acontecera nos últimos dias, começou a tocá-lo com a mesma desinibição com que era tocada. Alguns anos antes, essa atitude lhe provocaria horror, para dizer o mínimo. Tanto que o próprio Edmund jamais ousara avançar demais em suas carícias, e muito menos esperara que ela as retribuísse com a mesma intensidade. Com Daniel, tudo ganhava uma nova dimensão. Ela o amava do mais fundo do coração. E o amor lhe permitia ultrapassar todas as barreiras.

Ofegante, Daniel fez com que ela se deitasse na relva macia, para o último momento de amor que lhes restava.

— Acho que não esquecemos nada — Caroline disse em voz alta, sozinha na caverna vazia.

Relanceou o olhar pelo chão poeirento e pelas paredes rochosas, achando o local tão desolado quanto a casa em Surrey, em sua última manhã na Inglaterra. Não por causa da mobília, mas das lembranças: em Surrey, eram amargas, enquanto ali, as mais doces. Quisesse ou não admitir, aquele esconderijo fora seu lar mais feliz.

Os cavalos relinchavam do lado de fora. Estavam todos prontos para partir, quando ela recuara, murmurando que esquecera algo. Sabia que nem Daniel nem Hannah se enganariam com a alegação, mas não pudera evitar. Precisava olhar pela última vez o lugar onde descobrira a felicidade.

Bem, terminara. Não fazia sentido demorar ali. Duvidava que voltaria a esse local outra vez, mas tinha certeza de que pensaria nele com frequência pelo resto de sua vida.

Murmurando um adeus ao único lar que fora verdadeiramente seu, pegou as rédeas e montou em seu cavalo.

Tomaram o rumo do sul, longe do rio, seguindo pela floresta. Pouco antes do anoitecer, alcançaram um riacho e acamparam. Caroline ajudou Daniel a construir um abrigo com galhos e ramos. Acenderam uma fogueira ao lado e dormiram todos juntos, para se manterem aquecidos. Aos primeiros sinais da aurora, começou a chover. Embora conseguissem proteger o bebê, ficaram todos encharcados. A chuva cessou logo após o amanhecer. Mesmo assim, só prosseguiram a viagem depois que suas roupas secaram.

Continuaram a marcha através da floresta, afastados de qualquer trilha, guiados pelo senso de Daniel, que se baseava no sol e nas estrelas. Ainda que não detectassem sinais da passagem de seres humanos pelas imediações, Daniel relutava em usar o rifle. Atravessaram vários riachos e, no segundo dia, ele pescou dois peixes que assaram para o jantar. No quarto dia, ouviram movimentos na floresta e buscaram um esconderijo. Logo descobriram tratar-se de um cervo. Caroline lançou um olhar interrogativo para Daniel, ansiosa por saber se ele tinha intenção de caçar o animal.

— Não valeria o risco — Daniel explicou. — Só poderíamos carregar uma pequena parte da carne. Seria apenas o desperdício de uma vida.

Ele estava certo, pensou Caroline. Aquele era o mundo de Daniel, que conhecia a fundo o seu equilíbrio. A idéia encheu-a de tristeza, pois isso contribuía para afastá-lo ainda mais. Ao mesmo tempo, sentiu-se parte desse mundo, o que nunca acontecera em New Haven.

No sexto dia, alcançaram o rio que ela e Daniel haviam cruzado ao se dirigirem para o norte. Encontraram a canoa de casca de abeto em seu esconderijo e atravessaram em duas viagens, acampando no mesmo lugar onde tinham ficado anteriormente.

Caroline sentia os fantasmas da lembrança em todos os cantos. E não tardou a perceber que Daniel também sentia o mesmo. Embora estivessem juntos durante todo o tempo desde a saída da caverna, não haviam desfrutado de um único momento a sós. Mesmo à noite, Hannah e as crianças permaneciam muito próximas, para que pudessem ter qualquer intimidade.

Caroline não se importara até então. Mas ali, rodeada de tantas lembranças, era difícil conformar-se com a simples proximidade de Daniel. Entretanto, foi o que aconteceu.

Duas noites depois, dormiram às margens do Connecticut, a um dia de viagem do

Clássicos da Literatura Romântica

forte Dummer. Embora exausta, Caroline teve um sono agitado, povoado de pesadelos. Despertou às primeiras luzes da manhã, deparando com Daniel a observá-la. Pousando um dedo sobre os lábios, ele gesticulou para que ela o acompanhasse.

Caroline seguiu-o até uma colina, de onde se avistava o rio e as montanhas. Sentaram-se sobre uma rocha para assistir ao nascer do sol. Dali se podia admirar todo o esplendor da natureza, os primeiros raios do sol com seus tons dourado, laranja, vermelho e amarelo cobrindo a imensidão selvagem. Era um espetáculo de rara beleza que, se não fosse por Daniel, lhe passaria despercebido. Na verdade, ele a afastara da amargura, da culpa, da vergonha e do ódio, transportando-a de um passado vazio àquele momento de glória.

— Gostaria tanto de lhe dar um presente — ela disse, de repente.

— Já me deu um.

— Refiro-me a algo de valor, que você pudesse ter sempre a seu lado, para lembrar-se de mim.

— E onde eu guardaria isso? Na sacola ou embrulhado no cobertor?

Daniel esforçava-se em vão para vencer a tristeza que a dominava. Tristeza provocada pela certeza de que lhes restavam apenas algumas horas juntos.

Após uma pequena pausa, ele prosseguiu:

— Por favor, não fique assim. Ainda temos um dia pela frente e este momento só para nós dois.

Juntando o gesto à palavra, abraçou-a com mais ternura que de qualquer outra vez. Fizeram amor ali mesmo alheios ao desconforto da rocha, alheios a tudo que não fosse o prazer de se amarem pela última vez.

Depois, sentaram-se lado a lado, invadidos pela tristeza antecipada da despedida.

— Vamos passar pela fazenda? — Caroline perguntou, com um nó na garganta.

— Não há por que nos desviarmos até lá. É melhor irmos direto para o forte. Talvez encontremos alguma patrulha antes disso e saberemos como andam as coisas. — Sem perceber que suspirava, acrescentou: — Devemos voltar agora.

Caroline assentiu, mas não se mexeu.

— Para onde vai depois de deixar-nos?

— Para o oeste.

— E a guerra?

— Quero distância da guerra. O país é grande. Encontrarei meu lugar... E você, vai retornar a New Haven?

— Sim.

Caroline não o encarava, para que Daniel não vige as lágrimas em seus olhos, o que apenas tornaria as coisas mais difíceis.

— Imagino que se sentirá aliviada.

— De certa forma, sim... — Ela não pôde mais conter o pranto, levando Daniel a insistir na pergunta:

— Será um alívio?

Clássicos da Literatura Romântica

— Não — ela respondeu entre soluços.

— Caroline... — A voz dele estava repleta de emoção. — O que gostaria de fazer, então?

— Preferiria voltar para nossa caverna. Iria para qualquer lugar... com você.

Daniel soltou um longo suspiro.

— É uma vida dura. Nada de luxos, poucas festas, nem mesmo um cavalo para montar. Talvez passasse semanas ou meses sem ouvir a voz de outra mulher. Poderíamos conseguir a concessão de um pedaço de terra e construir uma casa. Mas não teríamos campos ou plantações. Não nasci para isso. E, se a civilização aproximar-se demais, teríamos de nos mudar. Sabe que não suporto...

— Nós? — Caroline interrompeu. — Você me levaria junto?

— Não posso forçá-la, nem mesmo pedir-lhe que renuncie | a tudo a que está habituada...

— Eu renuncio. Por que não? Pensa que não fui feliz nessas duas semanas com você?

— Comigo, sim. Mas não com a vida na floresta. — Mal acabou de falar, Daniel percebeu que aquelas palavras já não eram verdadeiras. Visualizou Caroline sentada à beira do rio, esperando pacientemente que ele pegasse um peixe, e ajoelhada, cavando o solo à procura de alimento. Então, pôde vê-la caminhando a seu lado, todos os dias de sua vida. — E sua irmã?

— Quando estávamos prisioneiros dos índios, jurei contar-lhe a verdade a respeito de Thomas. Pretendo cumprir meu juramento e, se ela quiser continuar ao lado dele, será por sua livre escolha. Se decidir abandoná-lo, farei o que puder para ajudá-la... Mas não ao preço de minha própria felicidade. Ao menos isso eu aprendi, e sei que Hannah só me deseja o bem. Talvez ela possa voltar a viver com meus pais. Teríamos de resolver esse problema. Quando ela estiver estabelecida, então poderei acompanhá-lo. Você me espera?

— A vida inteira, se for necessário — disse, beijando-lhe a mão.

Caroline sorriu em meio às lágrimas.

— Eu não sabia que viver na selva poderia ser maravilhoso.

— Nem eu — declarou Daniel, já imaginando tudo que iriam partilhar: as montanhas, os vales e lagos, os caminhos que trilhara sozinho. Com essa mulher a seu lado, as fronteiras do mundo e da aventura seriam ilimitadas.

Pouco depois, de mãos dadas, retomaram o caminho do acampamento improvisado.

— Devemos contar à sua irmã agora ou esperar?

— Ainda não. Prefiro contar-lhe depois que ela souber do resto. Você se importa?

— Nem um pouco. Esse é o segredo mais maravilhoso que já guardei.

CAPÍTULO XVII

Debruçado na balaustrada do muro do forte, o soldado Ever Cheltenham contemplava a campina, que mudava de tom dourado para o verde-escuro, à medida que o sol descia no horizonte. A poucos metros dali, seu primo e companheiro de infância, Ira Scales, também admirava o pôr-do-sol, o rifle pendendo do ombro. A vista era magnífica: a beleza do outono tornava-se radiante com a aproximação do inverno. Mas, se desejassem belas paisagens, Ever e o primo deveriam ter ficado em Agawam, sua terra natal. Ambos haviam se engajado na guarnição da fronteira sonhando com aventuras, perseguições aos índios e a chance de serem algo mais que simples fazendeiros pelo resto de suas vidas. Quando rumaram para o forte, imaginavam como as garotas os receberiam, ao retornarem na condição de heróis.

Bem, estavam enganados. Encontravam-se ali há quatro meses, sem avistar um único índio, exceto a velha mulher que lhes lavava as roupas, que era apenas uma mestiça. Havia passado o verão cortando madeira, capinando as hortas, patrulhando as redondezas a esmo, comendo sempre as mesmas coisas e dormindo em camas duras. No início, contaram com alguma diversão. Mas, depois dos ataques indígenas, quase todos os fazendeiros haviam partido, levando naturalmente as filhas bonitas. Nada lhes restava, a não ser esperar o inverno: mais cinco meses de tédio, sem contar o frio e a neve.

Surgira uma oportunidade de aventura, um mês antes, quando um bando de índios atacara a fazenda MacKenzie, escalpelando Silas Henry e Ethan Reed, e raptando a Sra. MacKenzie, a irmã e a filha menor. Quando o empregado da fazenda chegara com a notícia, todos os soldados clamaram por vingança. O capitão Holcombe, comandante da guarnição, recusara-se a dar início às buscas enquanto não recebesse reforços. Desperdiçara cinco dias preciosos correspondendo-se com o forte Número Quatro, e então decidira que seria impossível alcançar os índios.

"Eu os teria alcançado", pensou Ever, "se me dessem a oportunidade." Não apenas os encontraria, como lhes daria uma boa lição! Era bom atirador, e melhor ainda com os punhos. Um bando de covardes, era isso que eram, escondendo-se atrás das muralhas do forte, esgueirando-se, sorrateiros, pela fronteira, provavelmente vigiados todo o tempo por índios escondidos na floresta. Ainda se comentava sobre ataques no leste e oeste, embora, depois do ocorrido na fazenda MacKenzie, as coisas estivessem calmas por ali.

MacKenzie... Segundo a versão contada por Thomas, os índios haviam levado sua esposa e a irmã. Ever, como todos os outros, ouvira rumores de que a cunhada estivera escondida durante o ataque e, mais tarde, implorara a MacKenzie que partisse em busca da esposa. Ele se negara, alegando estar muito ocupado com suas árvores. Bem, Thomas recebera o castigo merecido: fora esmagado pela própria madeira e levado pelo rio. Quanto à cunhada, contavam que partira sozinha, com suprimentos para dois dias. Desde então, ninguém soubera nada a seu respeito.

Uma pena, pensou Ever, pois era uma linda mulher, talvez a mais bonita que ele já vira. E como dançara bem, na festa pela queda de Louisbourg. Ele pensara em tê-la como par, mas fora tímido. Arrependia-se agora, pois, ao menos, teria uma recordação agradável para distrair-se em uma tarde como aquela.

— Ei! — O grito de Ira interrompeu-lhe o devaneio. Seu primo apontava para a extremidade da campina. — Quem vem lá? — Ira perguntou, excitado pela mudança no

cenário.

Ocupado na tentativa de reconhecer o grupo que se aproximava no lusco-fusco do anoitecer, Ever não respondeu. Eram mais de doze pessoas, algumas montadas, outras a pé. Não podiam ser índios: os nativos não avançariam daquela forma, pelo campo aberto, para serem vistos a distância.

— Parece uma patrulha — continuou Ira, que enxergava melhor. — Mas é muito grande para serem dos nossos. Devem vir do forte Número Quatro. O que estarão fazendo por aqui?

— Talvez escoltando novos fazendeiros. Quem sabe tragam uma família com filhas bonitas — Ever disse, esperançoso.

— Pode ser... — Ira estreitou mais os olhos. — Estou vendo duas mulheres e duas crianças... Ei, aquele que vem na frente não é o francês, Ledet?

— O comerciante?

— Ele mesmo. Ouvi dizer que partiu em busca da esposa e da cunhada de MacKenzie. Aposto que as encontrou! Isso é incrível! Vou espalhar a notícia.

— Deixe que eu faço isso. Fique aqui. — Antes que Ira tivesse tempo para qualquer objeção, Ever já descia a escada estreita, anunciando a aproximação do grupo.

Caroline sentia-se dolorida pela cavalgada, mais longa que nos outros dias. Mesmo assim, estava feliz como nunca. Já divisava ao longe os contornos do forte Dummer, imponente na semi-escuridão. E o que ocorrera entre ela e Daniel naquela manhã não fora um sonho. Por tudo isso, pela primeira vez em tantos anos o futuro encerrava promessas de felicidade. Precisaria de algum tempo para habituar-se ao prazer de viver.

A seu lado, Hannah prendeu a respiração, emocionada. Parecia um milagre. Mais cinco minutos, e estariam a salvo. Mais cinco minutos, e teria notícias de Thomas. Era até possível que ele já estivesse atrás daquelas muralhas, à sua espera...

Surpresa consigo mesma, percebeu que a lembrança do rosto taciturno do marido provocava-lhe mal-estar. O reencontro fora seu objetivo ao longo daquelas semanas e, no momento em que estava prestes a atingi-lo, não sentia o prazer que imaginara. Seria porque a imagem que guardava era a de alguém incapaz de sorrir? Ou ela não sentira saudade de Thomas, mas de seu lar, de Tom e Elizabeth, e de todas as coisas boas que lhe eram familiares? Fosse o que fosse, não se animava com a perspectiva de encontrá-lo no forte. E muito menos com a idéia de contar-lhe que o bebê era uma menina.

Talvez Thomas não estivesse no forte. Os soldados que os acompanhavam não souberam lhe informar sobre o paradeiro do seu marido. Eles emudeceram diante de sua pergunta. O que era estranho, levando-se em conta que antes tagarelavam sem parar, contando as novidades e fofocas da fronteira.

Haviam encontrado a patrulha logo após o meio-dia. O Sr. Ledet acabara de dizer que talvez não alcançassem o forte antes da manhã seguinte. Hannah ficara desapontada, embora Caroline parecesse não se importar.

Aliás, Hannah ainda não entendera a estranha alteração de humor da irmã. Durante os dias que permaneceram na caverna, ela irradiava felicidade, que se transformariam tristeza com o início da viagem de volta. Não a mesma tristeza que caracterizara seu comportamento nos últimos anos... Melancolia definiria melhor seu estado de espírito... Mas, naquela manhã, outra vez ela aparentara uma felicidade incomum. Tanto que Hannah despertara ao som de uma canção que a irmã cantarolava enquanto aquecia água para o desjejum. E, ao longo do dia, seus olhos haviam exibido um brilho que

Clássicos da Literatura Romântica

Hannah desconhecia. Será que o fato de estarem chegando ao fim da viagem era o responsável por tanta alegria? Ou o Sr. Ledet teria algo a ver com aquela euforia?

— Talvez, pensou Hannah, alguma mudança tivesse ocorrido nos planos dos dois. Quem sabe ele não teria decidido estabelecer-se em algum lugar? Embora fosse incapaz de adaptar-se a uma cidade como New Haven, poderia arranjar-se em um lugar mais rústico, como uma das fazendas em Northfield. E, quando a guerra terminasse, eles se mudariam mais para o norte. Caroline parecera feliz com a vida na fazenda. Hannah sentiria sua falta, mas isso não era nada comparado ao desejo de que a irmã fosse feliz. Nesse instante, um grito interrompeu seus pensamentos. Foi então que Hannah percebeu que haviam chegado. O soldado que guiava seu cavalo suspendera a caminhada, observando o sargento que se identificava para a sentinela.

— Viemos do forte Número Quatro. Trazemos duas mulheres e duas crianças, prisioneiras que escaparam dos índios. Encontramo-los a dez quilômetros daqui. O Sr. Ledet as resgatou.

— Um momento — disse a sentinela, afastando-se da balaustrada.

Ouviram-no repetir as informações, e poucos minutos depois as pesadas trancas eram retiradas e os portões abertos.

— Sejam bem-vindos! Parabéns!

Caroline sorriu, atordoada pela multidão que os cercava, dando-lhes as boas-vindas e disputando o privilégio de ajudá-la a desmontar. Enquanto isso, Daniel deixava o grupo para trás, puxado pelo comandante da guarnição, que queria saber detalhes da aventura. Para Caroline, o forte era um lugar familiar e ao mesmo tempo bem diferente, muito maior do que se lembrava. Sentiu-se como há oito anos, chegando a New Haven, uma terra estranha, após a longa viagem de navio.

O tumulto causado pela chegada do grupo acabou separando seu cavalo do de Hannah. Porém, ela viu a irmã desmontar, ajudada por um homem, cujos ombros largos o destacavam na multidão. Chegou a pensar que fosse Thomas, mas logo reparou nos cabelos claros, diferentes dos do cunhado.

— Ora, é William! William está aqui, no forte? Um dos soldados adiantou-se.

— Sim, madame. Está conosco desde a semana seguinte ao ataque, embora o outro tenha partido há mais de um mês.

— Jonas — disse Caroline, surpreendendo-se que o nome do empregado lhe viesse à cabeça com tanta facilidade. Afinal não se lembrara dele uma vez sequer desde que deixara a fazenda.

— Esse mesmo. Mas William não quis partir. Disse que ficaria até receber notícias da senhora e de sua irmã. É um bom sujeito. Sentiremos falta dele.

— Sempre foi um bom homem — ela murmurou, observando-o carregar Sheila e ajudar Hannah, que parecia extremamente feliz em vê-lo. A irmã mostrou-lhe o bebê e perguntou-lhe algo. William hesitou e, quando respondeu, Hannah empalideceu. Instintivamente, Caroline deu um passo em sua direção, mesmo sabendo que não a alcançaria em tempo. A essa altura, William já a amparava, levando-a para a casa do capitão. — O que aconteceu com Hannah? O que William disse para provocar-lhe tal reação?

— Provavelmente deu-lhe a notícia sobre a morte de MacKenzie — disse um soldado, levando uma cotovelada do companheiro.

Clássicos da Literatura Romântica

— O quê?! Está dizendo que Thomas morreu?

— Sim, madame. Dois dias após o ataque. Afogou-se no rio quando tentava salvar suas toras. Foi encontrado boiando entre elas, a oito quilômetros daqui, onde as pedras bloquearam seu caminho. Nós o avisamos que era arriscado, mas ele foi assim mesmo. Parece que escorregou e bateu a cabeça ao cair. Provavelmente morreu asfixiado, tentando alcançar a superfície coberta pela madeira. Uma pena — concluiu o rapaz, os olhos fixos em Caroline.

— Você acha? — ela replicou e, desculpando-se, correu ao encontro da irmã.

William levava Hannah para o quarto do capitão, no primeiro andar. Enquanto Caroline fazia-lhe companhia, ele cuidava de Sheila na cozinha.

— Caroline?

— Sim? — Caroline sentou-se na beirada da cama, perguntando-se se seria normal sentir tão pouco remorso. Estava triste por Hannah, mas Thomas tivera o destino merecido.

— Sinto-me culpada. Acho que ele foi punido pelos meus pecados.

— Isso é ridículo! — Caroline a repreendeu com firmeza. — Você foi melhor para ele do que qualquer mortal poderia ser.

Hannah sacudiu a cabeça, aflita.

— Quando avistamos o forte, desejei que Thomas estivesse longe. E quando constatei que apenas William encontrava-se aqui, fiquei contente. Eu... eu tive medo que ele se aborrecesse pelo nascimento de mais uma menina.

— Com certeza se aborreceria... Hannah, querida, sei que não deveria dizer isso em um momento como este, mas prefiro falar mal de um morto a vê-la sofrer assim. Thomas MacKenzie era um bruto egoísta e mal-humorado, cujo único mérito consistia em tê-la como esposa. Depois do ataque... — interrompeu-se de súbito, consciente de que não fazia sentido causar mais desgosto à irmã. Controlando-se, continuou: — Hannah, ele morreu muito antes de você ter pensado o que pensou. Talvez você já houvesse intuído sua morte, só não queria acreditar.

— É, talvez. — Hannah suspirou. — William disse que nos levará para New Haven quando quisermos. Ficou aqui apenas aguardando notícias nossas. Tem escrito regularmente para Tom e Elizabeth.

— William é um bom homem.

— E... — Hannah murmurou, para em seguida acrescentar, suplicante: — Não me deixe só. Tenho medo de dormir sozinha esta noite.

— Estarei a seu lado. Agora, tente descansar.

Assim que Hannah adormeceu, Caroline desceu à procura de Sheila e William, e de Daniel. Um soldado informou-lhe que William encontrava-se na cozinha, e Daniel continuava na sala do comandante.

— Mandou avisar à senhorita que vai passar a noite lá. Caroline agradeceu e afastou-se. O rapaz olhou-a com atenção, perguntando como ela podia aparentar tanta calma. Se metade do que ouvira era verdade... Fora tomada como refém pelos selvagens, enfrentara uma fuga arriscada, fizera o parto da irmã numa caverna... As mulheres eram surpreendentes, muito mais fortes do que aparentavam ser. Ao chegar à cozinha, Caroline encontrou William sentado diante do fogão, com Sheila dormindo em seus

braços.

— Ela tomou um bom prato de sopa — ele informou, olhando para as bochechas rosadas da menina. — Parece que a experiência não lhe provocou qualquer mal. O bebê é muito bonitinho, também... Soube que você foi a parteira.

— As notícias correm por aqui — ela riu, deixando-se cair na cadeira em frente. Relanceou o olhar pelo cômodo e se deu conta do quanto era estranho estar em uma casa novamente. Enquanto estivera no acampamento dos índios, sonhara com as construções nas quais costumava viver. Agora, achava-as apertadas, opressivas. Sentia-se dentro de uma caixa.

William adivinhou os seus pensamentos.

— Imagino que esteja se sentindo uma estranha aqui.

— Pode ter certeza! E você, passou todo esse tempo apenas esperando notícias nossas?

— Sim, desde que voltei com o trigo moído. Pensei em ir atrás de vocês, mas não faria sentido. O Sr. Ledet já se incumbira disso e, se ele não as encontrasse, eu não teria a menor chance. Também escrevi para o governador em Montreal. Mas, claro, não houve resposta.

— Você é tão atencioso — Caroline murmurou, com lágrimas nos olhos. — Fez mais do que qualquer outro faria. Não sei como agradecer-lhe.

— Ora, esqueça isso.

— Pobre Hannah... Sei que é falta de respeito falar nisso agora, mas espero que ela volte a se casar. Merece uma vida melhor do que a que teve até aqui. — Intrigada com a expressão de William, Caroline perguntou: — Está me escondendo alguma coisa? Ele pigarreou, para então falar num tom solene:

— Duvido que algum dia terei o que MacKenzie possuía, mas posso trabalhar duro. E a Sra. MacKenzie terá tudo o que restou das posses do marido. É claro que não estou preocupado com isso por mim. Penso nas crianças. Elas devem receber a melhor educação... — interrompeu-se, como se não soubesse como continuar.

— William! — Caroline exclamou. — Está dizendo que deseja casar-se com Hannah?

Ele corou como um adolescente.

— Sei que não sou digno...

— Como não? Se houve alguém indigno, foi o próprio Thomas. Já conversou com ela?

William pareceu chocado.

— Não! Ela acabou de saber da morte do Sr. MacKenzie. Achei que, talvez mais tarde, quando estiver segura em casa, junto a Elizabeth e Tom...

— Sim, claro — Caroline concordou depressa. Tanta coisa acontecera nas últimas duas horas! Sentia-se ao mesmo tempo exausta e excitada. Seu impulso foi encontrar Daniel, mas não podia interromper a entrevista com o comandante.

Sheila agitou-se no sono. Levantando-se, Caroline estendeu os braços para pegá-la.

— Vou levá-la para a cama. Prometi a Hannah que não a deixaria sozinha.

— Deixe que eu a levo. Sheila está pesada — disse William, enquanto carregava a

menina para o andar superior.

Caroline seguiu-o, sorrindo diante da idéia de que ela, que sobrevivera à floresta e a tantos perigos maiores, não pudesse carregar Sheila por quinze degraus de madeira. Hannah teria um bom marido. E ela, Caroline, também!

Assim que William deixou o quarto, Caroline despiu-se e se deitou na cama ao lado da de Hannah. Achara que a agitação em que se encontrava a manteria acordada, mas mergulhou num sono profundo quase imediatamente.

O sol já estava alto quando Caroline despertou. Ao se espreguiçar, descobriu que seu corpo doía da cabeça aos pés. Piscou repetidas vezes, desorientada, sem saber onde estava. Então, de uma só vez, lembrou-se de tudo, levantando-se de um salto.

Encontrava-se sozinha no quarto. Hannah devia estar no andar de baixo, com Sheila. Pensou no que William lhe dissera na noite anterior e logo decidiu procurar Daniel para contar-lhe as novidades.

Descendo apressada, ouviu as vozes de Hannah e William na cozinha, mas não parou para cumprimentá-los. Correu rumo ao pátio, mas a claridade do sol obrigou-a a fechar os olhos e parar. Nesse instante, ouviu uma voz familiar às suas costas.

— Pensei que não acordaria nunca.

Daniel! Virando-se, encontrou-o recostado no banco ao lado da porta.

— E você? Dormiu? — ela perguntou, consciente de que sorria como uma criança.

— O suficiente. — Também sorridente, levantou-se e, a despeito dos soldados que passavam de um lado para outro, tomou-lhe as mãos. — Você está linda!

— Sinto-me ótima. Soube da morte de Thomas?

— Ouvi falar.

— Eu não deveria estar sorrindo.

— Realmente. — Daniel sacudiu a cabeça, fazendo com que ela desse uma gargalhada. — Vi sua irmã há pouco. Parece bem diante da situação.

— Fico contente em ouvir isso. Ontem à noite, sentia-se triste e culpada. Tentei convencê-la de que não tinha culpa de nada. Não contei o que ele fez. Aliás, não vou tocar no assunto. Não há por quê.

— Também acho.

Dois soldados passaram desejando-lhes bom-dia e lançaram um olhar rápido para suas mãos unidas.

Caroline ignorou-os, os olhos ainda presos aos de Daniel.

— Sabe da melhor? William confessou-me que deseja casar-se com ela!

— Sua irmã?

— Isso mesmo. As crianças o adoram e é um homem íntegro, carinhoso e honesto: tudo o que Thomas não era. Oh, Daniel, não imagino marido melhor para Hannah.

— E para você?

— O que acha? — Ela riu, mas protestou em seguida, quando Daniel tomou-a nos braços. — O que os soldados vão dizer?

— Que você será uma noiva linda. Caroline, quer se casar comigo?

Clássicos da Literatura Romântica

- Hoje, amanhã, quando você quiser.
 - Sem um belo vestido de noiva?
 - Sem coisa alguma, exceto amor.
 - Ah, isso teremos de sobra!
- E, diante dos soldados estarecidos, deu-lhe um beijo longo e apaixonado.